

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CLÁUDIA MARIA RABELO

**MERCADO E DEVOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA FESTA DO DIVINO PAI
ETERNO EM TRINDADE - GOIÁS**

Goiânia
2016

CLÁUDIA MARIA RABELO

**MERCADO E DEVOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA FESTA DO DIVINO PAI
ETERNO EM TRINDADE - GOIÁS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros, para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Goiânia

2016

R114m Rabelo, Cláudia Maria
 Mercado e devoção[manuscrito]: um estudo sobre as
transformações recentes na festa do Divino Pai Eterno
em Trindade-Goiás/ Cláudia Maria Rabelo.-- 2016.
 239 f.; il. 30 cm

 Texto em português com resumo em inglês
 Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Ciências da Religião, Goiânia, 2016
 Inclui referências f. 229-232

 1. Religião popular. 2. Festas religiosas - Trindade
(GO). 3. Idolatria. 4. Mercados. 5. Devoção. I.Quadros,
Eduardo Gusmão de. II.Pontifícia Universidade Católica
de Goiás. III. Título.

CDU:272-565.9(043)

**MERCADO E DEVOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
RECENTES NA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE - GOIÁS**

TESE DO DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM
16 DE SETEMBRO DE 2016 E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

BANCA EXAMINADORA

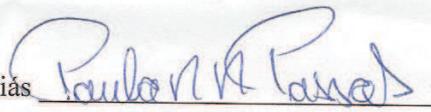
Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente)



Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás



Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos / PUC Goiás



Dra. Mônica Martins da Silva / UFSC



Dr. Jadir Morais Pessoa / UFG



Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (suplente)

EPIÍGRAFE

Anuncia, companheiro de caminhada, que o povo faminto de vida é o Povo do Evangelho.

O Povo do Evangelho, nas casas e nas comunidades, conhece a Deus, o Pai que ama com o coração de Mãe.

O Povo do Evangelho caminha na Luz de Jesus Cristo.

O Povo do Evangelho é aliado do Senhor da Vida, caminhando na Terra em direção à Casa do Pai.

O Povo do Evangelho não adora ídolos, nem se curva diante do poder do ouro e da vaidade.

O Povo do Evangelho é um povo de irmãos. Na terra do Evangelho há lugar e vida para todos.

O Povo do Evangelho não ajunta tesouros, mas reparte o pão com a criança, o jovem e o idoso.

O Povo do Evangelho não é dono de nada, nem faz escravos.

O Povo do Evangelho acredita que a terra a Deus pertence. A terra é posse de quem nela trabalha para o sustento da vida.

(...)

Pelo Batismo, cidadãos do Reino, o Povo do Evangelho sabe que, na história de cada dia, marcada pela dor ou alegria, continua a missão de Jesus.

O Povo do Evangelho, vivendo em união com Cristo, conhece, vive, celebra e anuncia o Reino da Vida.

(...)

Na oração de cada dia, com a força da Palavra e com a participação na comunidade e no coração do mundo, o Povo do Evangelho anuncia e constrói o futuro.

(Dom Mauro Morelli, in Prefácio: Boff, 1986)

*Aos meus Pais em cuja memória os
mantenho sempre comigo, foram eles que
me forjaram.*

*A Dom Antônio Ribeiro de Oliveira que
soube e sabe imprimir em seus Noventas
Anos de Vida o dom da Partilha e do
Profetismo.*

*Aos Filhos e filhas de Altevo e Maria do
Carmo, suas noras, netos e netas, o carinho
da irmã, cunhada e tia*

*Às minhas Filhas, Genros Neto e Netas, com
o meu afeto.*

*A meu esposo José Alcino, por nossa
caminhada rumo ao Jubileu, Nosso Amor
eterno!*

AGRADECIMENTO

Neste momento de conclusão de relevante trabalho acadêmico, a prioridade que se impõe é se voltar os olhos e o coração para Deus, e agradecer-Lo pela presença e Graça em minha vida. Sem Deus nada sou e nada posso, por isto, pela inspiração, proteção, e pela certeza de que minha Confiança e minha Fé têm sustentação em alicerce profundo, o meu reconhecimento e gratidão, Muito obrigada Divino Pai Eterno, assim como a Sua querida Mãe Maria Santíssima que sempre me acompanha e guarda. Amém.

A meu esposo José Alcino pela paciência, renúncia, apoio e companheirismo, o meu Reconhecimento! Igualmente agradeço a cada Filha, Mônica, Simone, Suzana, Rosane porque tem participação, direta em minhas realizações A meu neto José Alcino e às minhas netas, Ana Cláudia, Eduarda, Clarice e Letícia, porque vocês me iluminam e, também, pela muito que subtraí de nosso precioso convívio, muito obrigada! Aos genros Rafael, Fábio e Bill, obrigada pelo convívio que me fortalece, sendo que agradeço, também, ao Rafael porque formatou os quadros das tabelas, utilizadas na tabulação dos resultados.

A meus irmãos e minhas irmãs que embora distantes, estamos sempre juntos, desejando-nos, a cada dia, o melhor para o outro, Muito Obrigada pelo incentivo e pela certeza do poder contar sempre com vocês. Às minhas cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, de vocês também são as alegrias desta realização.

Aos amigos porque, pelo afastamento que se fez necessário de nossos convívios, tiveram paciência em esperar, além de sempre acreditarem em mim, Muito obrigada!

A Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, Pastor e Amigo, pela paciência e pelos instantes de orientação e repasse de experiências que muito me ajudaram a formar convicção para elaboração deste trabalho, meu agradecimento. Aos Sacerdotes Pe. Alaor, Pe. Antônio Rocha e Pe. Teodoro que compartilharam de minhas reflexões, assim como a cada Sacerdote que contribuiu com as entrevistas, meu agradecimento.

Algumas pessoas tiveram uma relevante participação para os resultados desta pesquisa e que foi na Aplicação dos Questionários, durante a Festa em 2015, a cada uma delas Muito Obrigada! E, ao nominá-las a seguir, gravo este reconhecimento:

- Dra. Mônica Almeida Rabelo - Médica;
- Prof. Dra. Janaina - Advogada;

- Profa. Jaci - Pedagoga
- Prof. Fábio Leão – Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Goiânia
- Acadêmico de Direito Evander Teodoro de Campo (Fac. De Anicuns);
- Acadêmico de Direito José Alcino Rabelo (Fac. De anicuns);
- Acadêmico de Medicina Veterinária Gustavo Ferreira Camelo;
- Vestibulanda Ana Cláudia Rabelo Ferreira;
- Sra. Nelma de Fátima - Assessora de Diretoria da Faculdade de Anicuns);

Aos meus Queridos Professores e Professoras do Doutorado com quem enriqueci meus conhecimentos pela transmissão de suas experiências e Saber Notório, minha admiração, reconhecimento e Muito Obrigada.

A Professora Carolina, pela sua participação e pela certeza de que muito aprendi com ela desde o Mestrado. Aos Professores e Professoras componentes da Banca Examinadora, quer na Qualificação, quer na Defesa, muito obrigada pelas vossas contribuições.

Ao Professor Eduardo, meu Querido Orientador, pela dedicação, companheirismo, esforço, competência e dádiva na transmissão de seus conhecimentos, além do agradecimento, meus parabéns por ter captado tão bem o verdadeiro espírito científico, o qual se resume no dom da partilha dos conhecimentos produzidos e adquiridos. Muito Obrigada por tudo.

Aquele e Aquela que sabe que participou de forma direta ou indireta com contribuições para os resultados deste trabalho, e que não fiz referência, a certeza de que serei eternamente grata.

Diante da alegria deste instante e da certeza de que nada se constrói só, fica aqui registrado meu eterno Agradecimento a todos os que comigo compartilharam e me incentivaram, para que eu pudesse chegar a este tão significativo momento. Deus, O Divino Pai Eterno, lhes abençoe e guarde.

RESUMO

RABELO, Cláudia Maria. Mercado e Devoção: Um Estudo Sobre as Transformações Recentes na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade – Goiás. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Goiânia: PUC-GOIÁS, 2016.

Este trabalho reflete sobre a temática do Catolicismo Popular diante do processo de instalação do neoliberalismo na sociedade brasileira. Voltado à relação do Mercado com a devoção, analisa o tema por meio de observações através das transformações recentes na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás. Neste contexto, procura-se responder ao questionamento como a religião se mescla ao mercado neste mundo contraditório a partir do estudo de uma devoção com forte apelo popular. Veremos como as estratégias mercadológicas e a mídia impactaram a festa em suas transformações recentes. A Pesquisa revela, assim, a procedência do pensamento de Bourdieu (1998), segundo o qual a Religião cumpre funções estruturadoras, legitimadoras e justificadoras da sociedade, além de que, também, cumpre funções sociais que legitimam o arbitrário. Com base neste autor, veremos os interesses institucionais e os dos devotos que frequentam o santuário do Pai Eterno em Trindade, Goiás.

Palavras chave: Catolicismo Popular, Idolatria do Mercado, Devoção

ABSTRACT

RABELO, Claudia Maria. Market and Devotion. A Study About Recent Transformations in the Feast of the Divine Eternal Father in Trindade – Goiás. Doctoral thesis in Religion Sciences. Postgraduate Program *Stricto Sensu* in Religion Science. Pontificia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Goiânia: PUC – Goiás, 2016.

The objective of this work is reflect about the theme Catholicism Popular before the neoliberalism installation process in Brazilian society. Focused on the connexion of Market and Devotion, analyzes the theme observing through the recent transformations in the feast of the Divine Eternal Father in Trindade, Goiás. In this context, seeks the answer of the question why does the religion in this contradictory world, mixture between Faith, Sacred and market. Then, it perceives that Religion remains because people search in the answers for your insecurity and anguish. The research reveals the confirmation of the Bourdieu's thought (1998), the Religion exercises structuring, legitimating and justifying functions of the society and exercises social functions that legitimizes the arbitrary. This fact is reseach in Devotion of Divine Eternal Father in your reconds transformations.

Keywords: Popular Catholicism, Market Idolatry, Devotion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cartaz Romaria 2016.....	43
Figura 2: Presença do Catolicismo Oficial- Procissão de Entrada	49
Figura 3: Presença do Catolicismo Popular – Romeiros em Celebração Litúrgica ..	49
Figura 4: Novena da Festa de 2015 (8º dia)	61
Figura 5: Missa Solene da Festa em 2015.....	65
Figura 6: Medalhão de Barro e Imagens do Divino Pai Eterno	75
Figura 7: Santuário Velho do Divino Pai Eterno	80
Figura 8: Santuário Novo do Divino Pai Eterno.....	80
Figura 9: Maquete do Santuário em construção Do Divino Pai Eterno (Sala dos Milagres).....	82
Figura 10: Imagem Do Divino Pai Eterno na entrada da cidade de Trindade, com Propaganda do Credjur.....	87
Figura 11: Cruz do Romeiro em exposição na Sala dos Milagres.....	89
Figura 12: 1. Procissão Luminosa (Encerramento da Festa) / 2. Procissão da Penitência (Nos dias da Novena).....	91
Figura 13: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno: 1. Vista externa / 2. Interior da Basílica	95
Figura 14: Cruz de Cristo no interior do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno	97
Figura 15: Sacrário na Capela do Santíssimo – parte interna do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno	98
Figura 16: Bênção com a Imagem do Divino Pai Eterno por Dom Antônio Ribeiro de Oliveira – 1999	99
Figura 17: Vitrais no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (saída lateral).....	100
Figura 18: Incenso em Rito Eucarístico na Missa Solene da Festa	101
Figura 19: Vitrais no Santuário do Divino Pai Eterno (interior do Santuário), com alguns mitos.....	106
Figura 20: Quadro na entrada da Sala dos Milagres.....	112
Figura 21: Quadros e Fotografias em exposição no interior da Sala dos Milagres	115
Figura 22: Romeiros, Orações e Fitas diante da Imagem do Divino Pai Eterno	119
Figura 23: Novena Solene no Santuário do Divino Pai Eterno em 2015.....	121
Figura 24: Santuário do Divino Pai Eterno no dia da Festa em 2015.....	121
Figura 25: Romeiros em caminhada - Romaria 2015 – (Goiânia a Trindade).....	130

Figura 26: Carreiros em desfile – Festa em 2015	131
Figura 27: Cavaleiros em Desfile – Festa em 2015	133
Figura 28: Romeiros na Missa da Festa em 2015.....	141
Figura 29: Romeiros em Missa na Festa em 2011.....	144
Figura 30: Romeiros em Oração junto a Imagem do Divino Pai Eterno - Romaria de 2011	149
Figura 31: Comércio na Festa de Trindade (2015)	162
Figura 32: Padre Robson em Missa Festiva em Trindade	169
Figura 33: Missa da Festa de 2014 – (presença de políticos).....	197
Figura 34: Padre Robson em Missa Solene – Festa de 2011	220
Figura 35: Vitral no interior do Santuário do Divino Pai Eterno	221

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relações de Sentidos.....	95
Quadro 2: Relação de sentimento.....	107
Quadro 3: Relações de sentidos	116
Quadro 4: Sexo	122
Quadro 5: Idade	123
Quadro 6: Origem (campo / cidade).....	125
Quadro 7: Tipo de condução.....	129
Quadro 8: Motivo da vinda ao Santuário do Divino Pai Eterno.....	136
Quadro 9: Indicações de outras preocupações	137
Quadro 10: Relação de sentimento.....	142
Quadro 11: Relações de sentidos	146
Quadro 12: Pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria	147
Quadro 13: Especificação dos pedidos	147
Quadro 14: Mudanças recentes na realização da festa	159
Quadro 15: Mudanças indicadas:.....	160
Quadro 16: Quadro síntese de mudanças:	161
Quadro 17: Presença do comércio na Festa.....	163
Quadro 18: Aspectos considerados	165
Quadro 19: A presença do sacerdote na celebração é fundamental.....	171
Quadro 20: Indicativo de preferências.....	172
Quadro 21: Comentários dos romeiros sobre a preferência por sacerdote.....	173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo.....	123
Gráfico 2: Idade.....	124
Gráfico 3: Unidades Federadas.....	124
Gráfico 4: Origem (campo / cidade)	125
Gráfico 5: Tipo de condução	129
Gráfico 6: Motivo da vinda ao Santuário do Divino Pai Eterno	137
Gráfico 7: Pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria.....	147
Gráfico 8: Mudanças recentes na realização da festa.....	159
Gráfico 9: A presença do sacerdote na celebração é fundamental	172

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I. DEFININDO MODERNIDADE E MERCADO RELIGIOSO NA PERSPECTIVA DE IDOLATRIA DO MERCADO.....	20
1.1 Contextualização.....	20
1.2 A Modernidade.....	21
1.3 Economia Capitalista e Mercado Religioso.....	32
1.4 Da Relação entre Modernidade e Economia Capitalista à Idolatria do Mercado.....	40
CAPÍTULO II. CATOLICISMO POPULAR E CAPITALISMO: A FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE	45
2.1 Religiosidade Popular e Catolicismo Popular	45
2.1.1 O Que é Religião?.....	47
2.1.2 Definindo o Catolicismo Popular	49
2.2 Relação Entre Catolicismo Popular, Modernidade e Capitalismo	53
2.3 A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade	61
2.3.1 Conhecendo a Romaria	65
2.3.2 Do Medalhão de Barro à Imagem do Divino Pai Eterno.....	67
2.3.3 Da Casa de Constantino ao Santuário Basílica e a Construção de um Novo Santuário: O Espaço Sagrado	77
2.4 Conflito Entre Missão da Igreja em Trindade e o Sentido Pretendido pelo Capitalismo	82
CAPÍTULO III. LANÇANDO UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O CATOLICISMO POPULAR NA FESTA DE TRINDADE	88
3.1 Elementos Caracterizadores do Fenômeno Religioso Manifesto em Trindade.....	91
3.1.1 Os Símbolos Presentes no Catolicismo Popular na Festa do Divino Pai Eterno	92
3.1.1.1 A Diversidade de Símbolos e os Signos na Devoção ao Divino Pai Eterno	94
3.1.1.2 O Mito Presente na Festa do Divino Pai Eterno.....	106
3.1.1.3 O Lugar Sagrado Manifesto em Trindade	111

3.1.2 A Crença no Divino Pai Eterno.....	116
3.1.3 Práticas Religiosas Observadas na Festa Do Divino Pai Eterno: Aspectos Religiosos, Sócio Culturais e Racionais Técnico-Científico	120
3.2 A Permanência do Fenômeno Religioso na Modernidade, Percebido no Catolicismo Popular, em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno.....	140
3.2.1 O Porquê da Permanência do Fenômeno Religioso na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade	141
3.2.2 As Respostas que a Religião Oferece às Perspectivas dos Devotos do Divino Pai Eterno em Trindade	150
3.3 Transformações Recentes Observadas na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.....	151
3.3.1 Aspectos da Mudança.....	151
3.3.2 A Expansão do Comércio Vista Dentre as Mudanças Recentes Ocorridas na Festa do Divino Pai Eterno	161
3.3.3 O Espetáculo Inserido nas Mudanças Ocorridas em Trindade	169
CAPÍTULO IV. ESPETÁCULO, MERCANTILIZAÇÃO E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO	175
4.1 Por um Conceito de Espetáculo Religioso	175
4.2 Mercantilização: O Espetáculo Como Instrumento da Idolatria do Mercado.	180
4.3 O Processo Capitalista na Devoção ao Divino Pai Eterno	192
4.4 Do Conflito Entre a Devoção e o Mercado: A Adaptação ao Modelo Capitalista na Festa Do Divino Pai Eterno	204
4.5 O Espetáculo Surge como Fato Novo.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS.....	229
ANEXOS	233
ANEXO A: QUESTIONÁRIO.....	234
ANEXO B: ENTREVISTA.....	238

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje em um mundo repleto de incertezas, coberto de preocupações, angústias e decepções em razão de violências, opressão, corrupção, desmandos, descompromissos, irresponsabilidades e indiferenças com relação à vida e o bem estar do ser humano, seja ele indivíduo ou inserido na coletividade, ou, mais precisamente, em uma comunidade.

Tudo isto pode ser percebido como consequência dos tempos modernos, porém, a causa maior é o sistema que se apresenta Capitalista, onde o dinheiro é a razão de tudo, assim como, o Mercado, que impõe sua lógica. Percebe-se que existe certa incoerência entre o comportamento atual do homem religioso e sua existência integral no capitalismo. Aqui neste trabalho acredita-se poder dizer que há um ser humano secularizado, o qual tem se curvado aos ditames do capital.

O tema apresentado originou-se da análise reflexiva da sociedade, pensada neste contexto. Percebe-se que o ser humano se afasta, cada vez mais, dos valores transcendentais e se volta para o consumo, para a ganância. O encanto do mercado se torna fascínio. Entretanto, muitas pessoas são excluídas e mesmo, aquelas que estão inclusas, não se realizam, falta algo mais, para atingir a paz. Então, buscamos perceber o que leva as pessoas a procurarem o Sagrado no Santuário do Pai Eterno Trindade e o que D'Ele esperam. Outra questão importante é como o mercado interage com a religiosidade ali manifesta.

Este trabalho se constitui em complemento dos estudos anteriores, que foram realizados em nível de mestrado. Nesta reflexão, busca-se através da observação do fenômeno dos efeitos neoliberais, envoltos na questão do mercado e do espetáculo, a percepção de um processo capitalista que caminha no rumo de substituir o sagrado, como entende Vattimo (2004), substituindo Deus pelo ser humano ou pelo próprio Mercado, seguindo a concepção de Mo Sung (1994, p. 207).

Com tais considerações, apresentam-se as mudanças e as transformações recentes ocorridas na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade. Adentra-se, portanto nas questões referentes à Modernidade, ao Capitalismo, ao Mercado e, na própria Religiosidade Popular.

Fundamenta-se esta pesquisa na teoria formulada por Bourdieu (1998), que permite entender como em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a

religião funciona como princípio de estruturação que assume uma função prática e política, que legitima o arbitrário. Fundamenta-se, ainda em Bourdieu (2007), porque se procura situar esta análise, voltando-se a teoria do campo, cuja práxis faz entender que o contexto se desenvolve em meio a um campo onde são travadas lutas, objetivando garantir o monopólio do capital e a conseqüente supremacia do Poder Simbólico.

Em seu pensamento, Bourdieu (1998, p. 48) entende que a Religião cumpre funções sociais, tornando-se passível de análise sociológica. Assim considerando, percebe-se o fato de que:

(...) os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial, da contingência, e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir, como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.

Além deste teórico, outros eminentes expoentes dão suporte a esta tese, como a exemplo de Debord (2003) que fundamenta a questão do Espetáculo. Outrossim, para esta análise, utiliza-se de suportes teóricos envolvendo além da Sociologia, que encerra o eixo preponderante, a Religião, assim como a História, a Antropologia, a Filosofia, enfoques fenomenológicos e outros que se fazem necessários, utilizando-se, portanto, de um caráter interdisciplinar.

Nesta pesquisa, em seu conjunto, envolvem-se noções de religião, modernidade, capitalismo; e, neste sentido, detém-se à questão vista através do catolicismo popular na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade – GO, em suas adaptações ao processo neoliberal. Realizamos a observação das mudanças recentes ocorridas nesta Festa, com ênfase na relação entre mercado e Fé.

Dois processos em curso são percebidos, hoje, na sociedade. O primeiro é o que envolve a questão do mercado e da devoção. O segundo processo se identifica com os ideais cristãos, com atitudes diferentes por parte da Igreja, ora contraditando o neoliberalismo e, conseqüentemente contra a exclusão social, e, ora tentando se amoldar às estruturas neoliberais. Tais processos caminham em direções antagônicas, e suas defesas implicam na própria defesa de suas sobrevivências.

A igreja católica tanto reage quanto contesta a ordem social vigente. Busca a construção do Reino de Deus a partir deste mundo, como procura, também, se adaptar às exigências do sistema neoliberal. Por esta razão, se enfatiza ao duplo

processo em curso na sociedade, ao se dedicar aos estudos sobre a expressão do Catolicismo Popular em Goiás, especificamente, no caso da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

A metodologia utilizada consiste em Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa de Campo. A Pesquisa Bibliográfica resulta dos estudos de obras de diversos autores a partir do eixo principal que se fundamenta em Bourdieu (1998), e (2007), assim como revistas, publicações e jornais antigos e atuais.

Para o Trabalho de Campo utiliza-se de informações coletadas que consistem em elemento relevante, para o conhecimento da realidade empírica, voltadas ao objeto da pesquisa. As técnicas de coletas de dados e observação extensiva consistiram:

1 Questionários, os quais foram desenvolvidos junto à romeiros, e coletados no percurso dos caminhantes, que se deslocavam “a pé” de Goiânia para Trindade; em uma noite em “pouso dos carreiros”; no Santuário do Divino Pai Eterno, dentro e fora; isto durante o tempo das Novenas que antecederam ao dia da Festa do Divino Pai Eterno. Alguns questionários foram respondidos pelos romeiros em momentos diversos. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente, dentro do universo de 116 pesquisados, isto é, 116 questionários respondidos. Procurou-se, na medida do possível, não entrevistar crianças, as poucas computadas, sintetizam exceção à regra. Os questionários foram aplicados com ajuda de acadêmicos universitários, professores universitários, parentes e amigos da pesquisadora. Procurou-se para apresentação dos resultados, manter o anonimato dos participantes. Este instrumento é relevante porque através dele pode-se refletir acerca do comportamento e pensamento do romeiro.

2 Entrevistas com a participação do clero, e de alguns poucos leigos que se propuseram a participar. Os participantes, referentes ao clero, foram escolhidos em número de doze, dando-se preferência aos Sacerdotes que têm mais tempo de ministério na Arquidiocese de Goiânia. Entre eles há participação de Redentoristas. Houve participação de um seminarista, que estava presente no “pouso dos carreiros”, e em meio a dois Leigos/as. A escolha da amostragem foi aleatória e se mantém o anonimato. As entrevistas foram concedidas através de relatos escritos pelos entrevistados. As entrevistas com clero fornecem elementos que esclarecem, a partir do lugar da Igreja Católica, o comportamento e o pensamento institucional.

3 Observações sistemáticas: Observou-se a festa, pessoalmente em dois períodos diferentes:

- a) por ocasião dos estudos de Mestrado, 1999, 2000 e; 2001;
- b) para estudos de Doutorado, em 2015 e 2016

4 Observação sistemática advinda de estudos realizados na Sala dos Milagres e no Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade, pela própria pesquisadora.

5 Observação Documental - Além de observação pessoal, estudos foram realizados através da Internet, em artigos publicados “on line” e análise de festas passadas.

Após estudos sistemáticos, através de fichas analíticas ou interpretativas, dos diversos autores consultados, da interpretação dos dados coletados, e em função da hipótese formulada, ainda em fase de projeto, preparou-se, enfim, o presente trabalho que se desenvolve em quatro capítulos, a saber:

No primeiro capítulo procura-se definir a modernidade, e ainda, o mercado religioso, contemplando-se na perspectiva da idolatria do mercado. Para tanto, a partir de a contextualização, de forma genérica, após trabalhar conceitos, perpassando pela economia capitalista, e pelo mercado religioso, se tece, a relação entre estas realidades.

O segundo capítulo insere parte do trabalho de campo, em especial, dos resultados advindos da pesquisa na Internet. Trabalha-se neste contexto, o Catolicismo Popular e o Capitalismo, analisando-o a partir de sua definição, bem como, da Definição de Religião, traçando-se, então, uma relação entre Catolicismo Popular, Modernidade e Capitalismo. Vista à luz destes conceitos, analisa-se a Festa do Divino Pai Eterno apresentando a Romaria e sua história, assim como, aborda-se a questão, de que, em Trindade a Igreja que é povo, missão e graça, em certo antagonismo, corre o risco de contrapor seu sentido Sacro e se direcionar no sentido pretendido pelo capitalismo, questão esta, abordada através do item que diz respeito ao conflito entre a missão da Igreja Católica em Trindade e o sentido pretendido pelo capitalismo.

O terceiro capítulo traz a abordagem que é orientada pelos resultados do trabalho de campo, analisados sob a ótica analítica acerca do Catolicismo Popular na Festa de Trindade. Neste enfoque são contemplados os elementos

caracterizadores do fenômeno religioso que ali se manifesta, como os símbolos, os signos, a crença no Divino Pai Eterno e, as práticas religiosas observadas nesta festa. Ainda neste capítulo, se apontam as mudanças recentes na Festa, assim como, os aspectos da mudança. Finaliza-se com a expansão do comércio percebido dentre as mudanças recentes e, sobretudo, o Espetáculo, que surge como um fato novo.

No quarto capítulo, embora ainda contenha algo sobre o espetáculo, se dedica à discussão dos resultados gerais da investigação. Procura-se definir a questão do espetáculo, da mercantilização e da devoção ao Divino Pai Eterno. Para tanto, se percebe o espetáculo como Instrumento da Idolatria do Mercado; procura-se perceber o cruzamento do processo capitalista com a expressão do catolicismo popular em Trindade.

Com este propósito discutir-se-á sobre o Mercado e a devoção fazendo uma análise, com o referencial das Ciências da Religião, sobre as Transformações Recentes na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade – Goiás.

CAPÍTULO I

DEFININDO MODERNIDADE E MERCADO RELIGIOSO NA PERSPECTIVA DE IDOLATRIA DO MERCADO

1.1 Contextualização

Para se refletir a questão sobre transformação social no específico religioso, em tempos atuais, faz-se necessário lançar um olhar sobre a Modernidade. Assim sendo, a partir desta ideia, se pretende observar as transformações recentes na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. Indaga-se primeiramente o que é a Modernidade.

É oportuno considerar a *epistémè* no sentido atribuído por Foucault (1999) indicando¹, que, os conhecimentos percebidos aleatoriamente, desprovidos de critérios quanto a seu valor racional, quiçá, às suas formas objetivas, são considerados como raízes de sua positividade, as quais indicam uma história, sendo que esta não transmite uma perfeição crescente, mas, tão somente, suas condições de possibilidade. O autor mencionado, em seu relato, entende que se necessite demonstrar no espaço do saber as configurações que dão origem as formas diversas de conhecimento empírico. Para este Filósofo: "mais do que uma historia no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma 'arqueologia'"².

Percebe-se dos estudos orientados no autor em foco, que, este, em sua investigação arqueológica, aponta duas grandes discontinuidades epistemológicas ocorridas na cultura ocidental como sendo aquela que se deu em meados do século XVII, quando surge a idade clássica e, a que ocorreu no século XIX, prenunciando a modernidade. A ordem de pensamento que hoje nos rege se diferencia daquela observada pelos clássicos. Diz, então, este autor que:

Por muito forte que seja a impressão que temos de um movimento quase ininterrupto da ratio europeia desde o Renascimento até nossos dias, por mais que pensemos que a classificação de Lineu, mais ou menos adaptada,

¹ Michel Foucault ao prefaciar sua obra, tece considerações com relação a uma classificação refletida, e assim, dentre as diversas indagações formuladas, procura entender sobre: qual é o solo a partir do qual podemos estabelecê-lo com inteira certeza? Em que 'tábua', segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas? Foucault (1999, p. XIX)

² Neste momento de seu pensamento, o Filósofo, explicando sua investigação arqueológica, retoma a uma verdadeira reformulação da genealogia do campo do saber, assim como, das formas de discursividade, estando sua análise contida em "As Palavras e as Coisas". (Foucault, 1999, p. XIX)

pode de modo geral continuar a ter uma espécie de validade, que a teoria do valor de Condillac se encontra em parte no marginalismo do século XIX, que Keynes realmente sentiu afinidade de suas próprias análises com as de Cantillon, que o propósito da Gramática Geral (tal como o encontramos nos autores de Pos-Royal ou em Bauzée) não está tão afastado de nossa atual linguística (...) (FOUCAULT, 1999)

Atenta, então, este expoente da Filosofia, que, acontece de fato uma quase descontinuidade a qual está contida ao nível das ideias e dos temas, contudo, se trata, apenas, de um efeito de superfície e isto, em nível arqueológico. Desta forma, “vê-se que o sistema de positivismos mudou de maneira maciça na curva dos séculos XVIII e XIX. Não que a razão tenha feito progressos; mas o modo de ser das coisas e da ordem que, distribuindo-as, oferece-as ao saber, é que foi profundamente alterado”. (Foucault, 1999, p. XIX)

Com esta ótica de raciocínio, vê-se a coerência estabelecida no período clássico entre a teoria da representação e as da linguagem, das ordens naturais, assim como a da riqueza e a do valor. Este pensamento passará por completa modificação a partir do século XIX. A teoria da representação que dantes era considerada como fundamento da ordem, desaparece e, assim como ela, a linguagem da forma em que era considerada, também “desvanece-se”. Igualmente, a análise das trocas e da moeda é substituída pelo estudo da produção. Como diz este filósofo:

(...) a do organismo toma dianteira sobre a pesquisa dos caracteres taxinômicos e, sobretudo, a linguagem perde seu lugar privilegiado e torna-se, por sua vez, uma figura da história coerente com a espessura de seu passado. Na medida, porém, em que as coisas giram sobre si mesmas, reclamando para seu devir não mais que o princípio de sua inteligibilidade e abandonando o espaço da representação, o homem, por seu turno, entra, e pela primeira vez, no campo do saber ocidental (FOUCAULT, 1999, p. XX e XXI)

1.2 A Modernidade

A ideia de modernidade pressupõe racionalização, impõe novos conceitos, assim como destruição do modo de vida tradicional, como laços de família, valores, sentimentos, costumes e crenças, que, segundo Touraine (1998, p.18), implica em uma concepção que se traduz em criação de uma sociedade racional. Para este autor:

Às vezes, ela imaginou a sociedade como uma ordem, uma arquitetura baseada sobre o cálculo; às vezes ela fez da razão um instrumento ao serviço do interesse e do prazer dos indivíduos”; sendo que também ela, fez da sociedade uma arma crítica como enfrentamento de todos os poderes, com intuito de “libertar uma ‘natureza humana’ que havia esmagado a autoridade religiosa³.

A ideia de Modernidade, em verdade, substitui Deus no centro da sociedade e em seu lugar coloca a ciência e a técnica, enquanto que as crenças religiosas são relevadas para o campo privado. Assim considerando, a Modernidade transfere o sujeito de Deus para o homem e, no dizer do teórico citado “ela fez da racionalização o único princípio de organização da vida pessoal e coletiva, associando-a ao tema da secularização, isto é, do desvinculamento de toda a definição dos ‘fins últimos’”.

Seguindo este pensamento:

A modernidade é a criação permanente do mundo por um ser humano que desfruta do seu poder e da sua aptidão para criar informações e linguagens, ao mesmo tempo que se defende contra suas criações desde o momento em que elas se voltam contra ele. Eis porque a modernidade, que destrói as religiões, liberta e usurpa a imagem do sujeito até então prisioneira das objetivações religiosas, da confusão do sujeito, e da natureza (...). A secularização não é a destruição do sujeito, mas sua humanização. (TOURAINÉ, 1998, p.243.)

Portanto, é este mesmo homem que foi considerado desde a filosofia grega, de Sócrates – “Conhece-te a ti mesmo” -, perpassando pela filosofia cristã, no Renascimento, chegando à filosofia moderna e contemporânea, adentrando, então, no saber ocidental, de acordo com o pensar de Foucault, como uma invenção recente, uma figura com menos de dois séculos, mas, é este novo homem, que passa a ser o ponto de partida do pensamento moderno.

Indaga-se, então, a exemplo de Touraine (1998, p.09), o que é a modernidade? Ideia tão presente em nossos pensamentos e práticas, assim como, nos debates sociais, nos quais se apresenta como uma ideia discutida, rejeitada e

³ Alain Touraine, em *Crítica da Modernidade*, falando sobre Modernidade e Modernização, comentou que a modernidade definiu-se por muito tempo por aquilo que ela destruíra, assim sendo, como “questionamento constante das ideias e formas de organização social, como trabalho de vanguarda nas artes”. Entendeu, também que, “quanto mais o movimento de modernização se ampliou, mais a modernidade arremessou-se sobre culturas e sociedades incapazes de se adaptarem, que mais a suportavam, do que a utilizavam. Neste patamar, entende o autor considerado, que, “o que havia sido vivido como libertação tornou-se alienação e regressão até que triunfam, em muitas partes do mundo, primeiro o nacionalismo mais exclusivo, em seguida o encerramento das sociedades nos seus discursos e no seu aparelho de controle político, enfim, os regimes identificados com uma nação, uma cultura, uma religião”. (TOURAINÉ, 1998, p. 334)

até mesmo definida, ou mesmo indefinida e até mesmo redefinida, nos dias de hoje. É deste sociólogo a seguinte citação, cuja afirmação central tem sido contestada ou rejeitada pelos críticos da modernidade:

A ideia de modernidade, na sua forma mais ambiciosa, foi a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões.

Ao questionamento sobre em que repousa essa correspondência de uma cultura científica, de uma sociedade ordenada e de indivíduos livres, a não ser, sobre o triunfo da razão? Encontra-se como resposta, a justificativa de que somente ela estabelece uma correspondência entre a ação humana e a ordem do mundo, e isto implica no que já buscavam pensadores religiosos, contudo, foram paralisados pelo finalismo próprio às religiões monoteístas baseadas na revelação. Assim sendo, é oportuno dizer que:

É a razão que anima a ciência e suas aplicações; é ela também que comanda a adaptação da vida social às necessidades individuais ou coletivas; é ela, finalmente, que substitui a arbitrariedade e a violência pelo Estado de Direito e pelo mercado. A humanidade agindo segundo suas leis, avança simultaneamente em direção à abundância, à liberdade e à felicidade. (TOURAINÉ, 1998, p.9)

Com o advento da modernidade, pretendeu o homem emancipar-se do vínculo com o sagrado, de encontrar suas próprias respostas às indagações humanas, de se dedicar à técnica, de se afirmar como ser capaz de conduzir por si só sua vida, seus desejos e suas utopias. A prosperidade e a riqueza são seus maiores atrativos e assim uma nova etapa se estabelece na história da humanidade. Nesta nova etapa, o capitalismo se afirma e sutilmente dita suas normas. Com promessas de liberdade, neste contexto, o homem pensa ter chegado de fato à sua emancipação.

Neste sentido, percebe-se que aconteceram mudanças profundas na sociedade, e que leva a se refletir tal qual Sung (1995, p. 171-172), quando entende que, de tudo que dantes se viu sobre a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna, pode-se concluir que houve, de fato, uma grande transformação. Comenta, então, que “modificou-se o conceito de espaço e tempo e a utopia ou a parusia sofreu um processo de secularização ou imanentização”.

Neste novo contexto, a razão moderna está no centro do processo de desencantamento do mundo e no coração da esperança moderna, assim, entende-se a ideia que defende “a esperança de que a realização dos sonhos da humanidade reside no progresso tecnológico. (...) O homem se tornou o sujeito de sua emancipação”.

Esta concepção implica em uma construção ideológica, também presente na leitura advinda de Míguez⁴, segundo a qual, cumprem-se, além de uma missão civilizatória no mundo, duas outras funções fundamentais as quais se apresentam como necessárias para a expansão e manutenção do Império atual. A primeira função diz respeito à criação e expansão do mercado mundial (globalização), enquanto que a segunda se refere à atração ideológica e cultural considerada como o poder brando do Império, voltada àquela capacidade de sedução e atração, isto, além de se considerar também que o Império tem uma característica fundante que é aquela voltada ao sacrifício, e ao uso da força bruta, por parte do Império, que considera que a violência, utilizada por ele, é mera “culpa daqueles que não querem aceitar os valores do individualismo e do liberalismo ocidental”, como o diz Miguez (2012, p. 139).

Uma sociedade dominada pelo capital, em verdade, torna-se dominada pela opressão, pela violência e pela miséria, características da sociedade moderna, isto leva a um questionamento sobre a visão racionalista do universo, da ação humana e das consequências da modernidade.

Palavras relevantes como: “Modernidade” e “Pós-Modernidade” evocadas desde o final do século XIX e, também, neste milênio, podem significar uma metamorfose, renunciando uma nova civilização ou mesmo o caos.

Guiddens (1991, p.11) questiona o que possa ser modernidade, ao que em um primeiro momento define como sendo aquilo que se refere “a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

Na ótica deste estudioso, no contexto atual, muitos argumentam que adentramos em uma nova era, para além da modernidade. Significa, portanto, que há

⁴ Esta concepção está contida na obra conjunta de Jung Mo Sung com Néstor Míguez e Joerg Rieger – “Para além do espírito do Império: Novas perspectivas em política e religião” e apresenta a ideia de que aqueles que estão à frente do capital, como na Europa, por exemplo, acreditam-se serem portadores de uma missão civilizatória no mundo. Isto envolve um “processo que tem a grande vantagem de legitimar para si e diante dos povos submetidos, o projeto de dominação. Esse não é mais visto como dominação, mas como um serviço, uma missão de levar a salvação, à civilização ou o progresso econômico e paz para os povos ‘inferiores’ ou ‘atrasados’” (2012 p. 130 e 131).

um momento de transição, cuja denominação não é uniforme, surgindo diversos termos, alguns dos quais, se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (a exemplo de “sociedade de informação” ou “sociedade de consumo”) observando-se que na opinião dominante, a exemplo do pensamento do teórico citado, significa que, “mais que um estado de coisas precedentes, está chegando a um encerramento (“pós-modernidade”, pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”) e assim por diante.

Os debates que envolvem estas questões ocorrem, em geral, em direção às “transformações institucionais” em especial, aqueles que sugerem a um deslocamento de um sistema baseado na manufatura de bens materiais, para outro, baseado na informação. Entretanto, eles, envolvem controvérsias, com questões de ordens filosófica e epistemológica. Esta perspectiva encontra defesa em Jean François Lyotard, o qual foi, segundo o autor citado, o estudioso responsável, em primeiro lugar, pela popularização da noção de pós- modernidade. Para Lyotard, a pós-modernidade é representada pela referência a um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia e, da fé no progresso planejado humanamente. Porém, Guiddens (1991, p. 12 e 13) tenta fazer uma abordagem diferente, e assim sendo:

A desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora do nosso controle.

Entende o autor em foco, que, para analisar como tal aconteceu, “não basta meramente inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto”. Ao contrário, precisa-se olhar novamente para a natureza da própria modernidade, sendo que ela, por determinadas razões próprias, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais. Logo,

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova diferente, que é ‘pós-moderna’ mais isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de ‘pós-modernidade’. (GUIDDENS, 1991, p. 12 e 13)

A esta linha de raciocínio pressupõe-se que há descontinuidade no desenvolvimento social moderno. Assim sendo, entende-se que, as instituições

sociais modernas se apresentam, sob alguns enfoques, “únicas - diferentes”, em forma dos tipos referentes à ordem tradicional. Para melhor compreensão da modernidade, assim como de suas atuais consequências, seria necessário e essencial um melhor entendimento sobre a natureza destas descontinuidades.

A ideia da descontinuidade presente na história humana, não é prerrogativa de Guiddens (1991), conforme já se viu, e tem sido enfocada em diversas versões marxistas, entretanto, para este teórico o uso do termo não tem conexão particular com o materialismo histórico, tampouco, está dirigido para a caracterização da história humana, como um todo.

Em se refletindo sobre a existência de descontinuidades em muitas fases do desenvolvimento histórico, como, a existente nos pontos de transição entre sociedades tribais e a emergência de estados agrários, a exemplo do autor, em questão, faz-se referência àquela descontinuidade específica, ou conjunto de descontinuidade presente no período moderno.

Todavia, os modos de vida produzidos na modernidade independem dos tipos tradicionais de ordem social, e assim sendo, seja em sua extensão, quer em sua intencionalidade, as transformações, ocorridas na modernidade, são mais profundas que a maioria das mudanças características dos períodos pré-modernos. Em nível de sua extensão, as novas formas estabeleceram interconexões sociais que abrangem todo o globo, e com relação às transformações intencionais, estas chegaram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características da existência humana cotidiana.

Para a identificação das descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais, de acordo com Guiddens (1991, p. 16), diversas características estão envolvidas, tendo o mesmo destacado as seguintes:

- a) O ritmo de mudança, indubitável, com que a era da modernidade põe em movimento;
- b) O escopo da mudança;
- c) Natureza intrínseca das instituições modernas.

Oportuno se faz destacar que, quanto a debate, este autor entende que, este é relevante para o atual momento, entretanto, diz que o mesmo é alicerçado em premissas equívocas, pois considera que, em cada um dos casos que se apresenta, existe certo reducionismo envolvido.

Também, com relação à Modernidade, é importante ressaltar que, contemplando-a na ótica de Guiddens (1991), ela está voltada para as transformações institucionais que ocorreram no Ocidente. Com relação ao agrupamento institucional, percebe, assim, dois complexos organizacionais distintos, relevantes para o desenvolvimento da modernidade, considerados como sendo: o Estado-Nação e a Produção Capitalista Sistemática. Neste aspecto, ambos têm suas raízes com características específicas da história europeia com poucos similares em períodos anteriores, ou mesmo, em outros cenários culturais. Estes, harmonicamente, têm se projetado no mundo em decorrência do poder que geraram. Percebe-se que, nenhuma outra forma social, mais tradicional, conseguiu contestar tal poder, no que tange à manutenção de total autonomia fora das correntes do desenvolvimento mundial.

Neste teor, a modernidade é considerada um projeto ocidental em termos dos modos de vida forjados por estas duas instâncias transformadoras. Percebe-se, ainda, que uma das consequências fundamentais da modernidade é a globalização, vista como uma difusão das instituições ocidentais através do mundo, onde outras culturas são esmagadas. Para Guiddens (1991, p. 174), a globalização é um processo de desenvolvimento desigual que, fragmentando e coordenando, leva a novas formas de interdependência mundial, nas quais, não existem “outros”. Estas, contudo, criam novas formas de risco e perigo, e, simultaneamente, promovem possibilidades de longo alcance de segurança global.

Segundo este estudioso, nem a radicalização da modernidade, tampouco, a globalização da vida social podem ser considerados processos acabados ou completos e ensejam muitos tipos de respostas culturais para tais instituições, em decorrência da diversidade cultural presente no mundo como um todo, “movimentos ‘além’ da modernidade ocorrem num sistema global caracterizado por grandes desigualdades de riqueza e poder e não podem deixar de ser por eles afetados” (Guiddens, 1991, p.174)

A modernidade é, considerada, desta forma, como responsável pela universalização, não pelo impacto global que apresenta, apenas, porém, em razão do conhecimento reflexivo fundamental referente a seu caráter dinâmico. De acordo com os reflexos da Modernidade, seguindo a ótica do teórico considerado, a mudança radical, na tradição intrínseca da modernidade, cria uma ruptura, não apenas com as eras precedentes, mas também com outras culturas. Assim

considerando, entende que, desde que a razão se revele incapaz de fornecer uma justificativa definitiva de si mesma, não pode haver sentido se fingir que esta ruptura não repousa sobre o compromisso cultural e do poder.

Poukert⁵ ao questionar sobre quais os fenômenos que permitem que se delimite a modernidade como uma época e que se possa apreendê-la em suas tendências básicas, enfocando também em uma abordagem filosófica, indica, sobretudo, três inovações que, reunidas, permitem que sejam diferenciadas, internamente, as sociedades modernas através de subsistemas, indicando-as como sendo “as ciências modernas para o terreno cultural em sentido estrito, a economia capitalista de mercado no terreno econômico, e o Estado democrático constitucional no terreno político”. Este estudioso concorda com a ideia de que o surgimento das ciências modernas marca o limite de uma época:

Com relação à segunda modificação básica, nesta concepção, ela se refere às relações com o agir econômico.

Pesquisas históricas mais recentes mostram quanto tempo duraram as discussões antes que a tese de Adam Smith terminasse por impor-se contra as persistentes dúvidas de que a busca dos próprios interesses materiais haveria de promover o bem comum. Só esta tese é que legitima moralmente a economia capitalista de mercado e mudança da racionalidade econômica para o lucro individual calculista em condições de escassez’. (POUKERT, 1992, p. 26)

O autor, em questão, revela que, pelo jogo de uma economia capitalista de mercado e das ciências modernas desencadeou-se um processo dinâmico pelo qual não se é possível precisar se este seria passivo de controle em suas consequências. Neste sentido, Thomas Hobbes já havia abordado a hipótese acerca do problema de como seria possível encontrar condições para que uma sociedade pudesse subsistir, apesar de cada um dos seus membros ter se tornado concorrente ou mesmo inimigo do outro. Para Hobbes, o mecanismo da luta da concorrência só seria controlado, se todos, por puro interesse de sobrevivência, concordassem em se estabelecer uma forma estatal central que tivesse nas mãos o poder de impedir que os indivíduos se aniquilassem mutuamente.

Outra característica relevante, da modernidade, é referente ao caráter religioso da sociedade. Gerardo Cunico, ao descrever o pensamento de Jürgen Habermas, diz que este teórico observa que,

⁵ Poukert em seu texto sobre “Crítica Filosófica da Modernidade” (in Revista Concilium, 1992, p.26).

com a passagem ao pensamento moderno, as interpretações religiosas do mundo, assim como acontece com todo passo evolutivo crucial, 'são desvalorizadas no seu sistema categorial, seja qual for o seu conteúdo', uma vez que 'não é mais esta ou aquela razão que não convence, mas o tipo de razões utilizadas'" (CUNICO *in* PENZO, 1998. p. 512).

Segundo Habermas (*in* Penzo, 1998, p. 510), o fato ocorrido é que não foram dissolvidas, apenas, "imagens tradicionais do mundo", porém, houve, também, um "desmoronamento da consciência religiosa". Assim sendo, diz também que:

Quando se afirmam na economia capitalista e no Estado moderno formas universalistas de relacionamento, a atitude em face de tradição judaico-cristã e greco-ontológica sofre uma fratura de tipo subjetivista (Reforma e filosofia moderna). Os princípios supremos perdem o seu caráter de indubitabilidade, a fé religiosa e a atitude teórica tornam-se reflexivas.

Neste contexto, entende, ainda, que:

O progresso das ciências modernas e o avanço da formação de vontades político-morais não são mais prejudicados por uma ordem certamente fundamentada, mas colocada como absoluta. Somente agora pode ser liberado o potencial universalista já contido nas imagens do mundo racionalizadas. A unidade do mundo não pode ser garantida objetivamente através da hipótese de princípios criadores da unidade (Deus, o ser a 'realização da razão'). (HABERMAS, *in* PENZO, p. 510).

Observa-se que Habermas ao colocar o afastamento da Religião no pensamento moderno, não o faz de modo absoluto⁶, pois, este teórico, em alguns trechos, reconhece, sem colocar cláusulas prudenciais, como "talvez", a legitimidade e a não possibilidade de substituição da religião, como também reconhece o seu direito de "coexistir" em harmonia com o pensamento pós-metafísico. Neste mister, o autor citado entende que:

A religião, que for destituída de suas funções formadoras de mundo, continua sendo vista, a partir de fora, como insubstituível para um relacionamento normalizador com aquilo que é extraordinário no dia a dia. É por isso que o pensamento pós-metafísico continua coexistindo ainda com uma prática religiosa. E isto não no sentido de uma simultaneidade de algo que não é simultâneo. A continuação da coexistência esclarece inclusive uma intrigante dependência da filosofia que perdeu seu contato com o extraordinário.

Diz, também que:

⁶ Comentário extraído do texto, de acordo com Gerardo Cunico (Habermas, apud Cunico, 1998, p. 510)

Enquanto a linguagem religiosa trazer consigo conteúdos semânticos inspiradores, que não podem ser jogados fora, que escapam (por ora?) a força de expressão de uma linguagem filosófica e que continuam a espera de uma tradução para discursos fundamentadores, a filosofia, mesmo em sua figura pós-metafísica, não poderá desalojar ou substituir a religião. (HABERMAS, *in* PENZO, 1998, p.514)

Quando Touraine⁷ contempla a questão da modernidade diante da substituição da religião, ou mesmo de seu desaparecimento, diz, então, que “a modernidade não é a eliminação do sagrado, mas substituição de um ascetismo fora do mundo por um ascetismo dentro do mundo” e, acredita, assim que “não teria qualquer sentido se não apelasse para outra forma de divino, de sagrado, ao mesmo tempo em que o mundo dos fenômenos se separa do mundo da revelação ou do ser em si”. Então, a ideia de modernidade indica que Deus foi substituído no centro da sociedade pela ciência, pela técnica, deixando as crenças religiosas para a vida privada.

De acordo com o autor considerado, muitos pensaram que a ruptura do mundo sagrado e mágico deixasse livre o lugar para um mundo moderno ditado pela razão e pelo interesse, o qual seria um mundo único sem sombras, sem mistérios – o mundo da ciência e da razão instrumental. Contudo, embora o modernismo, assim concebido, tenha parecido triunfar por muito tempo, somente na segunda metade do século XIX, é que o mesmo será criticado, a partir de Nietzsche e Freud e, então, entrará em decomposição.

Moreira (*in* Schiavo, 2005, p. 37) lembra que a modernidade se constitui “pelo distanciamento polêmico em relação à moldura ontológico-metafísica medieval e pela instauração do racionalismo como uma postura fundamental perante a existência”. Assim considerando, diz “que não se trata tanto do racionalismo lógico e argumentativo, mas do racionalismo como visão de mundo (...)”.

Seu pensamento indica a ideia não do desaparecimento da religião em face do sagrado, mas de sua permanência. Assim considerando demonstra que:

(...) Isto não significa que a modernidade tenha banido o sagrado e a religião. Ao contrário, hoje a super-oferta de sentido religioso nos acomete por todos os lados (...). O maior exemplo disso (...) é a metafísica criada em torno do mercado mundial, sua ‘missão redentora e messiânica’.

Ressaltou este teórico que:

⁷ Touraine (1998, p.42) se atendo a análise em perspectiva Weberiana.

Elaborou-se inclusive uma 'Teologia da Prosperidade', que propaga, com êxito, a ideia de que a riqueza é sinal visível da bênção de Deus (Bruce, 1990). Esta ideologia esconde sistematicamente o fato de que o capitalismo continua exigindo sacrifícios humanos para funcionar. Pertence às contradições da modernidade tardia que ela, às vezes, favorece até mesmo o retorno da 'magia'.

Muitos estudiosos, pertencentes a diversas "famílias" se propuseram ao estudo da modernidade, enfocando-a em inúmeros contextos, quer em abordagens sociológicas, filosóficas, teológicas, econômicas e outras. Segundo Geffré e Jossua⁸:

A nova credibilidade do religioso do mundo contemporâneo pode ser interpretada como uma expressão da própria modernidade, se por modernidade entendemos não apenas uma certa figura histórica do homem ocidental, figura que coincidiu com a revolução industrial, o fenômeno da secularização e o advento das sociedades democráticas. A modernidade (que persiste na era da pós-modernidade) também designa o mito da mudança indefinida do homem que tende para uma ilimitada realização de suas possibilidades.

Para Touraine (1998), a força libertadora da modernidade enfraquece na medida em que ela mesma triunfa e, assim, diz, o autor em foco, que o apelo à luz é perturbador quando o mundo se encontra mergulhando nas trevas e na ignorância, no isolamento e na servidão. Este apelo à luz, também é considerado libertador na grande cidade iluminada noite e dia, onde as luzes que piscam tem a função de atrair o comprador, ou mesmo, a ele impor a propaganda do Estado. O exemplo que o autor considerado indica a seguir é um excelente meio de expressar o sentido ou mesmo definir o fenômeno da modernidade.

Nós vivíamos no silêncio, nós vivemos no barulho; nós estávamos isolados, nós estamos perdidos na multidão; nós recebíamos muito poucas mensagens, nós somos bombardeados por elas. A modernidade nos arrancou dos limites estreitos da cultura local onde vivíamos; ela nos jogou igualmente na liberdade individual como na sociedade e na cultura de massa.

Touraine (1998) ainda nesta crítica a modernidade, com um desencantamento do mundo, talvez, como pressentira Weber, ressalta que: - "nós gostaríamos de sair de nossas comunidades e nos empenhar na construção de uma sociedade em movimento; agora procuramos nos desprender da multidão, da poluição e da propaganda".

Assim considerando, em seu pensamento, este teórico continua transmitindo sua ideia, dizendo que:

⁸ In Revista Concilium n.244, p.587, no texto "Interpretação Teológica da Modernidade"

Alguns evitam a modernidade, mas não são numerosos, porque os centros da modernidade acumularam de tal forma recursos disponíveis, e dominam tão completamente a totalidade do mundo, que não existe mais lugar pré-moderno nem bons selvagens, somente reservatórios de matérias-primas ou de mão-de-obra, terrenos para exercícios militares ou lixeiras entulhadas de latas de conservas e de programas de televisão.

Este autor acrescenta a seu discurso que, enquanto que os hinos à modernidade constantemente conclamaram uma frente comum a todos os modernos e, certamente, a subordinação de todos à elite dirigente da modernização, a crítica à modernidade, porém, não a leva a rejeição, mas, segundo a própria acepção da palavra, a separar seus elementos, a analisar e avaliar cada um dos mesmos, ao invés de se deixar encerrar num todo ou nada que obriga a tudo aceitar por se temer a tudo perder. É a este esgotamento da ideia de modernidade que este cientista social considera inevitável, isto considerado, porque é ela que se define, apresentando-se não como uma nova ordem, entretanto, sim como um movimento, como uma destruição criadora, para retornar a definição de capitalismo de Schumpeter.

Ressalta-se que, ainda não existe um princípio geral que defina o fenômeno da Modernidade, entretanto, ele está ligado à ideia de uma nova ordem que se revela no patamar do processo produtivo, na acumulação do capital e no ideal de apresentar este último, como sendo um deus que se representa no dinheiro, no mercado e na acumulação dos bens materiais e que sutilmente orchestra as regras do jogo, no sentido atribuído por Bourdieu (2007).

1.3 Economia Capitalista e Mercado Religioso

A sociedade vive hoje, conforme já se fez referência, em plena modernidade e assim se reveste de um aspecto que a mantém envolta em um sistema de dominação e opressão, o qual se caracteriza pela Idolatria do Mercado. Este sistema consiste no neoliberalismo ou neocapitalismo e tudo gira em torno do deus capital. Ele se revela como um deus cruel que exige sacrifícios de vidas humanas, além de dependência e dominação de grande parte dos seres humanos. A compreensão deste processo, assim como problematizá-lo, envolve um verdadeiro desafio.

Se a situação histórica de dependência e dominação de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões anuais de mortos de fome e desnutrição, não se converte no ponto de partida de qualquer teologia cristã hoje, mesmo nos países ricos e dominadores, a teologia não poderá situar e

concretizar historicamente seus temas fundamentais (...) 'é necessário salvar a teologia do seu cinismo'. Porque realmente frente aos problemas do mundo de hoje muitos escritos de teologia se reduzem a um cinismo. (ASSMAN *apud* SUNG, 1995, p. 73).

Como é no solo da Economia que se processam a produção e reprodução de bens materiais, que satisfazem as necessidades humanas, logo, tais necessidades implicam na própria sobrevivência, ou seja, na vida do homem e como a Teologia, se traduz em tudo que tenha referência a Deus, ao Deus da vida, que enviou seu Filho, o qual revelou: - “Eu vim para que tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo. 10,10), encontra-se neste nexos, a relação entre Economia e Teologia, entre Economia Capitalista e Mercado Religioso. Desta forma, “tanto a teoria econômica quanto a realidade econômica - pode ser objeto de reflexão teológica” (Sung, 1989, p. 30), assim como se insere também em uma perspectiva sociológica.

Anunciar o Deus da vida não é (...) falar de um Deus que está além do nosso mundo e dos nossos problemas. Antes que a Igreja anuncie ou que um teólogo o defina e teorize, o Espírito de Deus já está agindo no meio dos pobres e das pessoas de 'boa vontade'. O Espírito do Senhor nos precede (cf. Mt. 28,7; Mc. 16,7). Cabe a nós ajudarmos o povo a discernir onde o Espírito está soprando. Como diz Gorgulho: a teologia tem a tarefa de discernir entre o espírito do ídolo, que impulsiona o mundo no seu amor à morte e à exclusão dos pobres, e o Espírito da Vida. (SUNG, 1992, p. 28).

Segundo Assman, a Economia e a Teologia têm cultivado uma distância mútua respeitosa. Ambas têm se comportado como esferas independentes, autônomas e que se convalidam entre si. O contexto do mundo atual tem ensejado um debate envolvendo estes dois campos, em caráter urgente, abrangendo a crítica à lógica inexplicável do mercado sem restrições. A atual conjuntura revela a presença de fenômenos inéditos, como a intensa “messianização” do mercado na retórica neoliberal, a naturalização das estruturas históricas no presente, a ascensão de um discurso sobre o “fim da história”, o falso evangelho que exige dos países pobres, ajustes estruturais implacáveis, enfim, uma terrível lógica idolátrica e que impõe sacrifícios, que não se preocupa em sucumbir a maior parte da humanidade.

Vivemos, na atual conjuntura, em um sistema mundial global: a “economia do mercado”. Neste sistema, não se vislumbra uma alternativa ampla, muito menos global, que faça frente a um sistema centrado em um poder transnacional do capital. Todas as economias nacionais, sobretudo as mais fracas, se vêm obrigadas a se submeterem aos critérios de exigências orquestrados pelas Nações fortes, que se constituem em grandes grupos ou blocos que dominam a todas, por seus sistemas

arbitrários e que as faz decidir segundo os critérios por eles determinados e que se constituem na lógica estabelecida pelo capital transnacional. Somente aqueles que conseguem acompanhar as expectativas almeçadas por esta lógica desumana, é que conseguem ser valorados e respeitados, no contexto global. Diz-se desumana porque os interesses do capital se sobrepõem aos interesses e necessidades dos povos e indivíduos, em geral.

Não existem instâncias jurídicas internacionais com poderes para controlar e cobrar da economia de mercado mundial, aquelas obrigações sociais, que são frutos de árduas lutas de trabalhadores de alguns países do norte, e também, é a primeira vez que a economia, cada vez mais globalizada, se vê obrigada, a se confrontar com suas responsabilidades, em relação à vida de toda a humanidade, e que, salvo raras exceções, não existe nenhum outro sistema a que se ocupar.

Assman (in Floristán, 1993), neste sentido, afirma que entramos em um período histórico, e que as contradições assumem um caráter global. Todas as manifestações são intensificadas pelas crises ecológicas, social, espiritual – existencial e aparecem ligadas à contradição planetária entre lógica do mercado e a lógica da solidariedade.

É nesta amplitude que se insere o ponto de partida obrigatório para uma crítica teológico-econômica e que abranja, conjuntamente, a Economia e a Teologia. O eixo destas questões está no fato de que multidão de seres humanos porque não é rentável, tampouco, competente e aproveitável pela lógica do crescimento econômico, se torna composta de pessoas descartáveis. Sua dignidade humana é, então, preterida pelo evangelho “eficiência/crescimento”, e passa a ser um dos temas mais cruciais da discussão sobre Economia e Teologia, ainda que não seja o único.

As economias tendem a crescer sem que se importe com o sacrifício de vidas subtraídas de elevado número de seres humanos. As nações assim constituídas não se preocupam em conviver com esta incrível violência social, eis que de fato, só interessam aos governos e políticos, o crescimento econômico, sem que se leve em consideração, as necessidades reais da grande maioria da população. A relação entre a Teologia e Economia se traduz desta forma naquela necessidade já descrita e percebida por Assman (apud Floristán, 1993, p. 358), quando diz: “desmascarar esta pretensão, implica ao mesmo tempo detectar a presença de ídolos vorazes da religião econômica do mercado sem restrições”.

Na concepção de Sung (1989), Teologia e Economia sempre andaram juntas, ainda que muitos teólogos e economistas pensassem de modo diferente, e assim, na essência da economia está inserida uma visão teológica subjacente, assim como, nas reflexões teológicas também está inserida uma visão econômica subjacente, isto, em razão de se estar em questão “a vida das pessoas”.

De acordo com a lógica do mercado, a sobrevivência dos povos e nações, neste sistema, implica em sacrifícios que exigem imolação de vidas humanas, que, se contemplados na ótica de se considerar o capitalismo como uma religião, são exigências a título de pagamento, para que as instituições possam adentrar e participar do âmbito do sagrado, qual seja, “o mercado”.

Sant’Ana, afirma que a violência imposta pelas “leis do mercado” decorre de uma exigência que é exterior à vida humana, e assim sendo é transcendente:

Provém de algo numinoso que atrai (é o imperativo de participar no mercado) e que fascina. Não obstante, ao mesmo tempo, constitui terrível ameaça: cuidado ao entrar no mercado sem observar seus imperativos, suas leis de marketing!

Estas características de transcendência – porque é exterior ao homem e critério absoluto na hierarquização dos direitos humanos – do *mysterium fascinosum* configuram o mercado como sagrado. (apud SUNG, 1989, p. 116)

Na ótica do autor citado, a Teologia tem a tarefa de discernir entre o “fetiche” e o “Espírito” e de sua relação com a Economia resulta em se detectar a presença dos vorazes ídolos “da religião econômica do mercado”, mister se faz, então, que haja um discernimento entre “fetiche-ídolo” e o “Espírito”, para melhor compreensão destes conceitos.

Sung (1992, p. 89- 90) diz que este caracteriza o fetiche e o processo de fetichização da seguinte forma:

- 1- “A fetichização é o processo pelo qual se absolutiza o fundamento do sistema, com o objetivo de sacralizá-lo e, assim, realizar a vontade do poder;
- 2- A fetichização, contudo, não é somente ‘absolutização’, mas também é fundamento de ação e de culto: o fetiche é operante, além de ser fascinante, numinoso, sagrado. O fetiche é a sacralização do objeto que é a mediação necessária para o cumprimento prático do sistema de dominação;
- 3- O fetichismo quanto à explicação é ideológico, e quanto a operacionalidade é mágico;

- 4- A 'práxis institucional', a práxis que se situa dentro da institucionalidade vigente e a reproduz, é o modo moderno de culto ao fetiche, ao sistema sacralizado do modo mítico-mágico;
- 5- O sistema fetichizado exige sacrifícios (...) o 'deus'-fetiche exige vítimas culturais (...) o fetiche exige sangue, por isso é sanctum".

Para ser solidário ao paradigma do mercado, é preciso ser egoísta, e defender seus próprios interesses, nas relações de concorrência, isto é, explorar, e explorar, cada vez mais. Pois se cada um se dedicar ao seu interesse pessoal, o mercado se dedicará e cuidará do bem de todos. "Ser sujeito histórico nesse paradigma é abdicar de ser sujeito. O grande e o verdadeiro messias salvador é o mercado." (Sung, 1992, p. 96).

O mercado, assim concebido, é um espaço sagrado, e como tal, não comporta a presença de pecadores, pois estes não são dignos de entrar em seu reino. Outrossim, é relevante ressaltar que tais pecadores são, em verdade, os excluídos, os pobres, os quais não têm dinheiro para se tornarem consumidores. "O mercado existe para satisfazer os desejos dos consumidores, e não as necessidades dos seres humanos" (Sung, 1992, p. 96). Assim sendo, a exclusão, e com ela a morte dos pobres se manifesta como condição para harmonia e abundância para os integrados no mercado.

Nesta ótica de pensamento, o desmascaramento da idolatria do mercado é a condição primeira para a busca do Deus Vivo e Verdadeiro, seguindo a concepção do Cristianismo, em especial, do Catolicismo. E para tal se torna preciso que se perceba, que a empresa capitalista foi transformada em empresa transnacional, "na encarnação de Deus (deus do capital), na portadora da missão de Cristo de levar o seu Reino (o mercado) para que o Espírito (de egoísmo e indiferença) habite em todos os corações" (Sung, 1992, p.100). Evidencia-se, então, nesta ótica de pensamento, que houve uma transposição da Teologia Cristã para a Idolatria do Mercado.

Neste sentido, é a mística que move as pessoas no capitalismo, e a ânsia, ou ganância de ganhar mais dinheiro e sempre mais dinheiro, ou mesmo comprar, comprar e comprar. E, é no consumo, justamente, que as pessoas são respeitadas e reconhecidas como gente, e em decorrência disto, elas se sentem mais gente.

Mas, que espécie de gente pode se sentir uma pessoa, se "consumidor" não significa "ser cidadão" ou mesmo -"ser humano". Ser consumidor significa, então, - o ser

humano que tem dinheiro para entrar no mercado, pois se não o tiver estará fora do mesmo. Com este desenrolar dos acontecimentos, as mercadorias não são destinadas à satisfação das necessidades e desejos da população, mas, sim dos próprios consumidores. Neste contexto, ocorrem inversões de valores, pois, “um cachorro saudável”, animal de estimação, tem mais direito ao leite, que uma criança raquítica. Este fato é explicado em razão das leis do mercado. Mercado este, que faz com que a empresa capitalista se transforme na encarnação da presença de Deus, na portadora da missão de Cristo, no mercado, o qual significa “a historização do Reino de Deus”.

O economista Galbraith disse:

Esses homens da tecnoestrutura (das transnacionais) são o novo clero universal. Sua religião é o sucesso comercial, sua prova de verdade é a expansão e o lucro da empresa. Sua Bíblia é o relatório computadorizado, seu confessionário é a sala de reuniões. A equipe de vendas leva a sua imagem ao mundo, e de mensagem é o que geralmente a sua argumentação é chamada (...). Os jesuítas dessa fé austera são os diplomados da Escola de Administração de Harvard. (apud Sung, 1989, p.121)

Constata-se, assim, que na ordem dos ídolos, no mundo moderno, esta tem se mantido com uma verdadeira prática de crueldade e dos sacrifícios de vidas humanas.

É o desafio da idolatria da existência de falsos deuses que dominam a vida de muitos homens e mulheres num mundo que pretende ser altamente secularizado'. Segundo Sant'Ana, com a 'secularização do mercado', não outra moral fora a moral do mercado e na luta que caracteriza o mercado livre existem aqueles que ganham e perdem, os que sacrificam ao ídolo e os que são sacrificados. O ídolo não se satisfaz sem esta violência. (SUNG, 1995, p.229)

Porque não dizer, a exemplo do Apocalipse, que a idolatria do mercado, com o culto ao deus 'capital', que este, outro não é, senão o próprio “anti-cristo”, e que, neste contexto:

(...) não é para o céu que devemos olhar para anunciar a Deus (cf. At. 1,11). O nosso olhar deve estar voltado para a terra, onde o Espírito do Senhor já está agindo no meio de nós, combatendo a 'besta fera'. A igreja deve olhar para o mundo com um olhar de mãe, que é capaz de ver o que a outros passa despercebido. Um olhar atento, que não se deixa enganar pelas aparências ou por um certo sentimento de 'normalidade'. (SUNG, 1992, p.28)

Como o mercado tem cumprido com a função de satisfação dos desejos dos consumidores, ao invés de satisfazer as necessidades dos seres humanos, verifica-

se, que na Modernidade, a Economia não tem conseguido realizar seu objetivo essencial que é a produção, distribuição e circulação das riquezas, ou seja, dos bens e serviços necessários para a subsistência do homem, portanto, seu objetivo é dirigir este processo para o bem estar dos povos, e não dos consumidores, apenas, conforme tem acontecido.

Neste contexto está contida uma questão, não só de ordem econômico-teológica, como também, de ordem ética, pois as relações econômicas, contraídas pelos homens no processo de produção, guardam íntimo relacionamento com a própria Ética. Segundo Naline, o mundo econômico não pode se distanciar do mundo moral. É uma relação em dois planos em que o estudioso Sánchez Vázquez, afirma: “A economia influí na moral determinante em dada sociedade. Num regime em que o trabalho se vende como mercadoria, desvinculado de sua dignidade ínsita, em que o lucro é o maior objetivo, em que assemelhar bens materiais a suprema finalidade, a moral é egoísta e individualista” (apud Naline, 1997, p.71).

A ética do neoliberalismo ou do neocapitalismo, está sendo considerada por muitos como uma “Ética de Espoliação”. Urge que se a substitua pela “Ética da Economia Solidária”. O nome da Economia deve, portanto, nesta concepção, estar alicerçado na realização integral da Pessoa Humana; e isto de per si, indica uma responsabilidade, que não se traduz apenas em cada pessoa, mas, no âmbito de toda sociedade.

Outrossim, na modernidade, o homem imbuído de uma ilusão transcendental, tem acreditado e tem tido a pretensão de ser “um Super- Homem, capaz de desafiar a Deus”. Este desafio segundo Sung (1995, p. 228-229):

(...) poderia levar a humanidade ao seu próprio aniquilamento, na verdade, a modernidade teve a pretensão de ter descoberto, não um super-homem, mas sim uma superinstituição-mercado, no capitalismo, e revolução-planejamento centralizado – Estado-Socialista, no socialismo – que nos conduziria ao Paraíso Terrestre. Essa instituição se absolutiza e exige sacrifícios humanos como necessários para o progresso que nos levaria a este Paraíso. Desta forma, o ateísmo moderno na verdade, se transforma na idolatria de uma instituição, fundada na ilusão transcendental. (...)

Trata-se de um contexto social novo, daquele mesmo contexto descrito por Berger (1985, p. 149) no qual, o processo de secularização, ao romper o monopólio religioso, inaugurou uma situação de pluralismo. Nesta situação, grande parte da atividade religiosa é envolvida e dominada pela lógica do mercado. Este sentido revela que, um pluralismo que ocorre dessa forma, instaura, em verdade,

possibilidade de livre competição entre as religiões, e as tradições religiosas. Desta forma, as instituições religiosas desempenham a função de agência comercial, e seus ritos, cultos, assim como sua tradição, se apresentam como meras mercadorias. Com isso, uma nova mentalidade se apresenta e se impõe às religiões, obrigando-lhes a profundas transformações e adaptações, levando-se em conta os seus novos interesses, que modificam sua forma de organização, além de seus objetivos. É neste novo contexto, que se apresenta o Mercado Religioso.

Giorgio Agamben⁹ ao fazer referência a que “Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro” disse que:

Para entendermos o que está acontecendo, é preciso tomar ao pé da letra a idéia de Walter Benjamin, segundo o qual o capitalismo é, realmente, uma religião, e a mais feroz, implacável e irracional religião que jamais existiu, porque não conhece nem redenção nem trégua. Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro. Deus não morreu, ele se tornou Dinheiro. O Banco – com os seus cinzentos funcionários e especialistas - assumiu o lugar da Igreja e dos seus padres e, governando o crédito (até mesmo o crédito dos Estados, que docilmente abdicaram de sua soberania, manipula e gere a fé – a escassa, incerta confiança – que o nosso tempo ainda traz consigo.

Continuando o assunto, disse ainda que:

Além disso, o fato de o capitalismo ser hoje uma religião, nada o mostra melhor do que o título de um grande jornal nacional (italiano) de alguns dias atrás: “salvar o euro a qualquer preço”. Isso mesmo, “salvar” é um termo religioso, mas o que significa “a qualquer preço”? Até ao preço de “sacrificar” vidas humanas? Só numa perspectiva religiosa (ou melhor, pseudo-religiosa) podem ser feitas afirmações tão evidentemente absurdas e desumanas.

Em princípio, a Economia não deve se constituir como uma religião. Ela tem suas características próprias, e, objetiva atender às necessidades do homem. A Economia visa à produção, a circulação e o consumo dos bens que se destinam ao ser humano, e não aos consumidores, porque ela implica em uma característica essencialmente humana a do – ser “Homem Econômico”. Isto, porque ele, homem, possui outra característica, também relevante, e que consiste no ser “Homem Social”, portanto, a satisfação de suas necessidades, sobretudo as básicas, implica em necessidades não apenas individuais, mas, também, voltadas ao coletivo, ou seja, ao “Bem Comum”. Assim considerando, como alcançar o “Bem Comum”, em

⁹ Giorgio Agamben, em entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por Ragusa News, consultada em 16/08/2012.

um momento em que a Economia está voltada para a dominação e opressão, e, em que os homens, em sua maioria, estão absorvidos em sua individualidade e egoísmo?

Aqui se percebe um campo de poder cujo capital simbólico se apresenta quer no capital religioso, quer no capital econômico, e, cuja relação de forças acontece por meio da luta entre estes capitais que se defrontam pela conquista do monopólio do poder. A questão em referência de que os homens estão absorvidos em sua individualidade e egoísmo, em uma leitura através de Bourdieu (2007)¹⁰, explica-se que são agentes em ação neste campo, ou seja, é o *habitus*, que os faz agirem em uma espécie de jogo, no qual não têm necessidade de raciocinarem para agirem, o fazem automaticamente, como em conhecimento adquirido, é como se estivessem manipulados pela mão invisível do poder simbólico que orchestra este jogo.

Um novo olhar faz perceber que, através de uma Economia Solidária, talvez seja um bom caminho, porém, esta solidariedade não significa compaixão ou benevolência, mas, tão somente o compromisso com o “outro” – homem individual ou coletivo, Ser Humano ou Humanidade, no respeito à dignidade da Pessoa Humana, no respeito à etnia, à cultura, ao pensamento científico, à religião, sobrevivência e qualidade de vida plena. Talvez, a partir de então, se possa chegar ao pós-moderno, pois o momento é de transição, e a Teologia e a Economia se veem em meio a um processo em movimento, este mesmo processo que ora, se está em discussão.

1.4 Da Relação entre Modernidade e Economia Capitalista à Idolatria do Mercado

Alicerçando-se na investigação de Foucault¹¹, percebe-se que os homens dos séculos XVII e XVIII não pensavam a riqueza, a natureza ou as línguas com o legado das idades precedentes, assim como, também, não seguiram a linha adequada que logo viriam a descobrir; pensaram-na, então, a partir de uma disposição geral, na qual não lhes foram prescritos apenas conceitos e métodos. Contudo, fundamentalmente, definiram um modo de ser específico para: a linguagem, os indivíduos, a natureza, os objetos da necessidade e do desejo; este modo peculiar de ser é para Foucault – a representação.

¹⁰ Bourdieu (2007) em “O Poder Simbólico” descreve noções de campo, habitus e capital simbólico, em reflexão analítica acerca da visão do mundo social.

¹¹ Michel Foucault em “As Palavras e as Coisas” reflete no capítulo VI sobre a análise das riquezas. (Foucault, 1999)

Em consequência disto, conforme se viu, apareceu todo um solo comum, onde a história das ciências se apresentou, então, com um efeito de superfície. Isto não significa, neste pensar, que se possa, a partir de então, deixá-la de lado. Contudo, é preciso que, em uma reflexão sobre o histórico de um saber, não se possa mais contentar-se em se seguir através da sequência dos tempos, do alinhamento dos conhecimentos, pois estes não se traduzem em fenômenos da hereditariedade e da tradição; e não se diz, tampouco, o que os tornou possíveis, demonstrando-se aquilo que já era conhecido antes deles, bem como, aquilo que “trouxeram de novo”.

A história do saber só pode ser feita a partir do que lhe foi contemporâneo e não certamente em termos de influência recíproca, mas em termos de condições e de “a priori”, constituídos no tempo. É nesse sentido que a arqueologia pode justificar a existência de uma gramática geral, de uma história natural e de uma análise das riquezas, e liberar assim um espaço sem fissura onde a história das ciências, a das ideias e das opiniões poderão, se o quiserem, se entreter (...). (FOUCAULT, 1999, p.288-289)

Partindo-se do pressuposto de que a Modernidade é um processo em movimento, é um evento, assim como um fenômeno e que, nela ocorreram profundas transformações, não há o que disto se questionar, pois se tem a convicção de que as instituições, ciências, costumes, política, etc., são hoje, acentuadamente diferentes de épocas anteriores, no dizer de Giddens (1991, p. 15): -“(...) é o ritmo de mudança nítido que a era da modernidade põe em movimento”.

Entretanto, não é suficiente, apenas, descrever e situar na linha do tempo as mudanças que ocorrem no meio social. É preciso que haja análise metódica refletindo-se o discurso histórico, assim como se detectar os fundamentos das mudanças no comportamento e na organização dos homens ao produzirem sua vida social. Assim, as pesquisas devem detectar, também, o que muda, como e por que muda.

Sabemos hoje que as sociedades mudam, estão mudando, e compreendemos que devem mudar. O que muda? O indivíduo ou a sociedade? Os idealistas, entendida a palavra no sentido filosófico, privilegiam o papel do indivíduo e suas ideias, deslocando-o para o proscênio dos acontecimentos. A corrente materialista, por sua vez, não descarta a relevância do indivíduo, mas procura situá-lo na sociedade, de que é parte. O homem muda, não porque tenha vontade de mudar, nem poder individual para produzir a mudança, mas porque a sociedade, onde atua, muda. Se não é a consciência dos indivíduos que produz a mudança, o que explica a certeza dessas mudanças? (GIDDENS, 1991, p. 4)

Acredita-se que um olhar sobre a perspectiva do capital percebido na ótica idolátrica, revele uma das mudanças consistentes do mundo que nos cerca. Assim

falando, percebe-se que dentro do processo de modernidade está contido aquele fenômeno que revela e implica na transposição das Igrejas para uma ótica de mercado. Pois, seguindo esta concepção, conforme disse Giorgio Agamben, “Deus não morreu, ele tornou-se dinheiro.” Assim considerando, o capitalismo se transformou em religião e através dele ocorre transformação das religiões tradicionais, as quais modificam sua essência, ao procurarem se adaptar a estas transformações.

Portanto, advém com a modernidade uma sensação de incerteza, uma impressão de acabamento, de fim, e antagonicamente, o sentido de que algo de novo esta prestes a começar ou recomeçar, ou mesmo findar, quiçá, novo tempo a se iniciar..., esta parece ser a impressão que acompanha o ser humano nestes tempos modernos, logo, neste milênio, que já se vai a caminhar.

Tempo de modernidade, ou de pós-modernidade, de mudanças ou de transformações, de incertezas e de esperanças, de crenças e de descrenças. Tempo de antagonismo em que o homem, ao mesmo tempo, que parece afastar o Sagrado, o procura incessantemente e acredita que tudo pode ser diferente ou que pode ser melhor.

O bem que, então, o homem busca alcançar é o bem que precisa ser descoberto na dimensão do Valor. Valor este que a Economia revela traduzir-se em necessidades a serem supridas por todos, não exacerbadamente, pelo indivíduo, como proposta do capitalismo, mas, sim aquele que a Teologia tende a demonstrar que são necessidades a serem supridas por todos e que consistem no Bem Comum, como proposta da Criação pelo Sagrado. Contudo, tudo isto parece que se consiste em um processo em movimento.

Neste contexto, indaga-se, se é mesmo possível considerar a modernidade como um processo em movimento? Acredita-se que sim. Parker (1995, p. 85) diz que imersos nos processos históricos e estruturais que ele tem analisado, desenvolvem-se as mudanças no campo cultural, incluído neste último o campo religioso.

A presente reflexão contempla o Catolicismo Popular presente em uma sociedade moderna, que tem como uma de suas características um processo em curso que ocasiona mudanças profundas. É uma sociedade que está em crise oriunda desse efeito moderno, fruto do sistema neoliberal. O efeito que se apresenta advém da crise e reflete uma sociedade que além de desencantada, produz miséria, medo, guerra, incertezas, um crescente individualismo e, sobretudo, desamor. Como consequência desta crise as pessoas se apresentam imersas na insegurança, com

angústias e solidão, sendo estes os motivos que as levam a buscar soluções para seus problemas, sobretudo, na esfera do sagrado, como na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

O século XX deixou, portanto, para traz um momento de profundas transformações, iniciadas no fim do feudalismo, o século XXI despontou como o raiar de um novo dia ainda em movimento, – se ensolarado ou chuvoso, ainda não se pode precisar, tampouco, se o dia raiou mesmo ou se a humanidade acabará ficando mergulhada nas trevas da noite eterna, e isto, também, não é possível vislumbrar.



Figura 1: Cartaz Romaria 2016

Fonte: <http://www.paieterno.com.br/site/romaria/romaria-do-divino-pai-eterno-de-2016/>

Na perspectiva de se vislumbrar um novo amanhã para a Humanidade, - a pós modernidade – alicerçado no amor e na fraternidade entre os povos, surge um grande desafio, que consiste em se fundar, não apenas uma nova sociedade fraterna, mas, uma nova sociedade que implique, também, em uma nova Economia, e que seja , de fato, solidária. Para tal, é preciso desmascarar a idolatria e a fetichização do capitalismo, e se defender a ideia de que o homem não deve viver em função da Economia, mas, esta deve estar voltada a seu serviço, e assim resgatar a vida – “a vida em plenitude”. Esta vida que é revelada através da Boa

Nova, do Evangelho de Cristo, o qual não pode ser confundido “com uma cultura, um território no qual se trata de entrar e estabelecer-se. Sua particularidade é ser fermento de uma humanidade-mundo em que, cada um em sua língua, todos possam entender-se”. (Blanquart, p. 147). Vencer este desafio é a tarefa que hoje advém da relação entre Teologia e Economia, portanto, a missão primeira consiste em desmascarar a Idolatria do Mercado. O estudo da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, em uma perspectiva do Catolicismo Popular, certamente, poderá ajudar.

CAPÍTULO II - CATOLICISMO POPULAR E CAPITALISMO: A FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE

Percebe-se que hoje existe na sociedade um processo em curso orquestrado pelo Sistema Neoliberal. Este processo é um dos responsáveis pela crise da modernidade, que imprime na sociedade o desencanto, a produção de miséria, guerras, incertezas, medo e desamor. Este processo se situa em um campo de força onde a luta se trava entre o Poder Econômico e o Poder Religioso, sendo que, nesta luta simbólica pelo monopólio do capital econômico ou religioso, refletindo-se, como percebe Bourdieu (2007) em sua análise sobre visões do mundo social, em um campo simbólico, o primeiro tem a pretensão de substituir o segundo, apesar disto, a Religião permanece presente legitimada e insubstituível, percebida pela crença, pela prática e pelos ritos que coexistem com a racionalidade técnico-científica.

Percebe-se que a crise da modernidade gera insegurança, angústia e solidão nas pessoas. Assim sendo, elas buscam respostas e soluções para seus problemas e as encontram na Religião, fato este percebido no Catolicismo Popular, na Festa de Trindade, onde, pretende-se focar a construção do objeto deste estudo.

2.1 Religiosidade Popular e Catolicismo Popular

A discussão, em si, tem como fundamento a teoria formulada por Bourdieu (1998) que permite entender como, em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funciona como princípio de estruturação que assume uma função ideológica, função prática e política que legitima o arbitrário. Nisto, ela tem um papel de sustentar aquela força material ou simbólica, que torna possível a mobilização de um determinado grupo ou classe, assegurando sua legitimação ou tudo que a define socialmente.

Desta forma, a religião torna possível a legitimação dos elementos arbitrários que permitem a consolidação deste grupo, ou classe, que passa, então, a ocupar uma determinada posição na estrutura social, posição esta, que o grupo procura através de um efeito de naturalização, tornar eterna. É a manutenção do “status quo”. O capital religioso se consubstancia assim neste campo de produção simbólica, seguindo-se o raciocínio respaldado em Bourdieu (2007), onde o *habitus* dos agentes confirma a

visão do mundo, tendo a religião como estrutura estruturante e estruturada que legitima e garante este capital religioso, como forma e fins do poder simbólico.

Alicerçando-se na ótica de Bourdieu (1998), defende-se a ideia de que a religião cumpre funções sociais, passivas de análise sociológica e, este fato implica em ensejar que as pessoas não esperam da religião apenas justificativa para suas angústias e misérias, mas esperam também justificações de existirem em uma posição social determinada.

Outrossim, o fato de se realizar uma análise sociológica da religião como objeto, requer aquele esforço do rigor científico, haja vista, não se tratar de uma análise tecida sob o olhar do sujeito como pessoa, mas tão somente, o olhar do pesquisador, que ao formular sua tese busca manter sua neutralidade e, assim sendo, cuida para que não se comuniquem suas convicções íntimas e a análise social, sendo que isto implica no fato de que, ao tecer comentários imparciais, não se pode considerar que esteja renegando sua fé.

A questão de a religião poder ser submetida à análise sociológica é também percebida em Bourdieu (2007), quando entende que a religião, como sendo um dos sistemas simbólicos se torna instrumento de conhecimento e comunicação, e, sendo estrutura estruturada está passiva de análise estrutural. Relevante considerar que à luz de Bourdieu (2007), como sistema simbólico a religião também exerce poder estruturante, e isto se dá em decorrência de a mesma ser estruturada.

Seguindo-se este objetivo analítico, contempla-se o pensamento de Bourdieu (1998, p. 86) quando diz:

Logo a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer a demanda religiosa de um grupo e, portanto, de exercer sobre ele sua ação propriamente simbólica de mobilização, é aquela que lhe fornece um sistema de justificativas de existir enquanto ocupante de uma posição social determinada.

O tema Religiosidade tem sido contemplado por diversos teóricos, a exemplo de Durkheim (1996, p. 462), para quem a ideia de sociedade é a alma da religião. Portelli (1984, p.5) apresenta a concepção de Gramsci, na qual vê a religião como força social, além de discutir o papel político da chamada religião popular. Para se refletir o Catolicismo Popular, é relevante que se atenha à definição de religião, a qual se fará a seguir.

2.1.1 O Que é Religião?

Procura-se, neste patamar, definir o que é religião e, para tal, em uma perspectiva sociológica, é preciso que a consideremos em duas dimensões.

Em um primeiro aspecto, a religião é considerada como parte das idealizações ou das representações que os seres humanos fazem de seu mundo ou mesmo de si mesmos. Por meio destas representações, o homem constrói a realidade em sua mente. Estas representações são construídas por meio das condições concretas e históricas dos atores sociais.

Neste sentido, evoca-se a percepção do Imaginário Social em suas especificidades quer no espaço, quer no tempo, através do conceito chave de “Representação”. Aqui é oportuno citar Santos (1984, p.11) quando diz que o conceito de “Representação” (...) “engloba todas as traduções de uma realidade exterior vivida que ultrapassam a realidade concreta. Cada sociedade possui seu imaginário seja tênue e variado nos diversos momentos históricos.” Desta forma, o campo experimentado por este limite envolve o próprio campo da experiência humana, seja do social coletivo ao particular íntimo.

Assim sendo, representações demonstram, à revelia de seus protagonistas, imagens que descrevem a sociedade como eles entendem que ela seja ou mesmo, como gostariam que ela fosse. “Assim, cada sociedade cria suas representações do mundo, pois se percebe nessas imagens as estratégias que determinam as posições dos grupos sociais e suas relações na trama da sociedade.” Santos (1984, p. 11). São essas imagens coletivas que se formam e se transformam, e que são apropriadas pelos diversos segmentos sociais.

De acordo com Houtart (1994, p.26), a religião é uma das representações que os homens fazem do mundo e de si mesmos, considerando, especificamente, como a representação que faz referência ao sobrenatural.

A segunda dimensão se refere ao fato de que a religião, implicando em representações, se refere, também, a um produto do ator social humano.

Relevante se torna tecer aqui, alguns comentários sobre a religião contemplada sob a ótica de Berger (1985) e que, de certa forma, completa o sentido a ela atribuído por Bourdieu (1998).

Para Berger (1985, p. 15) toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo, e a religião ocupa um lugar de destaque neste empreendimento. Diz, também, que “a sociedade é um produto do homem, radicado

no fenômeno de exteriorização, que por sua vez se baseia na própria constituição biológica do homem (...), o homem produz valores e verifica que se sente culpado quando os transgride” (Berger, 1985, p. 22-23).

De grande valia se faz considerar, ainda, que, para este autor, a religião foi historicamente o mais amplo e efetivo instrumento de legitimação, e nisto ele reforça o entendimento aqui desenvolvido, porque segundo seu pensamento¹², toda legitimação mantém a realidade socialmente definida, contemplando, assim, a posição defendida, a qual segue a perspectiva de Bourdieu (1998), quando se diz que a religião cumpre função estruturadora da sociedade.

Destarte, além de instrumento de legitimação, a religião, nesta mesma ótica de raciocínio, é também considerada como instrumento de justificação e, este sentido é alicerçado em Durkheim (1996, p. 477) quando diz que há na religião algo de eterno, além de ponderar que os homens não podem celebrar cerimônia sem uma razão de ser, tampouco, aceitar uma fé, a qual não a possam compreender. Isto, porque, para propagar, ou simplesmente manter sua fé, os homens precisam justificá-la; portanto, é preciso que dela, façam sua teoria. Assim entendendo, completa seu raciocínio dizendo, este teórico, que a fé religiosa é oriunda da sociedade.

Há, ainda, outro entendimento, a religião pode ser contemplada, também, como oferta de sentido e, seguindo este pensamento, é o próprio Bourdieu (1998, p. 46) quem diz que a religião exerce um efeito de consagração, contribuindo para a manipulação simbólica das aspirações que tendem a assegurar o ajustamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas.

De acordo com o pensamento de Bettencourt (1999, p. 6-9), a palavra “religiosidade”, assim como o adjetivo “religioso”, tem sua origem, na palavra “religião”. A palavra “religião” vem do latim religio. Não existe consenso com relação à etimologia desse vocábulo.

Seja qual for, a religião, o autor citado diz que este termo se refere de alguma forma, à atitude de relacionamento, no qual, de um lado tem-se o homem, e de outro, Deus. Entretanto, a palavra “Deus” é aqui entendida como uma “direção”. Ao invés de Deus, é comum termos como: o Divino, a Divindade, o Transcendente, o Mistério, o Sagrado, o Outro, a Força Cósmica, o Absoluto, o Supremo, a Vida etc.

Como o eixo deste estudo está voltado à questão do Catolicismo Popular e este é uma das formas de expressão religiosa que desempenha as funções designadas por Bourdieu (1998) e Berger (1985), de ser instrumento de legitimação,

¹² Berger (1985, p. 45).

de justificação e oferta de sentido e que colaboram com a análise em referência ao Mercado e Devoção, nele se dedicará atenção.

2.1.2 Definindo o Catolicismo Popular

Ao se estudar a História da Igreja no Brasil, em Beozzo (1992) e Hoornaert (1992), entre outros, percebe-se, claramente, a teoria formulada por Bourdieu (1998) presente no desenrolar da História do Catolicismo, vivida pela imensa maioria do povo brasileiro. Isto significa que o Catolicismo Popular, objeto deste estudo, é uma das formas de religiosidade que desempenha a função estruturadora e legitimadora da sociedade.

Estudando-se o fenômeno, percebe-se que é complexa a distinção entre religiosidade e Catolicismo Popular. Santos (1984, p. 85), estudioso do assunto, não pretendeu adentrar nesse mérito, afirmando inclusive, que os tratadistas do tema, geralmente, também evitam se posicionar neste terreno de distinções e assim os cita:

Pedro A. Ribeiro de Oliveira em 'Religiosidade Popular na América Latina' que enfoca apenas o Catolicismo Popular; mas, incisivamente, Joseph M. Bernardes, ao falar da realidade religiosa na América Latina, diz textualmente 'chama-se esta catolicismo popular ou religiosidade popular'; assim, também pensam (...) Leonardo Boff, Waldo César, Antoniazzi, José Comblin, Riolando Azzi, Eduardo Hoornaert, Francisco Rolim etc. (SANTOS, 1984, p. 85).

Nesta pesquisa, fez-se opção em se trabalhar com a denominação de Catolicismo Popular.



Figura 2: Presença do Catolicismo Oficial- Procissão de Entrada
Fonte: AFIPE



Figura 3: Presença do Catolicismo Popular – Romeiros em Celebração Litúrgica
Fonte: Wildes Barbosa

Dentro de um sistema religioso erudito, doutrinário e sacramental ocorre a manifestação de outro tipo que se revela como religião dominada e que por isso se torna marginalizada. A religião dominante é a religião oficial, considerada como verdadeira, enquanto que a outra, a dominada, é tida por meras superstições, credices, fanatismos. Evidencia-se, assim, a produção simbólica de um sistema rotulado, de acordo com as produções definidas, no campo religioso, e na sociedade de classes: o Catolicismo Oficial-Dominante e o Catolicismo Popular-Dominado. Não se pretende, aqui, relatar a História do Catolicismo Popular no Brasil, contudo, se buscará através de uma síntese, entender o contexto histórico brasileiro, para compreendê-lo inserido no contexto de uma Igreja em Transformação Sócio Cultural.

No Brasil, sabe-se que os documentos históricos que nos foram legados retratam uma situação que contempla, em princípio, uma imposição cultural dominante, não demonstrando, portanto, a leitura na ótica dos dominados. Entretanto, estudiosos como Oliveira (1983), Hoornaert (1992), Beozzo (1982) e outros, tentam refleti-la a partir de uma análise crítica, evidenciando-se a situação antagônica que se manifestou nestes cinco séculos de História da Igreja no Brasil, entre os dominantes e dominados.

De acordo com Beozzo (1992, p.18):

Não é fácil atingir a consciência religiosa do pobre, dos escravos, dos índios. Na análise do comportamento religioso nota-se a existência de um campo em que parecem encontrar-se os oprimidos e os opressores em sua atitude perante a realidade. Os que detêm o poder procuram sacralizar, em nome de Deus, a ordem, a situação, e em nome de Deus combatem as mudanças; a realidade é esta e não deve ser de outra maneira. Os que nada possuem, fatalistas, acham que têm de ser assim mesmo, que não pode ser de outra maneira. O encontro se dá na conclusão de que a realidade é intocável.

Em análise advinda de sua obra, Oliveira (1983) descreve o contexto religioso brasileiro a partir do período colonial. Assim sendo, o catolicismo é a única religião oficialmente admitida no Brasil até a Proclamação da República, considerando-se que, apesar da legislação do Império ter introduzido certa tolerância religiosa, o catolicismo permaneceu como religião oficial do Estado até 1890, quando, então, ocorreu separação entre Igreja e Estado.

Diante disto, no contexto português e brasileiro, ser católico era pressuposto de cidadania, inclusive para receber sesmaria. O catolicismo implanta-se no Brasil como religião do Estado, sendo um dos elementos essenciais da empresa colonial portuguesa e funcionou sob o regime do padroado o qual manteve o aparelho

religioso sob sua tutela. Além disto, o catolicismo se implantou no Brasil, também, pela ação dos colonos, pelo fato de ter acontecido uma colonização através da migração de portugueses e espanhóis no século XVII.

O processo migratório introduziu no Brasil, o catolicismo popular português. Religião do Estado e dos colonos, o catolicismo se introduz no Brasil com a chegada dos primeiros portugueses, atestando-se o fato de terem os acidentes geográficos, os rios, as vilas e cidades o nome de santos, assim como o próprio Brasil recebeu o nome de “Terra de Santa Cruz” e, logo após o desembarque dos primeiros portugueses, uma missa foi celebrada em território recém-conquistado.

Os símbolos religiosos exprimem assim, a ocupação do território pelos portugueses e a gratidão dos marinheiros e colonos aos santos pela proteção durante a travessia do oceano. Desta maneira, ele vai se tornando parte do cotidiano dos colonos, além de assumir uma função social na organização da vida coletiva.

Beozzo (1992, P.112), comentando sobre a religião do povo brasileiro, assim diz:

Muito rica em suas manifestações, a religião do povo brasileiro brotava de três raízes: a herança das crenças medievais em que o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia-a-dia e que recebeu farta contribuição das culturas indígena e africana, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar e individual. Religiosidade que se transmitia em família, ou passava de pessoa a pessoa, numa troca de experiências do poder maravilhoso de certas orações, devoções e benzeções (...).

O catolicismo foi introduzido na América como parte da conquista colonial europeia, com a qual foram subjugados os povos indígenas e africanos, sendo constituído, então, o alicerce do moderno sistema mundial de mercado.

Nesse catolicismo luso-africano coexistem: o catolicismo patriarcal, o catolicismo popular – difundido na massa camponesa, constituída de índios destribalizados, escravos fugidos, ou mesmo os alforriados, mestiços, colonos empobrecidos – e um catolicismo popular urbano.

O autor citado, completa seu pensamento assim definindo o papel do padre: “(...) O papel do padre era relativamente pouco importante nesta religiosidade assentada sobre instituições e lideranças leigas; rezadores, benzedores, imagens milagrosas e objetos protetores tinham poder suficiente para resolver quase todas as situações”.

O catolicismo popular, oriundo de Portugal, foi ao longo do tempo sofrendo modificações. As diversas regiões do Brasil desenvolveram suas próprias tradições,

recriando e combinando fatos de seu cotidiano com os elementos religiosos de sua origem (indígena, europeu, ou africano).

Apesar das diversas diferenças encontradas, ainda hoje o Catolicismo Popular permanece vivo, não só nas periferias e favelas das grandes cidades como também no campo. É a partir da análise do Catolicismo Popular luso-brasileiro em sua forma tradicional que se torna possível entender melhor a realidade e a presença do Catolicismo Popular na sociedade moderna, no seio da Igreja Católica.

Santos diz que o Catolicismo formal se traduz em uma religião escatológica, de salvação, cujos padrões de santidade e conduta moral se alicerçam no outro mundo, enquanto que o Catolicismo Popular procura atrair os poderes do outro mundo para auxiliar o homem, aqui neste mundo, não existindo preocupação com a espiritualidade dos santos, e nem mesmo com padrões de comportamentos éticos, estabelecidos pelo Catolicismo formal. Deste modo, o “Catolicismo Popular é aquele em que as constelações devocional e protetora prismam sobre as constelações sacramental e evangélicas”.

Santos (1984) revela como elementos essenciais do Catolicismo Popular: a doutrina, a moral e o culto. Cita também, como elementos constitutivos do culto: os gestos corporais, os sacrifícios, os sacramentos, a oração, a prece, as festas, as peregrinações e os edifícios religiosos.

A História revela que a Igreja Cristã em sua época primitiva, embora tenha condenado a idolatria e os costumes pagãos, conservou, entretanto, muito do pensamento Greco-romano, e daí instituiu suas leis, liturgia e, assim: “(...) O cristianismo só rejeitou dos antigos cultos partes gangrenadas. Quase todas as religiões conservaram vestígios de verdades ou de práticas tradicionais que exprimem os verdadeiros sentimentos da criatura para o Criador”. (Santos, 1984, p.100)

Através da versão dominante, o cristianismo se institucionaliza, enfrentando crises ao longo de sua história, aprendendo a superar o conflito, transformando-se, hierarquizando-se, se apropriando dos símbolos tradicionais do sagrado e de acordo com a cultura das classes dominantes, faz com que as mesmas representem seu próprio mundo.

Da mesma forma, colocado às margens da Igreja dominante, o agente popular não participa da história da instituição que legitime sua opressão, ou dela participa superficialmente, e a partir de então, reinventa a história da religião com uma visão de seu próprio mundo – a cultura das classes dominadas. Assim sendo, o

fiel se relaciona diretamente com a divindade, com seus santos, e, é neste mundo místico que se manifesta o Catolicismo Popular.

2.2 Relação Entre Catolicismo Popular, Modernidade e Capitalismo

Como diz Durkheim (1996, p. VIII), a história é o único método de análise explicativa, para se chegar à compreensão das religiões. Diz, então, que é preciso se remontar à sua forma mais simples e primitiva para que se possa entender - como a religião se desenvolveu e complicou e a forma que adquiriu no momento considerado. Assim sendo, a compreensão do Catolicismo Popular remonta ao descobrimento e ao início da Evangelização no Brasil.

Portanto, como diz Bourdieu (1998 p. 52-53), em uma sociedade dividida em classes, a própria estrutura de representações e práticas religiosas inerentes aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e reprodução da ordem social.

Aconteceu assim no Brasil: de um lado os dominantes que se constituíram nos colonizadores, alicerçados pela Igreja Católica, como “Evangelizadora”; e do outro, os dominados, índios, negros e o povo simples que não detiveram terras, nem escravos.

Neste contexto, Hoornaert (1992, p. 246-248) bem retrata a situação: “A Igreja não era Igreja: era cenário...(...) era uma cristandade em conflito.(...)”. É neste mesmo contexto que se desenvolve o Catolicismo Popular no Brasil, em uma profunda contradição, pois a religiosidade presente na Igreja tradicional, na estrutura eclesial dominante, permitiu e sustentou o estabelecimento de uma sociedade não fraterna no Brasil.

O autor citado interpreta a história do cristianismo no Brasil, dizendo que as igrejas, capelas, santuários, da forma com que se nos apresentam, traduzem expressões de um movimento dialético entre uma cultura central (organizadores da Igreja-instituição) e uma cultura periférica (cultura popular). Diz, também, que historicamente ocorreu que a instituição eclesial começou a se organizar em capelas e igrejas e que os fieis foram chamados para ajudarem em suas construções, assim como auxiliarem na administração das mesmas, como padroeiros ou patronos (pessoas de posição social e posse).

A opressão se evidencia também no fato de que, conforme relata o teórico citado, os oprimidos exprimiram sua experiência em imagens, ou deram, sutilmente, significados próprios às imagens que os opressores trouxeram consigo.

Outrossim, o próprio oratório, capela ou igreja se manifesta como um espaço organizado em torno do santo, cujos lugares são ocupados de acordo com a posição social. Hoornaert (1992) informa que é difícil se entender a vida do povo a partir de um ponto de vista que não seja o do povo, assim como é impossível entender o simbolismo religioso popular sem se entender onde ele se encaixa ou se situa. O autor citado realça a importância de certos elementos contidos na vivência popular da cristandade colonial brasileira, como sendo, sobretudo, as confrarias e as festas e diz que:

O Brasil católico nasceu sob o signo das irmandades ou confrarias, também chamadas ordens terceiras. Estas irmandades exprimem o desejo, por parte do povo, de formar comunidades, de não se deixar reduzir a uma simples massa anônima e manipulada segundo os ditames da cultura dominante.

Também, nessas confrarias permanece o conflito, pois os interesses de brancos, pretos e pardos no Brasil são conflitantes.

As festas e demais manifestações populares presentes no período colonial e imperial sofrerão mudanças, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, em função da nova relação da Igreja Católica com a sociedade brasileira, conforme informa Silva (2000):

Se o século XIX é o ponto alto para essas festas, esse processo vai ser amplamente modificado no final do século XIX, a Igreja Católica irá modificar as suas práticas, o que vai também alterar sua relação de tolerância com as diversas manifestações festivas existentes no Brasil, calcadas no Catolicismo Popular. Algumas orientações vindas do alto clero católico determinaram essas mudanças.

No Brasil colonial e imperial, a união entre Igreja e Estado garantiu à mesma uma significativa parcela do poder que será alterada quando esta relação se modifica, na segunda metade do século XIX, quando ocorre uma maior vinculação da Igreja com Roma.

Neste momento histórico, para Fragoso, citado por Silva (2000, p. 69): "O pensamento da Igreja se dividia: de um lado, os ultramontanos, que seguiam fielmente a orientação do magistério da Igreja, e de outro, os liberais, segundo os

quais a Igreja devia desvincular-se da intolerância da sede romana, sem ser, tampouco tutora do Estado”.

No final do século XIX surge a “questão religiosa” que culmina com a explosão do conflito entre Igreja e o Estado, com a conseqüente “separação” entre ambos, na Constituição Republicana de 1891. A crise vai se projetar na reforma que acontece, então, na Igreja Católica.

É nesse contexto que se acentua o processo de romanização, que se traduz numa tentativa de reafirmação da autoridade papal que fora enfraquecida com a Reforma. Como Benedetti (1984, p.107), concebemos o fato de que, no plano político e econômico, a luta contra o Papado e a Igreja consistia, em verdade, em luta contra o Feudalismo.

Este processo significou transição do catolicismo colonial para o catolicismo universalista, no qual há uma total rigidez doutrinária e moral. “Para isso: - afirmação da autoridade institucional (papa e bispos) como única legítima sobre todas as formas de catolicismo, inclusive as populares” (Benedetti, 1984, p.108).

Com a romanização haverá exigência por parte da Igreja, de formação de um clero virtuoso, sábio, correto e obediente, capaz de controlar a fé (doutrina), as instituições, e a moral do laicato. Fica nesse contexto, a Igreja Brasileira ligada, quer institucionalmente, quer ideologicamente, às estruturas centralizadoras da Igreja Católica Romana, cuja sede do Papado localizava-se em Roma.

No final do século XIX, havia uma acentuada distinção entre a Igreja Europeia e a Igreja Brasileira, em decorrência de suas realidades diversas.

Na segunda metade do século XIX, ocorreram, no Brasil, profundas transformações, sem que, contudo, modificassem substancialmente sua estrutura social. Entre elas cita-se: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a cessação do tráfico de escravos, em 1850, a abolição da escravatura em 1888 e a entrada de numerosos imigrantes no sul do país. Importante, também, foi instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852, e as tentativas bem-sucedidas de industrialização, além do desenvolvimento do sistema de créditos.

Entretanto, tais transformações não alteraram o sistema de dominação vigente. A Igreja se moderniza para acompanhar as transformações de ordem ideológica e estrutural e servir à conciliação.

Esta nova adaptação da Igreja manifesta-se em sua aliança tradicional com os senhores da terra e criação de aliança com os comerciantes. Surge assim, a Irmandade Do Santíssimo, as Obras de Misericórdia, entre outras.

Neste período, segundo Benedetti (1984, p.114) aparecem:

Catedral, Irmandade e Obras de Misericórdia, construções católicas, feitas por padres e maçons, que se combatem arduamente no plano retórico, mas que na prática cotidiana, na trama do dia-a-dia, que constitui o exercício da dominação se entendem, se auto-sustentam, parecendo mesmo, em certos momentos, que a oposição ideológica, de caráter retórico, serve apenas para encobrir a realidade da colaboração prática.

Desta forma, no Brasil sentiu-se influência das transformações que ocorriam no mundo com o avanço das ideias republicanas, das ideias liberais maçônicas, das ideias da Revolução Francesa, do positivismo, no campo ideológico-político, além das transformações na estrutura econômica de produção, e que levaram a Igreja a se reformar e adquirir sua independência com relação ao apoio do Estado.

A Igreja no Brasil, diante deste contexto, se vê numa nova realidade: não pode mais contar com a submissão do fiel. Resulta assim, que se torna necessário que a tradição religiosa, antes imposta pela autoridade, seja colocada no mercado. E assim, se apresenta aquela situação retratada por Berger (1985, p. 149), anteriormente contemplada, acerca da situação pluralista, quando este autor fez referência a que a tradição religiosa, como efeito da modernidade, precisa ser 'vendida' para uma clientela a qual não está mais obrigada a comprar. Ratificando o dizer deste autor, a situação pluralista revela, em verdade, e, acima de tudo, uma situação de mercado. Isto, porque nela, o comportamento das instituições religiosas é o mesmo que o das agências de mercado, assim como, as tradições religiosas se apresentam como comodidades de consumo. Portanto, é a lógica da economia de mercado que domina esta situação.

Neste contexto, a Igreja Católica passa a orientar seu discurso e sua prática para a reprodução de bens para o mercado já assegurado. Nisto está contida uma estabilidade e que se reflete, também, em estabilidade social. "Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a 'legitimação' do poder dos 'dominantes' e para a 'domesticação dos dominados'". (Bourdieu, 1998, p.32)

Esta ótica de raciocínio leva à leitura da teoria de Bourdieu, pois a reprodução da dominação simbólica se torna eficaz com a reprodução das condições sociais que assegurem sua realização. Benedetti (1984, p.183) alicerça este pensamento,

pois entende que a manutenção do “status quo” favorece não só os grupos dominantes, como o próprio clero, pois reproduz o mundo que já dominam.

Evidencia-se que a Igreja Católica se posiciona, faz escolhas, para manter sua ideologia, cuja eficácia depende da sua atuação seguindo as regras do jogo em um campo simbólico, cuja luta consiste em descobrir estratégia de sobrevivência frente ao novo momento histórico, e para tal necessita controlar ideologicamente a sociedade através do habitus de seus agentes, que consagram e legitimam seu capital simbólico. Papel importante nesta estratégia teve a criação das Dioceses, em torno de 1908, quando teve início à 2ª fase da Reforma da Igreja no Brasil.

Nesse segundo período se processa a romanização da Igreja Católica, com a adoção do modelo “neocristandade”. Neste modelo o significado social do discurso ultramontano continua em prol da manutenção da ordem constituída, da manutenção do “status quo”.

O campo de ação de irmandades e associações é religioso e social, abrangendo as obras pias e caritativas, sendo que umas detinham o caráter puramente devocional. Enquanto outras, o caráter assistencial: surgem também aquelas que podem ser consideradas como precursoras da Ação Católica, cuja atuação se desenvolve em campos, como o da imprensa, entre outros.

O leigo é inserido no contexto com papel relevante de interesse religioso, pois é colocado em linha de frente para o controle da sociedade, podendo-se, aqui, utilizar a terminologia de Berger, citado por Benedetti (1984, p. 149): “Caracteriza-se a situação de monopólio religioso”.

Nesse contexto observa-se que não é intenção da Igreja alterar a estrutura social, pelo contrário, ela legitima a ordem existente e a justifica, implicando assim na teoria formulada por Bourdieu (1998, p. XVI) que diz: -“(...) a organização do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação”.

Aqui convém lembrar Bourdieu (2007, p.144) quando em seu conhecimento praxiológico, procurando explicar sobre o modus operandi da realidade, descreve que, o mundo social, através das propriedades e de suas distribuições, tem acesso, em sua própria objetividade, “ao estatuto de sistema simbólico que, se organiza segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em distinção significativa”. Através do conhecimento do mundo social, aqui visto em suas

categorias - dominantes e dominados – é possível perceber que o que está em jogo nesta luta política, é o próprio poder de conservar ou mesmo de transformar o mundo social, conservando-se ou transformando as próprias categorias de percepção deste mundo.

O discurso do catolicismo romanizado, desta forma, está inserido em um contexto em que a ordem social estabiliza a ordem eclesiástica, ou vice-versa.

No processo de romanização percebe-se a religião oficial como religião da classe dominante, subjugando e enquadrando a religião popular que se encontra inserida em seu contexto.

A religião popular se revela na relação de dominação senhorial e no nível simbólico fiel-santo. Neste sentido completa Benedetti (1984, p.185):

A classe senhorial é dominante, mas também hegemônica no sentido gramsciano: a classe dominante consente de forma ativa à dominação. Esta hegemonia é expressa simbolicamente pelo catolicismo: ir contra o senhor é atrair as maldições do céu. Além do que, afora o compadrio, o santo não deixa de ser um 'senhor' transfigurado de cujo fervor e benevolência se depende.

Este autor completa seu pensamento dizendo que, com a entrada da mão de obra livre, sobretudo a do imigrante europeu, a dominação pessoal do senhor foi substituída pela dominação impessoal do patrão. Assim resulta que as relações pessoais e cordiais e mesmo as sagradas são substituídas pelas leis de mercado.

Com a romanização, a ideologia religiosa passa à privatização da religião em práticas e representações e a salvação se torna responsabilidade do indivíduo, qualquer que seja seu lugar na ordem social. O céu, como prêmio, está ao alcance de cada um mediante seus esforços individuais. A vida na terra é estabelecida num plano cuja ordem social é estabelecida por Deus.

A Igreja, em sua prática religiosa, estabelece a expansão da assistência social, da escola e reproduz a divisão do trabalho, entretanto, o Catolicismo Popular continua presente.

“A Religiosidade Popular não desaparecerá. Ela se refugiará, diz Ribeiro de Oliveira, na esfera doméstica e privada. As práticas coletivas, quando sobrevivem, ficarão como mero enfeite ‘profano’ a ‘festa religiosa’ promovida pelo vigário.” (Benedetti, 1984, p. 196).

Ocorre desta forma, a existência de um catolicismo popular que se faz presente, nas rezas, violas, nos santos, nas medalhas, nas fitas, preservando assim

um sistema religioso comunitário, não eclesiástico, legitimado em sua produção simbólica e pelos seus praticantes, os quais se encontram inseridos em uma posição social definida, posição esta que se reflete e se mantém também no campo religioso. Nesse catolicismo, encontram seus praticantes a justificativa de suas posições na sociedade dividida em classes e nele fazem a representação de seu próprio mundo.

Brandão (1980, p. 226) afirma que:

A fala dos deuses é como a dos homens e a fala dos homens sobre seus deuses é a fala do homem sobre o homem através dos deuses. Todo discurso que funda uma teologia popular e que assim pretende classificar a estrutura social do sagrado é, na verdade, um discurso político que constitui ideologicamente a ordem de um social sacralizado.

Os fatos que se sucederam no Brasil, no período da segunda fase da Restauração Católica, a partir de 1920, que a história revela, reforçam o pensamento, refletido na teoria de Bourdieu (1998), de que, a religião cumpre uma função social que legitima a divisão da sociedade em classes, sobretudo, pelas atitudes de aliança entre Igreja e Estado, e em especial pela forma com que o povo foi manobrado para que ambos, Igreja e Estado, conseguissem atingir seus fins propostos.

Embora tenha ocorrido separação entre Igreja e Estado por força constitucional, não se pode negar a interdependência que sempre existiu e continua existindo entre ambos, ainda que, muitas vezes de forma velada, contudo, sempre presente.

O processo correspondente à romanização, na Igreja Católica foi modificado quando, na metade da década de 60, encerrou-se o Movimento de Restauração Católica Tridentino no Brasil e iniciou-se outro tempo, também em uma linha de “restauração”, a do Vaticano II, e que se expressa na “opção pelos pobres”. Foi uma nova Fase que se intensificou, na Igreja Católica, por certo período, tendo depois declinado.

Seguindo este pensamento, o Concílio Vaticano II se traduz em grandes avanços que a Igreja no Terceiro Mundo experimentou e se insere no conjunto sócio cultural e religioso eclesial da religião popular.

Apesar dos avanços na trajetória latino-americana, e em especial no Brasil, o processo eclesial se manifestou em uma linha de tensão entre normas excludentes ou assimiladoras e as práticas tolerantes. As normas, muitas vezes, discriminam e marginalizam manifestações autóctones e sincretismos populares, enquanto sistemas sócio religiosos presentes no Catolicismo Popular. Em uma perspectiva secundária, a

religião popular é tida como espiritualidade e como clamor do povo para uma verdadeira libertação, evidenciando-se o compromisso “fé e vida” no seio da Igreja Católica.

Com esta segunda concepção, a Igreja Católica no Brasil, em segmentos consideráveis na CNBB, seguiu um projeto desafiador, que se alicerçou na linha da “Teologia da Libertação”, cujo processo implicava, talvez, em longo prazo, em um rompimento com a estrutura vigente de dominação e a construção de uma nova ordem social fundamentada em uma sociedade fraterna, constituída na economia solidária¹³.

O Vaticano II coincidiu com a Revolução de 64 e a deposição do presidente João Goulart, com o uso da repressão e tortura pelo governo militar. A prisão, tortura e assassinato de clérigos ativistas e militantes leigos criaram a maior crise entre Igreja e Estado.

O declínio da Teologia da Libertação e o afastamento dos ideais propostos pelo Concílio Vaticano II coincidiram com novos desafios que se apresentaram na Igreja Católica, paralelamente à crise que se aprofunda, atualmente, na sociedade brasileira.

A sociedade se apresenta hoje, cada vez mais individualista, geradora de fome e miséria, as pessoas, antagonicamente, se apresentam crentes e descrentes, esperançosas e sem esperanças. As pessoas buscam na religião, sobretudo, no Catolicismo Popular, respostas às suas inseguranças e angústias.

A Igreja Oficial, dantes dominante, procura, hoje, se identificar no Catolicismo Popular, como forma de oferecer as respostas a todos àqueles que a ela recorrem. Contudo, em tempos de concorrência de mercado, é preciso que a Igreja Católica se atente para o fato de qual transformação sócio cultural, o povo nela procura, porque, a resposta, ela deve advir da própria procura do povo. Contudo, pode ser que esta estratégia não esteja contemplada segundo as regras do jogo neste campo simbólico, cujos fins sutilmente velados orientam para a luta pelo monopólio do capital econômico e, por conseguinte, do poder simbólicos.

Não é a resposta que do mercado advém, que o povo busca no Catolicismo Popular, porque, o clamor do povo busca e anseia por Justiça Social, por uma

13 De acordo com Serbin (2008), convocado pelo papa João XXIII, o Concílio Vaticano II, e, de acordo com René Latourelle, citado pelo autor, “indubitavelmente constituiu a maior reforma já realizada pela Igreja”. O decreto do Vaticano II sobre a formação eclesial, *Optatum Totius* (OT), forneceu uma poderosa justificativa para a revisão do modelo tridentino.

sociedade mais fraterna, por um mundo de Fé e de Paz. Não é a idolatria do mercado que o fiel, em Trindade, deseja, porque, esta não é a vontade que advém do povo, da multidão de fiéis, que querem que aconteça a transformação social através do Catolicismo Popular. Isto, porque, em tempos modernos, ele é a representação, simbólica de uma Igreja em Transformação. Tudo isto, porque, na concepção cristã católica, os santos de Deus assim o querem e o povo de Deus nisto acredita. É sobre isto que se discorre analisando a Festa do Divino Pai Eterno.

2.3 A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade

Falar do Fenômeno Religioso manifesto na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, é procurar falar do Mistério que envolve o contato de Deus em comunhão com o homem, através da gente simples, do Povo Cristão, desde os primeiros devotos, Constantino Xavier e Ana Rosa, até chegar aos dias atuais, com a beleza constante da presença que a cada dia se faz maior, do Romeiro do Divino Pai Eterno. É um momento indizível e sem par, quando se percebe que através da simplicidade do Devoto, que as próprias coisas e até mesmo o Lugar Sagrado parece que começam a falar.



Figura 4: Novena da Festa de 2015 (8º dia)

Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

A Festa do Divino Pai Eterno é celebrada anualmente, no primeiro Domingo do mês de julho, entretanto, nos nove dias que antecedem a Festa, celebra-se a Novena Solene, contudo, esta novena também acontece no decorrer do ano, enquanto que a Romaria ocorre com grande fluxo de pessoas, durante os dias de festa, apesar de, em menor escala, haver presença de romeiros durante o ano inteiro, em Trindade.

Notícias sobre o evento têm aparecido nos jornais de grande circulação, de Goiás, ano após ano, em especial, desde 2000, quando se fez estudos sobre esta festa para o Mestrado, observando-se o aumento de interesse cada vez maior a cada ano, pela mídia. As mudanças que ocorreram ao longo dos anos vão se delineando, entre outras formas, nos próprios artigos apresentados na mídia, nos últimos anos. Contudo, ressalta-se que, em referência ao quase raiar de 1900, no Jornal –“Santuário de Trindade”, publicou-se a seguinte matéria, que está contida na Revista da Arquidiocese de Goiânia (1958):

*REPÓRTER DE 1898*¹⁴

Assim era outrora...

Os romeiros vinham de longe, a pé ou nos seus jumentos para trazer os seus ex-votos ao Divino Pai Eterno. Hoje o panorama da romaria se modificou. Havendo mais gente, há também mais aventureiro, mais mascates, mais exploradores. De qualquer forma, o povo dá hoje como ontem muitas demonstrações de fé ao maior dos mistérios do cristianismo: A Trindade Santíssima.

Como se encontra diante de um contexto que envolve o específico religioso, não se pode ignorar que também se está diante de uma situação, na sociedade moderna, que envolve uma crise desenfreada e desencadeada por um processo neoliberal, cujo intuito é o de se confundir a religião no seio da sociedade, para substituí-la pela idolatria do capital.

Ocorre, entretanto, que se observa também em Trindade, no seio da Igreja Católica, haver um misto de comportamento e ações antagônicas que se manifestam em meio a este processo, de uma forma, em atitude de reação contra o sistema neoliberal que gera morte, miséria e opressão, em meio à sociedade, que, com uma atitude eclesial, se defende contra esta realidade. De outro lado, se observa, também, ações de uma Igreja que procura amoldar-se ao novo contexto, ajustando-se às práticas do Mercado, assim como, inserindo-se em meio à disputa

¹⁴ Convém observar que, ao que tudo indica, o artigo publicado na revista quis fazer referência a tempos antigos, e, por isto denominou a matéria de “Reporte de 1898”, porém a fotografia que acompanha este artigo, pode realmente retratar a época em referência. Entretanto, em 1898, parece que não tinha jornal, nem revista, em Goiás.

na concorrência pelo monopólio da fé, sem a percepção, consciente, que se está diante da própria idolatria do mercado.

Aqui se revela um campo de produção simbólica, pensado ao modo do conhecimento praxiológico, orientado por Bourdieu (2007), onde, agentes com diferentes *habitus* lutam inconscientemente, em um jogo, cuja disputa se volta ao monopólio do capital religioso, ou seja, capital simbólico, com fins de preservação do poder simbólico do qual se reveste. Neste campo de poder simbólico, as relações de força que nele lutam procuram garantir aquela força social implícita tanto na forma de capital econômico quanto capital religioso.

Destarte, nesta luta pela reprodução do poder religioso, no processo secular, contra o poder econômico, a Igreja se opõe à estrutura dominante que, no passado ela ajudou a legitimar. Hoje, a Igreja Católica a contesta e se organiza numa tentativa de modificar a ordem social para reestruturá-la em uma nova sociedade, justa, fraterna e solidária, ou seja, o Reino de Deus construído a partir de uma dimensão terrena. Com este comportamento, a Igreja se revela cumpridora daquela função social descrita por Bourdieu (1998) de estruturadora e legitimadora da sociedade. Busca-se, então, entender este processo, através da comunidade objeto desta pesquisa e que se revela na comunidade da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

A Cidade de Trindade está situada no Estado de Goiás, no Município de Trindade, e teve uma população estimada para 117.454 habitantes, em 2015, sendo que, no Senso Demográfico de 2010, do IBGE, esta população era de 104.488 habitantes, apresentando uma área de 710.821 quilômetros quadrados. O Município foi criado pela Lei 83/5 de 1943, porém a Cidade foi fundada pela Lei 825 de 1927.

O Município está localizado na região sul do Mato Grosso de Goiás, e está distante a 18 km oeste da capital do Estado, a Cidade de Goiânia. Trindade limita-se ao norte com Caturai e Goianira; ao sul com Abadia de Goiás, Guapó e Campestre; a leste, Goiânia e Abadia de Goiás e a oeste com Santa Bárbara e Campestre de Goiás.

O Município de Trindade é banhado pelos rios Ribeirão Fazendinha, Santa Maria, Pereiras, que divide Guapó e Trindade; Córrego Barro Preto, Barro Branco, Arrozal, que integram as bacias do Rio dos Bois e Anicuns. Pela proximidade com a capital, Goiânia, Trindade enfrenta problemas referentes ao êxodo rural, concentração urbana, assistência à saúde, educação, moradia, com expectativa de trabalho ligada ao setor da indústria em Trindade e Goiânia, assim como serviços, comércio etc.

As atividades econômicas do Município de Trindade se referem à agricultura, pecuária, comércio, indústria, serviços e outros, além de que, hoje o turismo, também

já se faz presente. Na agricultura destaca-se a produção de cana de açúcar, tomate rasteiro, laranja, arroz, mandioca, mamão, feijão e milho. Quanto à pecuária, esta se traduz em bovinos de corte e leite, suínos e aves para produção de ovos. Trindade é um município pobre, no qual, a grande maioria das pessoas vive de baixa renda.

Este pacato município é permanentemente visitado por Romeiros do Divino Pai Eterno, sobretudo nos fins de semana, e, em especial nas missas aos domingos. Entretanto, por ocasião da Festa, que se realiza, conforme visto, no primeiro domingo de julho de cada ano, a Cidade de Trindade se transforma para receber uma multidão de Romeiros. No trabalho referente à Dissertação de Mestrado, em 2001, a pesquisa revelou que, para os anos anteriores, a presença, na festa, era de mais de 800.000 pessoas. Contudo, uma emissora de televisão de Goiânia previu em 23 de maio de 2001, para a festa daquele ano, um aumento considerável na ordem de 10 a 20% de romeiros.

Se partirmos destes dados como referência para compararmos e constatarmos o crescimento considerável dos números de Romeiros nestes quinze anos, aproximadamente, e observarmos os dados fornecidos pela mídia em 2015, ou seja, a presença de 2,4 milhões de pessoas presentes nos 10 dias de festa, e, em especial, no dia da festa com a presença de 800.000 romeiros, veremos um crescimento real na ordem de 300%, ou seja, três vezes a maior o número de romeiros presentes, hoje, na Festa. Em 05 de julho de 2015, foi publicado em jornal local - O Popular - a informação de que, segundo os organizadores da festa, estiveram presentes cerca de 2,5 milhões de pessoas. Em 2016 a mídia publicou um índice maior, ou seja, houve um crescimento na ordem de 2,7 milhões de pessoas.

Outrossim, é importante ressaltar a dificuldade que existe com relação a se levantar dados precisos quanto ao número de Romeiros presentes ao longo dos anos, na Festa de Trindade. Inclusive, acerca desta dificuldade, ao que tudo indica, é enfrentada em nível nacional, comparada com as demais festas populares, haja vista existir, neste sentido, comentário publicado, em 05 de julho na mídia, no jornal - O Popular.

É relevante compararmos e verificarmos que o número presumido, correspondente aos romeiros presentes durante os dias de Festa em 2000, representa o número de Romeiro em um só dia, no dia da Festa em 2015, portanto houve um considerável acréscimo e que proporcionalmente tem aumentado de ano a ano a olhos vistos, o que pode levar a uma projeção de que Trindade poderá ter no Futuro uma das maiores Festas de religiosidade popular no Brasil, quiçá, no mundo.

2.3.1 Conhecendo a Romaria

Quando se fala da Festa de Trindade, evoca-se todo um olhar que se lança, com um misto de admiração, encanto, beleza e, que se liga a certo romantismo, porque faz lembrar o povo que caminha, ora a pé, a cavalo, em carros de boi, ônibus, carros, motos, bicicletas, mas sempre em grande número, em cantos, orações, ou mesmo em silêncio, porém, todos se dirigem ao Santuário, à “Casa do Divino Pai Eterno”, como diz o Romeiro de Trindade. Este romantismo está presente na paixão e fala do Romeiro, mas é contagiante e é percebida na própria mídia, na forma de se expressar de alguns repórteres.

A Romaria de Trindade nasceu do desejo do povo simples de se relacionar com o sagrado. Desta forma, surgiu com o casal devoto, depois seus amigos, vizinhos, com a oração, a louvação, o agradecimento e os pedidos, os primeiros milagres. As pessoas começaram a vir de longe, de todo o Estado, e, também, além do Estado. Uns vieram a pé, outros a cavalo ou em carros de boi. Dos pedidos, surgiram as promessas e delas o pagamento. Era preciso a oferenda em retribuição ao milagre concedido pelo Pai Eterno. Assim nasceu a Romaria ao Divino Pai Eterno.



Figura 5: Missa Solene da Festa em 2015

Fonte: www.paieterno.com.br/site/romaria/historia/

A manifestação da religiosidade popular, nesse primeiro momento, foi espontânea, ainda não se deparou com a hierarquia eclesiástica, era fruto da piedade popular e não obedeceu a uma organização prévia, porém, organizou-se com grande margem de liberdade de expressão popular. Esse foi o espaço sagrado onde o povo, realmente, manifestou sua expressão religiosa.

Um centro convergente de multidões, marcadas também pelo pluralismo religioso e eclesial, é o santuário de Trindade, situado bem no coração do Centro-Oeste brasileiro, que reúne cerca de 500 mil pessoas a cada ano, por ocasião da Novena do Divino Pai Eterno, festa que se celebra há mais de um século, nos nove dias anteriores ao 1º domingo de julho. (ZAVAREZ, 1999, p. 15)

O historiador Jacób (2000, p. 21) diz que a maior manifestação religiosa do Brasil Central, a Romaria de Trindade, iniciou-se de forma insignificante, no meio da gente pobre e esquecida pela classe política dominante, em pleno sertão goiano, em meados do século XIX.

O autor, de forma simples, relata o contexto da época:

Enquanto a doutrina positivista de Augusto Comte marcada pelo racionalismo, naturalismo, e liberalismo, aliada ao apelo da revolução industrial e ao manifesto comunista de Karl Marx conduzia, dominava e fermentava as mentes intelectuais criando castas governamentais (...) inclusive no sertão goiano, o povo esquecido sobrevivia em meios e miséria material e espiritual, pois também religiosamente estava abandonado. (JACÓB, 2000, p. 21)

Este paradoxo se projetou no sertão goiano, pois, de acordo com o autor citado, a gente do sertão, de forma inconsciente, se rivalizava com a vida na soberba Vila Boa, antiga capital de Goiás. Através do positivismo e da maçonaria, a elite era conduzida, influenciando, inclusive, algumas figuras religiosas, enquanto que, no dizer de Jacób (2000, p. 21-22) no meio do sertão, “uma gente simples, sem importância alguma abandonada num campo fértil à descrença, voluntariamente se reunia para rezar diante de uma medalha de barro e dar início a mais importante manifestação religiosa do interior do Brasil”.

O abandono material e espiritual em que esta gente se encontrava é consequência do processo histórico da colonização do Brasil. Minas Gerais e Goiás, no início do século XIX, se situavam em pleno esgotamento das minas auríferas e aos garimpeiros restou, como meio de vida, o cultivo da terra e a criação de gado.

Nessa época, prosperam pelo sertão, fazendas, vilas e povoados, nascendo estes à sombra de um cruzeiro ou de uma pequena capela onde se realizavam as “desobrigas da fé”, sendo essas, uma das características do Brasil Colonial. Os povoados existentes, então, em Goiás, conforme cita Jacób (2000, p. 47) eram, além da capital Vila Boa, Bonfim (Silvânia), Traíras (Niquelândia), Anta (Anápolis), Meia Ponte (Pirenópolis), Alemão (Palmeiras de Goiás) etc., citando, também, que os historiadores goianos são unânimes em dizer que os habitantes destes lugares, em sua maioria, procederam de Minas Gerais.

Segundo Jacób (2000, p. 48) por volta de 1810, o alferes meia-pontense Joaquim Gomes da Silva Geraes estabeleceu a sede de sua fazenda “num dos lugares mais aprazíveis do sertão goiano”, onde construiu uma capela a Nossa Senhora da Conceição, tornando-se, aí, o núcleo do povoado Campininhas das Flores. Esta, em 1932, seria escolhida para acolher a nova capital do Estado de Goiás – Goiânia, sendo a mesma hoje, um importante bairro da capital.

Com relação à Trindade, assim situa Zavarez (1999, p. 24):

Como área de ocupação humana, Trindade esteve ligada, até o ano de 1920, a Campininhas das Flores, atual Campinas, um dos bairros importantes de Goiânia. Com relação ao Barro Preto, hoje Trindade, teve como seu ponto de partida, uma capelinha dedicada ao Divino Padre Eterno. Antes disso o arraial era apenas um pedaço insignificante de Goiás sem minas de ouro e pedras preciosas, com cultura fraca de cereais e água péssima.

2.3.2 Do Medalhão de Barro à Imagem do Divino Pai Eterno

Não existe uma data precisa sobre o início da romaria, tampouco, registros documentais atestando a origem da mesma. Em decorrência disto há algumas versões que contam a história da Romaria do Divino Pai Eterno.

Para Jacób (2000, p. 51) da análise de documentos e fatos concluiu que há controvérsias sobre a data de início da romaria, entretanto, informa que em 1943, o arcebispo de Goiás D. Emanuel Gomes de Oliveira, comemorou, com os romeiros, o Centenário da Romaria de Trindade, tendo nesta ocasião, como marco do evento, lançado a pedra fundamental da nova igreja. Com relação à origem da medalha ou medalhão, igualmente, não há documentos oficiais que a comprovem, resultando, então que sobre ela, também existem diferentes versões.

A história mais comum e aceita nos dias atuais é a seguinte: Constantino Xavier Maria e sua mulher, Ana Rosa, enquanto roçavam um pasto, às margens do córrego Barro Preto, encontraram uma medalha de barro em que se via gravada a imagem da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora no céu. No Santuário Novo de Trindade, um enorme vitral recém-colocado conta esta versão; nele se vê um casal de camponeses no trato da terra, uma medalha de barro em suas mãos e sua representação no céu; a coroação da Virgem pelas Três Pessoas Divinas. Essa versão carrega um forte apelo à teofania, ao achado milagroso, a uma manifestação sobrenatural. (JACÓB, 2000, p. 54).

Enfatiza-se aqui que a ideia do “achado milagroso”, embora sem respaldo documental, revela um acontecimento que, como diz o autor citado, está inserido no conceito popular, podendo consistir em um fato acontecido ou criado pelo imaginário do povo. Entretanto, foi através do medalhão que se uniram a crença, as promessas, a curiosidade e o lazer que transformaram Barro Preto em importante centro de romaria conforme relata Jacó (2000, p.76). O casal Constantino Xavier manteve a medalha de barro em seu oratório particular, na qual se via estampada figura de Nossa Senhora coroada pela Santíssima Trindade. Diante dela rezavam o terço. No início os vizinhos começaram a participar da “reza”, depois outras pessoas também o fizeram.

Portanto, como em outros Santuários católicos brasileiros, o fenômeno ocorreu a partir de um fato simples, quase de repente, se projetando e se inserindo na história e na Representação do povo. Manifesta-se assim um fenômeno das massas que, segundo Jacó (2000, p. 75), “movidos por um ideal comum, em época certa, migram-se, desterram-se do seu lugar comum em busca da divindade adorada num lugar de predileção escolhido”.

Destarte, além da hipótese descrita de que em 1943, Dom Emanuel Gomes de Oliveira comemorou com os romeiros o Centenário da Romaria de Trindade, há também os argumentos divulgados pela Revista da Arquidiocese (1958) num artigo denominado: “Santuário de Trindade: Repórter de 1898”, em que foi publicada uma reportagem sobre a Festa de Trindade. A narrativa foi feita pelo Padre João Cardoso de Sousa C.Ss. R. Segundo o autor citado:

O nome de “barro preto” aparece pela primeira vez nos livros surrados do Arquivo de Campinas de 1848. Em 1850 a denominação do local da Romaria é “Barro Preto”, i.e, com letras maiúsculas. De 1854 em diante os assentamentos trazem os seguintes termos: “‘moradores em a SS. Trindade’ e ‘moradores na Capela da SS. Trindade’”. A primeira capela, na afirmação de Manuel Pio, era uma casinha coberta de burity”. A segunda capela, coberta de telhas, foi também construída por Constantino, portanto, antes de 1854. (SOUZA, *In*: Rev. da Arquidiocese, 1958, p. 6)

O autor citado afirma que o “Manual da Santíssima Trindade” informa que essa segunda capela foi construída em 1866. E diz, também, que esta data não tem procedência porque em 1864 Constantino faleceu. Partindo do pressuposto que 1848 tenha sido o ano de origem da romaria, acredita, então, que não haja prejuízo às outras afirmações. Entende que esta data se aproxima da conjectura de Manuel Pio a qual se refere, aproximadamente, a 1856. Diz então que:

Apenas 8 anos de diferença para uma cabeça cansada dos anos. Não se opõe ao atestado de óbito do fundador, que faleceu em 1854. Enquanto se pode fiar nos depoimentos dos homens, podemos também afirmar que em 1848 Barro Preto entrou na história. (SOUZA, *In*: Rev. da Arquidiocese, 1958, p.6)

Por não ser de região de minas de ouro, tampouco de pedras preciosas, com solo de cultura fraca de cereais, e péssima água, Barro Preto foi por muito tempo um local desconhecido em Goiás. Entretanto, o autor citado, em sua narrativa, diz que os moradores antigos de Trindade já contavam para seus netos que o medalhão foi encontrado no terreno local do Santuário, quando Constantino Xavier o estava roçando.

(...) Em 1848, Constantino Xavier e Ana Rosa, casal piedoso e devoto, expuseram ao público o medalhão de barro, representando as Três Pessoas da Santíssima Trindade, coroando a Virgem Maria. Manuel Pio assim se exprime: ‘A imagem com que elles principiarão a rezar o Terço em honra do Divino Pai Eterno, foi feita de barro em forma de uma medalha que tinha meio palmo de circunferência (como eu vi) n’esta medalha estava gravada as Imagens da Santíssima Trindade coroando a Santíssima Virgem Maria. (SOUZA, *In*: Rev. Da Arquidiocese, 1958, p. 7)

Outras versões existem além desta de que o medalhão teria sido achado pelo casal na lavoura, como por exemplo, a de que Constantino, sendo religioso, já o teria trazido consigo de Minas Gerais, como santo de sua devoção.

Nesse sentido, assim se manifesta Santos (1976) dizendo que a segunda versão, que é menos clássica, diverge apenas com relação à origem da medalha, pois, considerando-se que Constantino Xavier, sendo mineiro, chegou a Goiás em torno de 1830 com intuito de comprar terras e constituir família, conseguiu cumprir seus objetivos. Constantino comprou terras às margens do córrego Barro Preto, construiu casa, plantou roças, tendo se casado com D. Ana Rosa de Oliveira. Informa o autor citado que, D. Ana Rosa era natural da banda de Padre Souza, na região de Pirenópolis.

Em seu relato, este estudioso faz referência à região dizendo se tratar de sertão bruto, e informa a existência, neste sertão, da Paróquia de Campinas, desde

1843, embora pouco habitada, com cerca de 40 batizados por ano. Em seu depoimento diz que Constantino, como bom mineiro e sendo religioso, trouxe, de sua terra, o santo de sua devoção, assim o caracterizando:

(...) uma verônica representando as Pessoas da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora Maria Santíssima. Diante dessa medalha costumava reunir a família para rezar o terço. Aos poucos os vizinhos começaram a participar da devoção e Constantino viu-se obrigado a construir um rancho para abrigar os devotos. Este rancho, coberto de folhas de buriti estava perto do córrego e da estrada nova que ligava com Palmeiras, nos fundos da casa do atual zelador (...) (SANTOS, 1976, p. 53-54)

O autor citado comenta, ainda, que nesta “Casa de Oração”, de acordo com as anotações retiradas de livros de Batizados e Casamentos de Campinas, eram celebrados “atos de religião” pelos primeiros vigários de Campinas: Padre Basílio de Santa Bárbara Almeida e João Francisco do Nascimento. Conclui o autor dizendo que apesar das divergências acerca da origem da imagem, há consenso com relação à origem da cidade de Trindade: “(...) é de caráter religioso: em torno de uma capela”. (Santos, 1976, p. 53-54)

Embora não se possa precisar ter sido ou não achado o medalhão, o fato é que este existe e era de propriedade do casal Constantino Xavier e Ana Rosa, e, não se pode contestar, que eles foram os primeiros devotos do Divino Pai Eterno, em Barro Preto.

É relevante considerar que no ano de 2000, a pesquisadora, autora desta Tese, participando, em Trindade, de apresentação de um dos grupos de trabalho, este, acerca da “violência contra encarcerados”, em “Curso de Verão”, teve a oportunidade de ver e ter em suas mãos o Medalhão Sagrado, o qual é rigorosamente guardado pelos Padres Redentoristas como uma relíquia preciosa, a qual não se destina à veneração do público, portanto, guardada no acervo. Naquela ocasião, o Medalhão foi trazido, por breve momento, no decorrer da Missa, e, com Ele, o Sacerdote abençoou os presentes. Este fato aconteceu, em virtude de o Coordenador do Curso, um Padre vindo de São Paulo, ao tomar conhecimento da História de Trindade, pediu aos Padres Redentoristas que gostaria de ver o Medalhão e de abençoar a todos os presentes, no Curso, com a Medalha Sagrada, ao que foi prontamente atendido. Era um objeto de Barro, já gasto pelo tempo, em forma de Medalha, tal qual se vê na gravura que se apresenta na Capa do Livro de Jacób (2000). Esta medalha ocupou quase que todo o espaço referente à palma da mão.

Portanto, foi de uma forma simples, em meio à gente humilde, em pleno sertão de Goiás, que se originou a Romaria de Trindade. As pessoas foram se juntando, a princípio os vizinhos, depois vindos de longe, para rezarem diante da Imagem do Divino Padre Eterno. O grupo dos primeiros devotos formou a comunidade de Barro Preto – “os moradores na Capella da Santíssima Trindade”. Barro Preto cresceu e se tornou cidade: a cidade de Trindade. Surgiu dessa forma a grande devoção ao Divino Pai Eterno:

Verdadeiramente poético o arraialzinho do Barro Preto. Várias casinhas cobertas com folhas de burity. No centro, a capelinha, também de burity. À tarde, reúnem-se na casa de oração todos os moradores do lugar e das vizinhanças. Beijam reverentemente o medalhão. Dona Rosa entoia o “Bendita de Deus, bendita Maria ...” e o povo continua com terços, quintas e oitavas maviosas... O Divino Pai Eterno... abençoa os fiéis. Não tardam os milagres...Nasce o Santuário e com ele a Romaria...Ao longe o cantar plangente dos carros de bois. Muita gente no arraial...(SOUZA, *in* Revista da Arquidiocese, 1958, p. 6)

Em Trindade, com a reza do terço junto ao medalhão, em casa de Constantino, a fama de graças e milagres foi se espalhando pelo sertão e se expandiu, sendo que em 1843 foi construído um pequeno oratório denominado “Casa de Oração”, onde Dona Ana Rosa continuou entoando o canto Bendita de Deus, Bendita Maria, e cujas preces foram repassadas e ecoadas de geração em geração.

Nessa quase insignificante medalha havia algo extraordinário que atraía multidões cada vez maiores. Em torno dela começou a romaria, que cresceu rapidamente, se considerarmos a informação de que Constantino adentrou Goiás por volta de 1830, e apenas 13 anos depois, em 1843, era obrigado a construir a Casa de Oração. Isto porque o modesto oratório residencial já não comportava tanta gente que vinha dos mais distantes lugares venerar a pequena imagem a qual, inexplicavelmente, passaram a chamar de “Divino Padre Eterno”, numa referência única à figura de Deus Pai ali representado entre outras.

Mister se faz, aqui tecer um comentário sobre o culto ao Divino Pai Eterno, que se origina de uma medalha, na qual se vislumbra a Virgem Maria coroada pela Santíssima Trindade: O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Jacób (2000, p.83) considera este fato um enigma e, sobre este culto prestado em Trindade, questiona o porquê de se reverenciar o Pai Eterno.

Com relação ao culto ao Divino Pai Eterno no Santuário de Trindade, é oportuno dizer que em 2001, quando se concluiu a Tese de Mestrado cuja temática

recaiu sobre esta Festa, observou-se que este culto só se manifestava nesse Santuário, pois era o único no mundo. “Fora raros casos, não há festas populares a Deus Pai. Fora à exceção de Trindade, em Goiás, não conheço cortejos e, menos ainda, procissões ou romarias a ele”. (Brandão, 1989, p.26)

Ainda, com relação a ser o único Santuário que reverencia o Divino Pai Eterno, Jacób (2000, p. 246) assim se pronuncia:

(...) a devoção à Primeira Pessoa da Santíssima Trindade remonta dos primeiros dias da romaria, e foi inserida neste contexto por motivo cultural e social da época, e isto hoje dá uma singularidade universal a este Santuário. É o único Santuário da terra onde se venera a Primeira Pessoa da Santíssima Trindade, o divino Pai Eterno.

É oportuno ressaltar que após a chegada de um canal de Televisão Católico, para Goiás, em torno de 2001, aproximadamente, a mídia passou a interferir na projeção da festa, que de regional atingiu o âmbito nacional, quiçá, internacional. Com isto, pode ser que, apesar de o Santuário de Trindade ser o único com esta devoção, no mundo, entretanto, com a divulgação da devoção e da Festa, outras capelas ou igrejas podem ter surgido no Brasil em louvor do Divino Pai Eterno. Contudo, não se pode negar que, atualmente, a devoção atingiu o Brasil como um todo, sendo nítida a presença de Romeiros de várias partes do Brasil e de fora do Brasil, no Santuário de Trindade, existindo, inclusive a Associação dos Filhos do Pai Eterno (AFIPE), que indica, por si mesma, um grande meio nacional de divulgação da Devoção ao Divino Pai Eterno.

Sintetizando o pensamento do autor citado, na Romaria de Trindade se percebia, e ainda hoje se percebe nitidamente a manifestação do Catolicismo Popular. Este movimento religioso nasceu no meio do povo, e nele se mantém, entre o povo se formou e entre ele se solidificou.

No momento histórico da romanização, uma das ideias da reforma consistiu em substituir as devoções populares pelos sacramentos, e assim, era preciso que se substituísse o catolicismo popular, pelo catolicismo oficial segundo as normas instituídas pelo Concílio de Trento. Neste contexto, as manifestações populares de Barro Preto eram, segundo Jacób (2000, p. 103) consideradas como desvios.

Mas o fenômeno não sucumbiu, persistiu, persiste e, hoje, na época da Festa de Trindade, o Catolicismo Popular se manifesta de forma visível e admirável, conforme já bem o demonstrava o seguinte relato de Jacób (2000, p. 325):

(...) Uma outra manifestação de carinho do romeiro para com o Divino Pai Eterno, é a romaria do carreiro. Pessoas que, apesar da modernidade e da facilidade de locomoção, ainda fazem questão de vir à romaria em carro de boi... no século passado, começou a grande romaria. Neste século, até a inauguração de Goiânia e, posteriormente, Brasília, carros motorizados eram raridade em Goiás, o carro de boi foi o grande meio de comunicação. Porém, nos dias atuais, não justifica o seu uso, a não ser por tradição, ou por homenagem ao Divino Pai Eterno, coisa que acontece em Trindade.

Hoje quem vai a Trindade por ocasião da festa continua a perceber a riqueza das manifestações características do Catolicismo Popular, nas missas, novenas, procissões, manifestações, estas que estiveram presentes ao longo do tempo; que se perpetuaram em registros antigos ou que permanecem silenciosos no decorrer de cada ano, expostas na Sala de Milagres. Observa-se que, aumentaram também, as modalidades de romeiros, como é o caso dos cavaleiros que se separaram dos carreiros e fazem seu desfile em dias diferentes, assim como também existe a romaria das motocicletas e diversas outras formas com que os devotos demonstram seu amor ao Divino Pai Eterno.

Em se manifestando sobre o Romeiro e o Divino, Jacób (2000, p. 306) eterniza a presença do Catolicismo Popular quando testemunha:

E foi buscando ver com os olhos do romeiro da gente mais simples que vem louvar o Padre Eterno, que procurei entender uma declarada simbiose afetiva ente o fiel e a Divindade aqui buscada. Uma coisa íntima que leva o fiel, no momento de sua aflição ou de sua alegria, a criar gestos e a pronunciar preces nunca imaginadas... A primeira impressão, que depois vi ser corriqueira, foi de intimidade entre o devoto e a Divindade. Da parte do fiel há uma total liberdade de chegar, falar, gesticular, como se fala a uma pessoa. Não há constrangimento algum.

Nos diversos relatos da história da Romaria do Divino Pai Eterno, é comum encontrar-se referência a que foi construída uma segunda capela que substituiu a pequena Casa de Oração. Esta capela também foi construída por Constantino Xavier e sua mulher D. Ana Rosa. Consta, ainda, que o fundador da Romaria teria se dirigido à Pirenópolis com o Medalhão de Barro para ser retocado ou reformado. Nesta cidade Constantino entregou o serviço para certo Sr. Veiga, artista famoso e que foi identificado como sendo o artista José Joaquim da Veiga Valle. Porém, não se sabe o motivo, Veiga Valle em vez de retocar o medalhão, esculpiu a Milagrosa Imagem que se encontra no Santuário de Trindade e que representava uma réplica da gravura incrustada no Medalhão de Barro.

Conta-se, ainda, que Constantino encomendou o serviço a Veiga Valle, voltou a Barro Preto e, posteriormente, retornou à Pirenópolis para buscar a Imagem. A

história contada informa que, não tendo levado quantia suficiente para pagar o serviço, Constantino deixou como complemento seu cavalo arreado para acertar as contas, com o artista, voltando para sua cidade a pé, trazendo a imagem como um tesouro sacro e com muito cuidado e devoção. É comum ver esta narrativa contada nas missas pelos padres e apresentada em escritos e na própria mídia, fazendo parte da história do Santuário. Contudo, Jacób (2000, ps.261 a 291) discorda desta versão e apresenta suas argumentações, concluindo que:

Da mesma forma que as datas, essas ponderações não se ajustam para inserir na história do Santuário de Trindade, o expoente da arte escultórica goiana. Há que se rever esta posição pois, historicamente, podemos afirmar – com base na documentação que chegou até nós, e nas inúmeras ponderações que fizemos – que a Imagem do Divino Padre Eterno de Trindade não saiu do ateliê de Veiga Valle.

Outrossim, o historiador Jacób (2000, p.281) entende que comporta uma análise conclusiva esclarecedora que deveria ser elaborada por peritos a pedido da Arquidiocese de Goiânia. Dentre seus questionamentos apontam-se: 1) – Veiga Valle não morava em Pirenópolis, e sim em Goiás, na época da construção da segunda capela, ou seja, quando Constantino Xavier se ausentou de Barro Preto para restaurar o Medalhão de Barro; 2) – Pelas características de Veiga Valle apontado como homem bom e generoso, seu perfil não confere com o de um artista que teria recebido em paga, como complemento, até o cavalo arreado de um homem que encomendara uma imagem milagrosa para levá-la ao povo devoto, e deixá-lo voltar a pé para sua cidade; 3) – As imprecisões na imagem que não correspondem com as obras do artista, ele não faria uma obra imperfeita para uma imagem milagrosa.

A respeito da autoria da Imagem, do Divino Pai Eterno este autor apresenta sua hipótese, baseada na segunda versão acerca da origem do Medalhão de Barro:

Vimos pelo jornal “Santuário de Trindade” de 1924, que Constantino Xavier, quando veio de Minas, trouxe consigo o objeto de sua devoção, a medalha sagrada, com a qual iniciou a romaria.

Por que não pensar que, desgastada a medalha, teria ele voltado a Minas, justamente a procura do escultor dela ou outro santeiro conhecido para tentar a recuperação? (JACÓB, 2000, os. 281 e 282)

O historiador completou ainda seu raciocínio dizendo que:

Este escultor mineiro, achando improdutivo o trabalho, fez a imagem que, cerca de 50 anos depois, em 1898, Manoel Pio, cheio de incerteza em seu depoimento, disse que foi o “Sr. Veiga” quem a fez. Por que Manoel Pio teria citado o “Sr. Veiga”? Porque era um santeiro conhecido no sertão goiano naquela época. Embora morto em 1874, sua fama ainda existia

quando o zelador da igreja fez o relatório. Sabendo que a imagem foi feita fora de Barro Preto, conhecendo superficialmente a história da chegada de Constantino, a pé, Manoel Pio não teve dúvida em inserir Veiga Valle na mesma história. Isto é bem provável. (JACÓB, 2000, p. 282)

Destarte, do Medalhão de Barro à Imagem do Divino Pai Eterno, quer tenha sido o mesmo encontrado na lavoura ou trazido de Minas Gerais, elaborada por Veiga Valle ou por um artista anônimo, o certo é que existe um objeto sacro, venerado pelos Romeiros devotos do Divino Pai Eterno, em uma magnífica manifestação de Catolicismo Popular, em Trindade. Portanto, o Fenômeno Religioso, de fato, se manifestou na comunidade de Trindade, em um mundo do Mistério percebido na Devoção ao Divino Pai Eterno.



Figura 6: Medalhão de Barro e Imagens do Divino Pai Eterno

Fonte: *Rabelo Cláudia*, 2015

Segundo Durkheim (1996), o homem possui em si mesmo, em virtude de sua constituição própria e independente de quaisquer condições sociais, uma natureza religiosa. E como característica presente em tudo que é religioso, cita-se a noção do sobrenatural, entendendo-se como tal, a ordem de coisas que ultrapasse o alcance de nosso entendimento. O sobrenatural é, então, o mundo do mistério, do incognossível, do incompreensível.

Este Mistério é percebido através das palavras de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, hoje Arcebispo Emérito de Goiânia, quando em 26/04/2001, ainda Arcebispo, disse em entrevista para a pesquisa de Mestrado:

(...) E isso nós temos que, verdadeiramente, como goianos, agradecer a misteriosa presença da Imagem do Divino Pai Eterno, que nós chamamos – Deus Trino, Deus em Comunhão, Deus confiando na mulher – Maria, Deus em Maria, vindo habitar entre nós, para que verdadeiramente, a religião não seja uma religião alienada, de um Deus atrás das nuvens, mas a religião viva, a religião do Evangelho de Jesus Cristo, porque Ele é Deus conosco.

A própria história do Medalhão de Barro, encontrado em Barro Preto e que deu origem à Romaria, por si já demonstra a ocorrência de um fenômeno religioso que perdura há mais de duzentos anos em Trindade. É ainda, Dom Antônio em sua entrevista quem comenta:

(...) Todo aspecto de religiosidade ficou muito marcado. O Santuário de Trindade, com a descoberta, com o encontro daquele medalhão representando a Santíssima Trindade coroando Maria, primeiras reuniões para rezar o terço, primeiro rancho, a primeira capela, a primeira Igreja, o Santuário de hoje, é uma história que vai, assim, marcando a partir da simplicidade do povo, às vezes até de uma incompreensão do que significavam aquelas pessoas, mas foi passando, depois veio a iluminação teológica do Dogma da Trindade, mas sobretudo, hoje, a mística da Trindade como fonte da vida da família e da comunidade(...)

É a este mistério, que parece, Durkheim (1996, p. 82) se referiu, quando disse:

Se nem o homem nem a natureza possuem, em si mesmo, caráter sagrado, é que o derivam de uma outra fonte. Portanto, deve haver, fora do indivíduo humano e do mundo físico, alguma outra realidade em relação à qual essa espécie de delírio – que, em certo sentido toda religião é de fato-adquire uma significação e um valor objetivo (...)

Quando se observa no Santuário de Trindade, o Devoto diante do altar, olhando fixo para a Imagem do Divino Pai Eterno, percebe-se que o mesmo se extasia e fica como se estivesse encantado, sozinho diante do Pai, como se estivesse verdadeiramente enamorado, e, então se percebe que nesta atitude do devoto, se manifesta o fenômeno religioso, e isto, através do reconhecimento do mistério, ali presente. É então, que se revela o caráter Transcendente da realidade que tal atitude do Devoto encerra, como Fim Último – “o Mistério”, assim como se percebe a condição da realidade pela qual o Sagrado intervém na vida do homem, afetando-o de maneira incondicional.

O mistério é então compreendido como sendo aquela característica que Otto (1985, p.30) descreve como qualidade do Numinoso – “o Mysterium”.

Segundo este autor:

Mysterium significa qualquer coisa de secreto, algo que nos é estranho, incompreensível, inexplicável... mas esta realidade, ou mistério num sentido religioso, o verdadeiro *mirum*, é o qualitativamente diferente... aquilo que nos é estranho e nos surpreende, o que está fora do domínio das coisas habituais, compreensíveis, bem conhecidas e portanto, familiares; é aquilo que se opõe a ordem conhecida das coisas e, por isso mesmo, nos enche de surpresa e nos paralisa.

Prosseguindo o pensamento do autor citado, o Mistério é alguma coisa que cativa e fascina: “O mistério não é apenas surpreendente, mas também maravilhoso. Ao lado do elemento perturbador aparece algo que seduz e cresce em intensidade até produzir delírio, é o elemento dionisiano de ação do numen. Nós o chamamos de elemento fascinante”. (OTTO,1985, p.35)

Entende, ainda, o autor citado, que a beatitude implica em algo muito mais do que ser consolado, do que ter confiança ou provar a felicidade que está contida no amor, ainda que estes sentimentos sejam elevados ao mais alto grau. Por isto, a relação com o divino, à piedade íntima e a devoção cultural são incompreensíveis. Elas se referem ao Numinoso e Este como tal, não pode ser compreendido, pois como afirma Otto (1985, p. 29) “um Deus compreendido não é um Deus”. O eixo que determina a atitude religiosa, como Fim Último, é o “Mistério”, a realidade suprema. Por ele, o ser humano passa a se comportar de uma nova forma diante das atitudes anteriores com relação às realidades do mundo.

A presença do Absoluto, na vida do ser humano, o faz transpor barreiras, rompendo com o mundo, passando a viver em função da nova realidade, resultante de sua relação com o Sagrado – Ele é Devoto do Divino Pai Eterno! E, como tal, deixa sua casa e sai... , em Romaria, em caminhada, em carro de boi, a cavalo, de carro e, neste percurso, há momentos de pouso, de descanso, de alimentação, de festa, de lazer, sobretudo, de oração, de muita devoção, assim foi e é a Romaria do Divino Pai Eterno.

2.3.3 Da Casa de Constantino ao Santuário Basílica e a Construção de um Novo Santuário: O Espaço Sagrado

Quando se fala do Catolicismo Popular, em Trindade, em especial, na Festa do Divino Pai Eterno, evoca-se aquela misteriosa relação do Romeiro, com sua fidelidade e devoção para com a Divindade, em sua visita ao Santuário, na Casa do Pai, enfim, ele está em um espaço indizível, que se traduz no Lugar Sagrado.

O observador que se deixa contemplar, permanecendo parado no interior do Santuário, vê o devoto em silêncio, ora sentado nos bancos, ora em pé ou mesmo ajoelhado diante do Sacrário, ou diante da Imagem do Divino Pai Eterno, em atitude de adoração, de encantamento, de magia. O observador verifica, assim, que o fiel se sente de fato em casa, na Casa do Pai. Ali ele parece: conversar, escutar, pedir, ou mesmo chorar. E, na fila, ao beijar a fita que desce do Santo, ele o faz como se estivesse abraçando e beijando o Pai Eterno personificado. É o mistério que se vislumbra. É um momento mágico, místico, da criatura que parece estar diante do Criador. Ali, o fiel suplica, se realiza, fica feliz, chora e, muitas vezes, apenas se deixa ficar – ele está no Lugar Sagrado e em contato com a divindade. Nesse contexto:

Na geografia mítica, o espaço sagrado é o espaço real por excelência, pois, como se demonstrou recentemente, para o mundo arcaico o mito é real porque ele relata as manifestações da verdadeira realidade: o sagrado. É num tal espaço que tocamos diretamente o Sagrado – quer seja ele materializado em certos objetos... ou manifestados nos símbolos hierocósmicos. (ELIADE, 1991, p. 36)

Padre Vicente André, que foi Reitor do Santuário de Trindade disse, na apresentação de seu livro – “Conhecendo o Santuário do Divino Pai Eterno” - que:

“Na casa do Pai há muitas moradas (...) Vou preparar-vos um lugar para que estejais sempre comigo”.(cf. Jo 14, 2-3) (...) A Santíssima Trindade faz seu Santuário entre nós! A cidade de Trindade é ponto de chegada para todos que caminham movidos pela fé, buscando bênçãos e proteção. É ponto de partida para todos que foram acolhidos no coração misericordioso do Divino Pai Eterno e voltam revigorados, para viver o amor fraterno e construir a paz no dia da vida. (OLIVEIRA, 1999, p. 7)

O Santuário, em uma concepção do Cristianismo, traduz um Lugar Sagrado onde Deus (a Divindade) se manifestou aos homens. Desde o Antigo Testamento há referências dessas manifestações. Na História da Igreja Primitiva, nos primeiros séculos, os cristãos iam a Roma visitar os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo. Como o movimento era intenso do povo indo a Roma, diziam, então: “Romaria”, surgindo assim, o termo que ainda hoje é usado para aqueles que se dirigem a um Santuário. Dentre os muitos Santuários que existem no mundo, citam-se os famosos: Santuário de Lourdes, na França; Fátima, em Portugal; Compostela, na Espanha; Assis e Pádua, na Itália; Guadalupe, no México; Aparecida, no Brasil, e Trindade, em Goiás.

O povo de Deus é sempre atraído aos santuários. Alguns por curiosidade turística, mas a grande maioria é pela busca do mistério, do sobrenatural, do alívio para seu sofrimento, do milagre e, outras vezes vai simplesmente movido pelo desejo misterioso de chegar mais perto de Deus. É a busca! (OLIVEIRA, 1999, p. 14)

O Lugar Sagrado em Trindade envolve um Fenômeno Religioso manifestado em meio à gente simples do sertão, em uma época em que a própria presença do padre era muito difícil, em geral, por ocasião das “desobrigas da fé”, época em que o sacerdote visitava as localidades, em geral uma vez por ano, ou até mais, dadas as dificuldades pelo número reduzido do clero. Através da devoção a uma Medalha de Barro, com a reza do terço, em casa de Constantino Xavier e Ana Rosa, ali se tornou o primeiro Espaço Sagrado, onde anos depois seria erguido o Santuário do Divino Pai Eterno.

Por volta de 1840, já existia em terras de Campinas ou Campininhas das Flores (hoje bairro de Goiânia), um aglomerado urbano conhecido por Barro Preto. Conta-se que, em seus arredores numa olaria de propriedade de Constantino Xavier Maria, foi encontrado uma pequena imagem de barro, em formato de medalha, representando a Coroação da Virgem Maria pela Santíssima Trindade. De posse da medalha, o casal Constantino Xavier, levado pelo espírito religioso, juntamente com pessoas ali residentes, passaram a rezar o terço diante da imagem. Com o ajuntamento de mais pessoas para o ato religioso, Constantino Xavier construiu em 1843, uma capela coberta com folhas de burity. (g.n.) (JACÓB, 2000, p.s 54-55)

Configura-se neste e em inúmeros outros relatos que o momento inicial da devoção foi de fato na casa de Constantino e Ana Rosa, portanto, lá aconteceu o primeiro Lugar Sagrado, onde o devoto se encontrou com o Divino Pai Eterno. Com o passar do tempo o número de pessoas que sempre crescia, não comportava mais naquele espaço sagrado que era muito reduzido. Foi, então, que Constantino construiu a primeira Capela, simples, como o devoto, coberta de folhas de burity. A Romaria começou atraindo sempre mais pessoas, até que a Capelinha não mais comportava o número de devotos. Esta primeira Capela ficou conhecida como “Casa de Oração” e, foi, provavelmente, construída em 1843. Portanto, devido à necessidade de ampliar o Espaço Sagrado, Constantino Xavier construiu uma segunda capela, conforme se depreende do relato do historiador:

No relatório deixado por Manoel Pio, em 1898, há uma outra informação imprecisa quanto à construção de uma nova capela que teria substituído a pequena “Casa de Oração” de 1843. O zelador da igreja informa que a nova capela, coberta de telhas, foi construída por Constantino Xavier em 1866. Não procede a informação quanto à data, pois o iniciador da romaria morreu em 1854(...). (JACÓB, 2000, p. 263)

Com relação à imprecisão da data de construção da segunda capela, o historiador citado questiona apenas a data e não a autoria, afirmando que, em razão de haver uma escritura de doação de terras pelo casal e assinada por D. Ana Rosa, em 1850, aduz, então, que a segunda Capela,

(...) teria sido construída pelo casal Xavier (...) isto porque os padres seguiram a informação de Manoel Pio: "Considerando a devoção sempre mais crescente do povo, o dito Constantino Xavier e sua mulher Anna Rosa tiveram a ideia de construir, com as esmolas oferecidas à SS. Trindade, uma capella maior e mais decente, ideia que realizaram no anno de 1866 (!0)" (JACÓB, 2000, p. 263 -264)

Capela nova, espaçosa, coberta de telhas, que se destacava entre as humildes casas do arraial, conforme entende o autor citado, mas como a devoção crescia cada vez mais, logo também esta capela precisou ser substituída por uma terceira que nos informes de Manoel Pio foi construída entre 1876 a 1878 e segundo Jacób (2000, p. 282), o historiador mencionado teria indicado os nomes dos construtores das torres, altares, trono, arcos, etc. Desta capela, sabe-se que "era uma igreja muito pequena, com um único altar, o do Divino Pai Eterno." (Jacób, 2000, p. 282)

Em 1912 foi construído e inaugurado o Santuário Velho, hoje, Igreja Matriz. Esta Igreja passou por diversas reformas sendo que em 1980 seu estado de conservação era tão precário que, os jornais de Goiânia previam seu desmoronamento. Em 13 de outubro de 1980 o Diário Oficial do Estado de Goiás publicou a Lei nº 8.915, assinada pelo governador Henrique Santillo, que tombou para o Patrimônio Histórico do Estado, dentre outros, o Santuário do Divino Padre Eterno de Trindade. Através desta Lei, o Estado de Goiás assumiu toda reforma e pintura necessárias para manutenção do então declarado Patrimônio Cultural do povo goiano.



Figura 7: Santuário Velho do Divino Pai Eterno
Fonte: AFIPE



Figura 8: Santuário Novo do Divino Pai Eterno
Fonte: [Ernesto Augustus](#)

Em 1943, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, juntamente com os missionários Redentoristas lançaram a pedra fundamental do atual Santuário Novo. Nesta ocasião celebrou-se o centenário da Romaria de Trindade. Somente em 1957 é que foi apresentado um projeto para a construção deste Novo Santuário. De acordo com informações obtidas na INTERNET: Fonte – “Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre”, a realização da Novena e Festa do Divino Pai Eterno, neste local, começou em 1974. Observa-se que as obras ficaram interrompidas por alguns anos, com o Santuário Novo inacabado. Entretanto, a partir de 1994, iniciaram-se as obras finais do prédio e, com ajuda dos Romeiros e devotos, a construção foi finalmente concluída. Como etapa final, “a praça em torno do Santuário foi totalmente revitalizada, e uma grande rampa foi construída para facilitar o acesso de pessoas com necessidades especiais e automóveis até a entrada principal do templo”.

Como se vê na caminhada histórica da Devoção ao Divino Pai Eterno, desde sua origem, o crescimento do número de Romeiros é movimento contínuo e que aumenta a cada ano, acelerando-se o processo com a entrada da mídia, em torno de 2001. Antes a divulgação era local, com a participação da Rádio Difusora, depois chegou a Rede Vida e a dimensão de crescimento alcançou o patamar nacional, e até mesmo internacional, haja vista se encontrar hoje, entre os devotos, pessoas vindas de outros países. O fato é que, apesar da interferência da mídia, o crescimento em torno da Romaria é fato natural e histórico, considerando-se que desde o início da devoção o crescimento já acontecia.

Como já mencionado, a Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, se realiza a cada ano no primeiro domingo do mês de julho, e é precedida da Novena. Independente da festa, a Romaria acontece, em Trindade, durante todo o ano, isto, porque os Devotos chegam por caravanas, em Romarias, sobretudo nos fins de semana. Para a Festa chegam cerca de 2,5 milhões de devotos (2,7 milhões em 2016), vindos de todo o Brasil. Durante os dias da novena o Santuário fica repleto de devotos, entretanto o Espaço Sagrado abriga a todos, mas, nos últimos dias da novena, sobretudo na véspera, o número de fiéis ultrapassa a capacidade do Santuário-Basílica sendo necessário celebrar a novena, à noite, na Praça, na parte externa do Santuário. Como o recinto não comporta o número de fiéis presentes na Missa, com isso, os Redentoristas e a Arquidiocese de Goiânia já iniciaram a construção de um maior Santuário, para que os Devotos do Divino Pai Eterno possam louvá-lo em um novo Lugar Sagrado, com maior espaço e conforto. A Nova Igreja, que está sendo construída terá capacidade para acomodar seis mil pessoas sentadas, podendo acolher, em aglomeração, até dez mil fiéis.



Figura 9: Maquete do Santuário em construção Do Divino Pai Eterno (Sala dos Milagres)
 Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Relevante se faz considerar, ainda, a presença dos Redentoristas na Romaria de Trindade, em razão da dedicação e acompanhamento aos Romeiros ao longo de tantos anos. Vindos da Alemanha, os primeiros missionários, filhos de Santo Afonso, deixaram sua terra em 24 de setembro de 1894, rumaram ao Brasil, aqui chegando em 21 de outubro do mesmo ano. Em Goiás, chegaram a 12 de dezembro de 1894, Festa Litúrgica de Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira das Américas, com a difícil tarefa de conduzir o Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade.

Em verdade, os missionários vieram em um grupo maior, que, chegando ao Brasil se repartiu, ficando o segundo grupo em São Paulo, com a missão de conduzir o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Em Goiás, os Redentoristas ficaram em Campinas e em 29 de maio de 1985, aconteceu entrada oficial dos Redentoristas em Barro Preto. Em 1924, os Redentoristas passaram a ter residência fixa em Trindade – Goiás. Hoje, os Redentoristas administram a Paróquia e a Basílica de Trindade e se dedicam aos cuidados com os Romeiros do Divino Pai Eterno, na casa do Pai, no Lugar sagrado onde a Trindade Santa se manifestou.

2.4 Conflito Entre Missão da Igreja em Trindade e o Sentido Pretendido pelo Capitalismo

Não há como se inserir no contexto de um Catolicismo Popular vivo e autêntico, como o que acontece em Trindade, sem se lembrar que a proposta fundadora do Cristianismo se refere à Igreja como Povo de Deus. Esta Igreja ao se

manter fiel às propostas fundamentais de Jesus Cristo enfrenta, hoje, inúmeros desafios dados ao avanço do Capitalismo, entre eles a própria ameaça de Idolatria do Mercado, percebido naquele sentido de afastamento de Deus, da sociedade, para substituí-lo pelo deus Capital – o Dinheiro.

Evoca-se diante do Fenômeno Religioso que se manifesta em Trindade, através do Catolicismo Popular, a presença da Igreja de Jesus Cristo que se traduz em Missão, Graça e Mistério. Entender estes três aspectos é primordial para que se possa definir, assim como, perceber o propósito buscado de forma tão simples pelo Povo Devoto do Divino Pai Eterno. A mística que se sobressai é a mesma e advém da própria razão de ser do Cristianismo, que nasceu de forma simples e popular com os primeiros seguidores, caminheiros fiéis que, acompanhavam o Cristo nas estradas da Galileia e, depois pelos primeiros sucessores, como Paulo, nos caminhos de Corintos.

Procurando se definir o mistério contido nos Fundamentos do Cristianismo, consegue-se vislumbrar que, o Mistério da Luz em Jesus Cristo, presente no Amor do Pai, e na Força do Espírito Santo, manifestado na Trindade Santa, une em verdade o elemento Divino ao humano. Pode-se dizer, então, que existe uma lógica apresentada pela Igreja Católica e que explica ter sido em razão desta realidade que une o humano ao Divino, que o próprio Filho se encarnou na humanidade e se fez Deus e Homem. Foi porque amou tanto aos homens que o Pai se manifestou entre eles e, em Trindade, pelo Catolicismo Popular, a crença se manifestou através do Medalhão de Barro de Constantino Xavier e Ana Rosa, e, assim sendo, lá surgiu o Santuário Do Divino Pai Eterno.

Seguindo este pensamento, é possível perceber que em Trindade, a Devoção ao Divino Pai Eterno é Graça na Revelação do Amor Incondicional do Deus Uno e Trino que se encontra no diálogo, na abertura com o Fiel, em sua manifestação naquele Lugar Sagrado.

Em leitura alicerçada na ótica de Bourdieu (2007), o campo simbólico se apresenta, então, no espaço eclesial presente em Trindade, onde o povo se traduz naqueles agentes que, distribuídos neste campo, têm a ilusão de serem detentores da consciência de que constituem a Igreja, concretamente, desconhecendo o fato de que, em verdade, adquirem o habitus, inconscientemente, que os leva a reproduzir em si mesmos a própria estrutura eclesial. Neste patamar, as comunidades não percebem que como cultura popular muito se diferenciam da cultura dominante. Esta

cultura popular se manifesta em ações concretas, dos agentes, com suas representações festivas, barulhentas, alegres, poéticas, com cantos e orações que se consubstanciam em práticas simbólicas.

Neste campo, o Clero, com a autoridade que lhe sobrevém através do Sacramento da Ordem, representa a Instituição, com suas regras, e se mesclam, como agentes que são, com seus habitus específicos, movendo-se dentro deste campo com estratégias de lutas que consistem em se popularizar e viver sua vocação.

Analisando o Catolicismo Popular manifestado na Devoção ao Divino Pai Eterno, verifica-se que, se vive hoje em outra época cultural, bem diferente daquela na qual se originou a Devoção e a Romaria de Trindade. Dos tempos simples de Constantino Xavier e Ana Rosa, com a transformação célere da Modernidade, chegamos ao mundo que passa pela experiência da Secularidade, com fortes conotações capitalistas.

Diante desta nova realidade, apesar de toda beleza da manifestação de fé por parte da multidão de Romeiros, a Igreja Católica sabe que não pode acomodar-se frente ao crescente pluralismo religioso, ao ateísmo e à questão da invasão do “mercado religioso”, com a conseqüente competição entre os diversos credos. Para isso ela precisa reagir e buscar novas atitudes. É neste contexto que se verifica existir, por um lado, a Igreja inserida no Catolicismo Popular, com a manifestação do amor do Devoto pelo Divino Pai Eterno, na Casa do Pai, no Santuário de Trindade, e por outro, esta mesma Igreja, na mesma Festa, na mesma devoção, se apresentar com comportamento diverso e antagônico, envolvida no sentido da economia capitalista, embora, ainda que inconsciente, apresentando práticas mais condicentes ao mercado, como o espetáculo, o comércio, e que poderão vir a despertar a Idolatria do Mercado, se é que já não estão despertando, em conflito com os ideais cristãos.

Neste contexto está presente a dinâmica entendida por Bourdieu (2007), de que a visão do mundo social é concebida através de um Poder Simbólico, uma força invisível que determina as ações que acontecem no interior de um espaço, o campo simbólico. Esta força detém o poder de construção da realidade social, e o faz por meio de estruturas, as quais o sociólogo em questão, alude que este Poder Simbólico embora invisível, se representa por sistemas simbólicos, como a Religião,

por exemplo. Este poder é, a seu ver, um poder estruturante, porque é estruturado. Como poder estruturado, é representado por Instituições, como é o caso da Igreja Católica. É relevante considerar que, nesta ótica de pensamento, a Instituição, como poder estruturado se encontra na própria estrutura do campo, no qual se produz e reproduz a crença.

Portanto, o Poder Simbólico, definido por Bourdieu (2007) também como poder subordinado, é uma forma transformada e irreconhecível, transfigurada e legitimada de outra forma de poder.

No interior do campo simbólico constroem-se espaços sociais, onde ocorrem relações objetivas, abstratas, e que constituem a realidade do mundo social. Neste espaço simbólico ocorrem lutas pelo monopólio do poder, lutas orquestradas por uma ideologia que permanece invisível, ou seja, não aparece e tampouco se assume como tal, e, em razão de permanecer oculta, do seu desconhecimento, garante sua eficácia simbólica.

Na construção do objeto desta Tese, o campo é a comunidade de Trindade, é o espaço onde se realiza a Festa e a crença no Divino Pai Eterno. Os agentes sociais se apresentam de um lado, como povo de Deus, os Romeiros do Divino Pai Eterno e de outro, o corpo sacerdotal, representantes legítimos da Igreja Católica como instituição. A religiosidade popular se apresenta na dimensão cultural dominada, enquanto que os sacerdotes estão na classe dominante. O capital simbólico é o próprio capital religioso.

Aqui, também, se pode recortar outra classe neste mesmo campo de análise, espaço no qual se diferenciam as ações vistas através da luta pelo monopólio do capital simbólico que tanto se apresenta no capital econômico, como no capital religioso, propriamente dito. Neste recorte também estão presentes as lutas em defesa destes capitais, onde se defende por um lado o catolicismo autêntico, nos moldes doutrinários advindos de Jesus Cristo, e, por outro, um catolicismo que procura amoldar-se às perspectivas do mercado e se direciona para a questão da idolatria.

Em ambos os recortes os agentes se movimentam no interior do campo com *habitus*, naquele sentido indicado por Bourdieu (2007), que define este como aquela ação praticada pelo agente sem se preocupar com a conduta adequada, simplesmente se deixa levar pela ação do jogo, cujas estratégias já estão previstas para o funcionamento sistemático pretendido para o corpo socializado.

Na Festa de Trindade pela Fé e Crença do Romeiro, no Divino Pai Eterno, institui e constitui, segundo uma lógica, uma representação do mundo social, cujas estratégias asseguram e permitem compreender a eficácia desses grupos instituídos que têm como objetivo assegurar a defesa dos interesses de seus membros e das instituições que representam. Esta ação consagra e legitima a ordem, a existência deste Poder Simbólico, voltado ao Capital Religioso, assim definido:

É um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma fides, uma auctoritas que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (BOURDIEU, 2007, p. 188)

É neste patamar que coexistem atitudes antagônicas que se verifica em Trindade, no Catolicismo Popular, que revelam em momentos diferentes, tanto a fé em Deus Pai Eterno, como a Idolatria do Mercado, isto porque em se procurando caminhar por ideais cristãos, na luta pela sobrevivência institucional diante do avanço mercadológico, a Igreja Católica corre o risco de caminhar, em meio a essas ações antagônicas, contra os verdadeiros ideais cristãos. Isto acontece até mesmo em meio a momentos de realização Litúrgica.

Dependendo da forma com que se conduzam as celebrações na Devoção ao Divino Pai Eterno, a Romaria, pode, inevitavelmente, levar à ambiguidade do sinal, que, ao invés de ser simbólico da salvação e da graça, em verdade pode estar se transformando em momentos que mais se aproximam de negação e de condenação. Isto, porque, pode acontecer que, em lugar de louvores ao Pai Eterno, de certa forma, se esteja exaltando o ídolo do mercado, enaltecido pelo espetáculo contido no acontecimento, o que faz com que o momento sacro, em verdade, se ofusque e se torne um evento profano.

O Fenômeno Religioso que ocorre em Trindade, desde o momento primeiro de sua manifestação através do Catolicismo Popular, com a presença do Medalhão de Barro, em Casa de gente simples, no sertão goiano, revelam que para o Romeiro, o Divino Pai Eterno o acolheu e fez sua morada naquele Espaço Sagrado, e assim sua Comunidade, que é Cristã, encontra em Jesus Cristo seu Fundamento.

Em razão disto, a Igreja se torna, em Jesus, a expressão sacramental mais densa, porque o Filho é, em verdade, o Cristo, que com o Espírito forma a Trindade Santa que na Imagem Sagrada coroa Maria.

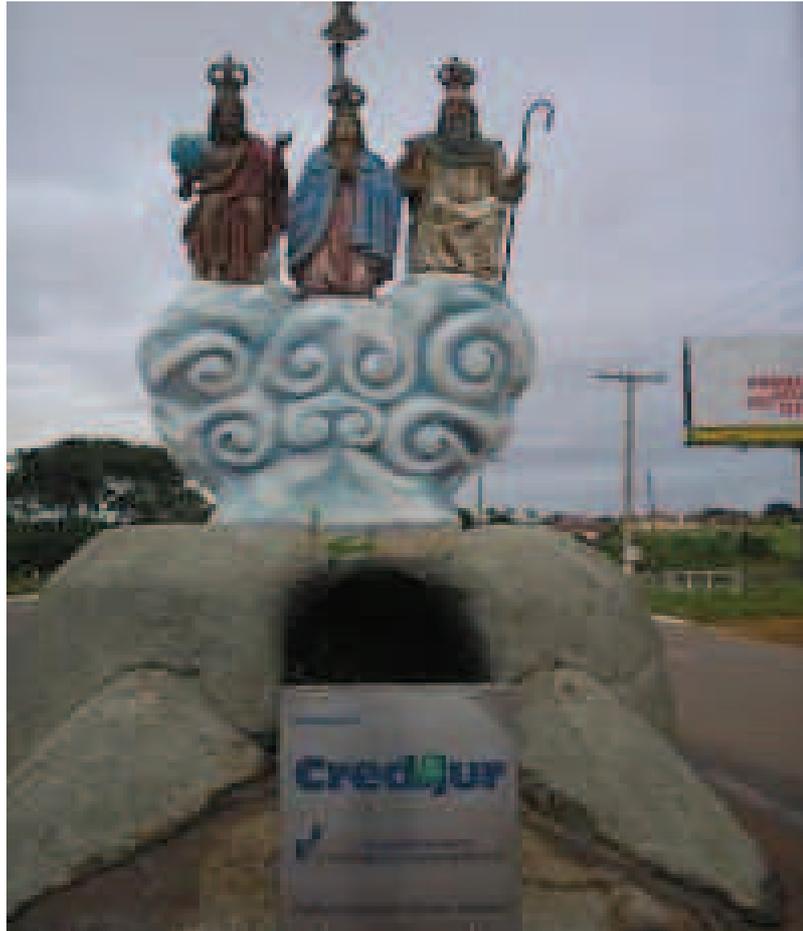


Figura 10: Imagem Do Divino Pai Eterno na entrada da cidade de Trindade, com Propaganda do Credjur

Fonte: IESA - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais -

Pela lógica contida no catolicismo, como fiel testemunho de Cristo, a Igreja Católica em Trindade, através da Devoção ao Divino Pai Eterno, deveria como Povo de Deus, e, como Povo do Evangelho, para ser coerente com sua proposta e seu fundamento, seguir sua missão, que é Graça, e ali, na Casa do Pai Eterno, naquele Espaço Sagrado se contrapor à ideologia do Capital, não permitindo que ali, através do espetáculo, como instrumento capitalista, ocorra a Idolatria do Mercado.

CAPÍTULO III

LANÇANDO UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O CATOLICISMO POPULAR NA FESTA DE TRINDADE

Teoricamente, já se apresentou, em momento anterior, o Catolicismo Popular, pretendendo-se agora analisá-lo à luz do Fenômeno Religioso, percebido na Festa de Trindade – Goiás. Para tanto, é relevante considerar-se que, o Catolicismo no Brasil nasceu e desenvolveu-se sob a proteção do Padroado português, e neste sistema perdurou inalterado por três séculos, desde o período colonial, dando ao catolicismo brasileiro uma conotação particular: ele manteve-se predominantemente leigo e nisto ele mantém, ainda hoje, muitos ou mesmo vestígios de seus aspectos originários.

No Catolicismo Popular, ainda em suas raízes, evidenciam-se dois aspectos relevantes, apontados por Azzi (1977), a saber: a) – Este tipo de catolicismo permitiu uma maior participação do povo, que o considerava como “coisa própria”, assumindo a iniciativa de diversas manifestações religiosas. São expressões de culto católico que se encontram tanto em âmbito familiar como na vida pública; b) – Este catolicismo apresenta um aspecto social proeminente. As manifestações religiosas impregnam toda a vida da sociedade colonial e a religião passa efetivamente a fazer parte do patrimônio cultural do povo. Portanto, o povo brasileiro é tradicionalmente católico e, o catolicismo, de fato, faz parte da sociedade e da cultura tradicional do Brasil. Estes aspectos perduram, em muitos sentidos, na atualidade.

Como alguns dos principais aspectos, oriundos do Padroado, através dos quais se manifesta o Catolicismo Popular, cita-se e se os define, seguindo a concepção do autor acima mencionado:

- Cruzes
- Oratórios
- Ermidas
- Irmandades
- Santuários
- Romarias
- Procissões

- Devoções
- Festas

Cruzes – Desde o início a Cruz serviu tanto como expressão da Religião Oficial como da Devoção Popular, entretanto com conotações diversas. A cruz foi utilizada, a princípio na Religião Oficial, como marco de conquista, como local de culto, etc. com finalidade de assinalar a presença de uma comunidade cristã, servir de lugar para devoções, preces, ladainhas e rosários, expressar culto à Paixão de Cristo, indicar sepultura e devoção às santas almas, entre outras.

Hoje, por ser a Cruz o Símbolo Central do Catolicismo, tanto Oficial como o Popular, permanece presente, nas Igrejas, no Santuário, em Trindade, nas Praças, nas Cerimônias, como Objeto não só de Culto, mas de Adoração. Inclusive, o Ato de Carregar a Cruz aos ombros, é uma prática ainda muito utilizada, no Catolicismo Popular, pelo Romeiro do Divino Pai Eterno, caminhante, que, ao final de sua jornada deixa o “Objeto de sua Fé” – a Cruz carregada -, em exposição na Sala de Milagres, em forma de agradecimento, ou sinal de que a promessa foi cumprida. São muitas as Cruzes que lá foram deixadas pelos peregrinos, conforme foi constatado nesta Pesquisa, em estudos “in loco”.



Figura 11: Cruz do Romeiro em exposição na Sala dos Milagres

Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Oratórios – Na linguagem canônica, o oratório serve para designar pequenos locais de culto análogos às capelas. São particulares se construídos pela piedade de uma pessoa ou família e públicos, quando reconhecidos pela autoridade, oficialmente, como locais de cultos.

Ermidas – No Padroado, a autoridade régia deveria controlar a construção de locais de culto, entretanto, o povo também assumiu um papel importante na ereção de ermidas. Ela é a designação da primitiva capela do Brasil, construída por iniciativa de um indivíduo particular ou de uma comunidade local.

As Irmandades e Ordens Terceiras constituíram a forma leiga mais comum de promoção do culto, no período colonial. A maioria delas tinha duas finalidades: religiosa e social. Progressivamente, criou-se entre as irmandades uma espécie de discriminação social (rico ou pobre).

Santuários - designa um local de culto que o povo transformou num particular centro de devoção. Em Trindade, aponta-se o Santuário-Basílica do Divino Pai Eterno, lembrando-se que um Novo Santuário, maior em tamanho, já se encontra em construção.

Romaria – é a visita do povo ao centro de devoção, seja como expressão de veneração ao santo, seja como cumprimento de promessas pelas graças já recebidas. Em Trindade ocorre uma das maiores Romarias que acontecem no Brasil, e é a única no mundo que reverencia ao Divino Pai Eterno, ou seja, ao Deus Pai, contudo, com esta denominação específica.

Procissões – Existem diversos tipos como: a) - as que expressam alegria e louvor, como as celebradas na Festa do Santo Padroeiro; b) – Procissões de orações, pelo bom resultado das colheitas; c) as de penitência, destinadas a evitar algum castigo; Existem procissões simples, feitas pelo povo, como no fim da tarde e as solenes, como na Semana Santa ou de Corpus Christi. São inúmeras as Procissões que ocorrem a partir do Santuário ou da Igreja Matriz, de Trindade, não apenas durante o ano em Celebrações Litúrgicas, como no decorrer da Festa do Divino Pai Eterno, como “Procissão da Penitência”, que vai da Matriz para a Basílica, durante os dias da Novena, e a “Procissão Luminosa”, que culmina com a Missa de Encerramento da Festa e que sai da Matriz, até a Praça da Basílica.



Figura 12: 1. Procissão Luminosa (Encerramento da Festa) / 2. Procissão da Penitência (Nos dias da Novena)

Fonte: AFIPE

Devoções – Enquanto na reforma tridentina a ênfase é colocada no aspecto sacramental, como no Catolicismo Tradicional; no Catolicismo Popular brasileiro revela-se o aspecto devocional. Em Trindade, ocorre – “a Devoção ao Divino Pai Eterno”, manifestada de formas diversas.

Festas – O aspecto social é inerente às festas religiosas. Ele inclui danças e representações de mistérios, músicas e fogos de artifício, quermesses, jogos e comidas típicas. Elas traduzem a grande oportunidade de o povo poder expressar sua fé cristã e ao mesmo tempo, poder extravasar seu desejo de sociabilidade. A Festa de Trindade encerra um grande momento religioso e social, que se estende para o Romeiro, do desfile dos carreiros ao comércio.

3.1 Elementos Caracterizadores do Fenômeno Religioso Manifesto em Trindade

Conforme já visto e percebido, segundo abordagem em Durkheim (1996), o homem possui em si mesmo, em virtude de sua constituição própria e independente de quaisquer condições sociais, uma natureza religiosa. Ele é o “Homo Religiosus”. Como característica presente em tudo que é religioso, cita-se a noção do sobrenatural, entendendo-se como tal, a ordem de coisas que ultrapasse o alcance de nosso entendimento. O sobrenatural é, então, para Durkheim (1996), o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível.

É no mundo do mistério que se percebe a presença do Fenômeno Religioso, na Comunidade de Trindade, na Devoção ao Divino Pai Eterno. Este fato é

percebido através da Pesquisa, em entrevistas realizadas com o Clero, sobre a Devoção e sobre esta Festa, cujo anonimato dos participantes, busca-se preservar. Em relação à consideração apresentada cita-se o depoimento de um Sacerdote:

Há algo escondido na Festa da Trindade que justifica e dá sentido a vida, cuidado na vida de oração e evangelização, todo esforço de condição do povo de Deus caminha para o Mistério da Eucaristia, o que já é na terra uma experiência do mistério que chamamos na fé céu, vida na presença de Deus na Comunhão dos Santos. Tenho medo que diante da beleza da Liturgia basílica, minha consciência fique adormecida diante de tantos outros que são apenas visto como numero ou a soma de mais um.

Gosto de ir à celebração no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno sentir o calor de tanta gente que sonha fazer contato com o sagrado e o faz a seu modo, mas quando volto para casa fico pensando naquele que mal dá conta de chegar, nas escadas do santuário e dali volta para sua casa. O que me alegra é saber que o Senhor conhece os pensamentos mais profundos e valoriza o “óbolo da viúva”. (PJO)

Buscando-se os elementos caracterizadores do Fenômeno Religioso, em especial, aqueles presentes no Catolicismo Popular, há que se fazer referência aos Símbolos, aos Signos, às Crenças e as Práticas Religiosas, em razão de que, as expressões religiosas, como os ritos, cultos, liturgias, sacramentos, devoções e sacrifícios, além dos mitos e do Lugar Sagrado que compõem os sistemas religiosos, também, traduzem-se em práticas simbólicas.

Atendo-se, ainda aos elementos caracterizadores do Fenômeno Religioso, é possível, dentro do Imaginário Social, concebê-los, também, na dimensão voltada aos aspectos Religiosos, Sócios Culturais e, ao Pensamento Racional Técnico Científico.

3.1.1 Os Símbolos Presentes no Catolicismo Popular na Festa do Divino Pai Eterno

No Imaginário Social, os símbolos ocupam lugar de destaque, haja vista, que, o Catolicismo Popular é uma das formas de expressão religiosa que desempenha as funções designadas por Bourdieu (1998) e Berger (1985), de ser instrumento de legitimação, de justificação e oferta de sentido, posição esta com a qual se concorda, levando-se, ainda em consideração, aquela ideia defendida por Berger (1985), de que o homem é um ser de sentidos. O homem percebe sua vida e a

representa de acordo com seus sentidos. Por ser ele, também, um ser social, as representações humanas, muitas vezes estão voltadas para o grupo social. De acordo com Houtart (1994, p. 73):

Nas expressões, o elemento afetivo desempenha o papel central porque significa uma autoimplicação, ou seja, que o indivíduo e o grupo se envolvem e se sentem comprometidos pelo ato, dando sentido a essa prática simbólica. Sempre é o grupo quem dá sentido à prática simbólica.

Nesta ótica de pensamento, entende-se que há uma relação entre o conteúdo e os símbolos: a função fundamental dos símbolos não implica em transmissão de um saber, todavia, é a reafirmação de um sentido. As práticas simbólicas, que se realizam com referência ao sobrenatural, constituem os símbolos religiosos. As práticas religiosas contêm a força de seu sentido, pois ajudam os atores sociais a se redefinirem e se reafirmarem como comunidades ou mesmo como grupos sociais.

Em observação feita nas Cerimônias Religiosas, no Santuário de Trindade em 1999, e, novamente, em 2015, pela Pesquisadora, autora desta Tese, em ambas as oportunidades, manteve-se a mesma opinião, pois, não houve mudanças neste sentido, isto, porque o relacionamento entre o Devoto e a Divindade, parece inalterável. Assim sendo, em Trindade, durante as celebrações no Santuário do Divino Pai Eterno, durante as Novenas, nas Missas e na Festa, observa-se a coesão do grupo, dos Romeiros, que, formando uma única massa viva, unidos pela fé, pelo respeito, e pela crença, participam de todo o ritual, como que extasiados. Ali contemplam o sagrado e o vivenciam como se o tivessem vendo materializado.

Os símbolos conseguem transmitir a presença da Divindade, dando a cada devoto, individualmente ou coletivamente, a reafirmação de um sentido. Ali, todos se sentem importantes como em uma família, todos são filhos de um mesmo Pai, que é o Divino Pai Eterno, e N'Ele encontram proteção e respostas às suas inseguranças e angústias. Nesses momentos, a Fé os une, há uma afetividade entre eles, pois todos se consideram irmãos em Cristo e todos se sentem comprometidos no ato, dando, assim, sentido à prática simbólica. Então, nesse momento, esses atores sociais, os Devotos do Divino Pai Eterno, se redefinem e se reafirmam como comunidade, como grupos sociais.

Ao se lançar um olhar sobre a Liturgia, durante os dias da Novena, em 2015, verifica-se que a própria temática desenvolvida, orienta o Devoto para a vida em

Comunidade, seja ela Comunidade Igreja, Família ou Social. Os Temas refletidos durante os dias da Novena foram relacionados com os sete Sacramentos, que são considerados sinais da presença de Cristo na simbologia da Igreja Católica.

Ressaltando-se o sentido de os Devotos se reafirmarem como Comunidade, na Casa Do Pai Eterno, destaca-se da observação “in loco” que, na noite do dia 27/06/2015, segundo dia da novena, estava o Santuário repleto de devotos para assistirem as solenidades. Presente o Arcebispo Dom. Washington Cruz, que presidiu a cerimônia a qual constou, além da Novena, de Missa e Bênção do Santíssimo Sacramento. Iniciou-se a cerimônia religiosa com um cântico de acolhida, desejando a todos os presentes boas vindas à Casa do Pai.

Ainda, através de observação direta, verificou-se que na Homilia foi reforçada a ideia de que é o grupo social, a comunidade de irmãos que se encontra no Santuário, isto é, na Casa do Divino Pai Eterno para suas devoções, devoções estas que são fortalecidas pelas práticas simbólicas.

3.1.1.1 A Diversidade de Símbolos e os Signos na Devoção ao Divino Pai Eterno

Considerando-se que a religião, vista através do olhar de Geertz (1978), “é, em parte, uma tentativa (...) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta”, e que, tais significados só podem ser armazenados por meio de símbolos, além de que, é o conjunto de símbolos sagrados, segundo este autor, que, “tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso”, é sobre a diversidade de símbolos contidos na Devoção ao Divino Pai Eterno, que se detém neste tópico.

Na Festa de Trindade há uma riqueza de símbolos presentes em todos os ritos, seja pelas cores, pelos objetos sagrados, seja nas representações litúrgicas. Cita-se a seguir alguns símbolos mais significativos, seguindo esta ótica de entendimento, acrescentando aos mesmos seus significados enquanto signos:

O Santuário – significa a Casa do Pai, onde Deus fez a sua morada, ali escolheu o Lugar Sagrado, para se comunicar com os homens. Ali é o Lugar da Manifestação do Fenômeno Religioso. O Santuário é repleto de significados e é significante, e a sua figura vislumbrada interna e externamente, fala por si a sua significação. Por isto, o Santuário – o Templo – é Signo, e por se auto revelar é também Símbolo.



Figura 13: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno: 1. Vista externa / 2. Interior da Basílica

Fonte: 1. @ladoalto; 2. *Rabelo Cláudia, 2015*

O “Questionário” apresentado aos Romeiros, para esta Pesquisa (Universo de 116 pesquisados), revelou, através das respostas, uma ideia significativa do que simboliza o Santuário, ou mesmo a Romaria do Divino Pai Eterno para o Romeiro. Ressalta-se que a pergunta, de nº 08, foi a seguinte: – Para o Senhor (a), o que representa a Romaria ao Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade? O Quadro abaixo indica sínteses de relações de sentidos apontados pelo Devoto, observando-se que alguns pesquisados especificaram dois ou mais sentidos.

Quadro 1: Relações de Sentidos

ROL. DE SENTIDOS ¹⁵	Nº DE PESQ.	ROL. DE SENTIDOS	Nº DE PESQ.
Fé	44	Sacrifício	02
Devoção	19	Tudo	01
Alegria	12	Caridade	01
Gratidão	12	Casa abençoada	01
Crença	06	Casa de Jesus	01
Festa religiosa	07	Casa do Pai	01

¹⁵ Ressalta-se a seguinte resposta a este quesito: "A Romaria para mim, é a repetição do Testamento Bíblico, onde o povo ia a Jerusalém uma vez ao ano, para adorar a Deus. A ideia que se tinha, é que Deus morava apenas ali, naquele templo. Para mim, a Romaria passa essa ideia, de ir ao encontro do Pai, naquele Santuário. Infelizmente, a colocação da própria Igreja, como sendo uma devoção a um santo, não deixa isso transparecer muito bem. Para mim é um pouco confusa essa ideia de devoção ao Pai Eterno. No meu modo de ver, não deveria ser assim. Deveria esclarecer que o Divino Pai Eterno é o próprio Deus. Inclusive, já vi na minha própria família, tios bem mais idosos dizerem: 'abaixo de Deus, só o Divino Pai Eterno'. Ou seja, o Divino Pai Eterno, não é Deus, para muitos."

RESULTADOS ALCANÇADOS: À exceção de: Lugar de Ajuda (03); Diversão (01); Lugar de Oferta (01) e Paga de Promessas (01), que podem ser interpretados no sentido material, todas as demais indicações estão inseridas em sentidos religiosos. A pesquisa revela, assim, que existe relação íntima do devoto com o Divino Pai Eterno que experimenta aquela atitude do Ser Humano diante da Divindade.

Cont.

ROL. DE SENTIDOS	Nº DE PESQ.	ROL. DE SENTIDOS	Nº DE PESQ.
Amor	06	Comoção	01
Momentos de reflexão	05	Busca de algo maior	01
Felicidade	05	Diversão	01
Casa de Deus	04	É uma família	01
Tradição	04	Fidelidade	01
Lugar de ajuda	03	Lugar de oração	01
Lugar de louvor, lugar de encontro e Adoração	03	Com amigos	01
Milagres	03	Lugar de penitência	01
Muita coisa boa	03	Minha casa	01
Paz	03	Lugar de oferta	01
União	03	Lugar de paga de promessas	01
Caminhada	03	Lugar de proteção	01
Casa do Senhor	02	Templo de Paz	01
Encontro com Deus	02	Santuário do Pai	01
Esperança	02	Vínculo com o Divino	01
Emoção	02	Pouco conhecimento pela limitação	01

Além destes sentidos acima reproduzidos, a seguir aponta-se, dentre os diversos outros indicados pelos pesquisados, e todos relevantes, alguns considerados dignos de nota:

É uma coisa inexplicável, é um prazer, é uma ponte que se faz, que aproxima as pessoas umas das outras, além da Fé. É o prazer de participar, só parar, depois de não dar conta.

Muita coisa tem a Fé, sai de casa e vem ficar aqui com o Divino Pai Eterno que está em todos os lugares, mas aqui é diferente, reúne o Povo que é e faz a Igreja.

A Cruz – utilizada em todas as cerimônias sagradas é o símbolo, como também, é signo e como tal, é sinal de Salvação para o Cristão Católico. O Cristo morreu na Cruz, e, Nela salvou o mundo. Como Signo revela o sinal da Vida Eterna.

Em Trindade, na Nave central do Santuário se vislumbra em lugar de destaque, a Cruz de Cristo. Ela está colocada logo atrás do Altar, no alto de um patamar de parede branca, culminando em forma de semi-círculo, logo abaixo da Imagem do Divino Pai Eterno e acima do Quadro de Nossa Senhora do Perpétuo

Socorro, isto, em lugar central e de destaque, estando a seu lado os símbolos da Basílica, como a Umbrela, à direita, do Crucifixo.

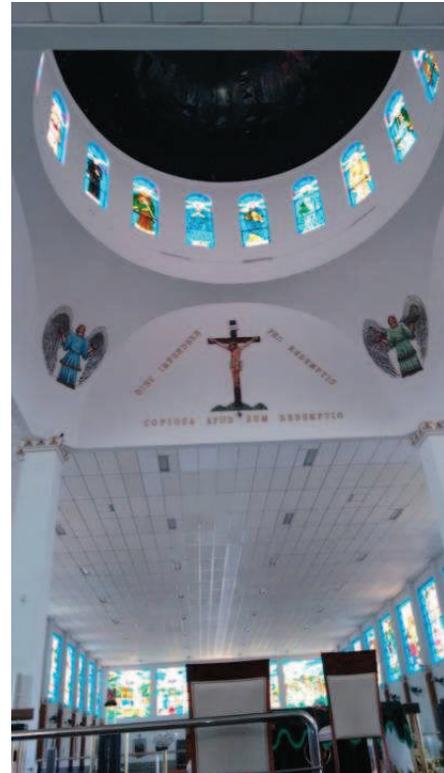
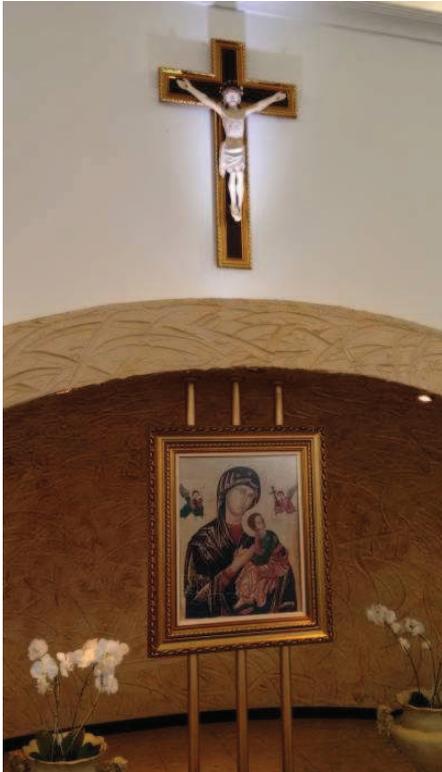


Figura 14: Cruz de Cristo no interior do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno
Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Na parte inferior da abóbada deste Templo, acima do Altar, bem alto, se destaca pintada na parede, a Cruz Redentora de Cristo, ladeada por dois belos Anjos. Destaca-se, ainda, que, o próprio Santuário de Trindade foi edificado sobre a forma da Cruz. A Cruz relembra o Calvário, a dor, o sofrimento, mas, lembra e significa, também, a esperança, as promessas de Vida Eterna – a Ressurreição de Cristo.

Em todos os momentos litúrgicos, na entrada do Celebrante, vai à frente, solenemente, a Cruz de Cristo. Ela adentra em primeiro lugar e permanece no Altar durante toda a Celebração, sendo retirada, solenemente, na saída do Celebrante, no final da cerimônia, ou seja, ao término do rito.

O Sacrário – é o Lugar Sagrado “Por Excelência”, pois é lá que se guarda a Hóstia Consagrada, Significado profundo que revela o Cristo Vivo, o Filho de Deus Feito Homem. Como para o Católico, o Cristo presente na Hóstia Consagrada, dentro do Sacrário é vivo e real, por isso, o Sacrário é o Tabernáculo onde habita Deus.



Figura 15: Sacrério na Capela do Santíssimo – parte interna do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno

Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Em Trindade, quando se preparou a Pesquisa para a Dissertação de Mestrado, isto em 1999, o Sacrério estava localizado atrás do Altar, abaixo do Crucifixo, no fim da Nave Central e, abaixo da Imagem do Divino Pai Eterno. Em 2015, até o momento presente, o Sacrério está colocado em Capela própria, do lado direito do Altar, lugar reservado e denominado “Capela do Santíssimo”.

A Lâmpada acesa ao lado do Sacrério – Além de símbolo é o signo que indica a presença de Cristo – Luz do Mundo – “a Luz que não se apaga”.

No Santuário de Trindade, assim como em todas as Igrejas Católicas no mundo, existe esta lâmpada, que, quando está acesa, assinala, para o Católico, que há Hóstia Consagrada, há presença do Cristo Vivo e Real, esta lâmpada, nestas condições, permanece acesa. Quando está apagada é porque não tem Hóstias Consagradas. Esta Luz também revela a Paz.

A Imagem do Divino Pai Eterno – esta Imagem, conforme já visto, foi feita no passado para representar o Medalhão de Barro, que foi de Constantino Xavier e Ana Rosa. É o símbolo do Divino Pai Eterno. Esta simbologia, a adoração de um Deus que é Pai – O Pai Eterno, como já informado, é a única no mundo.



Figura 16: Benção com a Imagem do Divino Pai Eterno por Dom Antônio Ribeiro de Oliveira – 1999

Fonte: Arquidiocese de Goiânia.

O Medalhão do Divino Pai Eterno – este Medalhão não está exposto aos fieis. Tal qual a Imagem do Divino Pai Eterno tem uma tríplice representação da Divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e as Três Pessoas Divinas coroam a Virgem Maria.

Além de símbolo, o Medalhão é signo e que revela os Dogmas:

- A Trindade – um Deus em três Pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- A Unidade – as três Pessoas são, em verdade, um único Deus.
- O Pai – O Pai Eterno protege, abençoa e ama a seus filhos – os Devotos.
- O Filho – que também é Deus, se fez Homem e se tornou irmão de toda a humanidade.
- O Espírito Santo – que é o próprio Espírito de Deus e que paira sobre o mundo, sobre Trindade e abençoa os Romeiros.
- Maria – Mãe e Protetora – é a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – devoção do Romeiro, em Trindade. É a Mãe de Jesus.

A Bíblia – O Livro Sagrado é símbolo e signo, e, como signo, indica a “Palavra de Deus”, “O Verbo” e, esta Palavra é sempre atual. Ela é interpretada no contexto do momento histórico em que é transmitida.

Em Trindade, nas celebrações, a “Palavra” (a Bíblia Sagrada) entra sempre solenemente, destacada por diversos símbolos, entre eles, velas acesas (como signo é a Luz de Cristo), que acompanham o Livro Sagrado. Depois de proferidos Textos Bíblicos, Ela é reinterpretada nas Homilias, através de mensagens de vida, de denúncia de opressão, de esperança, de conversão ou de transformações sociais.

Os Vitrais do Santuário - contêm símbolos e signos que representam desde as figuras Sagradas, contidas no Medalhão, passando pela História Sagrada, até os Romeiros sendo abençoados.

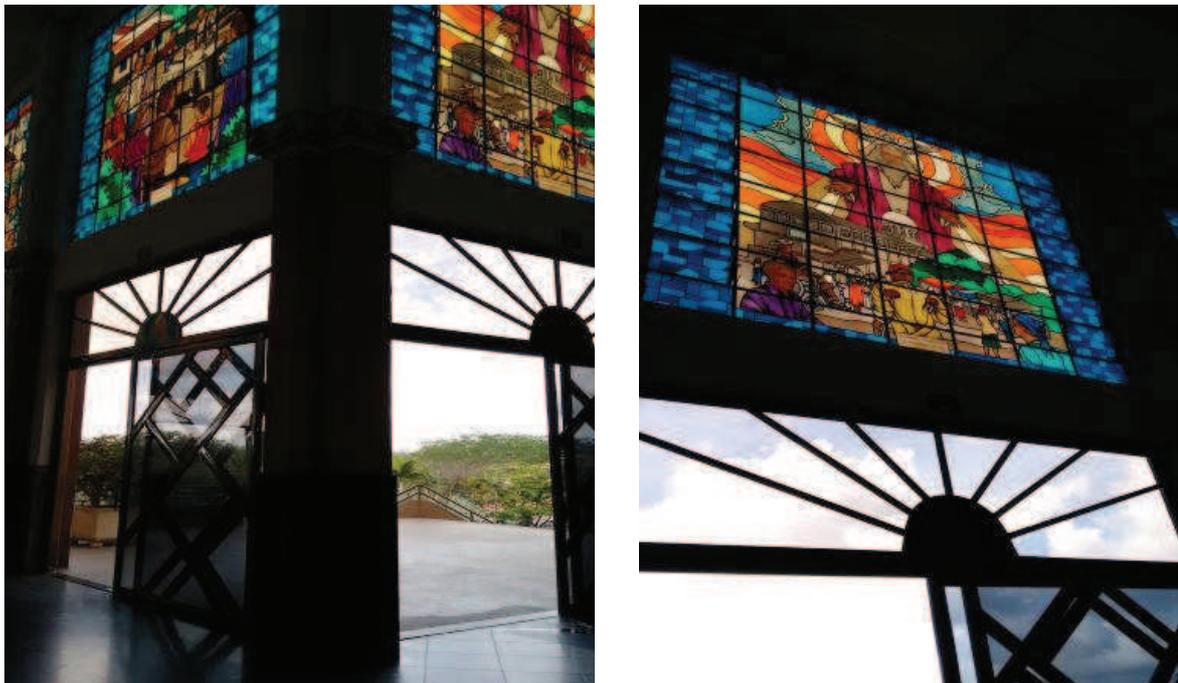


Figura 17: Vitrais no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (saída lateral)

Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Incenso – resina aromática utilizada nos ritos romanos da Igreja Católica e que é queimado nas celebrações litúrgicas festivas. É oportuno lembrar que o Incenso foi um dos presentes dados ao Menino Jesus, em seu nascimento, por um dos três Reis Magos. O Incenso, como signo, significa a prece dos Fieis, dos Devotos, que sobe ao céu, com a fumaça, e o perfume, em forma de louvor e adoração à Divindade. Em Trindade, como é parte dos ritos católicos, o incenso está presente em diversas celebrações, sobretudo as solenes.



Figura 18: Incenso em Rito Eucarístico na Missa Solene da Festa

Fonte: Iris Roberto/Prefeitura de Trindade (05/07/2015)

A Eucaristia – Pão e Vinho, Consagrados – simbolos e signos, sendo que este último revela o Corpo e Sangue de Cristo e o Alimento essencial para a Vida espiritual do Cristão Católico. O Devoto, em Trindade, assiste a Santa Missa e recebe a Eucaristia. Para o Católico, a Eucaristia é mais que símbolo, que signo, porque é real, é o Cristo Vivo.

A Água – além de símbolo, é o signo que representa o Batismo e significa a pureza, a renovação e da vida. É a Bênção de Deus.

No Santuário de Trindade, em um rito que é tradicional, após as celebrações oficiais, os Romeiros se colocam a redor do Altar e o Padre os asperge com Água Benta, abundantemente. É o sinal da Bênção de Deus que os acompanha, e o significado da Vida Divina que lhes é repassada. Então, o romeiro volta para casa feliz, porque visitou a Divindade, recebeu a Bênção do Divino Pai Eterno, e a leva consigo, para casa, e com ela, a sua proteção. Antes da Bênção, os Devotos rezam a Oração de Consagração ao Divino Pai Eterno. No momento desta, o Sacerdote também abençoa a água que o devoto traz consigo e que, também a leva para casa.

A Bênção do Divino Pai Eterno é dada no final da celebração litúrgica, solenemente, muitas vezes, com a Hóstia Consagrada (Bênção do Santíssimo Sacramento). Nesse momento Sacrossanto e místico, os Fieis colocam-se em atitude de Adoração e Fé. Após o canto, no final da celebração litúrgica é que o Sacerdote asperge, com Água Benta, todos os Fieis.

AS FITAS COLORIDAS junto à Imagem do Divino Pai Eterno – símbolo e signo e, como tal representa a Divindade. Para o Romeiro é a presença do Divino Pai Eterno, que na expressão do Catolicismo Popular, é real. Para um melhor entendimento, convém que se atenha em definir, para se entender a relevância deste signo.

O símbolo revela a integração do Ser Humano à sua visão de mundo, que o Homem concebe por meio de suas representações, logo a sociedade estruturada é vista, desta forma. Como símbolo, por si só já diz alguma coisa aos olhos do Devoto e não comporta explicações. O símbolo pode também revelar um signo e como tal indica significados e pode, então, ser explicado.

Como Ser Social, o Homem vivendo em grupos, em comuniddes e inserido em um Sistema de Parentesco, a Família simboliza a sua concretude. As relações constituídas no seio da Família são relações objetivas próximas à sua realidade. É por isto que o Homem religioso representa seu mundo através de Mito e no caso do Catolicismo, o Mito considerado é o da Criação. A Divindade nesta representação é considerada como Deus Criador, Pai da Comunidade Humana, a Família, no plano Divino. Desta forma, o Devoto, em Trindade tem sua representação concebendo Deus como o Divino Pai Eterno.

Como no plano real o devoto se relaciona com seus semelhantes, com seus familiares, com sentimentos e gestos como abraços e beijos, em suas relações subjetivas, ele o faz personalizando o Sagrado e reproduzindo os sentimentos e gestos, também com a Divindade. É por isto, que em sua relação com Deus – ele vê a figura paterna, e assim, diante do Divino Pai Eterno lhe dedica amor, louvor, preces e, também, quer exteriorizar seu afeto, com beijos e abraços.

A Imagem Sagrada representa a Manifestação do Divino Pai Eterno, que no imaginário do Romeiro está personalizada no Santo milagroso. Por isto ele beija a Imagem. Como esta Imagem é colocada fora do alcance do devoto que apenas pode vê-la, sem tocar, as Fitas Coloridas que pendem da Imagem e chega ao alcance do romeiro, ele as pode sentir, beijar e tocar.

O romeiro diante da Imagem do Divino Pai Eterno, envolvido na Fita Sagrada, a beija, abraça e se envolve como se estivesse, na realidade, nos braços do Santo de sua Devoção. Neste momento, que é mágico, o Devoto fica extasiado e se sente de fato, em contato direto e nos braços do Divino Pai Eterno. Ali ocorre a Manifestação do Sagrado, o Fenômeno Religioso. Esta é a relevância das Fitas

Coloridas que estão junto à Imagem do Divino Pai Eterno. Por isto, as Fitas ali colocadas, além de serem símbolos, se traduzem em signos e, estes, por elas falam da confiança, da crença, da Fé que o Devoto dedica ao Pai Eterno assim como, revela, também, o Amor recíproco que une o Divino Pai Eterno a seu Filho, o Romeiro. A Fita envolve um duplo sentido: representa sentimento e, simultaneamente, é significado, e, por isto ela é um relevante signo.

Os símbolos atribuem uma conotação aos objetos ou às manifestações da vida cotidiana, no mundo considerado profano. Como a religião está ligada à vida social, o símbolo religioso também está ligado às representações sociais.

Oportuno se faz citar Micele (In: Bourdieu, 1998, p. LXI) quando diz:

(...) o símbolo serve tanto para exprimir certas demandas por significados como também – que não é de modo algum menos relevante constitui tal expressão na medida em que lhes oferece os materiais significantes com que se veiculam as significações visadas pelos interesses e reivindicações dos diversos grupos sociais.

Seguindo o pensamento de Bourdieu (1998), a autonomia que torna possível a instauração das relações simbólicas, que são simultaneamente sistemáticas e necessárias, é de certa forma, apenas relativa, pois as relações de sentido que se evidenciam, sintetizam, em verdade, relações de força sujeitando-as em uma transformação sistemática.

Outrossim, a estrutura das relações econômicas interfere, ao determinar as condições e as posições dos sujeitos sociais, na própria estrutura das relações simbólicas, que se organizam, em princípio, na mesma lógica das relações econômicas.

Trata-se de relações de poder, do Poder Simbólico, ou seja, aquele conceituado por Bourdieu (2007, p. 9) como sendo “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)”. Este poder é exercido de forma invisível, articulando seus interesses, que são manifestados sobre uma espécie de campo. O campo revela o espaço onde os jogos de interesse fazem parte de uma luta, que se realiza como em um jogo. Isto é percebido em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, porque lá, por força de representações, está o Campo, onde o Poder Simbólico orchestra a luta pelo monopólio dos capitais que se defrontam, como é o caso do Capital Econômico e do Capital Religioso. No caso, em questão, os

símbolos, constatados em Trindade, reforçam a lógica e a condição de estruturação do Sistema Religioso que ali está compreendido.

A História da Igreja, no Brasil e em Goiás mostra uma dinâmica na qual atua a relação de forças, tanto no passado quanto no presente, contudo, com mudanças e até mesmo transformações. Em Trindade, nos estudos feitos em 1999, percebeu-se, que naquela ocasião, através das relações simbólicas, a Igreja estava em um processo de tentativa de transformação da sociedade, da ordem econômica e social, procurando estabelecer uma sociedade fraterna e de economia solidária.

Hoje, se vê alguma mudança, porque, não se nota aquele discurso de denúncia à opressão lançado à comunidade, mas, sim, a conclamação individual para que cada um siga a sua missão fraterna e solidária, fazendo a sua parte como cristão, batizado, crismado e que se volta para o amor ao próximo. A construção de um mundo melhor seria, então, através das ações cristãs, de cada um, e não de embate contra as estruturas de opressão. Contudo, ainda que de forma mais reservada, a Igreja, em Trindade, não deixou de demonstrar-se como guardiã do Reino, a procura de um mundo mais irmão, como, por exemplo, na Homilia proferida pelo Cardeal Dom Lorenzo Baldisseri, conselheiro da Pontifícia Comissão para a América Latina e ex-núncio apostólico no Brasil, na Missa Solene da Festa ao Divino Pai Eterno, em 2015, quando este questionou a situação de opressão.

Analisando-se a Festa de Trindade com o olhar de Bourdieu (2007), percebe-se que a atenção da Igreja sobre os fiéis se dá em razão de que, no campo religioso, onde se manifesta a luta pelo Poder Simbólico, estão no jogo, diversos agentes, que, cada um, com suas ações, descrevem um *habitus* específico que é independente de suas vontades, porque são orientados pela regra do jogo e induzidos pela mão do Poder Simbólico ao qual estão subjugados.

Diversos recortes podem ser feitos na análise em questão, dependendo da atenção que se dá a cada momento, a cada grupo e enfoque. Assim sendo, de forma genérica, se encontram em ação no campo, isto é, em Trindade, o corpus sacerdotal, ou seja, o Clero, e, este grupo será analisado em momentos distintos, de acordo com a fidelidade às propostas de Cristo, ou de acomodação à nova realidade de Mercado. Um segundo grupo também está em ação neste campo, que é o grupo de fiéis ou romeiros e, que também podem ser vistos de acordo com as duas realidades descritas acima para o Clero. Há um terceiro grupo de fiéis e que consiste em voluntários (as) que auxiliam na festa. Outra classe, presente no campo, que

exerce seus papéis específicos é a dos políticos, havendo, também, o grupo dos comerciantes. Em momento próprio se analisará os papéis de cada um, assim como as estratégias que se apresentam na luta, com intuito de se assegurar o monopólio do capital simbólico que esteja em jogo.

Relevante se faz mencionar que, o Cardeal acima mencionado, ainda que de forma débil, revelou na Homilia que, continua havendo uma cobrança sobre as estruturas sociais injustas, por parte da Igreja, na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, e, desta forma, a Religião pode ser entendida como veículo simbólico estruturado e estruturante que cumpre a função social descrita por Bourdieu (1998, ps. 33 e 34), quando diz:

A religião contribuiu para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política, apresenta-se como a estrutura natural – sobrenatural do cosmo.

A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, com seus símbolos, com a participação dos fieis que lhes dão sentido, e com a atuação da Igreja Católica, que, em suas Homilias, em seus ritos, em seu discurso, busca, por vezes, romper com a ordem vigente de opressão, e, implantar uma nova ordem – o Reino de Deus – que se inicia na Terra, permite que se diga como Bourdieu (1998) que, em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funciona como princípio de estruturação que constrói a experiência do mundo e o consagra legitimando-o ou contestando-o.

Quando se fala nos símbolos presentes no Fenômeno Religioso, fala-se, também em Sacrifícios. O próprio Cristianismo se fundamenta sobre o Sacrifício de Cristo na Cruz e foi Jesus Cristo quem disse a seus discípulos: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt.16,24).

No Catolicismo Popular manifestado em Trindade, o Sacrifício está presente, evidenciando-o através das Romarias, a pé, a cavalo, de carro de boi, e outros mais, quando o devoto se entrega, então, ao “Sacrifício”, conforme disse Dom Washington Cruz, na Homilia proferida na Novena já citada: “A caminhada de dezoito quilômetros nos faz dar as mãos e o cansaço nos faz ganhar forças e não nos entregarmos aos obstáculos do caminho”.

Destarte, considera-se ainda, que os símbolos se eternizam, conforme alicerça Eliade (1991, p. 21) quando diz:

Vimos que os mitos se degradam e os símbolos se secularizam, mas eles nunca desaparecem, mesmo na mais positivista das civilizações, a do século XIX. Os símbolos vêm de longe: eles fazem parte do ser humano, e é impossível, não os reencontrar em qualquer situação existencial do homem no Cosmo.

3.1.1.2 O Mito Presente na Festa do Divino Pai Eterno

Relevante se faz trazer à luz o sentido entendido por Durkheim (1996, p.18) quando disse: “(...) procede-se como se a religião formasse uma espécie indivisível, quando ela é um todo, formada de partes, é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias”. A sua complexidade se traduz, entre outros, pelo fato concebido em Bourdieu (1998) de que a Religião cumpre uma função social que legitima a estruturação da sociedade. Nesse contexto, através dos ritos, preces, cerimônias, cultos, liturgias, sacramentos, devoções, sacrifícios, mitos e do Lugar Sagrado, está contida toda uma representação do mundo que faça sentido, e que se revela rica em simbologia.



Figura 19: Vitrais no Santuário do Divino Pai Eterno (interior do Santuário), com alguns mitos.

Fonte: AFIPE

Como o mito se revela, também, como uma forma de manifestação do Fenômeno Religioso, busca-se, então, seu significado, para percebê-lo compreendido na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. De acordo com Patai (1974, p. 30) “toda prática mágica, toda cerimônia ou todo ritual importante tem a sua crença respectiva narrada em relatos de procedente concreto, que são mitos”.

O mito assim considerado é a parte falada do ritual. Segundo o autor citado, inexistem mito sem ritual, como, da mesma forma, não há ritual sem mito. O mito, seguindo este pensamento, revela, simplesmente, uma narrativa associada a um rito.

Respalhando-se na mesma abordagem, através do estudo da mitologia, investigam-se as crenças humanas que dizem respeito ao Divino, considerado como parte integrante e central dos interesses culturais humanos. Ainda neste contexto, estuda-se o homem e as maneiras com que o ser humano, em várias épocas e em vários lugares, acreditou haver encontrado uma aproximação com Deus.

O mito está, nesse sentido, compreendido na Devoção ao Divino Pai Eterno, quando os romeiros responderam no 16º quesito, à indagação formulada: – O que o Senhor (a) experimenta quando se encontra em contato com o Divino Pai Eterno? (Qual seu sentimento?). As informações obtidas foram as seguintes:

Quadro 2: Relação de sentimento

SENTIMENTO EXPERIMENTADO ¹⁶	Nº DE PESQUISADOS	%
Paz	30	25.9
Emoção	21	18.1
Alegria	20	17.2
Felicidade	10	8,6
Contato com Deus	09	7.8
Gratidão	09	7.8
Fé	09	7.8
Amor	06	5.2
Alívio	05	4.3
Bom	04	3.4
Choro	03	2.6
Conforto Interno	03	2.6
Força	03	2.6
Inexplicável	03	2.6
Proteção Divina	02	1.7
Bem Estar	02	1.7
Confiança	02	1.7
Momento de Reflexão	02	1.7
Contato com o Espírito Santo	02	1.7
Sentimento de que está no ar, leveza, maneirinho, flutuando	02	1.7
Sentimento de Virtude	02	1.7
Sentimento de Realização	02	1.7
Nada	01	0.9

¹⁶ **RESULTADOS ALCANÇADOS:** A experiência do contato entre o Devoto e o Divino Pai Eterno se traduz em Relação de Sentimento, a qual, pelas respostas dos pesquisados, predominam os sentimentos de **Paz** (25.9%), **Emoção** (18.1%), **Alegria** (17.2%), entre inúmeros outros indicados,

Cont.

SENTIMENTO EXPERIMENTADO	Nº DE PESQUISADOS	%
Sentimento de Respeito	01	0.9
Comprometimento com as Coisas do Pai	01	0.9
Sentimento de Prosperidade	01	0.9
Harmonia	01	0.9
Devoção	01	0.9
Liberdade	01	0.9
Serenidade	01	0.9
Prejudicado	01	0.9
Se sente Bem	01	0.9
Se sente mais leve	01	0.9
Certeza de ser atendido (a)	01	0.9
Sente uma coisa forte que não sabe explicar	01	0.9
Sentimento de interiorização maior	01	0.9
Sentimento de Mistério	01	0.9
Sabedoria	01	0.9
Sentimento de mais Paciência	01	0.9
Diversos, por ter se afastado da Religião por muito tempo	01	0.9
União com o Espírito Santo	01	0.9
Esperança	01	0.9
Comovido (a)	01	0.9
Acolhimento	01	0.9
Prazer	01	0.9
Cura	01	0.9
O coração balança	01	0.9
Parece que a gente nem existe	01	0.9
Vontade de ir logo para o Céu	01	0.9
Bênção de Deus	01	0.9
Sente que está num cantinho do Céu, perto do Pai Eterno	01	0.9
Calma, sossego e tranquilidade	01	0.9
Momento de pedir que Deus esteja sempre presente	01	0.9
Renovação de Fé	01	0.9
Graça	01	0.9
Presença de Milagre	01	0.9
Sentimento de um Poder de Superação frente aos obstáculos da vida	01	0.9
Uma sensação maravilhosa, uma Paz	01	0.9
Não soube responder	01	0.9
Não responderam	04	3.4

Ou, mesmo, como disseram os devotos nesta pesquisa: “Parece que a gente nem existe (...), tem Vontade de ir logo para o céu (...)”, ou ainda: “Sente que está num cantinho do Céu, perto do Pai Eterno (...)”, enfim: “Uma sensação maravilhosa, uma Paz”. Ainda é digno de nota o seguinte relato: "Experimento mais uma vez o texto bíblico que diz: 'onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, ali estarei'. Claro, não precisa necessariamente ser ali para que Deus esteja presente, mas ali, dentro da imensidão daquele Santuário, me parece que esse texto fala mais alto”. Apesar das inúmeras formas de pensar e agir frente à religião, uma coisa ali é comum: a Fé. Ali, “estão todos unidos pela mesma Fé, seja pelo Próprio Pai/Deus, seja pelo Divino Pai Eterno, que é uma coisa só, mas visto diferente”.

Oportuno se faz lembrar aqui, algumas respostas obtidas no questionário desenvolvido entre os romeiros, na Pesquisa em 1999, para Dissertação de Mestrado, que revelam também que, o mito está nesse mesmo sentido, compreendido na Devoção ao Divino Pai Eterno, quando os pesquisados responderam ao quesito nº 01 que indagou: O que o Sr (a) veio fazer/buscar aqui? Entre outras, cita-se as seguintes respostas:

Sentir Deus mais próximo; rezar; encontrar a Fé; assistir Missa; Novena; Onde encontre Deus mais próximo ou se sente feliz.

Ainda em 1999 com relação às respostas ao 7º quesito – “Para o Senhor (a), o que representa o Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade?” Disseram os pesquisados:

Sinto que estou na Casa de Deus;

É o lugar onde tem mais respeito, procuro e encontro Deus, com todo mundo, para louvar a Deus; Deus está mais perto aqui embora Deus esteja em todo lugar, a presença D’Ele parece mais forte;

A Casa do Pai;

A Casa de Deus;

A Casa D’Ele, a nossa casa;

Aqui é a casa de Deus, do Divino Pai Eterno

Percebe-se, então, grande semelhança com as respostas indicadas em referência ao Santuário, como símbolo, quando se transcreveu acima, as respostas atinentes ao quesito de nº08, referentes ao questionário aplicado em 2015. Deste quesito, quando foi indagado ao devoto sobre o que representa a Romaria ao Santuário do Divino Pai Eterno, aponta-se algumas respostas:

Casa Abençoada;

Casa de Jesus;

Casa do Pai;

Minha Casa;

Busca de algo maior;

Lugar de Louvor, Lugar de encontro e adoração;

Lugar de Esperança;

Lugar de Proteção;

Lugar de Ajuda;

Lugar de Pagar Promessas;

Milagres;

Templo de Paz;

Santuário do Pai;

Encontro com Deus;

Vínculo com o Divino.

Desta forma, em Trindade, no Santuário do Divino Pai Eterno, o homem acreditou ter encontrado uma aproximação com Deus. Acredita-se também, que a própria narrativa do encontro do Medalhão de Barro por Constantino Xavier e Ana Rosa, na lavoura e através deste casal ter se dado a origem da Devoção, que perdura e aumenta a cada ano, por si só já encerra um mito – o Mito da Devoção ao Divino Pai Eterno.

Segundo Malinowski (1984, p.100) “o mito não é uma vã rapsódia, não é um mero brotar de fantasias frívolas, mas uma força cultural laboriosa e extremamente importante”. De acordo com este Teórico, contraditando a teoria que torna o mito simbólico e imaginário, encontra-se a teoria que considera o conto sagrado como um verdadeiro registro histórico do passado. E concebe então:

A estreita ligação entre religião e mito, que muitos estudiosos descuraram, foi por outros reconhecida. Psicólogos como Wundt, sociólogos como Durkheim, Hubert e Mauss, antropólogos como Crawley, humanistas clássicos como Jane Harrison, todos entenderam a íntima relação entre mito e ritual, entre tradição sagrada e as normas da estrutura social. Todos estes autores foram em maior ou menor escala, influenciados pela obra de Sir James Frazer. (MALINOWSKI, 1984, p.102)

Segundo este pensamento, o mito não é simplesmente uma história contada, mas uma realidade vivida. Destarte, igualmente, através dos símbolos, dos mitos, na Religião, as pessoas encontram respostas às suas inseguranças, angústias e males, cumprindo assim a função social do mito entendida por Malinowski (1984) e Patai (1974) e que reflete também, a função social da Religião descrita por Bourdieu (1998).

A Devoção ao Divino Pai Eterno em Trindade mostra que, permanece a Religião, que permanecem os mitos em uma sociedade moderna, apesar de esta sentir a tentativa de um processo neoliberal de transformação do Capital Religioso em Capital Econômico, de substituição do Deus Cristão pelo Deus do Dinheiro.

Com relação aos mitos, pode-se ainda dizer:

(...) Estes, afinal de contas, são os últimos guardadores da chama, os últimos herdeiros dos padres, profetas, poetas e vates, cujo hábito criou o mito, sustentou-o, desenvolveu-o, variou-o, interpretou-o, e aplicou-o. Poder-se-ia até sustentar que, enquanto os teólogos de uma sociedade atribuem aos mitos de sua fé o poder de motivar o comportamento social de indivíduos ou grupos, tais mitos realmente possuem esse poder. (PATAI, 1974, p.125).

Confirma-se assim, o pensamento de Patai (1974) quando demonstra que os mitos permanecem ao longo da história, que eles se eternizam ao cumprirem sua função social, e neste pensar afirma:

De qualquer maneira, pelo menos no que tange aos modernos representantes da tradição cristã (...) o velho mito bíblico que durante muitíssimo tempo foi o instrumento que autorizou o homem a assumir o seu lugar à frente da criação ainda está tão vivo que os induz a fazer esforços prodigiosos para tentar reinterpretá-lo de conformidade com novos problemas e interesse, que o fazem totalmente além do horizonte dos tempos bíblicos. (PATAI, 1974, p.125)

3.1.1.3 O Lugar Sagrado Manifesto em Trindade

Conforme visto, também foi apontado dentre as respostas dos pesquisados, no quesito de nº 08, aplicado em 2015, em referência ao que representa o Santuário do Divino Pai Eterno -, “Milagres”-. Observando-se um dos elementos contidos na

Religiosidade Popular, que é a questão dos milagres, verifica-se que o Romeiro do Divino Pai Eterno vai ao Santuário de Trindade, porque o considera: “Casa Abençoada”; “Casa do Pai”; e “Minha Casa”, dentre diversas outras. Contudo, o romeiro também vai ao Santuário para pedir, entretanto, muitas vezes, sua presença significa agradecer, e nisto, ele agradece acontecimentos marcantes em sua vida, aos quais atribui ao fenômeno religioso do “milagre”.

O Devoto agradece, ali, na presença da Imagem do Divino Pai Eterno, beija sua fita, porém, quer exteriorizar aquele momento sagrado, quer documentá-lo, não apenas por fotografias, mas deixá-lo ali gravado, e, legá-lo para a posteridade. Assim sendo, o romeiro deixa a “promessa” na Sala dos Milagres (esta sala está localizada junto ao Santuário). Portanto, após se dedicar às suas devoções, o romeiro eterniza seu agradecimento, e quando relata, tempos depois, aos amigos, aos ouvintes, diz, certamente: - “Eu deixei lá... está na Casa do Divino Pai Eterno”.



Figura 20: Quadro na entrada da Sala dos Milagres

Fonte: *Rabelo Cláudia*, 2015

Como o Santuário do Divino Pai Eterno é um Lugar Sagrado, por excelência, também é um Lugar Sagrado a Sala de Milagres. Sobre esta Sala, em estudos realizados pela pesquisadora, para este trabalho, constatou-se que, durante os dias da novena e da festa é intensa a visita dos romeiros a esta Sala dos Milagres. A visita para observação desta Sala de Milagres, realizada pela Pesquisadora fora do

período da Festa, em momento no qual o Santuário Basílica estava vazio, com a presença de poucos fiéis, e isto em 16 de novembro de 2015, permitiu que se conhecesse melhor e se descrevesse, nesta Tese, o interior desse recinto.

Os romeiros, na Festa do Divino Pai Eterno visitam a Sala de Milagres, onde muitas vezes encontram amigos e, em geral, inúmeros fiéis. Destarte, não se pode precisar quando foi constituído o espaço para visitação e recolhimento dos objetos deixados pelos devotos como lembranças.

Contudo, conforme se já se viu, a devoção advém do tempo de Constantino Xavier e Ana Rosa, casal que encontrou o Medalhão do Divino Pai Eterno, sendo que, eles começaram reunindo, em sua residência, alguns amigos e parentes para rezar um terço e ali compartilhavam a fé, as boas coisas e, então, já existia uma cooperação mútua entre os sofrimentos e as dores de cada um.

A Sala dos Milagres fica localizada no Santuário Basílica, e é uma das partes de grande relevância no específico do sagrado, nesta magnífica história de devoção. Os milagres do Divino Pai Eterno são incontáveis no decorrer desses prováveis 185 anos. As histórias narradas, em grande número, indicam a realização de coisas impossíveis de acontecer e que só ocorreram por força do milagre atribuído às graças e intervenção do Divino Pai Eterno.

Milhares de fotos, quadros, cartas, aparelhos ortopédicos, infinitas lembranças estão expostas neste espaço. As pessoas curadas que tiveram as graças atendidas pelo Divino Pai Eterno trouxeram até Trindade, pertences de valor sentimental para deixar como prova dos milagres alcançados.

Quanto à localização da Sala dos Milagres, esta fica situada na parte inferior do Santuário Basílica, como que no andar inferior. Ao lado da entrada desta sala estão duas salas de comércio: “Livraria do Santuário” – salas de números 1 e 2, onde se encontram objetos sacros para venda, em geral, imagens e lembranças do Divino Pai Eterno.

Na Sala de Milagres há exposição de inúmeras fotografias que retratam momentos de celebrações litúrgicas, entretanto, estas fotografias são, em grande maioria, deixadas pelos fiéis, Devotos do Divino Pai Eterno, como que eternizando a Romaria, ou seja, a sua passagem pelo Santuário, na Casa do Pai, ou a memória das graças alcançadas.

Logo na entrada da sala se vê um painel com fotografia do Padre Pelágio, Redentorista que viveu em Trindade e foi recentemente proclamado, pelo Santo

Padre o Papa, como “Beato”, título atribuído pela Igreja e que antecede ao de “Santo”, estando, portanto, em processo avançado de Canonização perante a Igreja Católica Apostólica Romana.

Outras fotografias se encontram organizadas em inúmeros painéis distribuídos por toda sala, e, em grande número. São fotografias que retratam pessoas, como crianças, jovens, adultos, pessoas idosas, famílias; acontecimentos como batizados, casamentos, aniversários, formaturas etc., de forma que cada um dos romeiros procurou ali deixar registrado um pouco de sua história. Com isto, apenas através de imagens se encontra, não só, a História Individual e Social do Romeiro, como também da própria Igreja, do Santuário, da Romaria e da Devoção ao Divino Pai Eterno.

Está registrada, no Rol de Entrada da Sala dos Milagres, a maquete com fotos da Construção do Futuro Santuário ou Novo Santuário, já em andamento. Também estão registrados, neste espaço, milagres, representados através de próteses e aparelhos médicos, simbolizando curas milagrosas obtidas pelos romeiros.

Encontram-se, igualmente, em exposição diversas imagens do Divino Pai Eterno, a Máscara Mortuária de Santo Afonso, Fundador da Ordem dos Redentoristas, imagens da Virgem Maria, Réplicas do Santuário-Basílica, aparelhos médico cirúrgicos, carros de boi, Cruzes de madeira deixadas pelos peregrinos após suas penitências, relógios, colares, terços, facas e punhais.

Está, também, em exposição um altar antigo, assim como objetos de folias deixados pelos foliões, rodas de fiar, instrumentos musicais, instrumentos de comércio, como peças antigas, tais como balanças, além de utensílios domésticos como vasos, panelas, ferro de passar roupa (peça antiga), moinho de café doméstico, bule de café, ferro utilizado como instrumento de sapateiro.

Encontram-se também em exposição na Sala de Milagres animais empalhados, peles de onça, coros de cobras, como sucuri e outras, e até mesmo um burrinho empalhado, daqueles utilizados em festas populares para tirar fotografia de crianças.

As pessoas que visitam o local sagrado veem, ainda, Oratórios de Santos, e, as Vestes Litúrgicas que foram usadas pelo Padre Pelágio. Encontram-se, também, na sala, um antigo confessionário e alguns televisores, igualmente, antigos deixados pelos romeiros. Em uma das paredes estão em exposições quadros de tempos

passados, de pessoas, como aqueles familiares que se veem nas fazendas. As vestes, chapéu, violão e o disco de ouro do cantor Leonardo, também estão em exposição. Este artista fazia parte da dupla: Leandro e Leonardo, falecido em razão de câncer, e muito querido em Goiás. No mesmo espaço, se encontram em exposição, as roupas, a faixa e foto de uma jovem “Mis Goiás”. Estão contidos no mostruário foto de uma menina com narrativa de sua história, e, uma foto de jogador de futebol e vê-se, ainda, no final da Sala de Milagres uma galeria de quadros representando cenas de milagres como a gravura de uma onça e tantas outras.

Pode-se observar, igualmente, que na Sala dos Milagres, junto com os objetos em exposição, há uma mesa de madeira estando nela um cofre para receber ofertas (donativos) dos devotos, além de dois livros para colher assinaturas dos doadores, quiçá, dos visitantes.

A observação da Sala de Milagres leva à percepção de que, lá está contido uma espécie de museu da fé; um Espaço Sagrado onde o Devoto relata sua história através de simples imagens. Não se trata de relatos escritos, em geral, mas tão somente imagens, fotos, utensílios e, em cada um deles está simbolizada uma Crença, um Milagre, uma Hierofania, onde o devoto deixa gravado, silenciosamente, o seu louvor, o seu agradecimento, a sua Fé e o seu Amor ao Divino Pai Eterno.



Figura 21: Quadros e Fotografias em exposição no interior da Sala dos Milagres

Fonte: *Rabelo Cláudia, 2015*

Os estudos realizados sobre e/ou na Sala dos Milagres, deixaram perceber que, as pessoas têm problemas, angústias, solidão e buscam soluções para esses problemas através da Religião.

Há evidências, assim, de que o Santuário do Divino Pai Eterno é um “Lugar Sagrado”, por excelência, enquanto que a Sala de Milagres, igualmente, representa, para o romeiro, que lá afluí, um Lugar Sagrado, porque, através de sua Fé, o

santifica. O Fenômeno Religioso se manifesta desse modo, traduzindo o Catolicismo Popular, aí presente, ou mesmo a Religião, em geral, como celebração e comunicação da Graça e do Sacramento.

Os Símbolos e o mito do Medalhão do Divino Pai Eterno se perpetuaram na história de Trindade desde Constantino Xavier, permanecendo vivo, até hoje, através da Devoção do romeiro.

3.1.2 A Crença no Divino Pai Eterno

Burgoa (In Villa, 2000) entende por Crença o assentimento que outorgamos a certas verdades ou informações, sejam mensagens ou enunciados, fundados ou motivados pela confiança e pela competência (autoridade) de quem nos informa algo. Neste sentido, a confiança é fator essencial no teor da crença.

Outrossim, seguindo o raciocínio compreendido na teoria do campo social em Bourdieu (2007), releva-se a questão da crença, porque, para que melhor se possa compreender a gênese social advinda do campo que envolve a devoção ao Divino Pai Eterno, em Trindade, é preciso apreender e perceber a crença que o sustenta, eis que ela está compreendida no próprio jogo simbólico que sustenta a estrutura religiosa nele compreendida.

Através da Pesquisa, em questionário aplicado junto ao romeiro, na Festa, em 2015, o quesito nº 03 revelou como o devoto manifesta a sua Crença no Divino Pai Eterno. Desta forma, diante do quesito: Para o Senhor (a), quem é o Divino Pai Eterno? Observou-se:

Note-se que as respostas deste quesito estão agrupadas envolvendo, em síntese, Relações de Sentidos, considerando-se que há respostas que envolvem duas ou mais Relações de Sentidos. Estas estão apresentadas em ordem decrescente do número de pesquisados que as apontaram.

Quadro 3: Relações de sentidos

RELAÇÕES DE SENTIDOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Deus	37	31.9
Pai (nosso pai)	21	18.1
Santo	19	16.4
Santíssima Trindade	10	8.6
Tudo	08	6.9
Devoção	06	5.2

Cont.

RELAÇÕES DE SENTIDOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Fé	06	5.2
Protetor	04	3.4
Senhor Criador	04	3.4
Espírito Santo	03	2.6
Poder	03	2.6
Razão de tudo	03	2.6
Caminho	02	1.7
Jesus	02	1.7
Milagroso	02	1.7
Ser supremo	02	1.7
Bênção	01	0.9
Espírito de luz	01	0.9
Fé e esperança	01	0.9
Força	01	0.9
Graça de Deus	01	0.9
Mentor	01	0.9
Nossa vida	01	0.9
Nosso ar que se respira	01	0.9
Representação da Humanidade	01	0.9
Ser perfeitíssimo Criador do céu e da terra	01	0.9
Temor	01	0.9
Um pedaço de Deus	01	0.9
Uma imagem milagrosa	01	0.9
*Devoção a Nossa Senhora Aparecida	01	0.9
Não acreditam	02	1.7
Não respondeu	01	0.9

A Crença no Divino Pai Eterno é um dos aspectos fundamentais desta Devoção que perdura no tempo, e se eterniza. Como disse Durkheim (1996, p.24): “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas”. Assim entendidas, as crenças sintetizam sistemas de ideias, pelas quais o homem tende a representar o seu mundo.

Durkheim (1996, ps. 28-29) revela que as crenças religiosas são sempre comuns a uma determinada coletividade que, aderindo às suas representações, praticam ritos solidariamente:

Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas, são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum (...)

A crença no Divino Pai Eterno revela o Capital Simbólico compreendido naquele Poder Misterioso que o romeiro diz tratar-se de “Deus”, “Nosso Pai”, “Ser Supremo” etc.

As entrevistas realizadas com o Clero, cujos participantes se preserva o anonimato, por sua vez, alicerçam o pensamento dos autores citados, haja vista, quando perguntado: - “Quesito: 01 – Para o senhor, o que representa a Festa de Trindade?”, obteve-se como respostas:

Festa de Trindade, uma tradição que já está no coração dos goianos, dos brasileiros e também do mundo. Para mim, a festa são momentos de fé e devoção, de reencontro com as pessoas amigas e trabalho por parte nossa, no que se refere ao atendimento às confissões dos fiéis. Além dos momentos citados, também considero a festa como momento de lazer para muitas pessoas. (PLAVR)

A Festa de Trindade representa a expressão de fé do povo católico, uma tradição secular de uma cultura religiosa, um caminho devocional e uma esperança que transcende as realidades terrenas. Representa também o zelo e dedicação de padres, religiosos e leigos no serviço de evangelização. Enfim, é a dimensão prática da experiência de fé de um povo simples, mas confiante no poder infinito do Pai. (PARS)

Trata-se de uma festa religiosa onde as pessoas manifestam sua fé na Santíssima Trindade e mais especificamente no Pai Eterno. (PJV)

Num primeiro momento, a festa de Trindade como qualquer outra local de romaria, representa um espaço (é um espaço) onde as pessoas vão pagar suas promessas e fazer seus pedidos; agradecer a Deus por tudo que recebeu: uma graça alcançada, um milagre, etc. A religiosidade popular, se manifesta de maneira muito forte. Contém e carrega símbolos, sentimentos e toca muito mais a vida das pessoas.(...) (PT)

Creio que Deus colocou no coração e no sentimento religioso do povo católico a intuição do caráter de nossa vida como uma peregrinação em demanda da Casa definitiva de Deus – o Pai – o Reino Definitivo. O povo tem a percepção de que vivemos um êxodo. Estamos todos em caminho. A romaria lembra esta realidade. (MAMS)

Um grande retiro comunitário. Um momento especial na vida de cada devoto do Pai Eterno. Ocasão em que famílias inteiras deixam todos os seus afazeres domésticos e profissionais para viver intensamente os nove dias de Novena e Festa. (PEGPV)

A Festa de Trindade pode representar a história e a riqueza de vários modos do povo viver a mensagem evangélica dentro da Igreja Católica. É notório o fato que esses modos diferentes não aconteciam com uma franca fragmentação. Esta Festa em Trindade em Goiás, nas suas origens, era a expressão daquilo que estava na alma do povo. É o imaginário popular, próprio da sua cultura, no seu cenário que orientava a vida daqueles que encontraram o medalhão e de seus parentes, amigos e vizinhos.

Eles não viviam e nem conheciam os conceitos prontos e nem as coisas novas da catequese dos padres. Entre os homens e mulheres da terra havia o modo próprio de se viver o legado de seus antepassados, “a fé de nossos pais”. Suas rezas carregavam a beleza de seus valores originais, seus valores autóctones. Eles não conheciam os desafios da romanização. A fé desses devotos era encharcada na cultura própria da zona rural, sem conceitos claros e nem muita consciência. Eles celebravam a vida do jeito deles. (PARA)

Vejo a Festa de Trindade como espaço de revelação da fé, o Romeiro é mais um. Na Festa ele não precisa se apresentar, sua fé o coloca imediatamente em contato com o Sagrado, vai ali pagar sua promessa. Vai, ali, em busca do Outro, um Deus que se faz presente numa imagem, num lugar, para a maioria ou grande parte não precisa de intermediário. (PJO)

Outros (Leigos/ as):

Ela representa a devoção popular do povo no Divino Pai Eterno (MAS)

Expressão cultural e religiosa do povo goiano e brasileiro. É uma experiência de fé, de forma individual e coletiva, vivenciando costumes e tradições, agregando novos valores. Esta festa é um forte momento de reconhecimento, de louvor, agradecimento, de súplica e renovação de vida. (GF)

Percebe-se desta forma, que os romeiros vão à Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, como pessoas irmanadas pela Fé, para manifestar individual e coletivamente a Crença no Divino Pai Eterno.



Figura 22: Romeiros, Orações e Fitas diante da Imagem do Divino Pai Eterno

Fonte: Afipe

3.1.3 Práticas Religiosas Observadas na Festa Do Divino Pai Eterno: Aspectos Religiosos, Sócio Culturais e Racionais Técnico-Científico

A observação do Fenômeno Religioso presente no Catolicismo Popular, manifesto em Trindade, leva à percepção de que seus elementos caracterizadores estão contidos nas práticas religiosas que se apresentam em três aspectos distintos e inter-relacionados, a saber: Religioso, propriamente dito; Sócios Culturais e Pensamento Racional Técnico-Científico.

A abordagem já apresentada nos itens anteriores, acerca dos símbolos, mitos e das crenças, por si só já demonstram que ocorrem práticas voltadas ao “Aspecto Religioso” pelos Devotos do Divino Pai Eterno, não apenas nos dias da Festa, mas durante todo o ano através da peregrinação ao Santuário. Estas práticas consistem nas Novenas, Missas, Bênçãos, Rezas do Terço (Oração do Terço), Procissões, Confissões, e Batizados.

As Novenas acontecem durante todo o ano e são transmitidas também pela mídia, entretanto, nos nove dias que antecedem a Festa, são realizadas na Matriz e no Santuário Basílica, todos os dias, pela manhã, à tarde, e à noite, quando se celebra a Novena Solene, no Santuário Basílica. A cada ano a Festa acontece com um Tema que define e orienta as celebrações litúrgicas. Assim, em 2015 o Tema da Festa foi: “Consagrados ao Pai Eterno” e, em 2016 a temática foi: “O Pai Eterno é Misericordioso” em atenção ao Ano Jubilar no qual a Igreja Católica o reflete como o Ano da Misericórdia. A cada dia da Novena, uma temática distinta e relacionada com o tema escolhido é refletida e comentada nas Homilias.

São muitos os devotos que acompanham as Novenas preparativas da Festa e, nos últimos dias é imensa a presença dos Romeiros. São muitas as Missas celebradas nos dias da Novena e no Dia da Festa do Divino Pai Eterno e, em todas, inúmeros devotos delas participam. Nos últimos dias são tantos fiéis presentes, que a celebração acontece na Praça do Santuário.



Figura 23: Novena Solene no Santuário do Divino Pai Eterno em 2015
Fonte: Afipe

No dia da Festa, em 05 de Julho de 2015, com uma programação intensa, o romeiro tem oportunidades de louvar o Divino Pai Eterno nas diversas celebrações. Assim, pela madrugada há alvorada festiva com fogos e sinos. Em seguida, a Procissão da Penitência. Uma primeira Missa é celebrada no início da manhã, as 5h45, na Praça da Basílica. Às 8 horas, celebra-se a Missa Solene da Festa. Em 2015, segundo os cálculos da Polícia Militar e divulgados na mídia, cerca de 30 mil pessoas estiveram presentes, nesta Missa, na Praça da Basílica.



Figura 24: Santuário do Divino Pai Eterno no dia da Festa em 2015
Fonte: Foto: @ladoalto

A Missa de Encerramento da Festa do Divino Pai Eterno foi celebrada à noite, após a Procissão Solene com a Imagem do Divino Pai Eterno. Uma multidão de devotos acompanhou a Procissão e assistiu a celebração. Esta foi concelebrada por Dom Washington Cruz, que a presidiu, com seu Bispo Auxiliar, Dom Levi Bonato, além de diversos sacerdotes. A Homilia foi proferida pelo Padre Robson que, disse em sua mensagem a todos que a missão cristã consiste em se colocar à disposição de Deus, com tudo o que se tem e, com toda força, se entregar, colocando-se a disposição de Deus para realizar a sua obra. Disse, então, que sendo de Deus, como tal se deve viver, porque tudo o que o cristão é realiza nesta vida, o faz com a Graça de Deus.

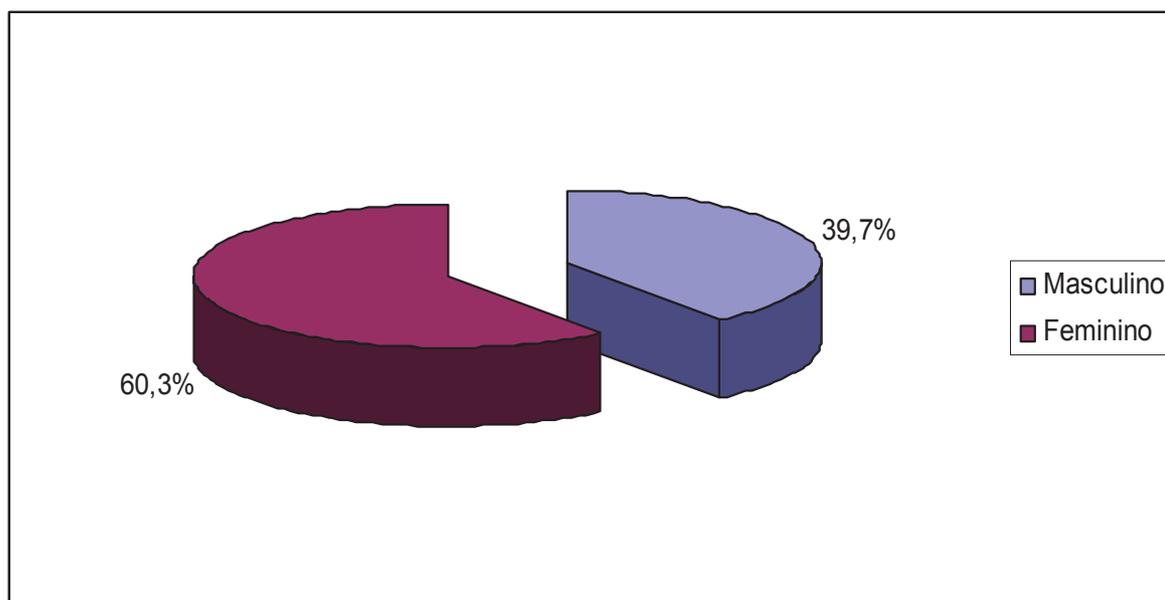
São, também, frequentes as celebrações da “Oração do Terço”, no Santuário, nos dias da Novena e da Festa. Quanto às Bênçãos são realizadas em todas as cerimônias, sendo que, nos cultos solenes, ela se dá através da “Bênção do Santíssimo Sacramento”. É digno de nota, dizer que é intensa a participação dos fiéis, sobretudo nos últimos dias, e, em especial, no dia da Festa.

O questionário aplicado aos romeiros nesta pesquisa, em 2015, por ocasião da Festa de Trindade, através de amostragem em um universo de 116 participantes, escolhidos de forma aleatória, revelou que a Festa do Divino Pai Eterno se traduz em representação do povo, em geral, atingindo diversas faixas etárias, e que tem a participação de pessoas vindas não apenas de Goiás, mas, de outros Estados brasileiros, ou seja, há pessoas de diversas partes do Brasil, a saber:

Quadro 4: Sexo

SEXO	Nº DE PESQUISADOS	%
Masculino	46	39.7
Feminino	70	60.3
Total	116	100
Diferença	24	20.6

Os resultados indicaram que houve predominância do sexo feminino com uma diferença de 20.6% na participação nesta pesquisa.

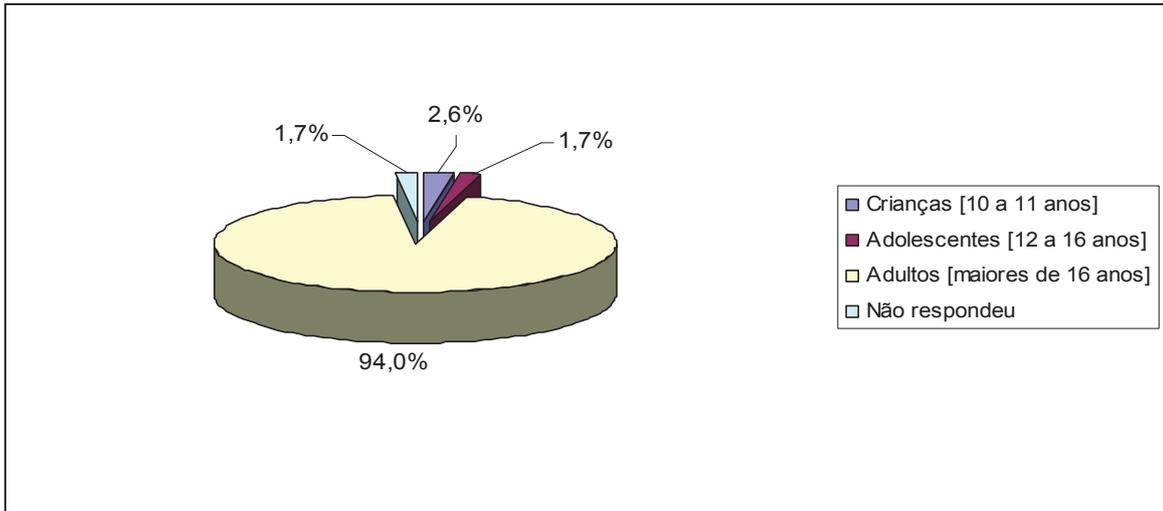
Gráfico 1: Sexo**Quadro 5: Idade**

IDADE	Nº DE PESQUISADOS	%
Crianças [10 a 11 anos]	03	2.6
Adolescentes [12 a 16 anos]	02	1.7
Adultos [maiores de 16 anos]	109	94
Não respondeu	02	1.7
Total	116	100
*Diferença (entre adultos e as demais faixas)	104	90

A pesquisa revelou que houve predominância entre adultos e as demais faixas etárias, considerando que a diferença entre elas ocorre em percentual de 90%¹⁷. Ficou demonstrado, ainda, que na Festa de Trindade estão presentes todas as faixas etárias.

¹⁷ A participação nesta pesquisa (Questionários) consistiu com predominância de adultos em um percentual de 58.6% comparados com as demais faixas cujo somatório perfaz ao percentual de 39.7. Segue-se a faixa de adultos jovens com 19%, sendo que em terceiro lugar estão os idosos com 16.4%, sendo mínima a participação de crianças e adolescentes dentre o público pesquisado. Observa-se que a participação dos pesquisados foi escolhida de forma aleatória, portanto, não houve interesse em direcionar escolhas por qualquer dos grupos, sendo oportuno considerar que houve, contudo, orientação para os aplicadores da pesquisa, de que procurassem não envolver crianças.

Gráfico 2: Idade



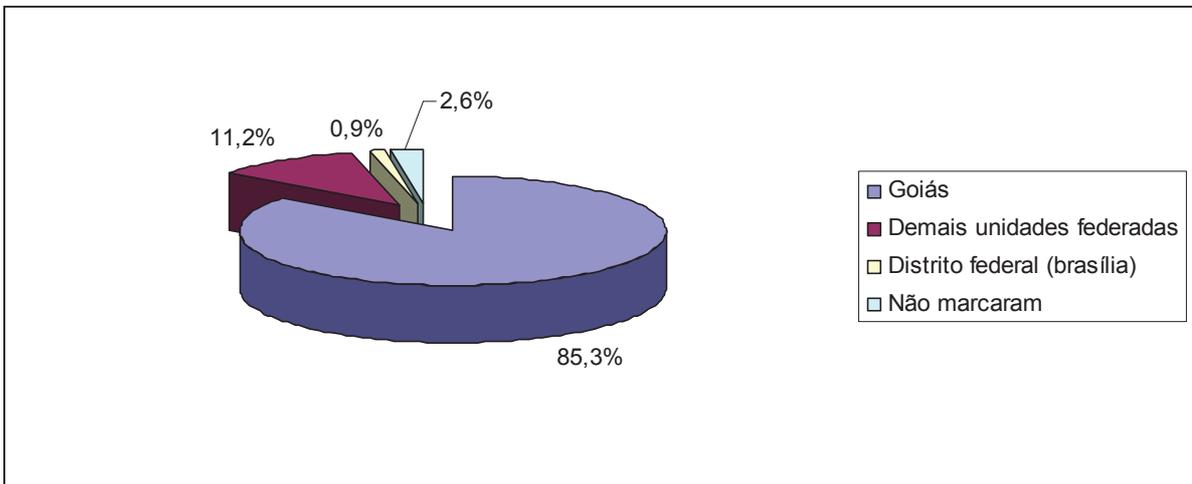
Quadro 6: Unidades Federadas

UNIDADES FEDERADAS	Nº DE PESQUISADOS	%
Goiás	99	85.3
Demais unidades federadas	13	11.2
Distrito federal (brasília)	01	0.9
Não marcaram	03	2.6
Total	116	100

LOCAL DE ORIGEM: SÍNTESE POR AGRUPAMENTO CONSIDERANDO-SE AS DIVERSAS UNIDADES FEDERADAS:

Os pesquisados desta amostragem vieram em sua maioria de Goiás - 85.3%, entretanto, verificou-se procedência dos participantes advindos de diversos outros Estados -11.2% e do DF (Brasília) – 0.9%.

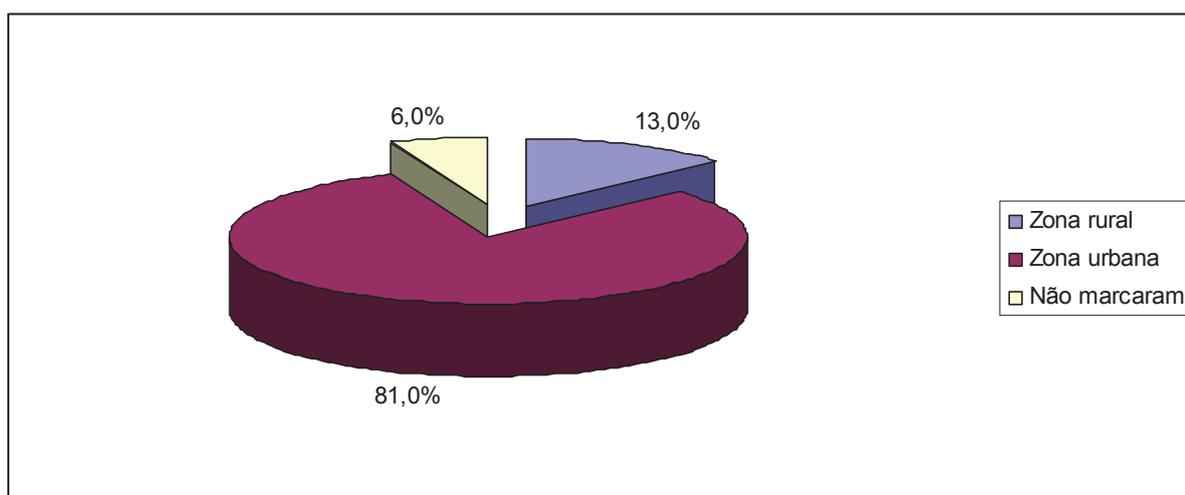
Gráfico 3: Unidades Federadas



Quadro 6: Origem (campo / cidade)

ORIGEM CIDADE/CAMPO	Nº DE PESQUISADOS	%
Zona rural	15	13
Zona urbana	94	81
Não marcaram	07	6
Total	116	100

Embora haja presença de pesquisados vindos da zona rural – 13%, há predominância de participantes vindos da zona urbana – 81%. Estes dados confirmam a projeção alcançada, estando de acordo com os resultados apontados pelo Censo do IBGDE, em 2010, os quais revelam que, no Brasil como um todo, a maioria da população é urbana (160.925.792), em comparação com a rural (29.830.007), o mesmo acontecendo no Estado de Goiás, no qual a população urbana é maioria (5.420.714), em relação ,à população rural (583.074), a mesma discrepância se repete em Goiânia, onde há expressiva população urbana (1.296.969) em relação à rural (4.923), estando no mesmo sentido os resultados apontados em Trindade /Goiás, com relação à maioria relativa à população urbana (100.107), considerando-se com relação à população rural (4.399).

Gráfico 4: Origem (campo / cidade)

Quanto ao Nível de Escolaridade a pesquisa demonstrou, através do Questionário, que, entre os pesquisados houve predomínio do Ensino Médio – 28.4%, seguindo o Nível Superior – 26.7, estando o Fundamental (6º ao 9º ano) em terceiro lugar com 21.4%. Observa-se, entretanto a presença de todos os demais

níveis de escolaridade, não tendo sido constatado nenhum caso de baixa instrução ou analfabetismo, contudo, isto não significa que não o possa ocorrer em caso de uma maior amostragem. A pesquisa, então, revela que há entre os devotos diversos níveis de escolaridade, tratando-se, em geral, de uma população esclarecida, no que tange ao universo pesquisado.

Aqui é relevante ressaltar que ao observar, a "grosso modo", a multidão de romeiros, percebe-se que, estão presentes pessoas muito humildes, com poucos estudos, assim como pessoas que apresentam provável nível de escolaridade médio superior. Portanto, neste caso, a amostragem não define o real, mas, apenas, que estão presentes na festa, provavelmente, pessoas de todos os níveis de escolaridade.

Com relação às profissões indicadas pelos pesquisados verificou-se 41 tipos de profissões, de forma que a amostra coletada é bem diversificada. Observa-se que dentre os participantes apenas em 5 indivíduos não foram identificadas suas profissões, sendo que 3 pesquisados não marcaram, 01 pesquisado marcou de forma ilegível e 1 pesquisado declarou-se sem profissão.

Estes devotos, unidos pela Fé, em suas práticas religiosas, formam uma comunidade única, uma classe, porque estão compreendidos em uma determinada categoria, - eles são os "Romeiros do Divino Pai Eterno". São eles agentes em campo, que através do *habitus*, no dizer de Bourdieu (2007), garantem o funcionamento sistemático do corpo socializado.

Outrossim, há que se considerar dentre os elementos caracterizadores do Fenômeno Religioso, manifesto através do Catolicismo Popular em Trindade, o aspecto "Sócio Cultural" que nele está contido. Para tanto, é preciso lembrar que os ritos inseridos nos diversos patamares religiosos descritos anteriormente, estão compreendidos, também, no aspecto "Sócio Cultural". Neste sentido,

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas (...) pela natureza especial de seu objeto (...). Portanto, é o objeto do rito que precisaríamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença. (DURKHEIM, 1996, p. 19)

Como já se refletiu sobre a Crença, é importante que se contemple ainda, que de modo perfunctório, sobre "Rito". Seguindo a concepção de Durkheim (1996, p. 24), "os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se

com as coisas sagradas”. Mauss (1979) esclarece que um rito só encontra sua razão de ser, quando se descobre seu sentido, ou seja, as noções que formam e formaram sua base, significando, portanto, as crenças às quais ele corresponde.

Reafirmando-se o pensamento de Durkheim (1996), entende-se que, em uma sociedade, quando seus membros se encontram unidos por representarem da mesma forma o mundo sagrado e, por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, essa união, de seus membros, no que tange ao sagrado, se traduz em Igreja. Desta forma, o sentido atribuído ao rito corresponderá às crenças dos membros desta Igreja.

No caso da Festa de Trindade, compreendida no Catolicismo Popular que se insere na Igreja Católica Oficial, o sentido contido no rito é destacado pelo anseio do povo – devoto do Divino Pai Eterno – assim como pela ideologia contida na Igreja como Instituição. Aqui se faz um recorte na interpretação do campo, quando se depara com diferentes tipos de agentes que se consubstanciam nas categorias do devoto do Divino Pai Eterno, como Igreja constituída no Catolicismo Popular e, no Clero, que é o corpo sacerdotal representante da Igreja Oficial e que, na luta sutil que se desenvolve no campo, procura com suas estratégias orientar o devoto em habitus que garantam e reforcem a ideologia dominante que advém do invisível Poder Simbólico.

Aqui, na ação do devoto se depara com um dos fenômenos centrais da vida religiosa, entendido por Mauss (1979) como sendo a Prece e, segundo este Autor:

É um rito, pois ela é uma atitude tomada, um ato realizado diante de coisas sagradas. Ela se dirige à divindade (...) ela consiste em movimentos materiais dos quais se esperam resultados. Mas ao mesmo tempo, toda prece é sempre, em algum grau, um credo. Mesmo onde o uso a esvaziou de sentido, ela ainda exprime ao menos um mínimo de ideias e de sentimentos religiosos. Na prece o crente age e pensa. E ação e pensamento estão estreitamente unidos, brotam em um mesmo momento religioso, num único e mesmo tempo (...). A prece pertence ao mesmo tempo à crença e ao culto.

Através da prece, uma mesma instituição pode desempenhar suas funções mais diversas, assim como uma mesma realidade pode assumir múltiplas formas e, mesmo assim, manter sua autenticidade, manter sua natureza.

Apesar de a prece ser concebida por teóricos como sendo um fenômeno essencialmente individual, algo de foro íntimo, ela é parte pessoal espiritual, “é a manifestação de seu estado d’alma”.

Para Mauss (1979, p. 117 e 118)

Ela é antes de tudo um fenômeno social, pois o caráter social da religião está suficientemente demonstrado. Uma religião é um sistema orgânico de noções e de práticas coletivas relacionando-se com os seres sagrados que reconhece. Mesmo quando a prece é individual e livre, mesmo quando o fiel escolhe a seu gosto os termos e o momento, não há nada no que diz além de frases consagradas, e ele só fala das coisas consagradas, ou seja, sociais. Mesmo na oração mental, na qual segundo a fórmula, o cristão se entrega ao espírito (...)

Em sua análise, este teórico também concebe a prece como fato social o qual representa o pensamento institucional. Assim sendo:

O espírito que domina é o da Igreja, as idéias que suscita são as da dogmática de sua seita, os sentimentos que aí dominam são o da moral de sua facção (...) a prece é social não só por seu conteúdo, mas também em sua forma. Suas formas são de origem exclusivamente social. Ela não existe fora de um ritual, e as coleções das diversas 'confissões' satisfazem amplamente as necessidades da imensa maioria dos 'crentes'. (MAUSS, 1979, ps 117 e 118)

A prece é a crença que se materializa, é a religião em forma de atos, é um ato de fé, ou uma súplica, um hino de louvor ou um pedido de perdão, assim como um agradecimento. Por isso ela se manifesta nas orações, nas cerimônias, nos cantos, procissões, nas romarias, folias, carreiros, cavaleiros e peregrinos caminhantes na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, manifestações e práticas estas, que implicam em "fato Social".

No tempo presente, assim como no passado, o Romeiro busca por milagres, por esperanças em razão da crise que ora se manifesta na sociedade moderna, esta crise é real e, não há que se contestar, isto, porque ela é um fato social. Como a crise da modernidade está relacionada, também, com a crise de identidade que afeta o homem hodierno, esta identidade está intrinsecamente relacionada com a cultura. Cultura é um conceito amplo que encerra o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e que Suess (1995, p. 177), de acordo com as conclusões de Puebla, seguindo orientação da *Gaudium et Spes*, assim apresenta:

Com a palavra 'cultura' indica-se a maneira particular como em determinado povo cultivam os homens sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus (GS 53b). (...) É o estilo de vida comum (GS 53 C) que caracteriza os diversos povos: por isso é que se fala de pluralidade de culturas. '(GS 53 c)'.

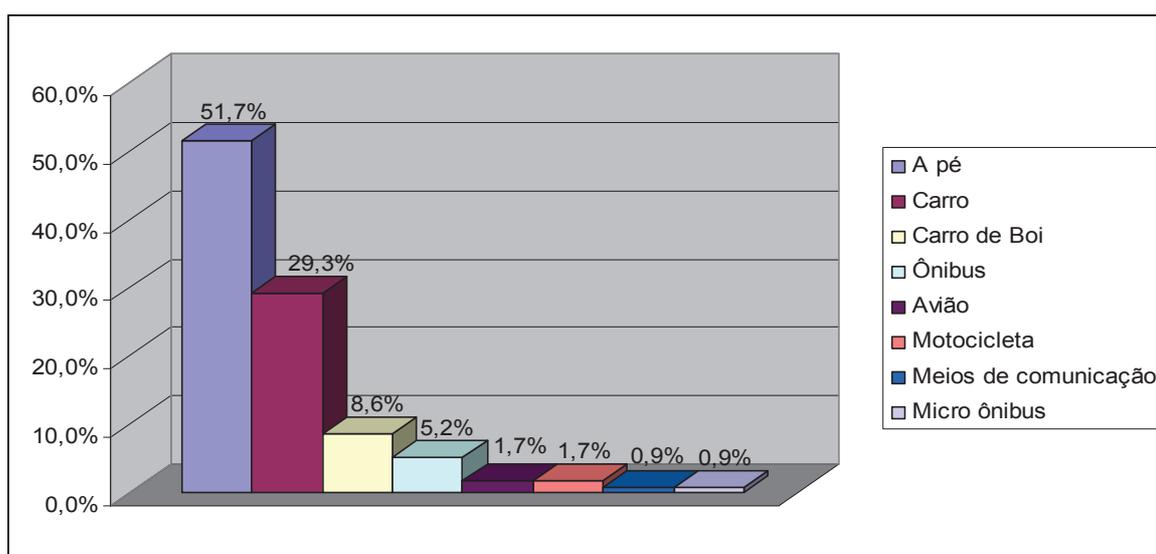
Assim sendo, com este pensamento, é possível se entender as manifestações culturais que possibilitam a própria preservação de identidade, que são difundidas através do Catolicismo Popular, percebidas na Festa do Divino Pai Eterno. Portanto, as Práticas Religiosas que acontecem na Romaria, em Trindade, também se caracterizam em Práticas Sócio Culturais.

A Romaria vista em sentido amplo engloba uma série de práticas envolvendo desde o romeiro que vem de carro, de ônibus, avião até aquele que caminha ou mesmo vem a cavalo ou de carro de bois. Quando se perguntou aos 116 romeiros que responderam ao Questionário aplicado para este trabalho, em 2015 – no quesito de nº 02 – De que forma o Senhor (a) veio a esta Romaria? (condução), ele assim respondeu:

Quadro 7: Tipo de condução

CONDUÇÃO	Nº DE PESQUISADOS	%
A pé	60	51.7
Carro	34	29.3
Carro de Boi	10	8.6
Ônibus	06	5.2
Avião	02	1.7
Motocicleta	02	1.7
Meios de comunicação	01	0.9
Micro ônibus	01	0.9
Total	116	100

Gráfico 5: Tipo de condução



Uma das formas de peregrinação do Romeiro do Pai Eterno é caminhar a pé para Trindade. Esta caminhada se dá, sobretudo, a partir de Goiânia, pois além dos

moradores desta cidade que querem fazer a caminhada, muitos outros vindos de vários lugares de Goiás e de outros Estados, partem do Terminal de Ônibus “Padre Pelágio” e seguem caminhando, rumo à Trindade. Entretanto, muitos outros Romeiros se deslocam de diversas outras cidades e caminham, a pé até a Cidade do Divino Pai Eterno, a exemplo de Anicuns/Goiás. É um verdadeiro encanto, parar, ao longo da Rodovia e ver a multidão que se movimenta, em silêncio, em oração, ou cânticos na caminhada da Fé.



Figura 25: Romeiros em caminhada - Romaria 2015 – (Goiânia a Trindade)

Fonte: Foto retirada do site: <http://www.paieterno.com.br/>

Sobre a caminhada, oportuno se faz considerar o movimento de romeiros a pé na estrada de Anicuns-Trindade observado no mês de junho de 2015 a partir da segunda quinzena pela pesquisadora, para esta Tese, quando foi notado que, em algumas noites, sem se precisar datas, contudo, em torno das 23 horas, no sentido Anicuns - Trindade, que muitas pessoas e em grupos, ou mínimo de duas pessoas, caminhavam em peregrinação rumo à Trindade. No posto da polícia rodoviária, as pessoas paravam em grupos maiores para descanso. O quantitativo de pessoas caminhando aumentou, na medida em que se aproximou o fim de semana, acentuando-se na semana da festa. Esta observação foi realizada de dentro de veículo que transitava no sentido Goiânia Anicuns. O trajeto na rodovia até Trindade perfaz em torno de 60 km. Foi observado que, em sentido contrário, a partir de Trindade, era significativo o aumento do número de romeiros vindos de Goiânia.

Esta observação corrobora as informações veiculadas na mídia, TV, jornais, Internet, sobretudo nos dias que antecedem a festa, ou seja, no período da novena,

dadas em cobertura, em referência ao grande número de pessoas que caminham rumo á Trindade na Romaria da Devoção ao Divino Pai Eterno.

Nos três últimos dias que antecederam a Festa foi observado pela pesquisadora que, a caminhada a partir do entardecer até a noite muito se intensifica, assim como, verificou-se a maravilha que se traduz no grande aglomerado de pessoas, em atitude de respeito e fé caminhando para o Santuário do Divino Pai Eterno. Estas pessoas vinham, conforme se constatou, de lugares diversos de Goiás e do Brasil. As notícias divulgadas pelo rádio e televisão, indicaram que há romeiros que vêm de longe, chegando a caminhar até mais de mil quilômetros em razão da Fé que nutrem pelo Divino Pai Eterno.

Relembrando a observação realizada em 2000 e 2001, quando se estudou esta Festa para a Dissertação de Mestrado, percebe-se que o crescimento em relação ao número de pessoas, considerando-se, como parâmetro, 2015 e 2016, é, sem dúvida alguma, muito grande, contemplado a olhos vistos; entretanto, não se tem dados comparativos, mas, não há dúvidas de que houve grande crescimento no número de romeiros caminhantes.

É relevante considerar a Romaria de Carros de Boi, que conduz os romeiros vindos de diversas localidades, deslocando-se através desses carros, rumo à Trindade. A Romaria dura em torno de quatro dias, e os romeiros param a cada noite para repousar, assim como, descanso dos animais. Na quinta feira da semana da festa, pela manhã os carreiros adentram em “Procissão” na Cidade de Trindade e desfilam para uma multidão de pessoas. São muitos carros que participam do desfile o qual leva algumas horas até seu término.



Figura 26: Carreiros em desfile – Festa em 2015

Fonte: 02/07/2015 12:13, Diomício Gomes

Desta forma, acontece, nessa festa, um momento belo de expressão religiosa cultural e popular. Os carros são ornamentados, trazendo o nome da localidade de onde vieram, sendo que, o carreiro, em geral vem acompanhado de sua família. Alguns cavaleiros acompanham a comitiva.

Observando-se, "*in loco*", o acampamento para pouso de um grupo de carreiros que se destinavam à Romaria do Divino Pai Eterno, em 01/07/2015, última parada, quando já se encontravam nas imediações da cidade de Trindade, verificou-se que a caravana era composta de cerca de cinco carros de bois, sendo que três carros vieram do município de Anicuns, sendo que um deles saiu de Trindade para se organizar em Anicuns e com relação ao quinto carro, os romeiros vieram de Mato Grosso para se organizarem, também, em Anicuns.

As comitivas eram formadas de familiares e amigos que costumam fazer a Romaria juntos, há muitos anos. Desta forma, eram todos conhecidos entre si, sendo que em cada carro estava uma família diferente. Os romeiros traziam consigo vasilhas e alimentos para cozinhareм ao longo do caminho. As refeições, segundo informações prestadas pelos carreiros, em geral, eram feitas em separado por cada família, entretanto, às vezes se juntavam e faziam comida e refeição em comum. No lugar de pouso, cozinham, jantavam, tomavam banho, conversavam um pouco e depois se recolhiam para repousar. As acomodações eram em forma de acampamentos, ficando os utensílios guardados nos carros de bois. Nesta parada, soltaram a boiada, bem como os cavalos, durante a noite, em pastos, para se alimentarem. A viagem durou cerca de quatro dias.

Neste pouso foi informado que, pela manhã houve almoço com muita gente, inclusive romeiros vindos de São Paulo e até teve a presença de padres que foram convidados pelos Romeiros. Apesar do cansaço pelo dia de jornada, a alegria se estampava nos rostos e todos tinham alguma coisa para contar. A caravana saiu de Anicuns no domingo e chegando a Trindade na quinta feira pela manhã para o Desfile dos Carreiros.

Nesta oportunidade alguns dos participantes narraram dificuldades encontradas pelos caminhos, como, um dos carros que quebrou e quase caiu no córrego. Uma das queixas apresentadas se referiu à falta de apoio dos organizadores da festa, porque a princípio, para os pousos, os romeiros ganhavam lugares e às vezes, até jantar, por parte de fazendeiros, ao longo do caminho. Hoje as dificuldades são muitas e é preciso alugar o pouso, e o aluguel é caro, não tendo nenhuma ajuda. Disseram que em Trindade, nos dias da Festa há muita exploração quanto ao lugar do pouso e a cobrança para o pasto é excessiva.

Outra queixa apresentada pelos carreiros é com relação ao desfile. As autoridades e a organização não se preocupam com o bem estar dos carreiros, que chegam cansados e precisam aguardar o início do desfile, o qual atrasa por horas, em espera pelas autoridades, e assim os carreiros e suas famílias ficam ao sol e nem água para beber lhes é oferecida. As queixas são muitas, entretanto, a fé e a tradição são maiores e o Amor ao Divino Pai Eterno lhes serve de ânimo e não os deixam desistir para o ano seguinte. Tudo se torna festa, orgulho e alegria, porque eles são os Carreiros - Romeiros do Divino Pai Eterno.

Quando se observa, no desfile, o Carro de Boi cantando a sua cantiga monótona e triste, mas que, para o carreiro é orgulho de seu ofício, verifica-se que o cantar das rodas, com seu maravilhoso barulho, revelam um magnífico espetáculo cultural: é o passado, rude, se perpetuando no presente, em um mundo moderno. Embora, este seja um momento externo da Festa, o lado profano, o Sagrado também aí está presente, porque, além da intenção, na Procissão do Carreiro, o Divino Pai Eterno está presente, com sua Imagem sendo conduzida de forma triunfal, no carro que abre o desfile, nas mãos de um Sacerdote, e os demais carreiros, participam do desfile, fazendo-o, em seu louvor.

Relevante se faz considerar que o Desfile de Cavaleiros que dantes era realizado na mesma ocasião que o Desfile dos Carreiros, agora tem seu espaço e tempo próprio, porque este desfile se realiza em dias diferentes. Este desfile atrai muitos romeiros que o prestigiam, dada à beleza que este espetáculo cultural oferece.



Figura 27: Cavaleiros em Desfile – Festa em 2015

Fonte: AFIPE

Outro momento digno de menção quanto ao aspecto cultural é o que se refere à Folia do Divino Pai Eterno, que se traduz em manifestação típica, contida no Catolicismo Popular, além de ser folclórica. Na véspera e no dia da Festa, muitos foliões são vistos nas ruas e no Santuário do Divino Pai Eterno.

Da observação direta, percebe-se que, dos coloridos das fitas e vestes, da Bandeira à feição de cada um, o folião vive intensamente o seu papel, ele é devoto e como tal precisa trazer seu louvor e sua homenagem ao Pai Eterno, naquele Lugar Sagrado. Os foliões, em grupos, diante da Imagem Sagrada do Divino Pai Eterno, entoam preces feitas em forma de cantigas e toadas, assim como louvam ao Divino Sacramento, diante do Sacrário, e também oferecem louvações à Virgem Maria.

No momento de suas apresentações, os foliões deixam transparecer estampadas em cada rosto, sua fé e mística que se misturam ao suor, ao cansaço, irradiando e contagiando a todos os presentes com sua animação e suas cantigas de agradecimento e louvor ao Divino Pai Eterno.

Em todos estes momentos indicados, se vê um belo Espetáculo Sócio Cultural.

Quanto ao aspecto racional e técnico-científico, não há como dele se falar, sem se mencionar a sociedade moderna capitalista em que se vive. O que caracteriza o mundo hodierno capitalista é o processo produtivo que sintetiza a produção, circulação e consumo de bens e serviços, objetivando o lucro, a acumulação. Os bens e serviços são colocados à disposição dos consumidores através do mercado, que impõe um preço, no qual já está inserido o lucro, que em geral é excessivo. Esse é um processo econômico característico dos tempos modernos. Seu Capital Simbólico se representa no Capital Econômico, que, para ser garantido se torna objeto de uma luta de relação de forças que se trava no interior do campo simbólico, cujo interesse é o monopólio do Poder Simbólico.

As religiões tradicionais, como é o caso da Igreja Católica Apostólica Romana, entram também em um processo de produção, haja vista que todas as atividades relacionadas com o ser humano se compõem de um processo produtivo.

Nesta perspectiva, produzem-se ideias, cultura e ação, que podem ser religiosas. A Igreja, em sua tradição religiosa, produz ações reguladoras do pensamento e da ação, seja com intuito de controle, seja como oferta de sentido, contudo, o preço e o lucro, não são sua meta, embora, em suas ações, com ela

coexistam. Logo, em princípio, a Igreja não está inserida no processo produtivo capitalista. Diante disto, então se detecta que existe em meio à religião relações no âmbito do Capital Religioso, como também, do Capital Econômico. Em Trindade, não é diferente. Berger (1985, p.14) diz que:

Durante a maior parte da história humana, os estabelecimentos religiosos existiam como monopólios na sociedade, monopólios de legitimação última da vida individual e coletiva. As instituições religiosas eram, de fato, instituições propriamente ditas, isto é, agências reguladoras do pensamento e da ação. O mundo, tal qual definido pela instituição religiosa em questão era o mundo, mantido não apenas pelos poderes da sociedade e por seus instrumentos de controle social, mas, e mais fundamentalmente, pelo 'senso comum' dos membros daquela sociedade.

O mundo hoje se apresenta capitalista em sua nova forma de "neoliberalismo", que é uma forma contida em um processo dinâmico, que advém dos processos de racionalização, oriundos da modernização, entendida como:

Estabelecimento de uma ordem sócio-econômica capitalista e industrial na sociedade e, em particular, nas instituições políticas. O acima mencionado 'território livre' de setores secularizados da sociedade tem uma posição tão central na economia capitalista industrial, que qualquer tentativa para 'reconquistá-lo' em nome do tradicionalismo político-religioso ameaça a continuação do funcionalismo desta economia. (BERGER, 1985, p. 143)

A questão em si não está no fato de que o homem é naturalmente um ser econômico e que as relações econômicas estão contidas em suas ações, sejam elas religiosas, do conhecimento, da técnica, ou mesmo culturais. O ser econômico, em verdade, se volta à solidariedade, haja vista, ele, homem, é um ser social.

A questão, então, se refere ao fato de que, em suas relações econômicas, no sistema capitalista neoliberal, o homem, não só produz circula e consome os bens, como também, acumula o capital. Isto implica que, para o bem estar dos povos, para o homem comum, que é ser social, o Bem Comum deveria ser prioridade, e não acumulação, o mesmo se dizendo, dentro da lógica, que este mesmo pensar se estende às relações religiosas, porque a elas não deve haver preocupação com acumulação, sobretudo, as cristãs, pois como já dito, o lucro não é a meta, e sim a qualidade de vida e a sobrevivência das pessoas. O próprio Cristo disse: "Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância", e este é o fundamento cristão, o que não é respeitado pela proposta e desenvolvimento capitalista, que têm valores éticos, diametralmente opostos.

Assim considerando, percebe-se que há uma relação de poder implícita no sistema capitalista, o qual subjuga o homem pelo próprio homem, e, assim sendo, não está contida no projeto cristão. Ao que tudo indica, é a isto que Bourdieu (2006, p. 194) faz referência como “Efeitos da Objetivação”, e neste sentido, diz que:

(...) O poder econômico não reside na riqueza, mas na relação entre a riqueza e um campo de relações econômicas, cuja constituição é inseparável do desenvolvimento de um corpo de agentes especializados, dotados de interesses específicos; é nesta relação que a riqueza se encontra constituída como capital – Isto é, enquanto instrumento de apropriação de um equipamento institucional e de mecanismos indispensáveis ao funcionamento deste campo e, ao mesmo tempo, dos lucros que ele prodigaliza.

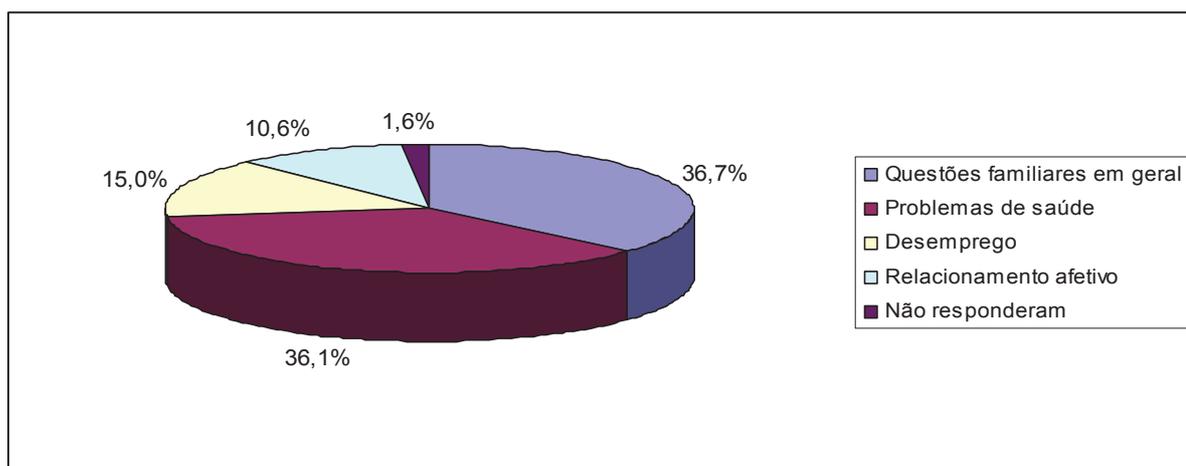
Os efeitos da apropriação do capital são claramente sentidos nas consequências da modernidade, no mundo contemporâneo, quais sejam: fome, miséria, violência, empobrecimento, saúde desamparada, e outras mais. Estas consequências são percebidas, nitidamente, em Trindade, através das súplicas dos romeiros ao Divino Pai Eterno, como, quando perguntado ao devoto através do questionário aplicado nos dias da Festa, no quesito 09: – Dentre as preocupações de sua vida, o senhor (a) busca ao vir ao Santuário do Divino Pai Eterno solucionar: (considerar em ordem de importância): (...) Questões familiares em geral / (...) Problemas de saúde / (...) Desemprego/ (...) Relacionamento afetivo /Outros.

Obteve-se como resposta:

Quadro 8: Motivo da vinda ao Santuário do Divino Pai Eterno

ITENS APRESENTADOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Questões familiares em geral	66	36,7
Problemas de saúde	65	36,1
Desemprego	27	15
Relacionamento afetivo	19	10,6
Não responderam	03	1,6

A pesquisa revela que o devoto vem ao Santuário do Divino Pai Eterno trazendo seus problemas consigo e, diante da Divindade procura solucioná-los, ou seja, superação para suas angústias. A pesquisa demonstra, então, que estas angústias se referem, em grande parte, às “Questões Familiares Em Geral” – 36,7%, seguindo-se, quase que de imediato, os “Problemas de Saúde” – 36,1%, sendo que a questão do “Desemprego” também está presente na ordem de 15%, considerando-se, ainda, significativamente, o “Relacionamento Afetivo”, em último plano -10,6%.

Gráfico 6: Motivo da vinda ao Santuário do Divino Pai Eterno**Quadro 9:** Indicações de outras preocupações

INDICAÇÕES	Nº DE PESQ.	INDICAÇÕES	Nº DE PESQ.
Agradecimento	16	Ensinar e aprender	01
Graças	06	For as	01
Devoção	04	Humildade	01
Proteção	04	Conforto	01
Resolver problemas financeiros	03	Contra o desespero	01
Promessas	01	Tradição	01
Fé	03	Louvar	01
Paz	02	Sabedoria	01
Aspecto religioso	01	União	02
Bênçãos	01	Não busca	01

As demais indicações apontadas pelos pesquisados revelam que o devoto busca não somente questões de ordem física e psicológica, mas, também, suas buscas retratam relações de ordem religiosa, como “louvor, bênçãos, Fé”, além da “Paz”, ou simplesmente “Agradecer” ou, “caminhar junto”.

Neste sistema de exploração capitalista está contida, indubitavelmente, uma relação de poder, na qual Bourdieu (2006, p. 201) ao falar sobre as Formas Elementares da Dominação, assim define:

“Para encontrar o fundamento natural do ser social” como diz Durkheim, foi preciso romper com a propensão de apreender o mundo social como se estivesse fundado no arbitrário das vontades individuais ou, como Hobbes, no arbitrário de uma vontade soberana: “Para Hobbes, escreve Durkheim, é um ato de vontade que dá origem à ordem social e é um ato de vontade renovado perpetuamente que a sustenta.

Este Cientista Social em suas preocupações adverte que:

Os efeitos ideológicos mais óbvios são aqueles que, para se exercerem, não precisam de palavras, mas do silêncio cúmplice. O mesmo é dizer, de passagem, que toda análise das ideologias, no sentido restrito do discurso de legitimação, que não comporte uma análise dos mecanismos institucionais correspondentes, se expõe a ser apenas uma contribuição suplementar para a eficácia de tais ideologias: (BOURDIEU, 2006, p.200)

Em Trindade, por mais que haja preocupação por parte da Igreja para atender bem os romeiros e repassar para eles uma autêntica mensagem cristã, percebe-se que, nesta sociedade que leva as pessoas a se desesperarem, a perderem a fé, ou, ainda, mesmo em situações antagônicas, a buscar fortaleza e paz junto ao Pai Eterno, há falhas por parte da Instituição, a qual não consegue alcançar os desafios dos tempos modernos e não atender a contento os anseios do povo, apesar de muito tentar. Assim, da entrevista realizada com o Clero, se apresenta, abaixo, alguns comentários que alicerçam este entendimento, bem como neles se detecta a presença daquele silêncio cúmplice, descrito por Bourdieu (2006) na citação acima indicada, e que, talvez seja em razão do próprio habitus dos representantes da Igreja – Instituição, conforme se vê na entrevista com o Clero e leigo/a:

Apesar de tantos ataques e crises que a Igreja tem passado no mundo, a Igreja continua sendo conduzida pelo Espírito Santo, sobretudo. E na cidade de Trindade o Espírito Santo tem soprado bem e com uma boa visibilidade. E isto justifica a presença diária de tantos devotos e caravanas na cidade. Daí decorre a necessidade da Igreja (por parte do clero) de estar sempre mais preparada para a lida e as necessidades dos romeiros. (PJHFC)

Hoje o Santuário Basílica, sua expressão estética, sua decoração artística interna e externa, suas rampas formam um lugar acolhedor digno de ser reconhecido como Basílica. Parabéns por tanto zelo pastoral! (PARA)

Mesmo com tudo isso, eu continuo perguntando: Onde moram os pobres? Eles estão na grande base oferecendo as doações chegando de todos os cantos do Brasil. O Santuário dá sinais visíveis e é instrumento revelador da presença do Reino de Deus? Aqui os romeiros bebem e encharcam suas vidas e a esperança de suas comunidades? “Aqui o simbólico dá a verdadeira dimensão do místico”? Como está sendo trabalhada a tradição, a herança familiar? A pregação atinge a questão estrutural da injustiça, da pobreza, da violência, da corrupção, o emocionalismo e o fundamentalismo? (PARA)

Perguntei a uma pessoa: Qual sua preocupação quando você vai à festa em Trindade? (com a carteira, levo cópias dos documentos, deixo

original em casa, dinheiro levo o mínimo possível, pois o assédio dos vendedores é grande, para a gente comprar). Hoje um dos grandes desafios é com a questão de segurança em todos os lugares, mas na festa no interior da Basílica, nas celebrações já não se tem mais segurança, pode ser roubado a qualquer momento. O que fazer? (PJO)

(Leigo/a) - A obra material nessa perspectiva nunca acaba, porque queira ou não a mídia tem peso de convencimento sobre a fé de cada romeiro que ali vai e são induzidos a misturar a fé, no Divino Pai Eterno e o compromisso de ajuda mensal para manter a obra de evangelização.

Percebe-se que é trabalhada uma evangelização de massa e sem compromisso com a realidade, ficando nítido o que é imposto pela sociedade capitalista neoliberal. A preocupação com a pessoa em si não existe na atual sociedade, e na igreja não é diferente, preocupa-se em resolver às necessidades da grande massa que vai ao Santuário em busca de pagar promessas feitas, pessoas que vão ali para pedir e agradecer graças e em troca tira-se proveito financeiro com isso. (MAS)

Desta forma, diante da atitude da Igreja, em Trindade, que evidencia um afastamento em prol de satisfação das necessidades reais do povo devoto, o *habitus* daqueles que representam a Igreja como Instituição parece cumprir aquele papel descrito por Bourdieu (2007), de que, através deste *habitus*, acontece no campo como em uma espécie de jogo, no qual, faz-se “o que tem que ser feito no momento próprio, sem ter que tematizar o que havia que fazer, e nem a regra que permite gerar a conduta adequada”. É desta forma que a ideologia que está por traz do jogo, “não aparece e não se assume como tal, e é deste desconhecimento que lhe vem a sua eficácia simbólica”. É a este fato desconhecido, razão de interesses ocultos, que se precisa detectar, para que se possa desmascarar o verdadeiro sentido que se esconde por traz deste jogo simbólico, que faz com que se reproduzam as estruturas sociais de dominação que garantem a eficácia do Poder Simbólico.

(Leigo/a) - Na realidade as pessoas que frequentam o santuário na sua grande maioria são romeiros vindos de fora de Trindade, portanto não cria vínculos, dificultando até um trabalho pastoral mais objetivo. Tudo é muito lindo quando não se tem uma visão mais aprofundada da realidade que o cerca. (MAS)

O Sistema neoliberal implica, além de interferência no domínio do conhecimento e da cultura, também em mudanças no controle, através da técnica. Assim sendo, isto se observa em Trindade, através das transformações advindas com a chegada dos celulares, da mídia, da TV etc. Para melhor entendimento, se indica o fato de que as notícias que veicularam na mídia, por ocasião do lançamento

da pedra fundamental do futuro Santuário que já se encontra em construção, em Trindade, informaram que a transmissão da Missa Solene seria através da *Rede Vida de Televisão; da UCG-TV; TV Capital; e Pai Eterno FM (95,5)*. *O avanço da técnica fez com que a divulgação da Festa de Trindade, bem como a Devoção ao Divino Pai Eterno se estendesse em nível nacional, logo, em todo o Brasil.*

Diante deste contexto, através do discurso da Igreja, da preocupação dos sacerdotes, e das necessidades do povo, do Devoto que busca soluções para seus problemas junto ao Divino Pai Eterno, verifica-se as formas elementares de dominação percebidas em Bourdieu (2006, ps. 201 e 202) quando disse:

(...) Mas, a realidade social preparava uma última peça à ciência: a existência de mecanismos capazes de assegurar a reprodução da ordem política fora de toda intervenção expressa autoriza a reconhecer como políticas apenas aquelas práticas orientadas em direção à aquisição ou conservação do poder que, tacitamente, excluem da competição legítima pelo poder o controle dos mecanismos de reprodução.

Como a percepção do mundo social implica em uma luta política, a crítica da razão política se torna necessária, no universo da Sociologia, como pressuposto de se detectar os interesses, que se satisfeitos, reproduzem e legitimam a ordem estabelecida. Neste patamar de considerações é que se entende a relevância das Ciências Humanas, Políticas e Sociais com suas orientações advindas de observações, reflexões e debates, assim como das Ciências da Religião e da Teologia, porque são todas corresponsáveis, neste processo de zelo pela Humanidade, para além das preocupações de ordem religiosas.

Deste modo configura-se que as práticas religiosas compreendidas no Catolicismo Popular, observado em Trindade, estão definidas dentro dos aspectos Religiosos, Sócio Culturais e Racionais Técnico Científicos, e fazem parte de um jogo que determina a eficácia e o funcionamento deste campo religioso.

3.2 A Permanência do Fenômeno Religioso na Modernidade, Percebido no Catolicismo Popular, em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno

Um olhar sobre o mundo moderno, cuja característica maior é a fábrica de uma situação de morte, violência, opressão, miséria, angústia e tantos outros, detendo-se em Trindade, onde o povo fiel que busca junto ao Pai Eterno satisfazer suas necessidades, pedir socorro e sustentar suas esperanças, já revela que

permanece a Religião nesta Sociedade. O Fenômeno Religioso demonstra, então, que de forma antagônica, o povo caminha ora com fé, ora sucumbindo diante das práticas de um mundo cruel e capitalista, onde o individualismo se confronta com as ações de solidariedade, que ainda persistem na sociedade maior, assim como, também, entre os Devotos do Divino Pai Eterno. Neste sentido:

(...) não é para o céu que devemos olhar para anunciar a Deus (cf. At. 1,11). O nosso olhar deve estar voltado para a terra, onde o Espírito do Senhor já está agindo no meio de nós, combatendo a 'besta fera'. A igreja deve olhar para o mundo com um olhar de mãe, que é capaz de ver o que a outros passa despercebido. Um olhar atento, que não se deixa enganar por aparências ou por um certo sentimento de 'normalidade'. (SUNG, 1.992, p. 28)

Em Trindade, cada um dos exemplos indicados acima, em referência aos elementos caracterizadores do Fenômeno Religioso, já falam por si mesmos que, permanece a Religião nesta sociedade moderna. Prova suficiente da permanência do Fenômeno Religioso, na festa em questão, é a própria Romaria, que cresce a cada ano, a olhos vistos, desde sua origem, e isto é percebido através de um olhar histórico.



Figura 28: Romeiros na Missa da Festa em 2015

Fonte: Iris Roberto/Prefeitura de Trindade (05/07/2015)

3.2.1 O Porquê da Permanência do Fenômeno Religioso na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade

Ao contemplar o Devoto do Divino Pai Eterno, extasiado, diante da Imagem ou envolvido na Fita que liga a Imagem Sagrada à sua Pessoa, no “Lugar Sagrado”,

ali, no Santuário, onde a Divindade se manifesta já se tem ideia de o porquê da permanência do Fenômeno Religioso, nestes tempos modernos. Além disto, reforça este entendimento as respostas ao quesito formulado no Questionário aplicado, para esta pesquisa, a saber:

16 – O que o Senhor (a) experimenta quando se encontra em contato com o Divino Pai Eterno? (Qual seu sentimento?)

Quadro 10: Relação de sentimento

SENTIMENTO EXPERIMENTADO	Nº DE PESQUISADOS	%
Paz	30	25.9
Emoção	21	18.1
Alegria	20	17.2
Felicidade	10	8,6
Contato com Deus	09	7.8
Gratidão	09	7.8
Fé	09	7.8
Amor	06	5.2
Alívio	05	4.3
Bom	04	3.4
Choro	03	2.6
Conforto Interno	03	2.6
Força	03	2.6
Inexplicável	03	2.6
Proteção Divina	02	1.7
Bem Estar	02	1.7
Confiança	02	1.7
Momento de Reflexão	02	1.7
Contato com o Espírito Santo	02	1.7
Sentimento de que está no ar, leveza, maneirinho, flutuando	02	1.7
Sentimento de Virtude	02	1.7
Sentimento de Realização	02	1.7
Nada	01	0.9
Sentimento de Respeito	01	0.9
Comprometimento com as Coisas do Pai	01	0.9
Sentimento de Prosperidade	01	0.9
Harmonia	01	0.9
Devoção	01	0.9
Liberdade	01	0.9
Serenidade	01	0.9

Cont.

SENTIMENTO EXPERIMENTADO	Nº DE PESQUISADOS	%
Prejudicado	01	0.9
Se sente Bem	01	0.9
Se sente mais leve	01	0.9
Certeza de ser atendido (a)	01	0.9
Sente uma coisa forte que não sabe explicar	01	0.9
Sentimento de interiorização maior	01	0.9
Sentimento de Mistério	01	0.9
Sabedoria	01	0.9
Sentimento de mais Paciência	01	0.9
Diversos, por ter se afastado da Religião por muito tempo	01	0.9
União com o Espírito Santo	01	0.9
Esperança	01	0.9
Comovido (a)	01	0.9
Acolhimento	01	0.9
Prazer	01	0.9
Cura	01	0.9
O coração balança	01	0.9
Parece que a gente nem existe	01	0.9
Vontade de ir logo para o Céu	01	0.9
Bênção de Deus	01	0.9
Sente que está num cantinho do Céu, perto do Pai Eterno	01	0.9
Calma, sossego e tranquilidade	01	0.9
Momento de pedir que Deus esteja sempre presente	01	0.9
Renovação de Fé	01	0.9
Graça	01	0.9
Presença de Milagre	01	0.9
Sentimento de um Poder de Superação frente aos obstáculos da vida	01	0.9
Uma sensação maravilhosa, uma Paz	01	0.9
Não soube responder	01	0.9
Não responderam	04	3.4

A experiência do contato entre o devoto e o Divino Pai Eterno se traduz em Relação de Sentimento, a qual, pelas respostas dos pesquisados, predominam os sentimentos de Paz (25.9%), Emoção (18.1%), Alegria (17.2%), entre inúmeros outros acima indicados, ou mesmo, como disseram os devotos nesta pesquisa:” Parece que

a gente nem existe” (...), “tem Vontade de ir logo para o céu” (...), ou ainda: “Sente que está num cantinho do Céu, perto do Pai Eterno” (...), enfim: “Uma sensação maravilhosa, uma Paz”. Ainda é digno de nota o seguinte relato: "Experimento mais uma vez o texto bíblico que diz: 'onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, ali estarei'. Claro, não precisa necessariamente ser ali para que Deus esteja presente, mas ali, dentro da imensidão daquele Santuário, me parece que esse texto fala mais alto”.

Entretanto, não se limita nesta análise apenas à percepção de uma relação de sentimentos do romeiro com o Divino Pai Eterno, mas, se percebe, também, relações de identidade, de representação e de subordinação. A relação de identidade se apresenta no habitus do romeiro, como ator social, habitus adquirido em suas relações religiosas, familiares, que está no princípio da recepção e da apreciação de toda sua experiência com o sagrado. Este habitus representa a identidade do devoto, em sua história incorporada na qual ele se identifica com o Pai Eterno, como Filho amado e protegido, e é por isto que ele se insere neste espaço social, onde surge, também, a relação de representação.



Figura 29: Romeiros em Missa na Festa em 2011

Fonte: [Padre Robson Oliveira](#). Posted on 28/01/2011 by presentepravoce

A ideia que se vislumbra nesta ótica de pensamento é aquela na qual Bourdieu (2007) mostra que o ator social participa da construção da visão de mundo por meio do trabalho de representação, trabalho este realizado não só com intuito de impor sua visão de mundo, ou mesmo a de sua própria posição nesse mundo, mas, também, a visão de sua identidade social.

Esta representação simbólica constitui e reproduz a estrutura social segundo a qual a visão de mundo, presente no imaginário do devoto, demonstra, aqui no imanente, a construção do Reino de Deus, a Casa do Divino Pai Eterno, que em Trindade fez sua morada. Através deste habitus, do romeiro, também se percebe a relação de subordinação ao Sagrado, naquele sentido descrito por Bourdieu (2007), quando em referência ao habitus deixa subtendido que este informa a conduta do ator, é a própria ação do agente em campo, com suas estratégias que permitem a conservação e/ou transformação das estruturas que estão no princípio da sua produção e que pelos autores sociais se tornam legitimadas.

Ainda no mesmo sentido é relevante citar este Autor quando diz:

Se as relações de forças objetivas tendem a reproduzir-se nas visões do mundo social que contribuem para a permanência dessas relações, é porque os princípios estruturantes da visão do mundo radicam nas estruturas objectivas do mundo social e porque as relações de força estão sempre presentes nas consciências em forma de categorias de percepção dessas relações. (BOURDIEU, 2007, p.142)

A questão da subordinação implica no fato do reconhecimento do devoto na Crença ao Divino Pai Eterno, porque conforme ele mesmo o disse, no questionário: “Sente uma coisa forte que não sabe explicar” e, “Comprometimento com as Coisas do Pai”. Assim sendo, existe um Poder Simbólico ao qual o devoto, em seu habitus está subordinado, conforme disse Bourdieu (2007, p.188): - “É um poder que existe, porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”.

Apesar das inúmeras formas de pensar e agir frente à religião, em especial, no caso do Catolicismo Popular que se manifesta em Trindade, na Devoção ao Divino Pai Eterno, uma coisa ali é comum: a Fé. Ali, estão todos unidos pela mesma Fé, pela mesma crença, seja pelo Próprio Pai/Deus, seja pelo Divino Pai Eterno, que é uma coisa só, mas visto diferente. Igualmente, o porquê da permanência do Fenômeno Religioso é percebido no quesito nº 04 através do qual se indaga ao romeiro: Por que o Senhor (a) é devoto do Divino Pai Eterno? Obteve-se como respostas:

OBSERVAÇÃO: As respostas deste quesito estão agrupadas envolvendo, em síntese, Relações de Sentidos, considerando-se que há respostas que envolveram duas ou mais Relações de Sentidos. Estas estão apresentadas em ordem decrescente do número de pesquisados que as indicaram.

Quadro 11: Relações de sentidos

RELAÇÕES DE SENTIDOS ¹⁸	Nº DE PESQUISADOS	%
Fé	30	25.9
Tradição	15	13
Crença	11	9.5
Agradecimento	09	7.8
Devoção	06	5.2
Pela educação recebida	06	5.2
Deus criador	06	5.2
Recebimento de graças	05	4.3
Religião católica	05	4.3
Porque é nosso Pai	05	4.3
Milagres	04	3.4
Saúde	04	3.4
Porque atende as súplicas	03	2.6
Por influência	03	2.6
Representação de Deus	03	2.6
Simpatizante (é de outra religião)	02	1.7
Bênção	01	0.9
Confiança	01	0.9
Deus nos ama	01	0.9
Ele é tudo	01	0.9
Fidelidade	01	0.9
Fortaleza	01	0.9
Porque sempre foi	01	0.9
Por sentir presença	01	0.9
Pelo Padre Robson	01	0.9
Pela beleza	01	0.9
Representação da Trindade	01	0.9
Prejudicado	01	0.9
Sim	05	4.3
Não	06	5.2
Não respondeu	01	0.9

¹⁸ **RESULTADOS ALCANÇADOS:** as Relações de Sentidos indicadas pelos pesquisados envolvem sentidos de ordem espiritual, assim como, sentidos de ordem material, entretanto outros sentidos, em geral, também são indicados. Dentre as Relações de Sentido Espiritual cita-se, como exemplo: **Pela Fé** (25.9%), **Porque é nosso Pai** (4.3%), **Bênção** (0.9%) e **Confiança** (0.9%). Como Relação de Sentido Material indica-se **Recebimento de Graças** (4.3%), **Porque Atende as Súplicas** (2.6%) e, **Por Influência** (2.6%). Das Outras Indicações apresentadas apontam-se: **Pelo Padre Robson** (0.9%) e **Simpatizante (é de outra Religião)** (1.7%). Embora haja entre o Devoto e o Divino Pai Eterno uma relação que envolva súplicas, portanto em sentido material, e outros sentidos, a pesquisa aponta para o fato de que esta relação é, em primeiro plano, de cunho religioso, como a **Devoção** (5.2%) e **Fidelidade** (0.9)

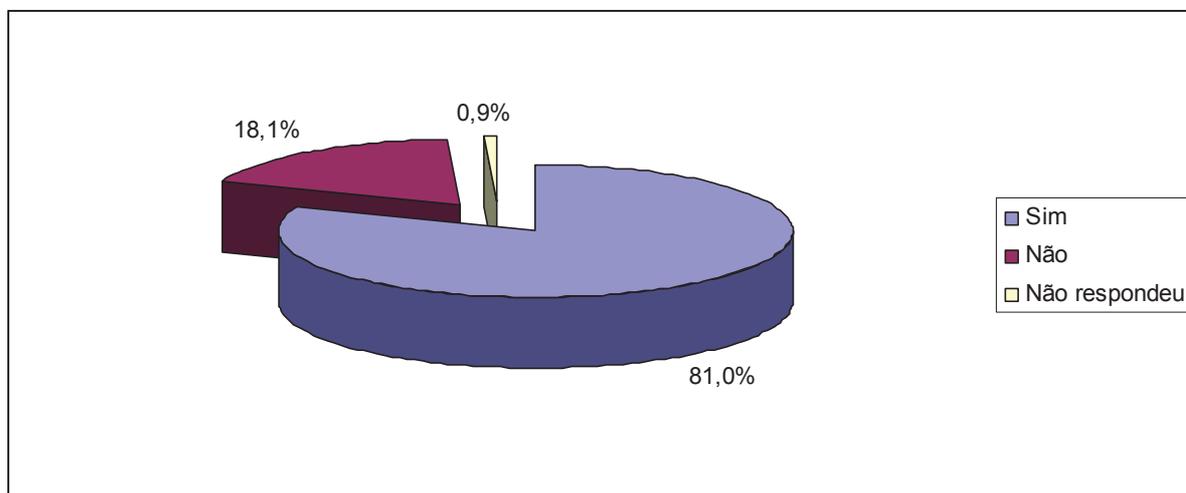
Outrossim, corrobora este pensamento, as repostas ao quesito formulado no mesmo questionário, quais sejam: 19 – O Senhor (a) pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria? Se a resposta for “sim” especificar o pedido.

Quadro 12: Pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria

SIM / NÃO	Nº DE PESQUISADOS	%
Sim	94	81
Não	21	18.1
Não respondeu	01	0.9
Total	116	100

A relação entre o devoto e o Divino Pai Eterno envolve muitas vezes súplicas. Neste mister, esta pesquisa comprova este alegado, porque 81% dos participantes responderam **sim** ao quesito formulado sobre, se o devoto pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno. Em contrapartida, apenas 18.1, responderam negativamente a este quesito, isto é, nada pedem nesta ocasião.

Gráfico 7: Pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria



Quadro 13: Especificação dos pedidos

PEDIDOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Saúde	43	37.1
Paz (para a família, para o mundo e a nação)	24	20.7
Só agradecimentos	16	13.8
Pela Família	08	6.9
Trabalho e Emprego	07	6

Cont.

PEDIDOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Bênçãos (pessoal, família, nação , mundo)	06	5.2
Cura de doença	05	4.3
Proteção	05	4.3
Não pode expressar seu pedido	04	3.4
Segurança	04	3.4
Ajuda para os filhos	03	2.6
Amor (ao próximo)	03	2.6
Harmonia	03	2.6
Orientação	03	2.6
Ajuda em geral	02	1.7
Conversão para a família	02	1.7
Graças	02	1.7
Menos violência	02	1.7
Para diminuir o stress do povo	02	1.7
Questões familiares	02	1.7
Renovar a Fé	02	1.7
Agradecimento por cura de doença	01	0.9
Ajuda para quem fica e para quem volta	01	0.9
Coragem	01	0.9
Disposição	01	0.9
Espiritual	01	0.9
Financeiro	01	0.9
Força	01	0.9
Melhora na política no mundo	01	0.9
Oração	01	0.9
Para pagar dívidas	01	0.9
Para pararem de usar drogas (pedido geral)	01	0.9
Pede Casa	01	0.9
Pede mais	01	0.9
Pela crise no Brasil	01	0.9
Pela Formatura	01	0.9
Prosperidade	01	0.9
Que não faltem as coisas em casa	01	0.9
Respeito	01	0.9
União	01	0.9
Conforto	01	0.9
Esperança	01	0.9

São inúmeros os pedidos feitos ao Divino Pai Eterno pelos devotos no decorrer da Romaria, assim sendo, a Festa encerra um momento de esperança para o romeiro de que tudo pode melhorar, mesmo porque muitos destes pedidos são atendidos e é por isto que o devoto agradece (13.8%), ou deixa o sentido da graça recebida registrado na Sala de Milagres.

A esperança, embora tenha sido contemplada apenas por 0.9%, é digna de nota por se perceber que ela está contida envolta, ainda que não expressa, na fala do romeiro, em cada uma das respostas apontadas. Por outro lado, é relevante considerar que em primeiro plano foram apontadas as questões de saúde (37.1%) e a Paz (20.7%), estando de acordo com o perfil da sociedade brasileira e goiana, na qual a população se encontra doente e com políticas precárias em relação à saúde pública. Isto se constata pelas notícias constantemente veiculadas na mídia, portanto, fato este que é público e notório, assim como a violência presente no meio social.

Diante destas respostas, obtidas aleatoriamente, no questionário aplicado, acredita-se estar indicado o porquê da permanência da Religião, isto é, do Fenômeno Religioso nesta Sociedade Capitalista, porque, diante deste processo, a relação religiosa realmente se dá, pela efetiva vivência do Mistério, do Poder Simbólico, que sem perder sua condição misteriosa, se torna presente no ser humano, no Devoto do Divino Pai Eterno, em um campo no qual ele O reconhece, e através das atitudes, ele O adora, se entrega em Suas mãos e Nele confia



Figura 30: Romeiros em Oração junto a Imagem do Divino Pai Eterno - Romaria de 2011

Fonte: [Padre Robson Oliveira](#). Posted on 28/01/2011 by presentepravoce

3.2.2 As Respostas que a Religião Oferece às Perspectivas dos Devotos do Divino Pai Eterno em Trindade

Destaca-se em uma das entrevistas com o Clero, a opinião do Sacerdote que disse:

A Festa de Trindade é celebração da Igreja, de uma Igreja que deseja ser sinal do Reino, uma coisa é o olhar crítico daqueles que querem ajudar a Igreja a evangelizar, celebrar a Fé e daqueles que querem uma Igreja Missionária, formadora de discípulos missionários de Jesus Cristo, daqueles que querem uma Igreja sem espaço para aquelas pessoas que ainda não sabem dar as razões da fé cristã. Quero cada vez mais ver a festa de Trindade com olhar do Rosto da Misericórdia. Que declara: Vim buscar e salvar o que estava perdido. O Povo quer e precisa de um espaço para expressar sua fé que de certo modo é a fé que recebeu da Igreja. (PJO)

Através de observação direta, parcial, da Liturgia; das Homilias, se vê a mensagem que a Igreja transmite aos Devotos, que são mensagens de alerta ao compromisso cristão, de fidelidade às propostas do Evangelho de Cristo. A análise realizada através do “Livro de Cantos” elaborado para acompanhamento dos devotos nas celebrações, em 2015, completa este sentido, porque se verificou que, em sua elaboração, como preparação das Liturgias, a ser utilizado nos dias da Novena e Dia da Festa, houve preocupação em se transmitir mensagens concretas de Fé, de Esperança e Caridade através dos Cantos.

Estas mensagens se direcionam em cânticos voltados para Louvor ao Divino Pai Eterno, Preces, buscando não apenas a Oração, como conclamações para partilha e conquista de um mundo melhor. Cantos voltados ao perdão e à união entre os homens, a partir do devoto. Cantos de agradecimentos e súplicas a Deus Pai e a seu Filho Jesus Cristo. Há Cantos direcionados à Eucaristia e à Maria, Mãe de Deus e, Cantos de Romaria. Há Cantos de esperança pela construção de um mundo melhor. Os Cantos estão distribuídos de acordo com o Rito Sacramental.

Desta forma, através destas mensagens, sejam de louvor, sejam de esperança, a Igreja, a Religião, através do Catolicismo Popular, na Festa de Trindade, oferece respostas às perspectivas de seus praticantes, os quais se revelam em romeiros, Devotos do Divino Pai Eterno.

Destarte, os estudos demonstram aquilo que a leitura em Bourdieu (1998) já o dissera, ou seja, que a Religião cumpre funções sociais por ensejar que as pessoas

dela esperam justificativas para suas inseguranças e angústias. Assim, na manifestação do Fenômeno Religioso em Trindade, os romeiros vendo em sua devoção a figura do Pai, a Ele recorre para curar feridas, consolar os aflitos e reacender a esperança naqueles que estão desanimados.

O Clero, e pessoas entendidas do assunto, demonstraram que, nesta perspectiva está contida a expressão viva da piedade popular, na qual os devotos, experimentando um relacionamento próximo com Deus, com o Amor do Pai, louvam, agradecem, fazem seus pedidos e suas promessas, continuando com a tradição familiar. A Romaria revela o caráter de ser provisória a peregrinação do devoto, em sua vida terrena a caminho da vida definitiva no Céu.

O povo, o romeiro vem à Trindade, movido pela fé, e “cheios de alegria fazem questão de dizer o quanto a vida deles mudou a partir do momento em conheceu a devoção. Seja vindo à Trindade ou através dos meios de comunicação social!”, isto, porque eles encontraram, na Casa do Pai Eterno, em Trindade, respostas às suas inseguranças, seus problemas e angústias. Contudo, há romeiros que vêm para a festa por outros motivos, como, motivados pela parte social, econômica, ou simplesmente para estar junto com a multidão. Diante disto se revela que permanece o Fenômeno Religioso na manifestação do Catolicismo Popular, na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

3.3 Transformações Recentes Observadas na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade

3.3.1 Aspectos da Mudança

Em observação direta realizada em 1999, para pesquisa orientada à elaboração da dissertação de Mestrado, percebeu-se que, naquele momento, em Trindade, havia transição de uma época em que a festa tinha alcance, de forma geral, no Estado de Goiás e, como exceção, a divulgação para outras partes do Brasil. Observou-se, igualmente que, como devoção à Figura de Deus Pai, em Trindade, esta era considerada única no mundo. A Forma de divulgação da festa, naquela época, era pela Radio Difusora de Goiânia, como meio de comunicação, ou, ainda pela tradição oral, através do romeiro que divulgava a festa entre parentes, amigos e conhecidos.

Contudo, já naquele momento se percebia que haveria mudança quanto ao alcance da festa, através da divulgação pela mídia. A tecnologia avançava a olhos vistos, a televisão goiana, da TV para a Internet. Em Goiânia, a Arquidiocese já se movimentava no sentido de trazer um canal católico para Goiás, inclusive já estava em fase de implantação. No primeiro momento estaria ligada à Rede Vida, que é um canal católico, sendo que hoje já tem o Canal de TV da PUC/GO – (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), não sendo este, o único em Goiás.

Para o observador atento, não foi difícil perceber, naquela ocasião, que, com a chegada da TV Católica, a festa alcançaria uma amplitude maior, pois chegaria a outras partes do Brasil. Entretanto, como a festa já crescia a olhos vistos a cada ano, com relação ao número de devotos que acorrem à Trindade, percebeu-se que o crescimento, a partir dali, com a chegada da TV, o aumento dos devotos seria muito maior do que já estava acontecendo. De fato isto ocorreu muito rápido e, hoje, uma multidão de fiéis vai à Trindade a cada ano para a festa, vindos de diversas partes do País, e até do exterior, sendo que, muitos romeiros de todo o Brasil vêm a Trindade para esta devoção, durante todo o ano.

A tendência é aumentar cada vez mais o número de romeiros presentes na Festa do Divino Pai Eterno, e acredita-se que esta festa que já é considerada como de grande projeção, no País, se torne uma das maiores Festas de Religiosidade Popular do Brasil. Atenta-se ao fato de que a mídia com a comunicação pelos meios sociais muito tem contribuído para o crescimento da festa. Portanto, a presença da mídia, é uma das transformações recentes que se aponta, na Festa do Divino Pai Eterno.

Apointa-se, também, como “Mudanças Recentes” na Festa do Divino Pai Eterno a multidão de romeiros, considerando-se que o número de fiéis aumenta, consideravelmente, a cada ano. Isto é percebido em observação direta, em comentários advindos dos celebrantes em diversas ocasiões, assim como em informações oriundas da mídia, seja em artigos ou reportagens de jornais e TV. Observa-se que em 2016, a Televisão Anhanguera, afiliada da Rede Globo, deu maior destaque ao acompanhar a realização da festa.

Pode-se também indicar como mudanças percebidas na Festa do Divino Pai Eterno, a presença dos políticos, na Missa da Festa, que apesar disto consistir em um fato comum e antigo, a mudança ocorre, porque aumenta a cada ano o número de políticos presentes, que disputam lugar, na Festa, para serem vistos pelos Devotos, isto considerando, porque, em princípio, os fiéis se traduzem em votos nas

urnas. Além disto, apresenta mudança a questão de que, recentemente, a mídia tem explorado, colocando em destaque, trazendo para a cena da festa religiosa, o contexto da adversidade existente entre os políticos. São adversidades políticas, partidárias e pessoais, que se apresentam entre eles, representantes do Poder Público, e, destacada em artigos veiculados em jornais e na Internet.

Digno de nota é o fato de que em 2016, o Jornal “O Popular” publicou no dia seguinte da realização da Festa, isto em 04 de Julho do ano em curso, uma matéria na qual não se deu atenção ao aspecto religioso, mas tão somente o referencial político, chegando esta matéria publicada a abranger duas páginas do jornal, às fls. 6 e 7, na Seção de “NOTÍCIAS”. Noticiou-se também acerca da campanha para trazer o Papa Francisco em 2017, e que está em andamento abaixo-assinado com mais de dois milhões de assinaturas. Inclusive teve destaque de primeira página do jornal com foto e a manchete: “FINAL COM FÉ E POLÍTICA”, destacando-se abaixo os dizeres: “ROMARIA – Entre os milhares de fiéis na missa solene de encerramento da Festa de Trindade estavam seis dos dez pré-candidatos à Prefeitura de Goiânia – P6 e 7”.

Desta forma, acredita-se poder interpretar como uma das “Mudanças Recentes” na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, o aumento considerável da presença de políticos na Missa da Festa, assim como, também indicam “Transformações Recentes”, a interferência da mídia, não apenas divulgando o fato em si, mas, sobretudo por atribuir conotação que implica em gerar confusão, dando ênfase não, quanto aos aspectos eminentemente sagrados, da celebração, mas sim, com o aspecto profano, não só da política, por seus representantes, como também da conseqüente adversidade que acontece entre tais autoridades. Implica, também, que este fato novo demonstra confusão por parte dos religiosos, porque permitem e confundem através de suas atitudes a sacralidade com o aspecto material e profano, com excesso de agradecimentos aos políticos que parecem contradizer os fundamentos cristãos.

No campo de relações simbólicas que se representa através da Festa de Trindade se apresentam duas espécies de capital que passam a ser o motivo de lutas por seu monopólio, qual sejam: o Capital Econômico e o Capital Religioso. Nesta luta, está compreendido o Poder Econômico, o Poder Político e o Poder Religioso, que sutilmente se confrontam.

O Poder Político se apresenta, então, em simbiose com o Poder Econômico, naquele sentido descrito por Bourdieu (2007, p. 164):

O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de “consumidores”, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção”.

Tem-se aqui, neste campo relacionado com a Devoção ao Divino Pai Eterno, os agentes representantes do grupo dos Sacerdotes, que, como representantes da Igreja–Instituição, descrevem seu *habitus* através das trocas de favores, por ocasião da festa, compreendidos em ofertas financeiras, seja advindas do Estado, seja do Município quiçá dos políticos. As ofertas ajudam a proporcionar um grande evento que contribue para atração dos romeiros, que por sua vez, estes, além de afirmar o evento Católico, como religião de maioria, com a presença de multidão de devotos, cada vez mais crescente, por outro lado, se tornam turistas, em Trindade e consumidores na perspectiva de Mercado. Isto, além de se considerar que, na festa, estão presentes inúmeros devotos eleitores que residem em Trindade, Goiânia ou mesmo Goiás. Esta é a razão pela qual os políticos, inclusive aqueles que confessam credos diferentes do Catolicismo, estarem presentes em Trindade, porque precisam de prestígio e votos dos devotos e de apoio político por parte da Igreja – Instituição. Assim sendo, na Festa de Trindade estão em jogo interesses que se consubstanciam não às claras, porque não são revelados, quer sejam estes: prestígios, votos, financeiros ou acúmulo de fiéis e as intenções estão presentes na Festa do Divino Pai Eterno.

Ainda com relação às “Mudanças Recentes” observadas na Festa do Divino Pai Eterno, digno de menção é o fato de que ao indagar-se aos participantes das entrevistas com o Clero: O Senhor vê mudanças ao longo da história desta festa, para a Igreja? Nas respostas apresentadas estão contidas inúmeras mudanças percebidas pelos entrevistados. Apontam-se, a seguir as respostas obtidas:

Sim. Cresce expressivamente, e a Igreja deve cada vez se aproveitar desta crescente para preservar a riqueza que ela tem desde sua origem, o povo com sua fé e piedade ainda mantém a força da Igreja no mundo. (PLAVR)

Ao longo da história da Festa do Divino Pai Eterno mudanças aconteceram no seu formato. Essas mudanças podem ser verificadas tanto na parte de estrutura física quanto na parte litúrgica. Outra mudança que se observa é na participação do povo, que ano a ano se avoluma no Templo, nas ruas e praças do Santuário. Sabe-se que nem todos buscam alimentar a sua fé religiosa, parte significativa nutre-se de outras razões. Todavia observa-se que aqueles que são romeiros, devotos do Divino Pai Eterno, continuam com o mesmo fervor e disposição em participar da grande Romaria rumo à Trindade para prestar homenagem ao Divino Pai Eterno. (PARS)

Vejo mudanças positivas em relação à organização e participação dos fiéis e também do clero. Os MCS (Meios de Comunicações Sociais) tem exercido papel importante na divulgação desta festa. Hoje ela é conhecida por todo o Brasil e também no exterior. Percebo que a liturgia está bem organizada e sempre em sintonia com a Igreja Universal. Esta consegue atrair grandes multidões. (PAG)

Nunca acompanhei muito de perto esta Festa. Acredito que as mudanças são inevitáveis. Elas acontecem não só da parte dos romeiros, mas, sobretudo a partir dos evangelizadores que precisam anunciar uma Palavra sempre viva, atual. (PJV)

Se a mudança se referir apenas ao número de pessoas, vejo pelos meios de comunicação que a cada ano o número de participantes é cada vez maior. Multidão, cada ano mais fiéis. Há para a Igreja, ou em relação a ela, uma consciência comunitária, é palpável, visível e crescente? As pessoas se fazem mais presentes nas suas comunidades de origem? Não se pode afirmar categoricamente que uma ou outra pessoa não se faça mais efetivamente presente nas suas comunidades. Mas, como maioria, não se pode dizer também que esta realidade acontece. São momentos especiais, celebrações bonitas, pomposas, mas que de modo geral não se revestem no sentido das pessoas voltarem para suas comunidades com um maior compromisso em relação a elas. Voltam de lá e, muitas vezes nem à missa aos domingos vão; isto não é um julgamento, mas uma reflexão. (...) Concretamente, porém, não saberia dizer se há alguma mudança pastoral para a Igreja como um todo; talvez em Trindade. (PT)

Tenho constatado:

Melhor organização na estrutura de Trindade para acolher os romeiros;

Ajuda e cuidado organizado aos pobres, que vão para se beneficiar da festa;

Redistribuição dos recursos materiais advindos dos Romeiros em Obras Sociais. Lembramos o trabalho gigantesco do Hospital São Cotelengo;

Melhora no atendimento religioso: Sacramentos,- pregação da Palavra – Confissões – a Eucaristia. (MAMS)

Com certeza esta festa já passou por muitas mudanças, não dá para falar de todas as mudanças num espaço tão curto como esta entrevista. Mas eu lembro muito bem quando o povo fazia barracas de palha (palhoças) nas ruas, quase não havia hotel, o povo dormia nas

ruas, nos bancos das igrejas. Os cânticos da igreja era algo mais regional e próprio do santuário, suas letras tinham mais conteúdo e tocavam mais o sentimento do povo.

A reforma da atual Basílica do Divino Pai Eterno modernizou muito ao atendimento do povo. Mas ainda há necessidade de melhorar as estruturas da Basílica, mas já está em construção um novo espaço capaz de atender a demanda sempre crescente do povo em Trindade. A introdução da TV nas transmissões das missas no santuário também contribuiu bastante para a visibilidade da devoção que já existia aqui há muito tempo. A TV não só deu visibilidade como também vem contribuindo muito para o crescimento do turismo e para a modernização do atendimento a essa demanda, tanto por parte dos moradores e comerciantes da cidade como também por parte da igreja (padres) que sempre se esforçam para atender melhor. (PJHFC)

Sem sombra de dúvidas, há uma grande trajetória de crescimento, com a conseqüente decantação de elementos mais ligados à religiosidade popular, tipo devocional. Há uma preocupação com a ação e com a evangelização, os sacramentos, sobretudo da reconciliação e da eucaristia. Notadamente um serviço de acolhida dos romeiros, inclusive na infraestrutura física. (PJOS)

Penso que precisaríamos aqui estabelecer critérios de mudança. No entanto, posso assegurar que à medida que a devoção cresce em todo o Brasil, a Romaria ao Pai Eterno alcança pessoas de níveis culturais, intelectuais e financeiros de todas as camadas e substratos sociais do país. Isso tem provocado um aumento à demanda por produtos e serviços de melhor qualidade o que favorece, e exige ao mesmo tempo, um aprimoramento humano, espiritual e estrutural em todas as áreas que participam da organização da Festa. Essa realidade tem alterado, para melhor, a rotina da cidade e do Santuário. Principalmente durante a Romaria que acontece anualmente no mês de julho. (PEGPV)

(Leigo) - Sim, houve grandes mudanças tanto na estrutura física como espiritual. Física porque com a divulgação da mídia precisou melhorar os espaços de acolhimento e aumentar o número de missas e horários de confissões..., ou seja, inovar para se adequar a realidade; espiritual, porque aumentou também o número de romeiros que frequentam a festa de Trindade por ocasião da festa e ao longo do ano com inúmeras romarias.

Essa festa ganhou uma mega estrutura a partir de sua divulgação na mídia. Souberam colocar no lugar de destaque pessoas que encantam o povo e que com discursos adocicados convencem o romeiro de que a fé precisa ser cada vez mais forte para não se separarem do DPE.

Houve tempos em que a Igreja tinha um comprometimento maior com a realidade vivida pelo povo e seu discurso unia Fé e Vida, mas a Igreja se aliou ao sistema capitalista e hoje a fé anda afastada da vida; as homilias e atitudes de grande maioria dos que estão à frente dos trabalhos na Igreja não atingem o verdadeiro projeto de libertação proposto por Jesus, infelizmente isso é notável também nas festas no Santuário do Divino Pai Eterno. (MAS)

(Leigo) - Houve mudanças estruturais, administrativas, organizacionais e religiosas que vão contextualizando a festa. Isto é necessário e facilita a vida dos romeiros, dando-lhes mais conforto e segurança.

Gostava muito de quando cada dia da novena era animado por comunidades da Arquidiocese (hoje Vicariatos), o que propunha mais dinamicidade, criatividade e envolvimento dos leigos na animação dos momentos de oração e celebração.(GF)

Todos os entrevistados concordaram que ocorreram mudanças com relação à Romaria do Divino Pai Eterno. Com relação às mudanças ocorridas são enumerados inúmeros aspectos, entre eles estruturais, administrativos, organizacionais, religiosos. Os aspectos estruturais envolvem relações tanto com a estrutura física como litúrgica e espiritual.

Em decorrência do crescimento, há entendimento por parte dos entrevistados, que há maior participação dos fieis e do Clero de forma positiva, eis que os evangelizadores precisam anunciar uma Palavra viva e atual, inclusive, há entendimento de que existe preocupação com a Evangelização, com os sacramentos, sobretudo, com relação à reconciliação e com a Eucaristia, isto, por parte do Clero. Entretanto, este ponto de vista não engloba a opinião geral, haja vista haver questionamentos diversos, como o envolvimento da Igreja com relação a este crescimento, não atendendo às expectativas do povo, dos fieis; há até o entendimento de que houve diminuição no comprometimento da Igreja com as necessidades do povo, compromisso Fé/Vida, entendendo-se que hoje existe também preocupação com relação às necessidades do mercado.

Apesar das mudanças, para o devoto do Divino Pai Eterno, estes continuam com o mesmo fervor dantes apresentado, porque o povo busca alimentar-se da Fé, do sentido espiritual, entretanto, há os que vêm à Trindade por outras razões.

Digno de nota se faz ressaltar que houve mudança na organização da festa, no que tange à equipe que auxilia nos preparativos da festa, na recepção dos fieis, e nas liturgias. Esta mudança envolve melhoria, pela participação de grande número de voluntários que se apresentaram em 2015, uniformizados, e demonstraram eficiência na realização dos papéis que competiram a cada um dos participantes, além de demonstrada a harmonia e eficácia no que tange ao trabalho de grupo desta respeitável equipe.

Aponta-se também a significativa mudança que ocorreu através dos anos, das simples barracas de palha, do povo dormindo nos bancos da Igreja para o Santuário Basílica e a estrutura turística que hoje se encontra na cidade de Trindade, em decorrência da Festa do Divino Pai Eterno.

Outro aspecto da mudança é que, com o crescimento, advêm maiores necessidades, e assim, a reforma da atual Basílica, modernizou o atendimento ao povo, contudo, precisa melhorar ainda mais, e para tanto já se está a construir um novo espaço, um novo Santuário.

Também foi apontada a questão de mudanças com relação aos cânticos, porque antes eram regionais e próprios do Santuário e, suas letras tocavam mais o sentimento do povo. Hoje está diferente.

Dentre os questionamentos foi apontado pelo Clero o fato de que houve tempo em que as comunidades da Arquidiocese participavam mais das festas e, hoje se resume na peregrinação a pé, em um único dia com o Arcebispo.

É relevante destacar outro questionamento, apontando na íntegra:

No que refere a festa, de povoado do povo, para capela, de capela para Paróquia que é o que se entende um acompanhamento e gerencia da Igreja na festa do Povo, continuando de Paróquia para Santuário e por fim Basílica. A Igreja caminha na história guiada pelo Espírito, e faz história com o Povo de Deus e como povo de Deus. Antes do concilio Vat II, uma Igreja pôs Vat.II Igreja das conferencias Episcopal Latina americana e caribenha, de Sínodos dos Bispos com o Papa e da Igreja Particular. Precisamos nos perguntar ate que ponto o romeiro simples vive estas mudanças? Lembro-me do pagador de promessa carregando sua cruz, sua fala, suas preocupações parecia não acompanhar tais mudanças (2015). É preciso destacar a presenças dos meios de comunicação, a promoção do turismo religioso. (PJO)

Uma segunda preocupação indicada na pesquisa, por um entrevistado do Clero, pode ser também destacada, levando-se em consideração que a mesma não foi lançada isolada, mas inserida em um contexto que envolve mudanças, a saber:

Hoje o Santuário Basílica, sua expressão estética, sua decoração artística interna e externa, suas rampas formam um lugar acolhedor digno de ser reconhecido como Basílica. Parabéns por tanto zelo pastoral! Mesmo com tudo isso, eu continuo perguntando: Onde moram os pobres? Eles estão na grande base oferecendo as doações chegando de todos os cantos do Brasil. O Santuário dá sinais visíveis e é instrumento revelador da presença do Reino de Deus? Aqui os romeiros bebem e encharcam suas vidas e a esperança de suas comunidades? “Aqui o simbólico dá a verdadeira dimensão do místico”? Como está sendo trabalhada a tradição, a herança familiar? A pregação atinge a questão estrutural da injustiça, da pobreza, da violência, da corrupção, o emocionalismo e o fundamentalismo? (PARA)

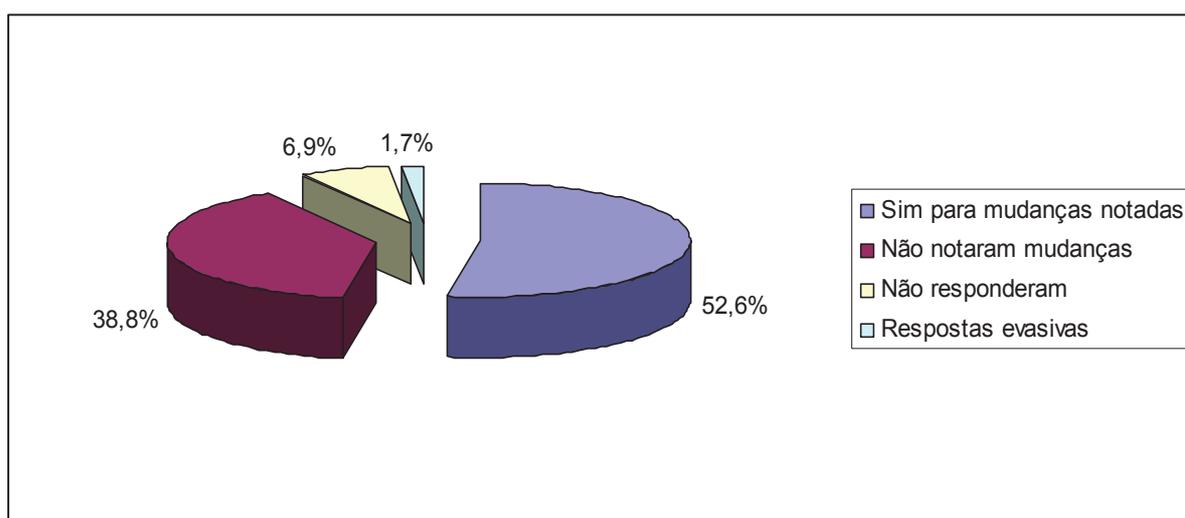
Outro instrumento aplicado para análise das mudanças foi o Questionário respondido pelos romeiros com relação ao quesito nº 11, a saber: O Senhor (a) notou quais mudanças recentes na realização da Festa? Indica-se a seguir as respostas apresentadas:

Quadro 14: Mudanças recentes na realização da festa

MUDANÇAS: SIM / NÃO	Nº DE PESQUISADOS	%
Sim para mudanças notadas	61	52.6
Não notaram mudanças	45	38.8
Não responderam	08	6.9
Respostas evasivas	02	1.7
Total	116	100

A pesquisa demonstrou que dentre os participantes 52.6% perceberam mudanças ocorridas na Festa do Divino Pai Eterno, enquanto que 38.8% não notaram nenhuma mudança ocorrida neste evento.

Gráfico 8: Mudanças recentes na realização da festa



Os Pesquisados indicaram as seguintes mudanças, relacionadas em ordem decrescente pelo Nº de pesquisados que as apontaram:

Quadro 15: Mudanças indicadas:

MUDANÇAS APONTADAS	Nº DE PESQUISADOS	%
Mudanças em Geral	22	19.3
Aumento no número de Romeiros	11	9.5
Mais Organização	10	8.6
Diminuição no número de Romeiros	04	3.4
Muitas dificuldades para os carreiros	04	3.4
Mais Segurança	04	3.4
Melhoria na recepção e apoio para os Romeiros	03	2.6
Com Mais Devoção	02	1.7
Festa mais bonita	02	1.7
Melhorias nas estadias	02	1.7
Melhorias na alimentação	02	1.7
Melhorias na comodidade dos Romeiros	02	1.7
Aumento do Comércio	02	1.7
Mudanças para pior no local de reunião dos Carreiros	01	0.9
Separação do Comércio	01	0.9
Separação entre Festa e Romaria	01	0.9
Melhoria do Comércio	01	0.9
Mudanças de lugares	01	0.9
Organização nos shows	01	0.9
Aumento de furtos	01	0.9
Melhorias no trajeto	01	0.9
Cidade mais limpa (Prefeitura)	01	0.9
Melhoria no transporte	01	0.9
Alterações na Praça	01	0.9
Diminuição do local de pouso para Carreiros	01	0.9
Atrasos no Desfile dos Carreiros	01	0.9
Mais apoio aos carreiros e apoios em geral	01	0.9
Menos apoio aos carreiros	01	0.9
Melhorias nas condições do acampamento dos Carreiros	01	0.9
Política e políticos atrapalham os carreiros	01	0.9
Melhoria na organização do Desfile de carros de bois	01	0.9
Melhoria no modo de divulgação da Festa	01	0.9
Melhorias nos banheiros químicos	01	0.9
Falta lugar para ficar	01	0.9
Diminuição do número de ambulantes e pedintes	01	0.9
Aumento de tudo	01	0.9

Cont.

MUDANÇAS APONTADAS	Nº DE PESQUISADOS	%
Antes não tinha o Santuário e hoje o Santuário está arrumado	01	0.9
Antes o povo era mais humilde e hoje tem todos os tipos de pessoas e melhorou mais	01	0.9
Com mais jovens	01	0.9
Pessoas vindas de todo o Brasil	01	0.9
Mudou o Reitor	01	0.9
Mudou com Padre Robson para melhor	01	0.9

Quadro 16: Quadro síntese de mudanças:

MUDANÇAS	Nº DE S PESQUISADOS	%
Aspectos relacionados aos romeiros	31	27.2
Aspecto material e financeiro	27	23.3
Mudanças em geral	22	19
Aspectos relacionados com carreiros (comodidades)	13	11.
Aspecto religioso	12	10.3

Observa-se que com relação às mudanças percebidas pelos pesquisados, apenas 10.3 % perceberam-nas voltadas ao Aspecto Religioso, enquanto que com relação ao Aspecto Material e Financeiro se reportou ao índice de 23.3%, entretanto, no que tange aos romeiros e carreiros, como à suas comodidades, alcançou-se 11%, a observação dos pesquisados. Notou-se, ainda, que 19% dos entrevistados perceberam mudanças relacionadas com aspecto geral.

Portanto, mudanças ocorreram na realização da Festa de Trindade e que foram percebidas a “olhos vistos” pelos romeiros, pelo Clero, através dos participantes desta pesquisa, assim como foram detectadas pela análise da pesquisadora, resultantes de observações diretas, “in loco” e, descritas neste tópico.

3.3.2 A Expansão do Comércio Vista Dentre as Mudanças Recentes Ocorridas na Festa do Divino Pai Eterno

Conforme já visto, o homem detém a característica natural de ser o homem econômico e, assim sendo, ele cuida de satisfazer suas necessidades, seja para sua sobrevivência, para seu bem estar ou mesmo lazer. Desta forma, produz bens, os põe em circulação e os consome, e, dentre estas práticas está contido o comércio. O comércio é natural, se visto como evolução cultural do homem, isto, em uma

dimensão solidária, diante do homem que, conforme já visto, é um ser social. Contudo, quando o comércio está contido em práticas espoliativas voltadas à acumulação, deixa de ser natural e se coloca como prática viciosa, antiética, imoral.

Destarte, analisando a Festa do Divino Pai Eterno, em uma perspectiva de Berger (1985, p. 39) vê-se que há na vida do homem dois campos distintos, o Sagrado e o Profano.

O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca sua vida numa ordem, dotada de significado. Num certo nível, o antônimo de sagrado é o profano, que se define simplesmente com a ausência do caráter sagrado. São profanos todos os fenômenos que não 'saltam fora' como sagrados.

Neste mister, estão contidos no âmbito do Sagrado, os momentos religiosos relacionados com o culto, como as missas, novenas, oração do terço e tantos outros, voltados ao relacionamento do devoto com o Divino, que acontecem tanto no interior do Santuário, como no espaço exterior do mesmo.

Entretanto, oromeiro além de se dedicar ao Sagrado, também ocupa seu tempo, em Trindade, com outros momentos que se traduzem em profanos. Estão compreendidos no espaço profano, os momentos dedicados à distração, para alimentação, ou mesmo para compras de lembranças e diversos artigos como roupas e utensílios domésticos.

O comércio faz parte da história da Romaria quase que ao tempo de sua origem. Cresceu com o aumento da mesma e expande a cada ano, cada vez mais. Quando se relembra a observação para pesquisa realizada em 1999, se volta à imagem de um comércio bem aquém do que se vê hoje. Cresceu em número e em qualidade. Trindade se tornou cidade turística e se antes era difícil hospedagem, hoje se encontra entre os diversos estabelecimentos, também, hotéis, pousadas e tantos mais.



Figura 31: Comércio na Festa de Trindade (2015)

Fontes: IESA - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais

O comércio com vendedores ambulantes e barraquinhas, embora em menor proporção, está presente desde o pátio externo da Igreja, estendendo-se pela cidade de Trindade. Ao que tudo indica, a coordenação tomou medidas para manter o comércio mais afastado do Santuário, na medida do possível.

Em torno do Santuário e, na cidade, se vê barraquinhas de comércio que se assemelham a uma feira medieval. Digno de nota é o surgimento, nos últimos anos, e a cada ano maior, de barraquinhas organizadas para venda de alimentos, ao longo da Rodovia, onde acontece a caminhada dos romeiros, que se deslocam desde Goiânia, para Trindade.

Dos estudos em decorrência de observação direta sobre o comércio, na Festa de Trindade, direcionados para esta Tese relata-se que, quando se adentra em Trindade nos dias que antecedem a festa e, sobretudo, na véspera e no dia da mesma, não se vislumbra, de imediato, noção, de que se trata de Festa Religiosa, dado ao extenso número de comércio que se avoluma desde a entrada da cidade até as imediações do Santuário- Basílica do Divino Pai Eterno. Entretanto, aos poucos vão se delineando a natureza desta festa, porque começa a se perceber que há mistura entre o profano e o religioso da festa, no próprio comércio. Há restaurantes, lanchonetes, lojas de materiais domésticos, como louças, panelas, roupas, assim como, também há lojas de objetos sacros. Nas proximidades do Santuário também se vê hotéis, pousadas, pensões etc. Nos estacionamentos se vê a presença de inúmeros ambulantes vendendo terços, medalhas, fitinhas de santo, imagens e outros.

No Santuário–Basílica, existe ao lado da Sala dos Milagres uma loja de artigos sacros, contudo, observou-se que em meio às celebrações dentro do Santuário eram comercializados (vendidos) o “Livro de Cânticos” da Festa de 2015, por pessoas encarregadas desta ação.

Como resultado dos questionários aplicados aos romeiros durante os dias de festa, no quesito de nº 14, qual seja -: Como o senhor (a) vê a presença do comércio na Festa? obteve-se:

Quadro 17: Presença do comércio na Festa

ASPECTOS CONSIDERADOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Ótimo/Bom	59	50.9
Muito caro/Exploração	16	13.8
Importante	11	9,5
Para arrecadação de dinheiro	07	6

Cont.

ASPECTOS CONSIDERADOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Ruim	06	5.2
Não responderam	04	3.4
Muito movimento	03	2.6
Gostam das barraquinhas	03	2.6
Bom por um lado e ruim, por outro	03	2.6
Péssimo	02	1.7
Sim	02	1.7
Oportunismo com relação aos fiéis	02	1.7
Não o consideram normal, entretanto, o aceitam	02	1.7
Desvirtua o sentido ou o objetivo	02	1.7
Alegria para os moradores	02	1.7
Deveria ser mais distante do Santuário	02	1.7
Forte	01	0.9
Ruim, com relação às bebidas	01	0.9
É estranha a mistura com Religião	01	0.9
Exagerado	01	0.9
Normal	01	0.9
Cai um pouco, diminuíram as mercadorias	01	0.9
Não gostam	01	0.9
Não houve mudanças	01	0.9
Como faz parte da Romaria, um depende do outro	01	0.9
Desrespeito aos Romeiros	01	0.9
Não presta atenção	01	0.9
Não deve ser jamais o ponto importante	01	0.9
Uma forma de conseguir um conforto na vida	01	0.9
Não concorda parcialmente com o comércio, ambulantes	01	0,9
O comércio tem sua importância no aspecto para a cidade, mas, para a Festa tem afastado muitos fiéis.	01	0.9
A Festa é o Comércio	01	0.9

Neste teor, sobressaiu o entendimento dos devotos que consideram boa a presença do Comércio na Festa do Divino Pai Eterno¹⁹. Ainda com relação à

¹⁹ **RESULTADOS ALCANÇADOS:** com relação ao comércio, verifica-se que há aqueles pesquisados, e, em maioria, que o consideram como Bom/Ótimo e atingem a 50.9%, seguindo-se dos que o consideram Muito Caro/Exploração -13.8%. Com o percentual de 9.5%, estão aqueles que vêm o comércio como importante, havendo os que o classificam como Para Arrecadação de Dinheiro -6% e, como Ruim -5.2%. Todavia, entre as inúmeras outras respostas se torna digno de nota aquele pesquisado que disse que A Festa é o Comércio – 0.9%, ou ainda que: É estranha a mistura com Religião – 0.9%, ou mesmo que é Desrespeito aos Romeiros – 0.9%, enfim, que: Não deve ser jamais o ponto importante – 0.9%.

pesquisa, quando se considerou sobre a relação entre o Específico Religioso e o Comércio, em favor deste último, as respostas obtidas evidenciaram que sobressaíram os aspectos positivos, conforme se vê:

Quadro 18: Aspectos considerados

ASPECTOS CONSIDERADOS ²⁰	Nº DE PESQUISADOS	%
Aspectos positivos	79	68.1
Aspectos negativos	49	42.2
Meio termoNeutros	08	6.9
Meio Termo	06	5.2

Quando, em entrevista ao Clero, foi indagado aos participantes se, os mesmos veem interferências do mercado no específico religioso desta festa, comentaram, então, da seguinte forma:

Vejo sim. Muitos comerciantes, barraquinhas, ambulantes, têm até associação de pedintes, espalhando seus associados pelas ruas de Trindade, durante a festa. Muitos se aproveitam dos romeiros que vêm de lugares onde não tem acesso a novidades comerciais, daí os romeiros aproveitam para fazer suas compras. Tem também vendedores de produtos religiosos, vindo de várias localidades do Brasil. Vejo uma mistura de comercio, fé, piedade, assim como aproveitadores... (PLAVR)

O mercado entrou de cheio nessa festa como em vários lugares do mundo, em se tratando de festa religiosa de massa. A figura do romeiro é disputadíssima, economicamente, nele vê-se não o homem que vem carregado de fé e que, devotamento se coloca diante do Pai Eterno, mas uma fonte lucrativa. O comércio está quase entrando no Santuário numa dança sincrônica entre o profano e o sagrado que convivem harmoniosamente naquele espaço. Ali o mercado penetra e ocupa lugar nas diversas linguagens articuladas muito mais profundo do que imaginamos. (PARS)

Não me sinto seguro para opinar sobre esta questão. ((PADG)

O econômico tem um peso muito forte na vida das pessoas. Infelizmente, há sinais visíveis desta preocupação por parte da Igreja. (PJV)

Nossa e como há; essas questões caminham sempre juntas. Não se consegue separar: ideologia, poder, questões econômicas e políticas do imaginário do povo (do nosso), cada um traz consigo uma herança

²⁰ Portanto, de acordo com a classificação dos pontos de vista indicados pelos pesquisados, em apreciando a relação entre o Específico Religioso e o Comércio, em favor deste último, verificou-se que sobressaíram os Aspectos Positivos em uma ordem de 68.1%, seguindo-se as considerações referentes aos Aspectos Negativos que se traduz em 42.2%.

que recebeu da família, vizinhos e grupo social. E, a pessoa por mais que mude, cresça, estude, ela não se separa daquilo que primeiramente contribuiu para sua formação de caráter, etc. E, nem seria aconselhável romper com isto!

(...) Em Trindade, essa interferência deve ser bem maior: haja vista a presença do Governador do Estado, Prefeitos, Vereadores, Deputados estaduais/federais. Como a política não há de interferir?... E os agradecimentos no final da festa, precisa tudo aquilo?... E as questões econômicas? As relações de mercado, de troca, estão aí presentes de forma sutil e forte. Falar isto pode dar a impressão que estou banalizando a “festa religiosa”; mas, não é isto que estou querendo dizer: mas os “favores, as prendas, as ajudas dos comerciantes” trazem nelas embutidas a ideia: meu produto é bom, é o melhor, são trazidos ao Pai Eterno para que as vendas aumentem, cresçam etc. Isto evidentemente, não é verbalizado e, talvez nem seja intencional, não estamos fazendo um juízo disso; mas, a ideia, a presença do “deus mercado” está aí. Ou não? (PT)

A cidade de Trindade se transforma num grande mercado: aluguel de casas, Terrenos, fundos de quintal, - para acampamento. Oferta de alojamentos, - alimentos, souvenirs para oferecer aosromeiros. A cidade sofre com o inchaço populacional, mas também busca tirar proveito da situação. (MAMS)

Sim, o mercado interfere na religião sim, mas a religião interfere muito mais no mercado. É difícil fazer essa separação. Ambos precisam um do outro. A religião gera mercado e o mercado dá suporte à religião. Sem o mercado não há como atender bem ao povo que vem a Trindade que precisa de suporte como, por exemplo, pousadas, restaurantes, hospitais, farmácia, transporte, etc. É importante frisar que a teologia da Igreja aqui não é uma teologia da prosperidade, voltada ao comércio ou bens materiais. Continuamos a pregar o amor do Pai Eterno de forma explícita pelos seus filhos e filhas, e o povo tem compreendido bem a este anúncio. (PJHFC)

Nenhum centro de peregrinações e romarias no Brasil foge a esta realidade. Há sempre uma porção de ingredientes que quase que necessariamente acompanham esta realidade. Haja vista todo o elemento sócio-cultural que se agrega junto ou próximo a estes centros de peregrinação, inclusive a comercialização de objetos sacros e profanos. Há um busca constante por respostas existenciais junto ao sagrado, por vezes uma espécie de “comércio com Deus”..., prometo isso, me dá aquilo. (MDL)

Não. Isso não acontece até porque a Liturgia da Igreja não sofre influência de nenhum fator externo a ela. (PEGPV)

Sim. Muitos saem em agradecimentos enquanto outros vêm em busca de ganhar dinheiro, não pela fé e de maneira de exploração aos Romeiros. Com isso venho dizer que é uma grande interferência, que muitos podem até dizer que vêm para Trindade, mas lá no fundo do íntimo é para comercializar e ao menos não sabe o que é a Festa de Trindade. (Sem. DSM)

(Leigo/a) Sim. O capitalismo tem uma forte influência no sagrado. Por mais que não queiramos admitir é uma realidade. Tudo é comercializado. Percebo que quando o produto é religioso o valor se torna ainda mais caro. Quanto à relação humano-afetiva a Igreja caminha na onda da sociedade do consumo, onde a vida humana perdeu o valor enquanto ser humano, não se percebe mais sentimento de compaixão pela dor do outro, parece que tudo se tornou normal, até mesmo a morte de alguém conhecido não traz mais impacto quando se dá a notícia do seu falecimento. Isso é notável também nos membros da Igreja.

A festa de Trindade se mistura entre o comércio e o religioso, fica difícil até perceber onde isso se diferencia dentro da Igreja.

Existe um negócio chamado marketing, que se bem utilizado garante o sucesso do empreendimento e na Igreja isso não é diferente.

Podemos perceber por quem está à frente dos trabalhos de evangelização da gestão anterior a essa que está no santuário que tudo põe a mão vira ouro.

Recentemente mudou-se a administração religiosa deste santuário, o atual não é famoso e nem tem muita expressão, e se ficasse só à frente da divulgação dos trabalhos com certeza não teria uma boa arrecadação, mas como o anterior continua na linha de frente a coisa tende a andar, porque percebo que muitos romeiros vão à Trindade, movidos pelo amor a um determinado “padre” e não ao Divino Pai Eterno. Prova disso foi uma pessoa amiga que veio de outro Estado e queria ir a Trindade para ver o “Padre” e não pela fé no Divino Pai Eterno. (MAS)

Sim. Noto que há um destaque muito grande no aspecto comercial/financeiro até mesmo durante momentos significativos de celebrações religiosas. Não é bom.

O povo sabe da necessidade e da força econômica para manter o Santuário e a ação evangelizadora; basta criar estratégias de pedir ajuda em momentos específicos: antes das celebrações, por exemplo. Usar cartazes em alguns pontos do espaço da festa; nunca durante as celebrações...

Não estou muito por dentro, mas gostaria de dizer que é necessário definir bem os objetivos financeiros de cada festa e prestar contas ao povo do que foi receita e despesa. (GF)

A questão da interferência do Mercado no específico religioso da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, é nitidamente percebida pela maioria dos entrevistados. Das diversas opiniões apresentadas, e que percebem a interferência do Mercado, no específico religioso, verifica-se que para alguns, a questão é percebida com naturalidade, como sendo um fato normal, compreensivo, e dentro de um discurso de resignação. Entretanto, para outros há questionamentos e até se indica que há sinais visíveis de preocupação por parte da Igreja.

Dentre os diversos comentários, há indicação de que, na festa, há preocupação excessiva com o econômico e com o financeiro. Comentou-se até que: “a religião gera mercado e o mercado dá suporte à religião.”, ou ainda: “a Festa gera emprego e também exploração...” ou, “nenhum centro de peregrinações e romarias no Brasil foge a esta realidade...”.

Os romeiros, na Festa de Trindade, além de suas devoções nos momentos relacionados com o sagrado, alguns, também, participam das festas no espaço profano assim como, do comércio. Porém há aqueles que seguem para Trindade apenas para participar da festa no que diz respeito ao profano, sobretudo, dentre os jovens, que participam também das atividades de comércio, como alimentos, bebidas etc. Até mesmo quanto aos pedintes, estes até já se organizaram em associações.

Observa-se que até ocorre certa confusão entre o comércio e o específico religioso, como, por exemplo, há Sacerdotes que gravam CDs e parecem artistas, e vendem seus discos, isto pode até ser bom para a Evangelização, por atrair pessoas, mas não se pode negar que é uma atividade exclusivamente comercial e capitalista, crescendo-se, inclusive a atração que exercem sobre alguns devotos. Apesar de, o aspecto religioso por vezes estar misturado ao comércio, e este, outras vezes inserido no espaço profano, contudo, conclui-se que é real e significativa a presença do Comércio na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, e que mudanças aconteceram no que tange à Festa do Divino Pai Eterno, quando o Comércio se intensifica em consequência do próprio crescimento da festa e interfere, de fato, no específico religioso, podendo até comprometer os fundamentos cristãos.

Relevante se faz considerar que, como o comércio está diretamente ligado ao aspecto econômico e financeiro, no específico da Festa de Trindade, outro fator, também financeiro, gera certa confusão, e confusão que tem raízes desde a origem da Devoção, e diz respeito ao que tange à questão da separação entre o Sagrado e o Profano. A questão é de ordem financeira, entretanto, está compreendida no âmbito do Sagrado, porque, no específico religioso existe o óbolo, o dízimo, a oferta que o devoto entrega para o Divino Pai Eterno e que não deve se confundir com a questão financeira que advém do comércio, propriamente dito, e que está relacionado com a esfera do Profano.

Aqui se confunde, também, inclusive, um aspecto novo e que diz respeito à AFIPE – ou seja, Associação dos Filhos do Pai Eterno, que foi criada para, em princípio, receber doações dos devotos, porém, parece que se tornou uma verdadeira Empresa, no sentido econômico, da palavra, porque exerce atividades relacionadas com o campo econômico. Contudo, este aspecto não se pretende detalhar, porque não é proposta deste trabalho, mas diz respeito enquanto atividade que gera resultados financeiros e que vão compor parte do Capital Simbólico Financeiro, na teia de relações compreendida em meio ao campo, no qual se deparam os Poderes: Econômico, Político e Religioso, em meio ao qual se defrontam as lutas sutis pelo monopólio dos respectivos capitais.

3.3.3 O Espetáculo Inserido nas Mudanças Ocorridas em Trindade

Segundo Hugo Assman, a Economia e a Teologia têm cultivado uma distância mútua respeitosa. Ambas têm se comportado como esferas independentes, autônomas, que por si mesmas se convalidam.

O contexto do mundo atual tem ensejado um debate envolvendo estes dois campos, em caráter urgente, abrangendo a crítica à lógica inexplicável do mercado sem restrições. A atual conjuntura revela a presença de fenômenos inéditos, como a intensa “messianização” do mercado na retórica neoliberal, a naturalização das estruturas históricas no presente, a ascensão de um discurso sobre o “o fim da história”, o falso evangelho que exige dos países pobres, ajustes estruturais implacáveis, enfim, uma terrível lógica idolátrica e sacrificial, que não se preocupa em sucumbir a maior parte da humanidade. Não é difícil perceber, pela simples observação da realidade, que se vive em um sistema mundial global o qual envolve a “economia do mercado”.

Conforme visto anteriormente, em Trindade, a Lógica do Mercado tem penetrado até em momentos próprios do sagrado, contraditando os ideais advindos dos Fundamentos Cristãos. Nesta lógica do mercado, como instrumento utilizado por sua estratégia, sutilmente, adentra em cena um elemento novo: o Espetáculo, que se apresenta em meio à tradicional pompa e solenidade dos ritos e nos cultos. A diferença é que para a tradição cristã, a pompa é elemento de louvação e adoração ao Divino Pai Eterno, enquanto que, no espetáculo, o elemento que se apresenta é o engrandecimento individual, que funciona como um endeusamento do ator envolvido.



Figura 32: Padre Robson em Missa Festiva em Trindade

Fonte: portal paieterno.com.br

Na devoção ao Divino Pai Eterno percebe-se, em casos excepcionais, o Sacerdote, no decorrer de algumas celebrações, com postura, como se estivesse em concorrência com o Divino Pai Eterno; atraindo a atenção de alguns fieis para si mesmo, ao invés de direcioná-la para Divindade; surgindo, então o perigo da “Idolatria do Mercado”.

O espetáculo se apresenta, então, como instrumento dos ideais capitalistas. Neste sentido:

O espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele não é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores. (DEBORD, 2003, p.12 e 13)

Não é proposta nesta Tese, se adentrar no mérito da questão, se é certo ou errado, intencional ou não a participação de sacerdote na perspectiva de mercado, mesmo porque, isto não é competência da Sociologia, Ciência que contribui com esta Tese. O que se pretende, em verdade, é se constatar a ocorrência deste fenômeno, assim como, se existe coerência, ou não, diante da proposta cristã, dentro de uma dimensão apreciada à luz da Devoção ao Divino Pai Eterno, como manifestação religiosa e que ocorre na perspectiva do Catolicismo Popular que se manifesta em Trindade, além de se denunciar a luta pela Idolatria do Mercado.

Denota-se, então, que, no campo simbólico, em Trindade, há um poder invisível, o Poder Econômico, que pretende estabelecer seu domínio, com a supremacia do monopólio do Capital Financeiro sobre os demais, e que atua, então, se utilizando do espetáculo como instrumento eficaz, para que possa estabelecer sua ordem, dando-lhe assim o sentido imediato do mundo e do mundo social, de acordo com seus próprios interesses. Acontece desta forma, uma luta simbólica, cujo fim último é subjugar os demais Poderes à sua liderança. É perseguição pela Idolatria do Mercado que estabelece regras do jogo na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

Dos estudos resultantes da observação direta da Festa nestes últimos anos e de pesquisa na Internet, deparou-se com o fato novo que envolve o Sacerdote – Padre Robson de Oliveira Pereira, Redentorista (CSsR), como ator do espetáculo. Este nasceu em Trindade, Goiás em 26 de abril de 1974, portanto, nasceu e cresceu em meio à Devoção e Festa do Divino Pai Eterno. Padre Robson esteve

presente e acompanhou as recentes mudanças que ocorreram na Festa de Trindade, inclusive com a chegada da mídia católica, em Goiás. Este Sacerdote tem, então, uma participação no espetáculo real que se apresenta em Trindade. Este espetáculo, conforme é comum acontecer, tem participação e promoção midiática, e, embora possa não ser de forma deliberada, Padre Robson tem sido um agente em conformidade com a representação e instrumentalização simbolizada pelo espetáculo.

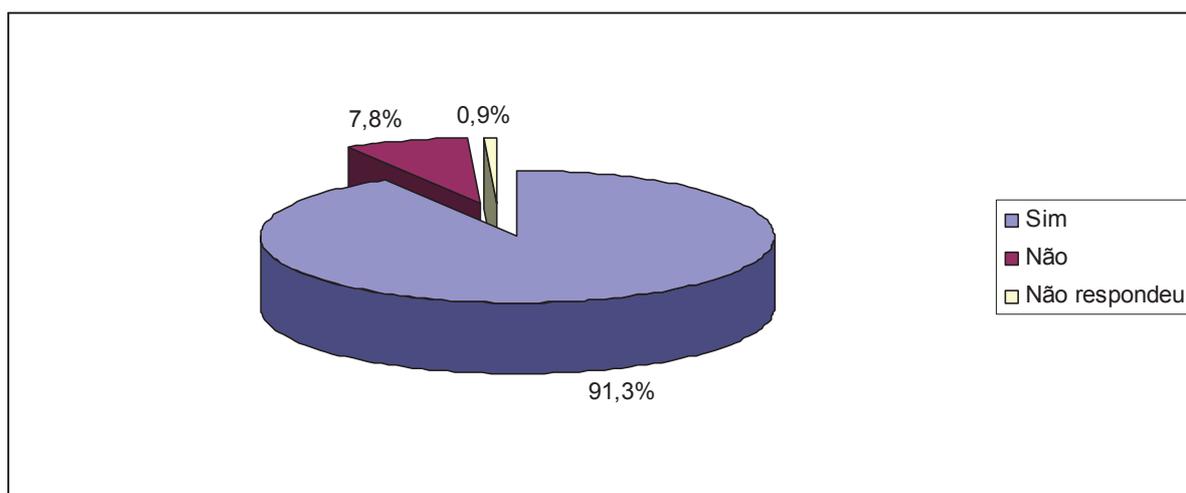
Através de mensagem cristã, ora as ações do Padre Robson se realizam no exercício do Sacerdócio, ora nas funções do “Padre Artista”, conforme é denominado na mídia, seja como apresentador em cerimônias voltadas para a multidão. Há ainda a exposição em Televisão ou mesmo com gravação de CDs. Assim atua este Padre perante o espetáculo, cuja presença marcante começou em torno de 2003, quando se tornou Reitor do Santuário de Trindade. Sua participação se mesclou com a chegada da mídia católica em Goiás, e com o desenvolvimento e crescimento da festa, passou, então, como proposta de marketing e mercado a ser atribuída como seu mérito, toda expansão da festa, sendo que tal argumento, embora questionado, tem sido aceito, reconhecido e legitimado por muitos, até mesmo por ele próprio.

Quando, no quesito de nº15, do questionário, foi perguntado ao devoto, se “a presença do sacerdote na celebração é fundamental? e, se, o senhor (a) tem preferência por algum?” foi respondido da seguinte forma:

Quadro 19: A presença do sacerdote na celebração é fundamental

SIM / NÃO	Nº DE PESQUISADOS	%
Sim	106	91.3
Não	09	7.8
Não respondeu	01	0.9
Total	116	100

Nos resultados alcançados, a questão de se considerar a presença do sacerdote na celebração como fundamental é dominante, haja vista, terem respondido os pesquisados afirmativamente em 91.3%, ao passo que, somente 7.8%, responderam que Não é fundamental esta presença.

Gráfico 9: A presença do sacerdote na celebração é fundamental**Quadro 20:** Indicativo de preferências

PREFERÊNCIAS	Nº DE PESQUISADOS	%
Nenhuma preferência	40	34.5
Padre Robson	21	18.1
Padre Marco Aurélio	04	3.4
Não responderam	04	3.4
Todos	03	2.6
Padre Jesus Flores	02	1.7
Qualquer um	02	1.7
Padre Helder	01	0.9
Padre Edinísio	01	0.9
Padre Fábio	01	0.9
Não Especificou	01	0.9

A pesquisa revelou que, em geral, o devoto não tem preferência por algum sacerdote, contudo dentre os que apontaram alguma preferência, sobressaiu os que indicaram Padre Robson²¹.

Aponta-se a seguir alguns comentários dos romeiros pesquisados sobre este assunto:

²¹ A resposta ao quesito sobre ter o pesquisado preferência por algum sacerdote revela que, em princípio, o Devoto do Divino Pai Eterno não tem preferência por algum sacerdote, eis que 34.5% assim o declararam, enquanto que 2.6% disseram preferir a todos, e, 1.7% fizeram referência a qualquer um sacerdote. Todavia, 18.1% dos pesquisados disseram ter preferência pelo Padre Robson, seguindo-se do Padre Marco Aurélio – 3.4% e alguns outros nomes foram indicados em proporções menores. Entretanto, é relevante se considerar que o percentual relativo à soma daqueles que indicaram alguma preferência, é significativa e perfaz a uma proporção de 25.9%. Conclui-se, então que apesar de predominar a não preferência por algum sacerdote, é considerável o percentual daqueles que o têm.

Quadro 21: Comentários dos romeiros sobre a preferência por sacerdote

COMENTÁRIOS	Nº DE PESQUISADOS	%
Importante	07	6
O que importa é sua Representação	01	0.9
Todos merecem amor e são unguídos por Deus	01	0.9
Todos são ótimos, são bons	01	0.9
Todos são iguais para Deus	01	0.9
Todos receberam formação, logo devem estar preparados para exercerem a função de evangelizar		
e consagrar a Eucaristia	01	0.9
Todo mundo vem para ver o Padre Robson, no dia dele lota	01	0.9
A presença do Sacerdote é fundamental porque ele é preparado para nos instruir	01	0.9
A presença dele é fundamental, traz confiança para as pessoas vendo o Padre celebrando a Missa. A Fé fica ainda mais forte	01	0.9
A presença do Sacerdote é importante e necessária, mas vejo não ser fundamental	01	0.9
A presença é importante e tenho a certeza que os Redentoristas têm uma presença atuante durante todo o ano, sobretudo nos dias da Festa.	01	0.9

Apesar de 34.5% dos pesquisados terem indicado que não têm nenhuma preferência por algum sacerdote e, 25.9% apontaram suas preferências, o fato é que o Devoto do Divino Pai Eterno entende ser fundamental a presença do sacerdote nas celebrações - 91.4% e os comentários apresentados pelos participantes desta pesquisa alicerçam esta consideração, como por exemplo: “a presença dele é fundamental, traz confiança para as pessoas, vendo o Padre celebrando a Missa. A Fé fica ainda mais forte”.

Percebe-se diante destas respostas que, predominantemente, é considerada fundamental a presença do sacerdote nas celebrações (34.5%), havendo dominância quanto aos romeiros que não têm nenhuma preferência, contudo, já se destaca a preferência pelo Padre Robson por cerca de 18.1% dentre os Romeiros que participaram da pesquisa, o que alicerça a ideia de projeção em ascendência deste sacerdote, dentre os demais que se encontram presentes no Santuário de Trindade para atendimento dos Romeiros, no dia a dia e que são os Redentoristas.

Outro fato relevante e digno de nota foi o que resultou da observação direta da pesquisadora, nos dois últimos dias da novena, em 2015, quando, durante a cerimônia religiosa, e em dias diferentes, presenciou o fato de que havia, em pequeno número, romeiros insatisfeitos, isto porque o “Padre Robson não estava presente”. Teve um pequeno grupo que se retirou da Igreja e desistiu de assistir a Missa, no sábado, pela manhã, reclamando, por não ser, “Padre Robson”, quem a celebrava.

Observou-se, também, o deslumbramento das pessoas, enquanto Padre Robson celebrava ou concelebrava Missas, fotografando-o ou mesmo, tentando tocar em suas vestes, tal como, o devoto o faz diante da Imagem do Divino Pai Eterno, tocando ou beijando as fitas que descem da Imagem.

Percebe-se, assim, que o espetáculo adentra, sutilmente, como fato novo, na esfera de Devoção ao Divino Pai Eterno, na Festa em Trindade, demonstrando, aquele momento descrito por Debord (2003, p. 13) quando disse:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do *ter* e do *parecer*, de forma que todo o «*ter*» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela *não é*, lhe é permitido aparecer.

Lembrando que, Debord (2003, p. 13) entende que “onde o mundo real se converte em simples imagens, estas imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico”, acredita-se que, talvez seja em razão deste estado hipnótico, que as pessoas não percebiam a ocupação indevida que a nova situação, proporcionada pelo espetáculo, faz acontecer, e que poderá levar à consequência desastrosa de Idolatria do Mercado. Ou, então, faz parte daquele desconhecimento em razão do habitus, descrito por Bourdieu (2007), que acontece no interior do campo onde as lutas simbólicas pelo monopólio do poder se travam e que cabe ao sociólogo descobrir para aponta-las e denunciá-las, esta é a proposta desta Tese.

Em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, o Espetáculo surge como fato novo que adentra com a perspectiva de confundir o Sagrado como manifestação do Divino, encerra desta forma, contradições que se manifestam entre os ideais cristãos, com as propostas mercadológicas de Idolatria do Mercado.

CAPÍTULO IV

ESPETÁCULO, MERCANTILIZAÇÃO E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO

4.1 Por um Conceito de Espetáculo Religioso

Falar em espetáculo pressupõe aquilo que Debord (2003, p. 20) tão bem definira: “o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem”. Para entendê-lo, em uma perspectiva conceitual, busca-se fazê-lo, alicerçando-se no pensamento deste autor.

O mundo em que vivemos se assemelha a um grande palco onde são exibidos, em todo momento, espetáculos dos mais diversos, desde a fome e a miséria entre pessoas em toda a face da terra, o horror da guerra entre os povos, a violência, o terrorismo, até a opulência, o desperdício, a corrupção e tantos outros aspectos negativos. Felizmente, muita coisa bonita também se vislumbra nestes cenários, como os resultados de pesquisas em prol da humanidade, a solidariedade entre os seres humanos e outras mais, onde se percebe que ainda há tempo para mudar. Acredita-se que se vive, hoje, em uma sociedade espetaculista, cuja característica inspirou Debord (2003) quando deu nome à sua obra: “A Sociedade do Espetáculo”.

Neste mundo onde a vida é banalizada, onde se mata por nada e se deseja tudo, o Capital apresenta seu Império, Império cruel e desumano, onde a ilusão ofusca a realidade, e o brilho das luzes, em meio à multidão de pessoas, revela o espetáculo imenso que esconde o “Inferno de Dantes”. O que realmente importa, senão, o movimento efervescente, traduzido em números, em quantidades febris de pessoas inebriadas e hipnotizadas.

O espetáculo está inserido em toda a sociedade, se tornando uma quase constante manifestação que ofusca com sua turbulência, inebria e ilude as pessoas, porque não lhes revela sua verdadeira face. A ideologia que se esconde por detrás do espetáculo fica nas sombras, não se revelando nas luzes que lhes dão brilho e apresentam sua falsa beleza. O espetáculo assim produzido é o instrumento eficaz com que a Doutrina do Capitalismo alicia e conquista multidões, subjugando a todos que o contemplam, para que possam ser fieis defensores de seus interesses.

A ilusão que irradia do espetáculo permite que se veja apenas aquilo que é programado para ser visto, e assim, não pode ser detectado, tampouco analisado,

refletido ou mesmo percebido, o verdadeiro fim a que se propõe. Desta forma, através do espetáculo, a visão de mundo é construída à revelia do corpo social que deveria ser protagonista, contudo, não passa de mero agente, que manipulado por um jogo, atua em campo, através do habitus, no sentido proposto por Bourdieu (2007), e, assim sendo, no seio do espetáculo é produzido o Capital Político ou Econômico que fortalece o Poder Simbólico que a tudo comanda e determina.

Existe uma simbiose na essência do espetáculo que confunde o real com o imaginário, permitindo com que as pessoas se tornem manipuladas e, como que hipnotizadas, ficam iludidas e vivem em um mundo onde lhes falta sentido, sendo esta a visão do mundo capitalista. O mundo vivido desta forma faz com que as pessoas se tornem alienadas e o espetáculo é a essência que assegura a eficácia deste Sistema Simbólico. Nesta práxis social está contida uma alienação recíproca advinda do espetáculo, que enseja, fundamentalmente, a essência e o sustento da sociedade, podendo-se dizer, neste sentido que: - “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”. (DEBORD, 2003, p.8)

O próprio homem neste contexto é considerado mercadoria facilmente descartável. É usado enquanto é aproveitável, enquanto tem utilidade, depois, é, simplesmente, deixado de lado, a exemplo da idade, só os novos têm lugar no Império do Capital, enquanto isto, o espetáculo desvia sua atenção e tudo parece maravilhoso, digno de contemplação. Encerra, então, a ideia descrita por Guy de que, “No mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso”. Assim:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 2003, p.11 e 12)

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo. (DEBORD, 2003, p. 12)

A ilusão que o espetáculo permite acontecer faz com que as pessoas sejam subjugadas por ele, e, através dele, pelo Poder Econômico. Desta forma, dominadas pela ambição do Capital, atraídas pelo dinheiro, prestígio, poder ou glória, as

,'
pessoas se degradam para sobreviver em um mundo não fraterno e desumano, onde o Ter suplanta o Ser. A Ética, neste contexto, ao invés de constituir valores do Bem e do Bom, como a defesa da vida, elege contra valores tais quais: a negação do ser, da vida e a fábrica de morte.

No campo de lutas, onde o espetáculo é o instrumento primordial, tudo gira em torno do Poder Simbólico, poder este que, apesar de externo ao campo, não apenas determina as regras do jogo, mas, se compreende no desenrolar do próprio jogo. É o poder que se pretende estabelecer em meio das estruturas hierarquizadas, ou seja, as instituições que compõem a sociedade na qual se produz e reproduz a crença, aqui simbolizada pela Igreja Católica. Também é o poder que almejam os agentes sociais que representam as estruturas consolidadas, com suas ações, isto é, o habitus que indica o modus operandi deste grupo, ou seja, o corpo sacerdotal. Da mesma forma, é igualmente o poder que vislumbram os agentes que compõem a massa, no caso, em questão, são os Devotos do Divino Pai Eterno. Portanto, no mundo assim constituído é o poder que se respira em todo momento, é ele que indica a realidade do jogo, portanto, o poder mantém o funcionamento deste sistema simbólico representado na Festa e Devoção ao Divino Pai Eterno.

O espetáculo, assim considerado, reproduz o discurso que a ordem estabelecida faz de si própria, enunciando, fazendo ver, crer e confirmar ou transformar a visão de mundo por ela construída. O espetáculo, como instrumento utilizado para os fins propostos, se dirige aos “meios de comunicação de massa”. E neste mister, não há nenhuma neutralidade em suas intenções, porque, é ele quem articula as regras do jogo estabelecidas pelo Poder Simbólico dominante, diferente das ações constituídas em habitus, executadas pelos agentes em campo, que agem de forma impessoal e inconsciente.

Todavia, as necessidades sociais desta época, em que se desenvolvem técnicas, não encontram satisfação, a não ser através de sua mediação. A administração desta sociedade, assim como, todo o contato entre os homens já não podem ser exercidos, senão por meio deste poder de comunicação instantâneo, razão esta, porque tal “comunicação” se apresenta essencialmente *unilateral*; sua concentração se traduz em acúmulos concentrados nas mãos da administração do sistema existente, sendo estes, os meios que lhe permitem prosseguir administrando.

O espetáculo é o modus operandi que permite, na práxis, garantir, conservar ou mesmo transformar, através da inconsciência dos agentes em campo, as reais

condições de existência. Desta forma, na luta que se trava neste campo de forças, entende-se que o espetáculo se revela como um *pseudo sagrado*, porque, ele é a um só tempo produto e produtor de regras. O espetáculo assim concebido se revela como em uma orquestra em meio a qual ele é o maestro, compositor, cantor, músico e dançarino que seduz, ofusca e manipula a plateia. Isto considerado no recorte de leitura para o campo de cultura, ele é a própria negação da cultura, porque suplanta a liberdade de expressão. Relevante se faz considerar que a cultura, na Sociedade de Mercado é também tratada como uma mercadoria, e como tal, manipulada de acordo com os jogos de interesses a que se propõe e, como tal, é subjugada. Através de um pensamento crítico é preciso que se perceba além da visão que o espetáculo proporciona, para que se possa, então, denunciar os seus fins.

A preocupação que se revela nesta Tese, não se refere a se conclamar a luta de classes, outrora defendida por Marx, contudo, se refere a um preocupar-se com o mundo presente, seja no tempo, seja no espaço. No tempo indicando tempo de negação, no espaço apresentando espaço de destruição, na retórica, a existência da linguagem da contradição, e, assim percebendo, tornar-se “resistência”. É assim que se revela a verdadeira preocupação com o tempo presente.

O tempo presente está, assim, contido em um mundo envolto em um autêntico e global espetáculo. Não se trata de um magnífico espetáculo que envolve a beleza da Criação, ou mesmo as maravilhas da natureza, sequer o homem como ator principal deste espetáculo. Trata-se, todavia, de um espetáculo traduzido por mero engodo, onde o brilho das luzes escondem o vazio de essência, de fundamentos e a usurpação de valores. Onde o Capital ocupa o lugar principal que deveria ser destinado ao homem, onde o glamour e os aplausos se destinam para a ideologia capitalista.

Se o homem é considerado em uma dimensão Bíblica, como o Centro da Criação, Imagem e Semelhança de seu Criador, no Pensamento Moderno Capitalista, ele não passa de mera mercadoria descartável, Esta é a ideologia afirmada no Capital.

Para Debord (2003, p. 134):

A ideologia é a base do pensamento numa sociedade de classes, no curso conflitual da história. Os fatos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, fatores reais exercendo, por sua vez, uma real ação deformada; na medida em que a materialização da ideologia na forma do espetáculo, que arrasta consigo o êxito concreto da produção econômica autonomizada, se confunde com a realidade social, essa ideologia que pode talhar todo o real segundo o seu modelo.

Seguindo esta mesma abordagem, quando a ideologia, que se traduz em vontade abstrata do universal, bem como sua ilusão, se legitima pela abstração universal e pela ditadura efetiva da ilusão na sociedade moderna, ela, já não pode mais ser considerada como luta voluntarista do parcelar, mas, sim o seu triunfo. Assim sendo, como diz Debord (2003, p. 134): “Daí a pretensão ideológica adquire uma espécie de fastidiosa exatidão positivista: ela já não é uma escolha histórica, mas uma evidência. Numa tal afirmação, os nomes particulares das ideologias desvanecem-se”.

Para esta reflexão é de grande relevância pensar como o autor mencionado, o qual entende que, mesmo a parte ativa essencialmente ideológica que se apresenta a serviço do sistema, já não mais pode ser concebida, a não ser como “base epistemológica” que se deseje apresentar, além de qualquer fenômeno ideológico. Desta forma, a própria ideologia materializada não tem nome, assim como, também não o tem qualquer programa histórico que se possa enunciar. Assim considerando, a história das ideologias, neste patamar, inexistente. De acordo com Debord (2003, p. 135):

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, “a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”. O “novo poderio do embuste” que se concentrou aí tem a sua base na produção onde surge “com a massa crescente de objetos... um novo domínio de seres estranhos aos quais o homem se submete”.

Portanto, o espetáculo

É grau supremo duma expansão que necessariamente se coloca contra a vida. “A necessidade de dinheiro é portanto a verdadeira necessidade produzida pela economia política, e a única necessidade que ela produz” (Manuscritos econômico-filosóficos). O espetáculo estende por toda a vida social o princípio que Hegel, na Realphilosophie de Iena, concebe quanto ao dinheiro; é “a vida do que está morto movendo-se em si própria”. (DEBORD, 2003, p.13)

Assim entendido, o espetáculo pode, enfim, ser concebido seguindo o conceito deste autor, como sendo a organização sistemática do “desfalecimento da faculdade de encontro” que é substituído por um fato alucinatório social: a falsa consciência do encontro, a “ilusão do encontro”. Um segundo conceito, já indicado anteriormente, apontado por Debord (2003, p. 11), e considerado segundo os seus

próprios termos, é o que indica que o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Lembrando-se, ainda, que “a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível”.

O espetáculo é a ilusão coletiva que gere os interesses ocultos de um Poder Estruturante o qual, através de relações objetivas, submete a todos os subordinados à obediência de suas regras e à defesa constante de seus interesses. Enfim, o espetáculo é o instrumento eficaz do Poder Econômico, que alienando as pessoas, torna possível a submissão delas ao mando e desmando do Dinheiro, levando-as, em consequência, à negação de suas próprias vidas.

4.2 Mercantilização: O Espetáculo Como Instrumento da Idolatria do Mercado

Conforme já se descreveu, o Fenômeno Religioso que ocorre na Modernidade se vê envolvido em meio ao desenvolvimento de outro processo o qual consiste no Fenômeno da Idolatria do Mercado. A Religião se traduz naquele elo que liga o homem ao Sagrado e, tradicionalmente, o Cristianismo tem sido a religiosidade que congrega a maior parte de fiéis no mundo, sendo que o Deus cristão, o Deus contido em Jesus Cristo, é um Deus monoteísta. Todavia, manifesta-se no mundo uma ação de idolatria, que consiste em conceber o Capitalismo como Religião e fazer com que seu Deus, o Capital, exclua e substitua o Deus cristão da sociedade. Para conseguir seu intento, o Capitalismo se utiliza de inúmeros recursos e o espetáculo é um eficaz instrumento que está sendo utilizado para atingir tal fim. Discorre-se, então, acerca deste enfoque.

No decorrer da história, houve um tempo em que era muito rara a presença de pessoas descrentes, sem amor a Deus e sem religião. Essa raridade era tão acentuada que os próprios descrentes se espantavam de assim sê-los e se escondiam como se fossem portadores de doenças contagiosas. Realmente, naquele contexto, os incrédulos eram assim considerados e, por esse mesmo motivo, tantos foram condenados pelos Tribunais da Santa Inquisição e queimados nas fogueiras para que sua desgraça não contaminasse os inocentes. Todos eram educados para ver, ouvir e viver no mundo religioso.

O universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana. E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam uma das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido. (ALVES, 1984, p. 8)

Contudo, houve transformações. Com o despertar da ciência e da tecnologia, construiu-se um mundo em que Deus não se torna necessário como hipótese de trabalho, sendo a marca do saber científico, a característica do rigoroso ateísmo metodológico. A ciência se manifesta neutra no campo religioso, não busca o sobrenatural para explicar os fatos reais. Desapareceu a Religião? Não. Ela permanece, embora desligada do saber científico e das instâncias de tomadas de decisões que ditam e determinam a vida de cada um.

Permanece a experiência religiosa, alheia ao mundo do dinheiro, do lucro, da propaganda, do prazer, e não mais como parte integrante do cotidiano da sociedade. A situação mudou, e a pessoa sem religião que antes era anomalia, hoje se torna comum, no pretense mundo dessacralizado, pois as coisas se inverteram.

Apesar disto, embora tenha havido mudanças, e em meio à tantas contradições, a religião continua presente na vida das pessoas, pois essa não se limita à prática dos atos sacramentais ou à presença dos lugares sagrados,

e é quando a dor bate à porta, e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem (...) (ALVES, 1984, p.11)

Observa-se que nos momentos de angústia ocorrem, com frequência, as mesmas perguntas religiosas do passado, que surgem novamente, revestidas de símbolos secularizados, apresentando a mesma função religiosa como dantes formuladas. A religião, então, se manifesta próxima da experiência pessoal de forma que se pode conceber seu estudo, ou seja, a Ciência da Religião como ciência de nós mesmos. Para este autor:

Como disse poeticamente Ludwig Feuerbach: A consciência de Deus é autoconsciência, o conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor (...) (ALVES, 1984, p.13)

James (*in* Mondin, 1980, p. 228-229) concebe como fundamento da religião, não a religião em si, mas a fé, o sentimento e outras experiências particulares como a oração, conversações com o invisível, visões etc. Enquanto que, de acordo com Mondim (1980, p. 230), Scheler critica as tentativas de se fundar a verdade da Religião através de critérios extras religiosos, como a metafísica, a moral, a cultural,

e conclui com uma proclamação para que se procure o fundamento da verdade da religião no próprio fenômeno religioso. Assim sendo, de acordo com o teórico citado:

Portanto, o fundamento último da religião não pode ser outro que não a automanifestação de Deus. Tal automanifestação da realidade pessoal de Deus, segundo Scheler, pode acontecer só através dos homens religiosos, que culminam no 'santo originário', que ele individualiza na figura de Cristo.

Com a Modernidade surgem críticas à Religião, assim como, em especial, ao Cristianismo. Como defesa, o posicionamento católico foi respaldado pelo Concílio Vaticano I. Comby (1994, p.121) revela que:

O cristianismo e, mais particularmente, o catolicismo são também questionados pela filosofia e pela ciência do século XIX. A filosofia de Kant afirma que Deus não pode ser atingido pela razão; o positivismo de Augusto Comte nega todo sobrenatural. Renan, em sua Vida de Jesus (1863), reduz Jesus à sua humanidade. Que relações devem ser estabelecidas entre razão e a fé?

Para esse autor, as respostas são parciais. Assim, sob a pressão de vários bispos, o Papa Pio IX se posicionou contra os considerados erros da época através de dois documentos. Em 08 de dezembro de 1864, a Encíclica Quanta Cura condena o racionalismo, o galicanismo, o socialismo, o liberalismo, seguindo o pensamento de Gregório XVI. A essa encíclica, Pio IX reúne um catálogo – Syllabus – contendo oitenta proposições condenatórias. Na última proposição, parece implicar na recusa de toda sociedade moderna. Com a reação negativa entre os católicos liberais e em um contexto de difícil relação entre a Igreja e o mundo moderno, com controvérsias no próprio interior da Igreja, Pio XI decidiu convocar o Concílio Vaticano I.

As definições do Concílio Vaticano I, reafirmando o Pensamento Eclesial, possibilitaram o aumento de tensões entre a Sociedade Política e a Igreja, servindo, inclusive, de pretexto para as medidas anticlericais adotadas em diversos países. Foi dessa forma que o posicionamento dos teólogos católicos se viu respaldado pelo Concílio Vaticano I, o qual condenou o ateísmo como um dos mais “perniciosos erros do tempo” à frente de todo e qualquer outro erro, considerando-o como fonte de muitos efeitos desastrosos nos diversos setores do pensamento, da vida e da ação. Declarou-se, também, neste Concílio, que o ateísmo é sempre reprovável e que não pode ser aceito sem culpa pelo indivíduo.

Diante dos efeitos da Modernidade, a Igreja Católica se encontra frente ao desafio que se impõe: a abertura do diálogo voltado aos homens desta época. Um

novo contexto se apresenta com as grandes aberturas advindas do Concílio Vaticano II. Através desse Concílio, a Igreja propõe abertura para os outros cristãos e para as outras religiões. Dentre as diversas Constituições, Decretos e Declarações desenvolvidos no trabalho conciliar, cita-se três documentos assaz relevantes, voltados para o enfrentamento do mundo moderno, quais sejam: - A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: LG; A Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: GS; e a Declaração *Nostra Aetate*: NA.

O Primeiro documento contempla a Igreja - Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – e, no capítulo I, revela o Mistério da Igreja através da exortação de que Cristo é a Luz dos Povos e, assim considerando, o Sínodo objetiva anunciar o Evangelho a toda criatura, iluminar todos os homens com a claridade de Cristo. Considera, então:

E porque a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, ela deseja oferecer a seus fiéis e a todo o mundo um ensinamento mais preciso sobre sua natureza e sua missão universal, insistindo no tema dos Concílios anteriores. (LG, cap. 1,1)

Contemplando o Povo de Deus, diz o documento: “Aprouve contudo a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse”. A Constituição Pastoral – *Gaudium Et Spes* – se atém sobre “a Igreja no mundo de hoje”, revelando no Proêmio que:

As Alegrias e As Esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. (1)

Falando sobre o lugar do homem no universo inteiro, em meio às adversidades do momento, das angústias, sentido e seu fim último, assim como de sua condição no mundo de hoje, o documento indica características deste mundo moderno, com seus desequilíbrios, demonstrando a dignidade do homem como Pessoa Humana e como Imagem de Deus. Assim considerando, esse documento se atém às formas de ateísmo, revelando que a razão principal da dignidade humana consiste na vocação do homem para a comunhão com Deus. De acordo com a *Gaudium Et Spes*, indica-se

no número 253 algumas características do ateísmo e que se revelam em característica de secularização, como, por exemplo:

Pela palavra ateísmo designam-se fenômenos bastante diversos entre si. Enquanto Deus é expressamente negado por uns, outros pensam que o homem não pode afirmar absolutamente nada sobre Ele. Alguns porém submetem a exame o problema de Deus por tal método, que parece carecer de sentido. Muitos ultrapassam indebitamente os limites das ciências positivas, ou sustentam que só por este processo científico se explicam todas as coisas, ou, ao contrário, já não admitem de modo algum alguma verdade absoluta.

Ainda, segundo este documento:

Alguns exaltam o homem a tal ponto que a fé em Deus se torna como que enervada e dão a impressão de estar mais preocupados com a afirmação do homem que com a negação de Deus. Outros se representam um Deus de tal modo que aquela fantasia, que eles repudiam, de modo algum é o Deus do Evangelho. Alguns não abordam sequer o problema de Deus: parecem não sentirem nenhuma inquietação religiosa e nem atinarem por que deveriam preocupar-se com religião. (...)

Na Declaração “Nostra Aetate” estão contidos os ensinamentos conciliares sobre as relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs, dizendo que, em seu dever de promover a unidade e a caridade entre os homens e os povos, a Igreja deve considerar, sobretudo, o que é comum aos homens e os mover a “viver juntos o seu destino”. Contém, também, no preâmbulo desse documento:

Por meio de religiões diversas procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana, que tanto ontem como hoje afligem intimamente os espíritos dos homens, quais seja: que é o homem, qual o sentido e fim de nossa vida, que é bem e que é pecado, qual a origem dos sofrimentos e qual sua finalidade, qual o caminho para obter a verdadeira felicidade, que é a morte, o julgamento, e retribuição após a morte e, finalmente, que é aquele supremo e inefável mistério que envolve nossa existência, donde nos originamos e para o qual caminhamos.

Exorta, a final, este Documento Conciliar à “Fraternidade Universal com Exclusão de qualquer Discriminação”, com o seguinte teor, entre outros:

Não podemos, na verdade, invocar a Deus como Pai de todos, se recusarmos o tratamento a certos homens, criados também à imagem de Deus. A relação do homem para com Deus Pai e a relação do homem para com os homens irmãos, de tal modo se interligam, que a Escritura chega a afirmar: ‘quem não ama, não conhece a Deus’ (1 Jo 4,8) – (1594,5)

A Instrução Pastoral resultante da LXXXVI Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola, realizada em Madrid, em março de 2006, teve como Tema: Teologia e Secularização na Espanha. Os Quarenta Anos da Clausura do Concílio Vaticano II. Está contido nesse Documento:

5. Junto a estos signos luminosos de esperanza, constatamos con viva preocupación sombras que oscurecen la Verdad. Los Obispos hemos recordado en varias ocasiones que la cuestión principal a la que debe hacer frente la Iglesia en España es su secularización interna. En el origen de la secularización está la pérdida de la fe y de su inteligencia, en la que juegan, sin duda, un papel importante algunas propuestas teológicas deficientes relacionadas con la confesión de fe cristológica. Se trata de interpretaciones reduccionistas que no acogen el Misterio revelado en su integridad.

Diz também que:

Los aspectos de la crisis pueden resumirse en cuatro: concepción racionalista de la fe y de La Revelación; humanismo inmanentista aplicado a Jesucristo; interpretación meramente sociológica de la Iglesia, y subjetivismo-relativismo secular en la moral católica. Lo que une a todos estos planteamientos deficientes es el abandono y el no reconocimiento de lo específicamente cristiano, en especial, del valor definitivo y universal de Cristo en su Revelación, su condición de Hijo de Dios vivo, su presencia real en la Iglesia y su vida ofrecida y prometida como configuradora de la conducta moral.

Cinquenta anos se passaram desde o Concilium Vaticano II, entretanto, as estruturas de opressão impostas pelo Capital continuam presente e se tornam cada vez mais ultrajantes, nesta sociedade do espetáculo, contudo, o espírito social e cristão da Igreja Católica também continua presente, relutante e vigilante, como se percebe nas preocupações contidas em diversas manifestações de seu Sumo Pontífice. Atem-se aqui ao Papa Francisco²² quando disse:

Em primeiro lugar, comecemos por reconhecer que precisamos duma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, também de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que atualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas:

Com esta introdução, enunciou os seguintes questionamentos:

²² Partes do Discurso do Santo Padre – Papa Francisco- proferido em sua Viagem Apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai, no período de 5 a 13 de julho de 2015, em sua participação no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares – na Expo Feira de Santa Cruz de La Sierra (Bolívia), em 09 de julho de 2015. – Fonte: CNBB – INTERNET

- Reconhecemos nós, de verdade, que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem tecto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade?

- Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros? Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante?

Então, se reconhecemos isto, digamo-lo sem medo: Precisamos e queremos uma mudança.

Feitas estas colocações, Papa Francisco comentou que nas cartas por ele recebidas, assim como nos encontros com o povo, relataram-lhe as múltiplas exclusões e injustiças que se sofrem em cada atividade laboral, em cada bairro, em cada território, denunciou, então, as estruturas mercadológicas do capitalismo sem freio. Concluindo seu discurso, o Papa propôs a todos, três grandes tarefas que requerem a decisiva contribuição do conjunto dos movimentos populares, quais sejam:

- 1ª - Pôr a economia a serviço dos povos;
- 2ª - Unir os povos no caminho da paz e da justiça;
- 3ª - Defender a Mãe Terra.

Com um discurso altamente conotativo, dando ênfase à preocupação com a sociedade que sofre as consequências deste projeto neoliberal, e, em dimensão cristã, na busca pela defesa de todos os povos, encerrou Papa Francisco seu discurso dizendo:

Para concluir, quero dizer-lhes novamente: O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco.

(...) Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra.

Como em toda e qualquer religião, existe uma relação entre Deus e o Homem, e nesta relação, a divindade é percebida como uma direção, cuja denominação pressupõe uma diversidade de nomes. Bettencourt (1999, p. 8) alerta que, em cada uma dessas denominações, em verdade, esconde-se todo um mundo de pressuposições, de interpretações e compreensões pré-estabelecidas acerca de Deus, do homem e do universo.

Com outras palavras, o relacionamento chamado 'religião', cujos termos componentes de relação se chamam 'homem' e 'Deus', diferencia-se cada vez, segundo a compreensão que está pressuposta na palavra 'homem' e na palavra 'Deus. Não somente se diferencia, mas muitas vezes se opõe radicalmente entre si. Isso significa que, cada vez que falamos do fenômeno religioso, é necessário 'ficar de olho', a partir de que mundo, a partir de que multidivência está se falando do homem e de Deus e do relacionamento entre eles.

Vive-se em uma época marcada pela crise e pelo conflito, pelo individualismo, pela violência e pela ambição do capital; são os tempos modernos que evidenciam a presença do Império do Capitalismo. Debord (2003, p. 7) descreve características deste tempo, quando citando Feuerbach, no Prefácio da segunda edição de "A Essência do Cristianismo", contempla que:

Nosso tempo, sem dúvida (...) prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser (...). O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

Essas características revelam um aspecto da modernidade que se manifesta na sociedade e evidencia inúmeras transformações, sobretudo, no campo religioso e em especial para a cristandade. Eis que por volta do século XVI a sociedade se alicerçava em meio aos princípios da religião, a cristã, onde Deus era colocado no centro do homem e do universo. Com a Modernidade, buscou-se deslocar este eixo, tendendo para se inserir o homem como centro, assim como, a razão como determinante. Nesse novo contexto, chegou-se a proclamar a morte de Deus. No campo de lutas, revelam interesses antagônicos, onde se almeja por um lado o monopólio do Capital Religioso, e de outro lado, o monopólio do Capital Econômico. Neste patamar, encerra-se um momento de transição que leva a transformação social. Transformação esta de uma sociedade parcialmente desencantada, que produz miséria, guerra, incerteza, desamor e medo, donde a supremacia do Dinheiro parece conduzir a humanidade para o caos.

Oportuno se faz trazer à luz o pensador contemporâneo Serge Latouche²³ que ao afirmar sua ideia de que "a idolatria do mercado nos levará a um desastre", assim se pronunciou sobre sua Tese: "O 'decrecimento' é aquele movimento contrário que poderia nos salvar, a negação da religião do desenvolvimento, que,

²³ Serge Latouche em "A idolatria do mercado nos levará a um desastre". Reportagem, datada de 12/06/2015 e publicada em 11/06/2015 – no Jornal Trento -, realizada por Francesco Comina – Tradução de Moisés Sbardelotto – Do IHU On Line. Serge Latouche é Economista, autor da ideia do "decrecimento", o qual considera um suicídio manter conceitos de mercado e crescimento econômico.

portanto, também pode ser chamada de crescimento, como se faz com o ateísmo, que nega uma religião”.

Desta forma, pode-se dizer que são muitos os estudiosos que percebem, temem e denunciam a Idolatria do Mercado. Contudo, esse pretensioso processo neoliberal, que está inserido em meio à modernidade, não parece pretender atingir a religião em si, mas, o próprio élan vital que liga o Imanente ao Transcendente, isso porque objetiva a substituição ou a morte de Deus.

Quadros²⁴ em seu artigo sobre “O Pequeno Deus do Mercado Religioso Brasileiro” parte do pressuposto de que Deus já não é tão relevante na vida de muitas pessoas. Apesar de elas dizerem que Ele existe isso não faz muita diferença nas lutas do dia a dia e, assim considerando, comenta que, por outro lado, isso cria certa competição entre as instituições que se dizem representantes de Deus na captação de tais “clientes”. Diz, então, este autor:

Muita gente acreditou que a religião estava em decadência. Com os avanços promovidos pela tecnologia, a difusão dos conhecimentos científicos, a separação entre Igreja e Estado, ou entre ética e valores religiosos, a fé parecia perder de maneira irreversível seu espaço nas sociedades. Essa teoria é chamada de ‘secularização’. Ela indica que, - gostemos ou não - o mundo funciona independente da existência de Deus. Sua presença não é necessária para irmos trabalhar, nem para que possamos nos alegrar. Os dados dos anos de 1960 diziam que essa era a tendência da humanidade.

Quando se fala em competição entre as instâncias religiosas, fala-se da lógica do mercado. A lógica do mercado não está compreendida somente na competição acirrada pelo monopólio religioso, pela busca do poder compreendido no “ser detentor da religião de maioria”, mas, também, na própria transformação da forma de viver dos fiéis, os quais precisam estar inseridos no mercado religioso, no consumo. Sem “reza e troca”, sem comunhão de fé e compra de mercadoria religiosa, parece não ser possível a sobrevivência de determinada religião. Por isso, elas entram na lógica, na linguagem e no discurso mercadológico, esquecendo-se do Fundamento, da Essência da Fé e da Revelação. O marketing impõe-se e é preciso acompanhar os tempos modernos. Contudo, será que se fala da mesma religião tradicional, do mesmo Cristo que expulsou os vendilhões do templo?

²⁴ Quadros (2005, p. 67), em seu artigo sobre “O Pequeno Deus do Mercado Religioso Brasileiro”

Para melhor situar esta situação, procura-se alicerçar naquela contribuição dada por Bourdieu (2007) segundo a qual se permite a compreensão da noção de campo, em que o define como sendo aquele espaço onde os agentes lutam, assim como, explica também que, quanto ao modo de ação e de pensar na atuação destes agentes em campo. O conceito de *habitus* está correlacionado com esta ideia. Segundo este autor, o *habitus* representa uma espécie de sentido do jogo, em que os participantes não precisam raciocinar para poder se orientar e se situar de forma racional neste espaço, no qual se trava uma espécie de luta. O *habitus* representa, então, um “funcionamento sistemático do corpo estruturado”.

Seguindo esta lógica de pensamento, os interesses que estão em jogo, ou seja, em competição na luta que se trava neste campo é para assegurar o monopólio do Capital Religioso. Então, vista nesta ótica, o interesse Institucional está compreendido na luta que se trava entre as religiões, na qual o catolicismo busca concentrar o Capital Religioso, cujo monopólio consiste em ser detentor da maioria dos fieis.

Visto por outro viés, em campo, a luta se trava em razão da disputa para o monopólio entre o Capital Religioso e o Capital Econômico. Ao que tudo indica, o Capital Econômico tende a suplantar o Religioso, e neste sentido, a Instituição, no caso a Igreja Católica, para defender seus interesses, precisa transformar o *habitus* dos agentes que a representam, buscando transformação na forma de vida dos fiéis, cujas atitudes precisam condizer com a lógica do mercado, no caso, do mercado religioso. É por isto que para sobreviver, a Religião, ou seja, nesta representação a Igreja Católica, precisa entrar na lógica, na linguagem e no discurso mercadológico.

Entretanto, um terceiro recorte pode explicar outra lógica, também compreendida na luta pelo monopólio do Capital Religioso contra o Capital Econômico. Assim sendo, a disputa encerra a procura pela supremacia do próprio Poder Simbólico, porém, não é por uma disputa de assegurar maior concentração de capital, mas sim de suplantá-lo. Desta forma, o objetivo maior é a substituição do detentor do Capital Religioso, que, ao invés de ficar com a Instituição Religiosa, propriamente dita, passaria a ser controlado pelo detentor do Capital Econômico, que então, se revestiria também de função religiosa. Isto significa que, simultaneamente, teria o Poder Simbólico o duplo caráter Religioso e Econômico, sendo que é nisto que consiste a Idolatria do Mercado.

Assim entendido, pode-se agora responder ao questionamento acima formulado. O Poder Simbólico revestido de dupla função, nesta ótica de

pensamento, é um poder transfigurado, é o Poder representado pela Religião do Capital, ou seja, do Mercado e não da Religião tradicional, qual seja a de Jesus Cristo, ou seja, do Deus do AT, e foi por isto que Cristo expulsou os vendilhões do Templo, porque eles representam a Idolatria do Mercado. Logo, não se está a falar de uma mesma religião, porque encerram realidades diferentes.

Nessa ótica de raciocínio, é relevante o pensamento de Quadros²⁵ quando diz:

O modo da produção e reprodução material da vida marca os demais níveis da vida em sociedade. Até os ideais mais venerados vão sendo arrastados no roldão da mercantilização. O 'critério da utilidade', relevante no mecanismo dos preços, torna-se onipresente. Seguindo princípios semelhantes aos das empresas, por exemplo, as igrejas adotariam estratégias para conquistar seus fiéis consumidores. E, com isso, o sagrado funcionaria em uma lógica cada vez mais profana."

É desta forma que se pode considerar o Capitalismo como uma Religião, onde seu Deus é o Capital, é o Dinheiro e, seus templos, conforme entendido por diversos autores, são os "Shoppings Centers", quiçá, os Bancos. Este Deus camuflado que se ostenta no glamour das vitrines, outro objetivo não tem, além do privilégio de pretender se tornar único, em um verdadeiro monoteísmo. O seu evangelho traduz-se nas diversas propagandas, publicidades e marketings. Seus santos se apresentam como artistas, modelos, jogadores, enquanto que seus cultos e liturgias se ostentam nos shows, cujos apresentadores são seus sacerdotes – eis que o espetáculo é o seu triunfo!

Em que consiste o espetáculo? O espetáculo é a forma que, no Capitalismo, na Religião do Mercado, na profanação do Deus Cristão e na adoração ao Deus Capital se apresenta como instrumento de dissimulação e atração para alcançar e converter a multidão de fiéis.

Neste sentido, alicerçando-se em Debord (2003), o espetáculo na sociedade representa, em verdade, concretamente uma fabricação de alienação. Assim considerando, a expansão econômica se torna, essencialmente, a expansão da produção industrial. Nisso, o crescimento econômico, que cresce para si mesmo, não representa outra coisa, senão a própria alienação que constitui seu núcleo original. Logo, segundo Debord (2003, p. 20): "o homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela". O espetáculo envolve,

²⁵ Ibidem, p. 69, em seu artigo sobre "O Pequeno Deus do Mercado Religioso Brasileiro"

assim, uma oculta contradição imperceptível aos olhos hipnotizados pelo fascínio e pela atração que exerce.

O espetáculo revela um sonho em um duplo sentido, seja no sonho do desejo, no anseio de se projetar nas alturas, no imanente, naquele momento da ilusão, seja no sentido daquele sonho que se experimenta porque se está a dormir em sono profundo, contudo, nunca um sonho bom, que traduza a realidade, porque, ao acordar, o indivíduo se dá conta de que o sonho era mau, acabou, e a realidade, é ainda pior. Porquanto, como bem o diz Debord (2003, p.108) “o mundo já possui o sonho de um tempo que ele deve possuir agora, e a consciência para o viver realmente”. Neste contexto, para Debord (2003, p.34 e 35): “(...) As pessoas admiráveis nas quais o sistema se personifica são bem conhecidas por não serem aquilo que são; tornaram-se grandes homens ao descer abaixo da realidade da mais pequena vida individual, e cada qual o sabe”.

Pode-se considerar, então, como diz Debord (2003, p. 28) que “o espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias”. Através do espetáculo, o Deus Capital se apresenta disfarçado de um Deus Cristão atraindo multidões que, iludidas, acreditam prestar glória a Deus, como se prestou a Jesus Cristo, na entrada triunfal em Jerusalém. Entretanto, o barulho dos tempos modernos, repercutido no Espetáculo, atrai com seus encantos o povo de Deus, porém, esse povo parece adormecido e não percebe o arдил que o está envolvendo. Parece um povo adormecido em meio aos rumores do Espetáculo e, dessa forma, não se percebe que o sonho pretendido, em verdade era outro e que a Terra Prometida aos seguidores de Moisés se apresenta de forma ilusória, transvertida, transformada, isso, porque na “sociedade do espetáculo”:

(...) O homem reificado proclama a prova da sua intimidade com a mercadoria. Como nos arrebatamentos dos convulsionários ou miraculados do velho fetichismo religioso, o fetichismo da mercadoria atinge momentos de excitação fervente. O único uso que ainda se exprime aqui é o uso fundamental da submissão. (DEBORD, 2003, p.39)

O Capital é uma forma de Poder que se reveste de Poder Simbólico e objetiva se tornar uma religião e religião de maioria, com o intuito de banir o Deus Cristão, o Deus dos Patriarcas, da sociedade moderna e, então, dominar o mundo. Esse é um processo neoliberal que se desenvolve fortuito, porque, embora no barulho da modernidade, o faz de forma bem silenciosa.

Seguindo o entendimento de Bourdieu (2006, p.20), quando “o único capital útil, eficiente, reconhecido, legítimo”, ao qual se denomina por “prestígio”, ou mesmo

“autoridade”, assim subtendido, o capital econômico só pode garantir ganhos específicos, produzidos pelo campo econômico e simultaneamente, compreendidos como ganhos, também econômicos, se porventura vier a se converter em capital simbólico. Esta é a única acumulação considerada legítima e consiste em adquirir um nome que se torne conhecido e reconhecido, o qual implicará em capital de consagração, sendo que este é o detentor do poder de consagrar, além de objetos, coisas e pessoas, atribuindo-lhes valor e possibilitando-lhes usufruir ou obter benefícios advindos dessa operação. Nisso se revela uma Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos e que está contida na “Produção de uma Crença”.

Portanto, em uma perspectiva de mercantilização, é dessa forma que o Capitalismo procura se transformar e se sustentar como uma Religião cujo seu Deus é o Deus Dinheiro – Deus Capital, e, em seu universo, não existe lugar para outros deuses, não existe lugar para o Deus dos Cristãos, Deus do Antigo Testamento, que se revela na intimidade do ser, em sua devoção, e que precisa ser excluído por ele e para ele - o Mercado - portanto, a morte de Deus. Isto implica, portanto, em um processo contido na Modernidade e que se revela em um conflito - o conflito entre a Devoção e o Mercado. Neste processo capitalista, o espetáculo é o seu instrumento eficaz de sustentação, ele é a evangelização que procura atrair multidões para que possa alcançar sua finalidade última – “A Idolatria do Mercado”.

Assim sendo,

(...) O espetáculo é, então, o canto épico deste afrontamento, que a queda de nenhuma Ílion poderia concluir. O espetáculo não canta os homens e as suas armas, mas as mercadorias e as suas paixões. (...) (DEBORD, 2003, p.38)

Esta época, que se mostra a si própria o seu tempo como sendo essencialmente um regresso precipitado de múltiplas festividades, é realmente uma época sem festa. (...) (DEBORD, 2003, p.104)

4.3 O Processo Capitalista na Devoção ao Divino Pai Eterno

O observador que se dedica a olhar o mundo atento às questões religiosas perceberá que existem muitas formas de religiosidade, muitos credos e maneiras diversas com que o homem se relaciona com o Sagrado. Portanto, o Fenômeno Religioso se manifesta no mundo moderno e isto se comprova com as diversas formas de manifestações presentes em toda parte, dentro e fora das grandes tradições religiosas.

Entretanto, as ações humanas parecem contradizer que haja religiosidade, dado à suas condutas, isto porque, em geral as religiões, sobretudo, as Cristãs, se fundamentam no Amor ao Próximo, à Natureza, a Deus. Hoje em dia, pessoas a principio religiosas violam as leis de Direitos Humanos, destroem a Natureza, endeusam o dinheiro e tudo fazem pelo lucro e ambição. Felizmente, há exceções.

Explica-se este fato seguindo aquela orientação de Bourdieu (2007), segundo a qual o funcionamento da sociedade se dá, como em meio a um campo onde se realiza um jogo e os jogadores são as pessoas em ação neste campo, sendo que suas condutas encerram *habitus* nos quais se joga, inconscientemente, sem se perceber que suas ações são pré-programadas por forças invisíveis, às quais estão subordinadas, por isto estas pessoas servem a interesses alheios à suas vontades. O monopólio simbólico pelo qual defendem aos interesses é o Capital Financeiro, que está à disposição do Poder Econômico. É este poder que impõe as visões do mundo social em que se vive hodiernamente, explicando a incoerência nas atitudes das pessoas em meio ao funcionamento da sociedade.

Pode-se afirmar que a Sociedade Moderna está em crise, seja crise de valores morais, éticos ou mesmo de sentido. Isto encerra contradição, pois o Homem Religioso, de acordo com seus princípios e sua fé, deveria viver de acordo com os preceitos religiosos. É o mesmo sujeito que crê em Deus, frequenta a Igreja, e, de forma antagônica, age de acordo com o consumismo, o lucro desenfreado, a exploração dos mais fracos e o desamor entre a Humanidade. Este é o pretense mundo voltado à Religião do Mercado.

Considera-se pretense, porque se realmente estivesse implantado, em definitivo, o Poder Econômico como único, dominante, a impor um sentido unilateral de mundo, a dessacralização teria ocorrido. Portanto, da observação do mundo a redor, se verifica que existe um processo de tentativa de usurpação de poder, no sentido de subtração do Poder do Sagrado, sendo que a proposta básica é a substituição do Deus de Jesus pelo Deus do Mercado.

Não se pode negar que a Modernidade trouxe consigo certo processo de Secularização. O pensamento de Berger (1996) traz a ideia de que a Secularização implica no fato de que, de uma situação de monopólio religioso, deslocou-se o foco para uma situação que se caracteriza pela livre competição entre as Religiões.

Este fato, da luta pelo monopólio do poder de dominação, através de se buscar garantir a dimensão do Capital, Religioso ou Econômico, que definirá e consagrará a forma legítima e garantida da Ordem Social, está percebido em

Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno. Demonstra-se isto, quando, na Entrevista para esta pesquisa, ao falar sobre o que representa a Festa de Trindade, disse um Sacerdote:

A festa de Trindade compõe-se de diversas expressões tanto religiosas como secular. A igreja católica tem uma representação maior nesta festa. As igrejas evangélicas também pegam carona e se manifestam afim de conseguir público. Alguns distribuem panfletos de suas igrejas, fazem apresentações teatrais nas ruas, etc. Para o ano de 2016 temos rumores de que vai acontecer um grande congresso evangélico exatamente no período da festa. (PJHFC)

Desta forma, ocorre competição religiosa, em Trindade, e acontece o pluralismo religioso. Além disto, muitas mudanças aconteceram no campo religioso, em razão do neoliberalismo, ressaltando-se que, muitas mudanças são significativas e profundas, como aquelas compreendidas na organização ou mesmo nos objetivos das Igrejas. Estas mudanças trouxeram consequências, como, o fato de que, as Instituições religiosas passam a direcionar, muitas vezes, suas ações, para moldar-se e adaptar-se de acordo com as novas exigências do Sistema Capitalista, as quais implicam em um novo imperativo, isto é, o imperativo do Mercado. É relevante apresentar a opinião de alguns Sacerdotes, quando concederam a entrevista para esta pesquisa, sobre a Festa do Divino Pai Eterno:

O comércio está entrando no Santuário numa dança sincrônica entre o profano e o sagrado que convivem harmoniosamente naquele espaço. Ali o mercado penetra e ocupa lugar nas diversas linguagens articuladas muito mais profundo do que imaginamos. (PARS)

A Igreja não tem vocação à competição, mas é desafiada a oferecer produtos de qualidade e isso ela faz, sabe o que e chamada a oferecer ao povo e ao mundo de hoje, a questão está nas novas embalagens, ser uma Igreja que esteja realmente ao lado dos perseguidos e marginalizados. (PJO)

Portanto, percebe-se hoje, na Sociedade um processo em curso que se caracteriza pela proposta neoliberal, entendida como forma de dissolução do Sagrado e enfraquecimento da Religião na forma ora constituída. Este processo é um dos responsáveis pela crise social da Modernidade, que imprime na sociedade o desencanto, a produção da miséria, guerra, incertezas, medo, desamor; em razão de que, a Ética do Capitalismo encerra contra valores que, ao invés da defesa da vida humana, produz morte.

Apesar desta situação a Religião permanece presente, devidamente legitimada e insubstituível, percebida pela Crença, pela Prática e pelos Ritos, que coexistem com a Racionalidade-Técnico Científica, portanto, a Modernidade não extinguiu a Religião. Tal permanência do Fenômeno Religioso é claramente, percebido na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, onde se revela a presença de um Catolicismo onde convivem o Catolicismo Oficial e o Catolicismo Popular.

Desde Constantino Xavier e Ana Rosa, a crença oriunda da mensagem contida no Medalhão de Barro, continua presente, atraindo multidões de todo o Brasil, em uma belíssima manifestação do Catolicismo Popular. Outrossim, se faz contemplar aqui o pensamento de Benedetti (1984, p. 97):

Há o primeiro aspecto: seu esquecimento pela cultura erudita. Mas há outro, mais profundo, a recusa em dobrar-se ao estabelecido, em deixar-se enredar pelas malhas do bom senso e da lógica presentes na ortodoxia. A religião popular não são ritos, não são rezas, não são verdades fixas e estabelecidas. É uma atitude permanente e viva de construção da realidade.

A Crença e a Fé advindas do Romeiro, no Catolicismo Popular, manifesto em Trindade, são percebidas na contribuição de um Sacerdote, que disse na entrevista apresentada na pesquisa:

(...) A centralidade na Casa do Divino Pai Eterno passou para o reconhecimento de que o povo vem das comunidades e volta para viver na Comunidade. Muitos romeiros e romeiras falam e vivem a Boa-Nova colhida aos pés da Santíssima Trindade, a melhor Comunidade. Uma pesquisa orientada e executada pelo Padre José Pereira de Maria, buscou ver com os olhos e os ouvidos dos romeiros a beleza da vida dos romeiros e como eles expressam sua fé. Suas longas caminhadas sempre preparadas durante o ano, a devoção ao Pai Eterno como “Um Santo forte”, “Um santo perto da gente”, “O Santo que cuida dos pobres” revelam a riqueza e a fecundidade da Devoção ao “Divino Pai Eterno”. Naquela pesquisa da UFG, Padre Pereira reconheceu a beleza da alma do povo e os devotos muito próximos do amor da Santíssima Trindade. (PARA)

Através da Crença no Divino Pai Eterno manifesta-se a Prática Religiosa que se apresenta na Romaria desta Devoção. Em Trindade, conforme visto no capítulo anterior, são muitas as formas de práticas religiosas vistas na festa em estudo. Estas práticas religiosas se apresentam, ora no Espaço Sagrado, ora no espaço profano. No Espaço Sagrado, conforme já apresentado, no tópico anterior, indica-se as Novenas, Missas, Oração do Terço, Bênção do Santíssimo, e, até as apresentações de Folias. Estas últimas, embora não estejam compreendidas entre as cerimônias

religiosas, como o fazem parte as demais indicadas, são louvações espontâneas ao Pai Eterno, por grupos de pessoas e que ensejam um misto de folclore, portanto, cultura e o aspecto religioso, manifestado no interior do Santuário.

Os foliões também estão presentes fora do Santuário, espalhados pela cidade, no espaço profano. Da entrevista com o Clero, a informação advinda de um Sacerdote ajuda nesta compreensão:

A festa é também do folclore e da cultura, grupos de foliões e outros grupos devocionais comparecem em Trindade e movimentam a cidade. Os carreiros vindos de diversas cidades de Goiás para Trindade é uma das principais atrações da festa. (PJHFC)

As práticas religiosas se apresentam através de cerimônias, que seguem ritos próprios para cada momento, e que constituem os aspectos Litúrgicos na Devoção ao Divino Pai Eterno. Durante as cerimônias religiosas verifica-se que, em geral, elas seguem o Rito Romano, com leituras, pré-estabelecidas, em caráter universal. Portanto, estão compreendidas no Catolicismo Oficial, contudo há miscigenação. Há aspectos do Catolicismo Popular, muitas vezes presentes, na própria Liturgia Romana, a exemplo de cartazes com palavras de ordem voltadas a temas defendidos pela Igreja Católica na Campanha da Fraternidade e outros mais, e que às vezes acompanham a Procissão de Entrada, ou do Ofertório, além de Cantos com forte conotação popular que se inserem nas Cerimônias, em meio aos tradicionais, como é o caso da “Ave Maria do Padre Pelágio”, presente em diversas celebrações.

Muitas vezes, nos cantos estão contidos apelos voltados à transformação social, em prol de um mundo mais justo e fraterno. Estas mensagens indicam orientações e propostas de atitude de vidas, que retratam, no espaço social de relações objetivas, o campo na ótica de Bourdieu (2007).

Como visto anteriormente, os Ritos são ricos de inúmeras simbologias, muito destacadas na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, sendo que muitos símbolos foram indicados no terceiro capítulo, desta Tese.

Oportuno se faz ressaltar que há um fato digno de nota, dentre as práticas que são observadas nas cerimônias religiosas, e que se refere à presença de políticos na Missa da Festa. Com relação a este assunto, convém destacar que, uma das características mais evidentes da Modernidade pode ser justamente, a separação entre o Poder Político e o Poder Religioso.

Em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, é muito evidente que, ao invés de separação entre Igreja e Estado, existe em verdade, certa confusão, isto, porque sempre estão presentes políticos na Missa da Festa do Divino Pai Eterno, e muitas vezes, alguns deles têm suas convicções em credos diferentes. Conforme já visto no capítulo anterior, os políticos vão a Trindade para defender seus interesses partidários e angariar votos dos Devotos, lá estão para demonstrar prestígio e serem vistos, em suma para fazerem parte de um espetáculo.



Figura 33: Missa da Festa de 2014 – (presença de políticos)

Fonte: 06/07/2014 17:19 Mantovani Fernandes

A participação dos políticos, na festa, de acordo com a teoria de campo proposta por Bourdieu (2007), encerra uma disputa para uma maior concentração do Capital Político. Para este teórico:

A intenção política só se constitui na relação com um estado do jogo político e, mais precisamente, do universo das técnicas de acção e de expressão que ele oferece em dado momento. Neste caso, como em outros, a passagem do implícito ao explícito, da impressão subjectiva à expressão objectiva, à manifestação pública num discurso ou num acto público constitui por si um acto de instituição e representa por isso uma forma de oficialização, de legitimação (...) (BOURDIEU, 2016, p. 165)

Fica assim justificado, o porquê da presença dos políticos na Festa do Divino Pai Eterno, porque, entre outras explicações, segundo o entendimento de Bourdieu (2007), por se tratar da Missa ser também um ato público, constitui por si mesma, um ato de instituição, sendo assim, os políticos buscam, com suas presenças, representar uma forma de oficialização e de legitimação.

A Igreja Católica, por sua vez, tolera e tira proveito, da presença dos políticos, também, como forma de concentração de Capital Político, Financeiro ou Econômico, além de prestígio e poder. Isto porque, os políticos dão sua contribuição financeira, assim como também o dá, o próprio Estado por eles representado, além de que a presença de políticos, na festa, demonstra status social, que é uma das formas de Poder Político.

É pelos motivos acima descritos que a mídia se atém a divulgar, com muita ênfase, os acontecimentos e cerimônias no decorrer da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, isto, também porque desperta a atenção da população católica.

Completam estes sentidos as palavras ditas por um Sacerdote em sua entrevista para esta pesquisa, se referindo à sua paróquia;

Mas, a “festa religiosa”, religiosamente fizemos os 9 dias e, no último dia a procissão: a praça da Matriz ficou cheia. É curioso que havia a afirmativa de que a parte social teria que ser feita para poder arrecadar dinheiro para a Igreja; no entanto, neste ano que não se fez a festa com a parte social, foi o ano que a Igreja mais teve dinheiro = dinheiro em caixa!...

Em Trindade, essa interferência deve ser bem maior: haja vista a presença do Governador do Estado, Prefeitos, Vereadores, Deputados estaduais/federais. Como a política não há de interferir?... E os agradecimentos no final da festa, precisa tudo aquilo?(...) (PT)

A Igreja e o Estado, em Goiás, conforme percebido em Trindade, embora independentes, mantêm relações harmônicas entre si, não estando, desta forma, tão separados, apesar de que oficialmente e legalmente o estejam. Este fato já fora percebido em 1999, quando se preparou a Dissertação de Mestrado, e, naquela época, os estudos demonstraram, também, a presença do então Prefeito de Trindade nas solenidades da Festa do Divino Pai Eterno, assim como de autoridades de Goiânia e de Goiás. Da mesma forma, o convite para a Festa do ano de 2001, conforme publicado pelo jornal “O Popular” em 18 de junho do referido ano, teve patrocínio do Governo de Goiás e da Rede de Telecomunicação Jaime Câmara. Destarte, para a festa de 2016, a Rede Globo dedicou considerável apoio para a Festa, tendo inclusive gravado vídeos de propaganda os quais foram transmitidos durante o período da festa. Estes fatos demonstram que, Estado e Igreja se respeitam, e se apoiam mutuamente, não estando separados de fato, no sentido de ruptura.

Portanto, a Igreja como representação religiosa não foi afastada do Estado, tampouco do Meio Social. Ela continua presente, interferindo, denunciando ou apoiando, em sua visão de mundo, orientando os habitus que se manifestam no campo de lutas, estando assim, viva no seio da Sociedade. Na teoria de campo, este fato encontra explicação, porque Igreja e Estado representam Poderes Simbólicos distintos e, como tal, orientam o jogo em campo, para assegurarem a concentração de seus capitais específicos com a conseqüente garantia de defesa de seus interesses e que asseguram a consolidação de suas estruturas, garantindo suas próprias visões do mundo social.

Não se constata, desta forma, que tenha diminuído ou desaparecido da sociedade, o Fenômeno Religioso, haja vista que ele tem se manifestado em nível crescente, como o comprova sua existência na Comunidade de Trindade, no Estado de Goiás, na Devoção do Divino Pai Eterno, o que demonstra que não ocorre a dessacralização, de acordo com a ótica de definição de Berger (1985), Martelli (1995), Ferrarotti (1974) e Kloppenburg (1971).

Confirma-se, portanto, a Hipótese formulada, porque se vê que a crise da Modernidade gera insegurança, angústia e solidão nas pessoas. Por isso, elas buscam soluções para seus problemas. Desta forma, através da Religião as pessoas encontram respostas às suas inseguranças, angústias, encantamento e razão de sentido para suas vidas. Assim sendo, por meio do Catolicismo Popular, no específico da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, se verifica a busca das pessoas por soluções para seus problemas. Isto está devidamente comprovado nos quesitos formulados nos questionários que foram respondidos pelos Devotos do Divino Pai Eterno, conforme já se apresentou anteriormente.

Em Trindade, os devotos vão junto ao Divino Pai Eterno levar seus anseios, suas dores, suas expectativas de vida melhor, de esperança, essas esperanças têm sido transmitidas há algumas gerações, desde Constantino e Ana Rosa, que, a partir do Medalhão de Barro até hoje, diante da Imagem do Pai Eterno, todos acorrem a esta Devoção, e o fazem procurando respostas às suas inseguranças e angústias, assim como, procuram justificativas para sua posição social, além de buscarem, também oferta de sentido para suas existências.

Esta argumentação se comprova na análise dos resultados obtidos através dos questionários, em algumas das respostas apresentadas pelos devotos, como se vê nos quadros apresentados, nos seguintes momentos:

Quadro 1 – Na relação de sentidos apresentada pelo devoto acerca de o que representa para ele, a Romaria do Divino Pai Eterno, em meio a diversas respostas, indica-se:

- Gratidão;
- Crença;
- Lugar de Ajuda;
- Milagres;
- Esperança;
- Fidelidade;
- Lugar de Proteção.

Quadro 8 – Verifica-se através destes resultados que o romeiro tem preocupação e que o mesmo vai ao Santuário do Divino Pai Eterno buscando solucionar:

- Questões Familiares em geral – 36.7%;
- Problemas de Saúde _ 36.1%;
- Desemprego _ 15%;
- Relacionamento Afetivo _ 10.6%.

Quadro 11 – Em suas considerações sobre o porquê de ser Devoto do Divino Pai Eterno, dentre os diversos sentidos apresentados pelo romeiro, apontam-se:

- Agradecimento – 7.8%;
- Recebimento de Graças – 4.3%;
- Milagres – 3.4%;
- Saúde – 3.4%;
- Porque atende súplicas – 2.6%.

Quadros 12 e 13 – Quando perguntado ao devoto se ele pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno, na Romaria, no quadro 12 verificou-se que 81% dos entrevistados responderam que sim e 18.1% disseram que não, sendo que 0.9% não responderam ao quesito formulado. Entretanto, ao se especificar os pedidos, no quadro 13, foram apresentados em torno de 42 pedidos diferentes. Nas diversas respostas apresentadas, percebeu-se que o devoto faz não apenas pedidos individuais, mas, alcançam às famílias em geral, ao povo e ao Brasil. São pedidos de ordem espiritual, afetivos, financeiros, físicos e outros mais. Embora todos os pedidos

especificados sejam relevantes, se apresenta abaixo alguns deles, de forma aleatória:

- Paz
- Bênçãos (pessoal, família, nação, mundo)
- Cura de doença
- Segurança
- Melhora na política no mundo
- Ajuda para os filhos
- Amor (ao próximo)
- Harmonia
- Menos violência
- Renovar a Fé
- Conversão para a família
- Para diminuir o stress do povo
- Coragem
- Força
- Para pagar dívidas
- Para pararem de usar drogas (pedido geral)
- Que não falem as coisas em casa
- Conforto

Ora, de acordo com Eliade (1986), no interior do recinto Sagrado, o mundo profano se transcende. Também é no recinto Sagrado que se torna possível a comunicação com os deuses. Entende, então, este autor, que, em consequência disto, deve existir uma “porta” para o alto, é a comunicação onde os deuses podem descer a Terra e o homem pode, simbolicamente, subir ao céu. Esse espaço é, seguindo este pensamento, real e a revelação tem para o homem religioso um valor existencial, assim sendo, o Espaço Sagrado se traduz em “teofania” ou “hierofania” e, basta um sinal para indicar a Sacralidade do lugar. Ressalta-se, que para Eliade (1986,p.31), “os homens não são livres de escolher o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos”.

Ainda neste pensar, o Templo representa a “imago mundi”, e isto se deve ao fato de que o mundo, como obra dos deuses é considerado sagrado. Em Trindade, a Festa revela momentos de fé, devoção, reencontro de pessoas, com a esperança

que transcende a realidade terrena e que tem como centralidade a Casa do Pai – Santuário de Trindade. É como um retiro, mesmo, há intuição para o povo de que se está em peregrinação rumo à Casa do Pai. Lá as pessoas oferecem louvor ao Divino Pai Eterno, agradecimentos pelas graças recebidas e invocam pedidos a Deus Pai, ou Dele esperam alcançar milagres.

Acerca desta realidade, para Trindade, dizem Sacerdotes que participaram desta pesquisa:

O povo acredita e confia no amor misericordioso de Deus. Sabe que Deus pode curar suas feridas, consolar os aflitos e reacender a esperança naqueles que estão desanimados. Há muita sinceridade e confiança naqueles que se penitenciam ou cumprem promessas no Santuário do Divino Pai Eterno. (PARS)

A essência desta festa é a demonstração do modo simples de acreditar, experimentar e viver o amor misericordioso do Pai na sua infinita bondade. Quem se coloca no caminho rumo ao Santuário, carrega consigo simplesmente o necessário para prover a básica necessidade de se alimentar na estrada da romaria. Esse gesto se traduz num grande testemunho de desapego das coisas materiais e abandono nos braços do Pai Eterno. (PARS)

O povo fiel, com certeza está cheio de devoção e boas intenções. Na sua grande maioria é gente simples, às vezes em busca de uma tábua de salvação em meio, há tantos conflitos, desafios e provações. Até mesmo pela decepção em relação à política, economia, e à vida como um todo. (MDL)

Esta é a visão de mundo, percebida, ora de acordo com o olhar do Devoto do Divino Pai Eterno, ora com o olhar do Clero. Analisando-se esta situação, de acordo com uma perspectiva sobre simbolismo, atendo-se ao Poder Simbólico, seguindo a práxis de Bourdieu (2007), indaga-se, então, sobre quais possam ser os interesses que estão ligados à pertença deste campo de produção, representado pela Comunidade do Divino Pai Eterno.

Como resposta à indagação acima formulada, afirma-se que há intenções objetivas escondidas sob o manto das intenções declaradas. Isto acontece porque se enuncia um sentido profundo social seja religioso, seja econômico, de uma forma que é imposta pelas necessidades subtendidas no campo, que tendem a se ocultar, tornando irreconhecíveis e que procuram se universalizar. O sentido religioso é aquele que se apresenta pelos fundamentos da Doutrina Cristã que conclama a humildade e partilha pregada por Jesus Cristo. Entretanto, por trás deste sentido

está escondida a hierarquia e Poder Simbólico da Igreja como Instituição e seu desejo de assegurar o monopólio do Capital Religioso.

Com relação ao Fiel, sem se aperceber, se dedica à Fé, ao compromisso religioso, sendo que, sua meta é alcançar graças, solução para seus problemas, reconhecimento em uma sociedade excludente, porque, em seu credo, ele se torna importante, respeitado e em condição de igualdade, porque faz parte de uma comunidade onde todos são Filhos do Divino Pai Eterno.

Por outro lado, o sentido econômico é aquele que se apresenta através dos interesses materiais e financeiros, em detrimento dos ideais espirituais e religiosos, por parte da Igreja Instituição. Ela adentra na lógica do mercado, onde luta no campo para sobreviver, objetivando assegurar o Capital Econômico, contudo, o faz desejando manter, também, o monopólio do Capital e Poder Religioso.

Entretanto, há um Poder sutil, invisível que está por trás das regras do jogo e que é imperceptível. Este é o Poder Simbólico que se traduz no Capitalismo, ou Neoliberalismo e que se institucionaliza através do Mercado. É ele que busca assegurar o monopólio do Capital Econômico.

Este jogo de interesses que se oculta em meio ao habitus dos agentes e Instituições é percebido nas respostas acima demonstradas dos Devotos do Divino Pai Eterno e nas Entrevistas com o Clero.

A Igreja Católica, como Instituição, assim como as Instituições que compõem o Mercado, exercem um poder estruturante, porque estas instituições são estruturadas, e assim concebidas, através do habitus de seus agentes, no caso o Devoto do Divino Pai Eterno, ou o Romeiro, que se torna Turista, exprimem o formalismo das intenções que estão contidas na lógica deste campo e com isto, estas estruturas procuram impor suas visões de mundo neste Sistema Simbólico, que se revela na Festa do Divino Pai Eterno, e assim funcionando garantem, legitimam ou procuram transformar a ordem social instituída.

Observa-se que a razão, e a razão de ser, conforme entende Bourdieu (2007), destas Instituições, assim como seus efeitos sociais, não estão compreendidos na vontade dos indivíduos, ou seja, dos Devotos, que agem inconscientes, no jogo de defesa de interesses, contudo, a razão e a razão de ser, estão contidas no campo de forças que são antagônicas e que, por deterem diferentes interesses, acabam por gerar as vontades dos agentes que estão em campo, isto é, o *habitus* através do qual se define e redefine, por meio da luta travada em campo, a realidade social. Em Trindade, a atitude do Devoto condiz com

esta lógica, haja vista, que ele, simultaneamente, é fiel a sua fé no Divino Pai Eterno e se adapta com muita facilidade às condições do mercado, eis que ele se torna a um só tempo Devoto e Turista e como tal, consumidor.

A pesquisa revela aquilo que, grosso modo, já é percebido na sociedade: crises diversas, corrupção, violência, falta de segurança, dívidas, desesperanças. Desta forma, é lá no Santuário em Trindade, lugar sagrado por excelência, que as pessoas encontram tudo o que procuram e assim sendo, acreditam que o Mundo pode ser melhor. A Igreja as faz acreditar nisso, porque é sua função religiosa, mas é também, sua função, de acordo com seus fundamentos cristãos, contribuir para romper com as amarras da opressão, a qual, a mesma ajudou a construir, conforme o demonstra sua história. Assim, através da Evangelização, da Confiança, do Acolhimento, em Trindade, na Devoção ao Divino Pai Eterno, por meio do Catolicismo Popular, as pessoas encontram as respostas para suas inseguranças e angústias.

Todavia, como existe processo neoliberal em curso, observa-se que neste contexto, estão presentes, não apenas os Aspectos Religiosos, como também, os aspectos Sócio Culturais, e Racionais - Técnico Científico, sendo exemplo deste último, a própria presença da mídia, que tem acompanhado as transmissões e veiculado a Devoção ao Divino Pai Eterno, em nível regional e nacional, quiçá, pela Internet, em nível internacional, considerando-a como uma das transformações recentes ocorridas na Festa de Trindade.

Diante deste contexto, se verifica que existe um avanço capitalista com proposta de se tornar Religião de Mercado, em curso na sociedade, e que os fatos aqui indicados, demonstram a Relação que existe entre este Processo e a Expressão do Catolicismo Popular Manifesto em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno.

4.4 Do Conflito Entre a Devoção e o Mercado: A Adaptação ao Modelo Capitalista na Festa Do Divino Pai Eterno

Quando se fala que há um avanço capitalista em curso na Sociedade Moderna, e se volta à questão da tentativa de transformar a Religião Cristã em Religião de Mercado, vista como afastamento de Deus no Mundo, para substituí-Lo pelo Deus Capital, ou seja - pelo Dinheiro, faz-se referência ao comportamento do homem hodierno que, ao mesmo tempo em que se aproxima, parece afastar-se de Deus, em razão de suas atitudes. Quando se perguntou ao Devoto do Divino Pai

Eterno, no Questionário aplicado, a sua opinião acerca de sua percepção sobre estarem pessoas, hoje, "mais próximas", "mais afastadas" ou "alheias a Deus", e o porquê deste entendimento, os resultados alcançados foram:

- A Pesquisa indicou que 45.7% dos participantes acreditam que as pessoas, hoje, estão mais próximas de Deus, e 35.3% dos pesquisados percebem as pessoas mais afastadas de Deus, porém, se considerarmos o índice de pessoas que apontam em suas respostas que, as pessoas, hoje, estão alheias a Deus – 13%, adicionando-se estes dois últimos entendimentos- 48.3%, podemos considerar que a percepção acerca das pessoas estarem mais próximas ou distantes de Deus, quase se iguala, isto na perspectiva dos entrevistados, pois a diferença é de apenas 2.6% a favor daqueles que consideram as pessoas mais afastadas ou alheias a Deus. É relevante considerar que 3.4% dos pesquisados consideram um meio termo, ou seja, que as pessoas tanto se encontram, hoje, próximas de Deus quanto afastadas.

Acerca de o porquê destas respostas, os devotos que entenderam que as pessoas estão mais próximas de Deus apontaram como justificativas, dentre outras:

- Pela busca por Deus, para resolver problemas;
- As Pessoas estão cada vez mais frequentando a Igreja;
- Pela Fé;
- Em razão do mundo;
- Porque Deus é salvação;
- Por Amor a Deus;
- Porque as pessoas falam de Deus;
- Porque sem Deus não somos nada;
- Porque na Romaria tem mais fieis;
- Busca de algo;
- Porque o povo está mais pobre e busca Deus;
- Para se sentirem seguros;
- Pela Graça;
- Pelas Bênçãos;
- Porque a Igreja está tentando se aproximar mais de seus fieis.

Quanto às justificativas dos romeiros que acreditam que estão as pessoas mais afastadas de Deus, foram indicados, entre diversos outros motivos:

- As pessoas só pensam em torno do dinheiro e de coisas materiais (capital);
- Por causa da violência;
- Porque as pessoas são materialistas;
- Por causa da corrupção e desrespeito entre as pessoas;
- Pela falta de Fé;
- Porque as pessoas buscam mais a Religião do que a Deus;
- Pela falta de Amor ao Próximo;
- Por causa das dificuldades financeiras e sociais;
- Pelo modo de pensar;
- Pelas drogas e bebidas presentes na sociedade;
- Pela falta de Deus;
- Pelo esquecimento espiritual;
- Houve uma mudança radical na Igreja. As pessoas mais antigas sonham;
- Diante de todo cenário em que tivemos, as pessoas estão, em todo momento, afastadas de Deus, principalmente dentro das famílias, com ideologias que contrariam os princípios da Doutrina Cristã.

Ressaltam-se ainda as justificativas dos participantes da pesquisa, que entenderam que as pessoas estão, hoje, alheias a Deus, indica-se entre outras razões:

- Porque as pessoas só querem o guardar dinheiro;
- Culpa dos Meios de Comunicação que não falam em Deus, ou tudo em contrário a Deus;
- Porque as pessoas estão voltadas à Religião, mas afastadas do “Verdadeiro Deus”
- Porque as pessoas não temem a Deus e isso tem levado o Mundo ao caos;
- Pelas coisas que andam acontecendo no mundo;
- Pela violência, mata-se por nada;
- Pela injustiça;
- Porque as pessoas estão distantes umas das outras;

- Porque falta Deus nos corações;
- Porque o povo só quer fama, dinheiro e profissão;
- Porque as pessoas têm consciência em relação à presença de Deus, mas não o consideram;
- Porque muitas pessoas vão para participar do mercado festivo sem considerar o verdadeiro significado religioso, distraíndo-se.

As respostas indicadas, de per si, já revelam a manifestação de Deus no mundo, assim como o avanço do Capitalismo na Sociedade, porque demonstram que as pessoas buscam a Deus pela Fé, por se sentirem seguras, buscam algo e pedem bênçãos. Da mesma forma, as pessoas se encontram afastadas de Deus por razões materialistas, pelo dinheiro, violência e tantas outras que condizem com as características da Sociedade Moderna, na qual está contido o processo em referência, portanto há sinais, de que existe crise de credibilidade na religião, por causa do afastamento das pessoas de Deus, em percentual significativo.

Neste mister, é importante lembrar, também, o pensamento de Berger (1985) no sentido de compreender a Religião inserida em uma situação de Pluralismo Religioso, segundo o qual, distintos grupos religiosos são tolerados pelo Estado e mantêm competição entre si. Esta é uma situação que leva ao fim dos monopólios das tradições religiosas. A situação pluralista é por este autor, considerada uma situação de mercado.

Neste mesmo patamar, Maduro (1981, p. 81) informa que toda religião é uma religião situada em um contexto social específico, ou seja, no seio de um modo de produção. Diz, também, que: (...) “a religião – qualquer religião – antes de cristalizar-se em um sistema de práticas e discursos referidos a forças sobrenaturais e metassociais, ou seja, antes de ser produto, é processo de produção”. O teórico citado vê nas relações entre procura, produção e consumo religioso uma dinâmica cujo processo envolve uma relação de poder religioso e que consiste na capacidade de uns em detrimento de outros, ainda que provisoriamente, ou seja, a capacidade de produzir, reproduzir, conservar distribuir e trocar os bens religiosos. Essa capacidade é mantida por grupos e vedada a outros, de acordo com a disposição dos meios de controle do processo produtivo religioso. Nesta ordem de pensamento, o poder religioso implica propriedade dos meios de produção religiosa.

De acordo com Bourdieu (1998, p. 57) essa concorrência pelo monopólio dos bens de salvação envolve um “habitus religioso, princípio gerador de todos os

pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social”.

Destarte, esta situação de mercado religioso está inserida no sistema capitalista, o qual orchestra, toda dinâmica de um processo de tentativa de instituição de Religião do Mercado, que objetiva a substituição do Deus Cristão pelo Deus Capital. Em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno este processo é percebido, quando se verifica mudanças, sendo que, inclusive há transformações recentes, que ocorreram no específico desta Devoção.

Apresenta-se a seguir uma síntese das mudanças que ocorreram ao longo dos últimos anos na Festa do Divino Pai Eterno, de acordo com as informações obtidas dos Romeiros através das respostas em seus questionários, sendo que algumas delas revelam verdadeiras transformações, a saber:

- Alcance da Festa: do nível regional atinge o nacional e até internacional, acerca da procedência dos Devotos;
- Difusão da Festa, a princípio, a divulgação e transmissão era feita pela Radio Difusora, que é regional, e jornais locais hoje, além da Radio mencionada, tem canais de televisão, internet, e a mídia de forma geral e o alcance é nacional e até internacional;
- A referência à Devoção a Deus como Pai – “O Divino Pai Eterno” era considerada única no mundo, hoje com a expansão da Festa a Devoção não é mais a única no mundo, porque já atinge a outras partes do Brasil e talvez, até fora;
- Ao longo da história da Devoção há aumento crescente no número de devotos, contudo, nos últimos anos, este aumento tem sido em grande escala, e já se fala em “multidão de fiéis”;
- Se a presença de políticos é fato de que vem acontecendo ao longo dos últimos anos, observou-se que esta participação tem se intensificado, consideravelmente, a cada ano;
- A participação de políticos que dantes era meramente figurativa, hoje, através da mídia, tem se misturado a devoção (sacro e profano), sobretudo, no que tange a se inserir no contexto da festa as disputas acirradas que acontecem no meio político;

- O comércio se intensifica em larga escala e chega a misturar-se o sacro e o profano;
- Houve significativas mudanças de ordem religiosa, estrutural e administrativa, de forma geral;
- A exemplo de mudanças organizacionais, cita-se a equipe de acolhida, com muitos voluntários participantes, que executam com eficiência seus trabalhos;
- A estrutura física indica mudanças consistentes percebidas a olhos vistos;
- Houve crescimento com relação ao aspecto do Turismo e da estrutura de suporte;
- O atendimento religioso aos Romeiros tem se intensificado muito;
- Houve mudanças com relação aos cantos e Homilias, porque na observação em 1999, ambos tinha considerável conotação de clamor por mudanças sociais a favor de um mundo mais fraterno e humano, hoje, embora ainda exista esta conotação, ela está presente de forma mais discreta, não sendo a orientação preferencial;
- O Crescimento na estrutura de atendimento da Vila São Cotolengo;
- A construção da Nova Basílica, porque a atual já não comporta acolher a contento o número de devotos;
- O espetáculo que surge como fato novo.

Ainda com relação às “mudanças recentes” observadas na Festa do Divino Pai Eterno, digno de menção é o fato de que ao indagar-se aos participantes das “Entrevista com o Clero”: O Senhor vê mudanças ao longo da história desta Festa, para a Igreja? Nas respostas apresentadas todos os entrevistados concordaram que ocorreram mudanças com relação à Romaria do Divino Pai Eterno. Com relação às mudanças ocorridas são enumerados inúmeros aspectos, entre eles estruturais, administrativos, organizacionais, religiosos. Os aspectos estruturais envolvem relações tanto com a estrutura física como litúrgica e espiritual.

Há unanimidade entre os pesquisados, tanto os devotos quanto o Clero, em se apontar o crescimento com relação ao número de participantes percebidos a cada ano e, encerra um crescimento expressivo. Este crescimento diz respeito não apenas aos dias da Festa, como também ao movimento de romarias durante todo o ano.

Os resultados dos estudos realizados para esta pesquisa apontaram, portanto, que houve mudanças recentes, e algumas traduzem transformações, na

Festa do Divino Pai Eterno, sendo que é digno de nota ressaltar que as mesmas estão relacionadas, sobretudo, com os seguintes aspectos:

- Em relação com os Romeiros;
- Aspectos material e financeiro;
- Mudanças em geral;
- Em relação aos carreiros;
- Aspecto Religioso;
- Com relação à estrutura, e organização do Santuário;
- Com relação à Equipes de Acolhida e Liturgia;
- Aumento do número de Devotos;
- Expansão do Comércio;
- Participação da Mídia.

Todavia, conforme já se verificou em tópico anterior, as mudanças relacionadas com o comércio foram tão significativas a ponto de interferirem na vida da cidade e também na festa religiosa. Trindade, hoje, no período da Festa não fica envolvida apenas com os Romeiros que chegam ao Santuário do Divino Pai Eterno, mas, se tornou um expressivo polo turístico considerado em nível nacional.

Neste contexto, é relevante indicar a já vista consideração de um Sacerdote, quando disse em sua participação na entrevista, com relação à interferência do comércio:

Vejo sim. Muitos comerciantes, barraquinhas, ambulantes, têm até associação de pedintes, espalhando seus associados pelas ruas de Trindade, durante a festa. Muitos se aproveitam dos romeiros que vêm de lugares onde não tem acesso a novidades comerciais, daí os romeiros aproveitam para fazer suas compras. Tem também vendedores de produtos religiosos, vindo de várias localidades do Brasil. Vejo uma mistura de comercio, fé, piedade, assim como aproveitadores... (PLAVR)

A Realidade é esta, a situação de Mercado Religioso, tal qual vista por Maduro (1981), Berger (1985) e Bourdieu (1998), e, as consequências para a Igreja estão nítidas, na observação direta realizada nesta pesquisa no trabalho de campo, assim como nas entrevistas com o Clero, como, por exemplo, na própria resposta relativa a um discurso de conformismo e aceitação da situação de mercado, como a que foi dito:

Não vejo dificuldade para a Igreja, é a situação da sociedade que somos. De um lado, o povo é livre gosta de novidades; vivemos na era do capitalismo, que nos induz a comprar o que não precisamos; do outro lado, o comerciante precisa vender seus produtos para sua sobrevivência. Assim temos gosto para tudo. A festa é tudo isso, todos ganham, ninguém perde (...) (PLAVR)

Entretanto, há aqueles que lançaram sua preocupação como:

A linguagem mercadológica descaracteriza a festa. A essência desta festa é a demonstração do modo simples de acreditar, experimentar e viver o amor misericordioso do Pai na sua infinita bondade. Quem se coloca no caminho rumo ao Santuário, carrega consigo simplesmente o necessário para prover a básica necessidade de se alimentar na estrada da romaria. Esse gesto se traduz num grande testemunho de desapego das coisas materiais e abandono nos braços do Pai Eterno. A linguagem mercadológica no campo religioso pode criar um vazio de sentido e um esfriamento do fervor do povo que busca em Trindade não o consumismo, mas tão somente saciar-se da graça do Pai, reforçar sua fé e reabastecer-se de esperança e sentido de vida. (PARS)

Percebe-se, desta forma, que há conflito entre Devoção e Mercado. As próprias propostas contidas no ideal religioso cristão e na ideologia do mercado, por si sós, já revelam esta contradição. As consequências se traduzem, então, na aceitação ou na resistência à proposta do Mercado em Conflito com a fé, o certo é que, para o romeiro fiel, como disse um dos entrevistados:

As consequências são as que atualmente percebemos claramente. O povo se sente bem atendido aqui e por isso querem e voltam sempre. Não são poucas as pessoas que falam de uma paixão pelo Pai Eterno, pelo jeito da pregação redentorista, isso faz muita diferença. (PJHFC)

Acrescenta-se, ainda aquela opinião do entrevistado que disse:

(...) nos tempos antigos essa população móvel passava o tempo da festa em bebedeiras, bailes, diversões para ocupar o tempo vazio. Hoje, procura-se melhorar as estruturas para que os romeiros se sintam melhor, bem acolhidos. Oferta de espaços de boa espiritualidade para os que o desejam. (MAMS)

Como em meio a este campo de lutas em prol da defesa de assegurar o monopólio do Capital Religioso ou do Capital Econômico, o habitus dos agentes se apresenta em condutas antagônicas, dependendo do interesse que esteja defendendo, observa-se que entre os Devotos do Divino Pai Eterno há os que se mantêm fiéis aos princípios cristãos, assim como há os que se adaptam a nova

visão de mundo que o Capitalismo tenta suplantar. Considera-se de suma importância a nota endereçada à pesquisadora no final da entrevista apresentada por outro Sacerdote e que vem na formação de um juízo de valor, no sentido considerado:

Espero que sua pesquisa nos ajude a responder, de certa forma, a estas e outras questões. Seu trabalho seja um serviço aos irmãos excluídos por participarem dessa caminhada de pobre entre os pobres. Que você tenha condições de as levantar no caminho e na defesa da cultura popular.

Além disso, meu sonho é que você colabore com um reforço de quem não quer perder a força do profetismo e que os romeiros não sejam usados como instrumentos pelo mercado religioso. Que o lugar sagrado seja sempre o evento histórico e Salvador – Jesus Cristo. E com ele tenhamos entre nós a conversão ecológica. Que o serviço pastoral assumido no Santuário de Trindade (Antigo/Novo/Novíssimo) seja percebido como sinal vivo, transformador e libertador nascido da Melhor Comunidade: a Santíssima Trindade! (PARA)

A fala deste Sacerdote, assim como dos demais, ora apresentados, em verdade, já demonstra que, há em Trindade um processo em curso de tentativa de constituição de uma nova Religião, a do Mercado. Isso envolve um duplo aspecto: adaptação ao contexto neoliberal ou reação contrária, com a não aceitação das novas propostas deste Império Mercadológico e Idolátrico.

A Festa de Trindade tem experimentado transformações recentes que envolvem a questão do Mercado e Devoção. Isto, na ótica de que, dentre as tentativas de transformação da sociedade, está o processo, em curso, de substituição do Deus dos Cristãos pelo Deus do Capital e que se revela em Idolatria do Mercado.

Desta forma, há um duplo processo em curso, na Sociedade, que é percebido na Festa do Divino Pai Eterno. São processos cujo movimento social se desenvolve em posições antagônicas, no funcionamento de um campo de lutas, com um movimento perpétuo que funciona orquestrado pelas estruturas constitutivas deste campo, no qual se produz e reproduz as hierarquias nele contidas. Diante deste contexto, se verifica que, ocorre conflito em decorrência de incompatibilidade de harmonia entre estes dois fenômenos, que, em verdade, envolvem o específico religioso, pois a ideologia contida em cada um deles encerram fundamentos contraditórios entre si.

Os valores contraditórios entre as duas perspectivas: valores cristãos e contra valores seculares estão descritos nas regras do jogo que se desenvolve no interior

deste campo. É assim que as Instituições, seja a Católica, sejam as representações do Sistema Capitalista como o Comércio e as Associações constituídas em torno do específico desta devoção, como a AFIPE; o Clero, como agentes representantes da Igreja Católica, e os Devotos do Divino Pai Eterno, que também são agentes, participam e se envolvem neste jogo e por ele se deixam levar.

É justamente participando deste jogo que cada categoria pode lucrar e alcançar as aspirações por eles almeçadas ou desejadas. Os romeiros, conforme visto, quando indicaram suas pretensões, demonstraram o motivo que os levaram à presença do Divino Pai Eterno. O Clero, por sua vocação, como Ministros constituídos, consagrado e legitimados, pela Igreja e pelos devotos, cumprindo a missão profética para a qual foram ordenados. A igreja, na defesa de seu Credo, procura manter o Poder Simbólico Religioso e o conseqüente monopólio do Capital específico que se constitui em assegurar o número de seus fiéis, assim como assegurar o Capital Financeiro necessário para sua sobrevivência, em uma sociedade capitalista dos meios de produção.

As instituições econômicas procuram assegurar o monopólio do Capital e a supremacia do Poder Econômico sobre os demais existentes na Sociedade, observando que sua pretensão é se tornar de fato a Religião do Mercado. São estas relações objetivas que fundamentam, legitimam e dão eficácia à realidade, ou seja, contribuem para a produção, permanência ou reprodução da visão do mundo social constituído conhecido e reconhecido. Isto acontece na realidade da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade.

Destarte, como a construção da realidade que dá o sentido imediato do mundo e do mundo social, seguindo o pensamento de Bourdieu (2007), quando descreve sua práxis, se dá em razão de um Poder Simbólico constituído em meio a um Sistema Simbólico no qual estão compreendidos diversos Capitais, entre eles o Político, o Econômico e o Financeiro, em Trindade, este sistema está constituído na expressão da Devoção e Festa do Divino Pai Eterno,

Conforme já visto, a Igreja Católica, por meio de suas categorias: Igreja Oficial e Catolicismo Popular participam do jogo que se trava no campo religioso e que envolve a luta pelos interesses de assegurar para si os ditos Capitais: Econômico e Religioso. O devoto faz parte deste jogo, porque é ele que assegura tanto o aspecto financeiro, quanto o Religioso, e é para captá-lo que se confrontam neste campo, através das lutas simbólicas.

Diversas estratégias são utilizadas para assegurar a participação da maioria dos agentes, quais sejam - dos Romeiros, porque ele assegura a crença, legitima a ordem construída e estabelecida, e compõe o capital financeiro, como turista, no comércio e como associado na estrutura financeira da AFIPE. Esta é a razão: a corrida para sustentar a Festa.

Então, a Igreja para sobreviver entra no jogo mercadológico e utiliza-se das estratégias orientadas pelo Poder Simbólico, como a própria AFIPE, a diversificação nas formas de Romaria, cujas modalidades surgem diferentes a cada ano, a propaganda e o Marketing como atração do Romeiro e do Turista, o próprio discurso Religioso, atraindo a todos à Casa do Pai, a tolerância do Catolicismo Oficial com o Catolicismo Popular, tudo isto, e muito mais, inclusive, sobre a aparência de cerimônia religiosa - o espetáculo - que surge entre as estratégias, como forma eficaz de garantia da massa religiosa.

A Manifestação do Sagrado que se traduz no Fenômeno Religioso, propriamente dito, encerra fundamentações morais e éticas que defendem o Amor ao Próximo. Esta crença, no Cristianismo, O revelam como “Deus, Uno e Trino”, - o Divino Pai Eterno, que com seu Filho e o Espírito Santo coroam a Virgem Maria, na Devoção, em Trindade.

A segunda manifestação, em sentido contrário à primeira, se refere ao Fenômeno Secular, entendida, como o afastamento de Deus da Sociedade, portanto, a dessacralização, onde a Ética implica em moralidade negativa, isto, considerando-se a vida humana, tomada como parâmetro, porque esta ideologia advém do Sistema Capitalista, que é gerador de fome, miséria e morte.

Assim sendo há um conflito profundo, entre estes dois processos, porque, não há como conviverem como situação pronta e acabada, em razão de que, a concepção de princípios e valores, por eles defendidos, encerram posições opostas, a saber: enquanto um defende a Vida, o outro gera exclusão e morte.

O Processo Neoliberal não implica, necessariamente, em se estabelecer concorrência entre ambos, para se constatar de quem é o monopólio do Capital ou a Supremacia do Poder Simbólico, ou, qual deles atrai mais devotos, embora, a primeira vista, ilusoriamente, esta pareça ser a meta.

O capital simbólico constituído é formado através da Crença, pelo número de fiéis e pelo retorno financeiro, e nisto está compreendido o interesse do Poder

Simbólico na ordem econômica, para se afirmar em supremacia, interesse este, que é histórico, e imprime um sinal intencional dominante e regulador. Os fiéis, neste círculo de relações objetivas e subjetivas se sentem prestigiados, porque ocupam um lugar social, no espaço sagrado, isto é, em um campo onde conseguem sentir-se com status, e, onde vivem com a ilusão de que estão inseridos em uma comunidade onde todos são iguais.

Entretanto, este processo objetiva e realmente implica em tentativa de se eliminar o Deus Cristão e o substituir pelo Deus do Mercado. Em razão disto, o ardil está na forma como sutilmente as propostas mercadológicas se infiltram no mundo cristão, sem que o mesmo perceba esta intromissão, acontece como se houvesse uma hipnose coletiva. Como ambos apresentam objetivos com valorações opostas, ocorre que, em decorrência disto, também encerram conflitos.

A pretensão do Mercado de tornar o Capital como um deus, na Sociedade Moderna e ocupar o lugar do Deus Cristão é fato notório, em Trindade, percebido até em uma simples análise perfunctória, embora camuflado. Assim sendo, o contexto do mundo atual enseja debates que envolvam estes dois campos, em caráter urgente, abrangendo a crítica à lógica inexplicável do mercado sem restrições. Isto, porque a atual conjuntura revela a presença de fenômenos inéditos, como esta intensa messianização do mercado na retórica neoliberal, cujas consequências são desastrosas, porque, conforme tudo indica, estão conduzindo a Sociedade para o caos.

Estão assim, inseridos neste contexto, a naturalização das estruturas históricas no presente, a ascensão de um discurso sobre o “o fim da história”, o falso evangelho que exige dos países pobres, ajustes estruturais implacáveis, enfim, uma terrível lógica idolátrica, que impõe sacrifícios e que não se preocupa em sucumbir a maior parte da humanidade. É em razão disto, que se ratifica a ideia de que: “Desmascarar esta pretensão, implica ao mesmo tempo detectar a presença de ídolos vorazes da religião econômica do mercado sem restrições”. (Assman in: Floristán, 1993, p. 358).

Combater a pretensão contida no Processo Neoliberal, na Sociedade, assim como desmascará-lo, implica em sobrevivência da Humanidade, assim como, implica, também, no Processo de não aceitação da Idolatria do Mercado que se percebe estar em curso na Sociedade Moderna, em particular, na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. Algumas observações contidas dentre os resultados das entrevistas para esta pesquisa, ajudam nesta compreensão:

(Leigo/a) - *Na realidade a Igreja faz parte de uma sociedade de consumo, onde o ser humano tem se tornado cada dia mais individualista e desumano. É uma realidade, não há como fugir dela, enquanto o sistema capitalista ditar as normas, a tendência é que cresça e mude a forma dos seres humanos de se relacionarem e se comportarem na sociedade, na igreja e na família, porque somos uma única árvore, ligados por vários troncos. (MAS)*

(Clero) - *Para a Igreja, há que estar atentos. Não se trata de coibir, nem ignorar, mas de estabelecer critérios que ordenem minimamente toda esta movimentação. O povo fiel, com certeza está cheio de devoção e boas intenções. Na sua grande maioria é gente simples, às vezes em busca de uma tábua de salvação em meio há tantos conflitos, desafios e provações. Até mesmo pela decepção em relação à política, economia, e à vida como um todo. (MDL)*

(Clero) - *Onde ficam os pobres que desejam participar da festa de Trindade?*

Que Linguagem usar com os Pobres?

Na Festa de Trindade estão presentes pessoas do Brasil inteiro e até de fora e pelos meios de comunicação se atingem pessoas dos quatro cantos do mundo.

Que Palavra a dizer as pessoas das periferias do mundo, aquelas que estão crucificadas pelo poder político e financeiro. Aos desempregados em nome do lucro, da contenção de despesas.

Uma mega Festa e ser uma Igreja em constante estado de missão uma Igreja onde seus membros não sejam números como no mercado, mas agentes de transformação da realidade, gente que cultiva a esperança num mundo novo, mas empenhado na Revelação da utopia do Reino da Paz e da justiça para todos.

A Festa gera emprego e também exploração, família pobre não tem condição de vender sequer água em frente a sua própria casa, pois imposto, licença e outros encargos inviabiliza tal iniciativa.

Não negamos a necessidade de organização, mas parece que os pobres vão continuar mendigando até mesmo o direito de trabalhar honestamente, e continuar sendo mão de obra barata, os pobres da periferia da cidade de

Trindade permanecem sendo romeiro desconhecido. (PJO)

A questão da Idolatria do Mercado é preocupante, não apenas para reflexão da Igreja presente na Devoção ao Divino Pai Eterno, em Trindade, ou mesmo para a Igreja Particular em Goiânia, em Goiás, no Brasil, seja na perspectiva do Catolicismo Oficial, seja no Catolicismo Popular, mas para a Sociedade como um todo, atingindo, assim, para além da Sociologia, a Economia e a Teologia. Neste mister, Assman (in: Floristán, 1993) afirma que entramos em um período histórico, e que as contradições assumem um caráter global.

Enfim, o espetáculo apresenta de forma triunfal, quer em Trindade, quer no mundo, o conflito e as contradições dos tempos modernos, de forma ilusória, apologética e, sutilmente apresenta seu ídolo - O Dinheiro, que irreconhecível como tal, através de hipnose coletiva, é por todos aclamado, reverenciado, quiçá, adorado.

4.5 O Espetáculo Surge como Fato Novo

Inseridos em uma dimensão da Idolatria do Mercado, os estudos para esta Tese comprovaram a hipótese, como um todo, e, além disto, revelaram um fato novo, percebido entre as transformações ocorridas na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. Este fato novo se traduz no aparecimento do espetáculo, ressaltando-se, que conforme visto anteriormente, este se apresenta como instrumento do Capitalismo, para atingir a seus objetivos, que é a eliminação do Sagrado Religioso - “a morte de Deus”, para, então, substituí-lo pelo sagrado, entendido, em uma dimensão do Capital.

Quando se estudou para a Dissertação de Mestrado, em 1999 e 2000, na observação direta do trabalho de campo, verificou-se que em Trindade as celebrações eram belas, solenes e até mesmo espetaculares, entretanto, o espetáculo em si, chamava atenção no sentido de pompa, grandiosidade, como louvor a Deus, ao Divino Pai Eterno, e o Sagrado era o único objetivo e o centro das atenções. Não havia Sacerdotes em evidência, o povo devoto ouvia atento às Homilias e se aproximava do altar, no final das cerimônias para receber bênçãos, no momento em que eram aspergidos com água benta. Havia um Sacerdote que participava ativamente do desfile dos carreiros, assim como, também, da Missa dos carreiros, entretanto, ele não era o Centro das atenções e sim a Imagem do Divino Pai Eterno.

Os estudos realizados em 2015, e a observação direta para a elaboração da Tese, a qual já estava acontecendo nos últimos anos anteriores, revelaram uma situação nova, não somente nos dias da festa, como também em diversas ocasiões, no decorrer do ano, em razão da Romaria do Divino Pai Eterno. Esta situação consistiu na verificação de que, houve mudança consistente no decorrer da festa e da Devoção ao Divino Pai Eterno, como um todo.

A transformação ocorrida é percebida, porque, embora continuem belas as cerimônias e voltadas ao Divino Pai Eterno, surgiu um sacerdote, cujas características e atitudes o configuram na dimensão do espetáculo, no sentido do Mercado. Quando Padre Robson de Oliveira Pereira (CSsR) celebra Missas, as atenções por parte de muitos devotos são, em primeiro plano, para ele, as pessoas procuram tocar em suas vestes e, assim o Divino Pai Eterno parece ficar em segundo plano. Além disto, o Padre já é conhecido na mídia como “Padre Artista”,

inclusive, com disco lançado no Mercado. Padre Robson de Oliveira Pereira (CSsR) também viaja através do Brasil celebrando Missas, que se confundem com Eventos – shows.

Segundo depoimento na mídia em 29 de junho de 2014, no Jornal O Popular, este sacerdote, Padre Robson, em entrevista constante do artigo publicado na Internet, disse que:

Visitei recentemente mais de 140 cidades e em todas houve uma participação de pelo menos 15 mil pessoas. Isso mostra que a devoção já saiu do ambiente regional e está em todo lugar. Em qualquer cidade que a gente chegue com a imagem do Pai Eterno as pessoas falam que conhecem e que participam pela TV; não é assisto, padre, eu participo, rezo com o senhor.

Também consta deste artigo:

A devoção do Divino Pai Eterno, que tem 174 anos, ultrapassou os limites de Trindade por meio de ondas eletromagnéticas. Não sem controvérsia, padre Robson investiu em um canal TV - comprou equipamentos e alugou um link para entrar em rede católica nacional – e, por meio dele, divulgou a história do Constantino e Ana Rosa Xavier que encontrou, enquanto trabalhava na lavoura, um medalhão de barro de aproximadamente 8 cm com a estampa da Santíssima Trindade – Pai, Filho e o Espírito Santo – coroando Nossa Senhora. Isso por volta de 1840. (opopular.com.br/editorias/vida-urbana/devoção-que-se-multiplica -1.591332 -29/06/2014)

Consta ainda do artigo acima citado a referência sobre o “Padre Artista”, e da confusão que as pessoas fazem entre ele e o Divino Pai Eterno, já mencionados nesta Tese e que, pela relevância para o aspecto considerado, indica-se novamente:

Padre artista - A exposição diária deu a padre Robson uma aura de artista de televisão. Os fieis, por muitas vezes, se comportam como fãs e querem tocá-lo, tirar foto. Para o padre, isso é normal. “As pessoas não me veem como artista, me veem como padre. Talvez de uma maneira muito especial, mas como padre.

A imagem do padre é tão forte entre os devotos que se confunde com a do próprio Divino Pai Eterno. Os pôsteres do padre são vendidos da mesma forma que a imagem da Santíssima Trindade nas barracas espalhadas pela cidade. Isso também é visto como natural por padre Robson. “Muitos padres, bispos e pessoas, que não compreendem a fundo esse meu trabalho, entendem que isso seja um estrelismo; eu entendo que é uma forma das pessoas se identificarem de forma carnal, humana com aquilo que é a fé, o extraordinário, o divino na vida deles.

Os estudos revelaram que, no decorrer da Festa em Trindade, em 2015, nos últimos dias da Novena, não foi frequente a presença do Padre Robson, sendo sua participação mais ativa no Domingo, nas Missas Solenes da Festa e de Encerramento, e, concelebrando, com outros Sacerdotes, Bispo e Arcebispo. Em 2016, Padre Robson concelebrou a Missa da Festa pela manhã, entretanto, foi o Celebrante na Missa de Encerramento da Festa. Ressalta-se que Padre Robson de Oliveira Pereira (CSsR) não é mais Reitor do Santuário, tendo sido substituído por Padre. Edinísio Gonçalves Pereira Vieira, C.Ss.R , e, o mesmo, ocupa, atualmente, uma coordenação regional.

Com relação à característica marcante, de ser o Padre Robson voltado ao aspecto midiático, notou-se que, parece ser o único, e que os demais Padres ligados ao Santuário, seguem uma dinâmica tradicional, limitando-se à Evangelização, atendimentos de Confissões e serviços à comunidade, não chamando atenção sobre si, mesmo aqueles que foram indicados por alguns devotos, como preferidos entre os demais. São sacerdotes devotados ao Divino Pai Eterno, que não demonstram ter atração pelo aspecto midiático. Quanto ao Padre Robson, em sentido contrário, observa-se que, as suas visitas pelo Brasil, ocorrem em meio a verdadeiros espetáculos, assim como suas apresentações na Televisão, acontecem o enfocando como centro das atenções.

Contudo, o trabalho do Padre Robson não configura trabalho isolado, paralelo ao tradicional, como se ele fosse “culpado” de algo. O processo se desenvolve concomitantemente e inserido na dinâmica do Santuário, tendo aval religioso, sendo que, as opiniões estão divididas entre aqueles sacerdotes que o apoiam e os que o contestam. Como já se disse, não é proposta deste trabalho dizer se é correta, certa ou errada esta forma de vivência da fé, mas de apresentar este novo aspecto, que é o aparecimento do espetáculo, no específico da Festa do Divino Pai Eterno, agora, considerado, na dimensão da Sociedade Espetacular apresentada por Debord (2003).



Figura 34: Padre Robson em Missa Solene – Festa de 2011

Fonte: [Padre Robson Oliveira](#). Posted on 28/01/2011 by presentepravoce

Acredita-se que a intenção do Padre Robson possa ser, de fato, divulgar a Fé, Evangelizar e atrair multidões, entretanto, parece que ele não percebeu a dimensão e os objetivos espetaculistas, que advêm escondidos nesta forma de anúncio.

Lembrando-se do que já fora dito, seguindo-se o pensamento de Debord (2003), que o espetáculo desvia sua atenção e tudo parece maravilhoso, digno de contemplação, ele, também, encerra a ideia, de que: “No mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso”; e que, “considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência”.

Conclui-se assim, o estudo sobre a Devoção e o Mercado em Trindade (GO) tendo-se verificado mudanças Recentes na Festa do Divino Pai Eterno. Confirma-se a hipótese colocada na imbricação entre ambos. Descobriu-se, também, um fato novo e que se refere ao surgimento do espetáculo nesta Festa, o qual surge como instrumento e estratégia do Sistema Mercadológico. Em Trindade, acontece um misto de Fé e adaptação ao novo contexto. Enquanto isto, em meio ao turbilhão do turismo, o Romeiro, Devoto do Divino Pai Eterno persevera rezando e cantando a oração:



Figura 35: Vitral no interior do Santuário do Divino Pai Eterno
Fonte: [Padre Robson Oliveira](#). Posted on 28/01/2011 by presentepravoce

*NÓS PEDIMOS Ó PAI ETERNO
A VOSSA BÊNÇÃO.
VOSSA BÊNÇÃO E PROTEÇÃO.
É DE TODO CORAÇÃO QUE VOS PEDIMOS,
VOSSA BÊNÇÃO E PROTEÇÃO.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo presente envolve um emaranhar de turbulências que deixa o Ser Humano perdido em meio às suas próprias divagações. Há uma sensação até mesmo de fins de tempo, prenúncio de caos, que leva ao medo, à incerteza e que traz consequências drásticas como, o elevado número de depressão que se vê acontecer entre as pessoas. Existe uma negação de valores éticos voltados aos valores do Bem e da defesa da vida e exaltação dos contra valores que exacerba o dinheiro e gera exclusão e morte em meio a grande parte da humanidade. Foi com este olhar que se percebeu que o que está em jogo é a luta do Bem contra o mal, o Bem representando o Sagrado e o Mal representado pelo Capital, ou seja, o Profano. Nesta luta se percebe os valores religiosos contra a ideologia neoliberal e se vê a gravidade da situação, porque, afinal está em jogo a própria sobrevivência das pessoas neste Planeta Terra. Diante desta situação, o Capital tem a pretensão de suplantar o Deus de Jesus Cristo e substituí-lo pelo Deus do Mercado, o dinheiro.

Para tanto se observou o Catolicismo Popular presente na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, e a partir do estudo da Devoção contida neste específico religioso foi traçado um paralelo entre os dois fenômenos que se manifestam na sociedade. Entretanto, há um aspecto e que se refere ao comportamento da Religião e que implica no momento em que ela procura se adaptar ao sistema neoliberal, como forma de assegurar sua sobrevivência.

Como no mundo moderno o Ser Humano parece se afastar do Sagrado por suas atitudes, e há sinais de uma sociedade secularizada, problematizou-se a questão, e em busca de respostas, os estudos contemplaram a permanência do Fenômeno Religioso neste mundo contraditório. Assim sendo, por se considerar que a Religião está compreendida em um dos principais sistemas simbólicos humanos, buscou-se, assim, atendendo ao objetivo proposto, detectar esta permanência através dos elementos caracterizadores deste fenômeno, como os símbolos, as práticas e a Crença no Divino Pai Eterno, observados na Devoção compreendida na Festa, em Trindade, através da manifestação do Catolicismo Popular. Ao se detectar a permanência do Fenômeno Religioso buscou-se verificar o porquê desta permanência e quais as respostas que a Religião oferece às perspectivas de seus praticantes. O estudo contemplou ainda as mudanças e transformações ocorridas no específico desta Festa, sobretudo as relativas à questão do Mercado e da Fé.

Alicerçou-se a pesquisa com fundamentos na contribuição ofertada por Bourdieu (1998) quando demonstrou que a Religião cumpre funções sociais que legitimam o arbitrário, assim como, em sua teoria que permite entender que, em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a Religião funciona como princípio de estruturação que assume uma função prática e política que, também legitima o arbitrário. Fundamentou-se, ainda em Bourdieu (2007) quando se contemplou que dois processos se desenvolvem, na sociedade moderna, em posições opostas e em funcionamento através de um campo de lutas, com um movimento constante, que é orientado por um poder invisível, o qual se representa através das estruturas constitutivas deste campo. Através destas estruturas, produzem-se e reproduzem-se as hierarquias nelas contidas. Outros eminentes teóricos contribuíram e deram suporte a esta Tese, como é o caso de Debord (2003) no qual se fundamentou a questão do espetáculo.

Com fidelidade ao Tema proposto, amparou-se em pressupostos teóricos, quando se procurou definir noções de Religião, Catolicismo Popular, Modernidade, Capitalismo e o Espetáculo, que se apresentou como fato novo. Assim sendo, buscando resgatar um pouco da História da Devoção ao Divino Pai Eterno, analisou-se todo o contexto apresentado, no qual o mesmo está inserido.

O primeiro capítulo, após se contextualizar, fundamentou-se e procurou definir a Modernidade e o Mercado Religioso, focado na perspectiva da Idolatria do Mercado. Desta forma, trabalhando-se conceitos, perpassou-se pela Economia Capitalista e pelo Mercado Religioso, traçando-se relação entre estas realidades.

O segundo capítulo foi trabalhado com parte do trabalho de campo, quando se dedicou atenção ao Catolicismo Popular, assim como ao Capitalismo, utilizando-se para tal mister, definições de Religião, assim como do Catolicismo Popular, relacionando-se este com Modernidade e Capitalismo. Através destes conceitos, analisou-se a Festa do Divino Pai Eterno, quando se enfocou a Romaria com sua história, atendo-se à questão de que em Trindade, a Igreja que é Povo, Missão e Graça, em Certo Antagonismo, corre o risco de contrapor seu sentido Sacro e se direcionar no sentido pretendido pelo Capitalismo, reforçando assim, que existe conflito entre a missão da Igreja, em Trindade, e o sentido pretendido pelo Capitalismo.

O terceiro capítulo foi trabalhado com os resultados obtidos pelo trabalho de campo, de forma analítica, atendo-se ao Catolicismo Popular manifestado na Festa

de Trindade. Verificou-se, então, os elementos caracterizadores do Fenômeno Religioso percebidos nesta festa, como os símbolos, as práticas religiosas e a crença no Divino Pai Eterno. Neste capítulo fez-se referência, ainda às mudanças recentes que foram observadas na Festa, quais os aspectos das mudanças, além da expansão do comércio que foi percebido dentre as mudanças ocorridas, apontando-se o Espetáculo, que surge como fato novo.

No quarto capítulo, a abordagem acerca do espetáculo dedica atenção à discussão dos resultados alcançados. Nesta etapa, procurou-se definir a questão do espetáculo, da mercantilização e da devoção ao Divino Pai Eterno. Nesta ótica de raciocínio, percebeu-se a questão do processo capitalista, em curso na sociedade e sua Relação com a expressão do Catolicismo Popular que se manifesta em Trindade. Tendo executado a meta pretendida, após os estudos e interpretação dos dados obtidos, a análise apresentou os resultados a seguir indicados.

Em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, manifesta-se o Fenômeno Religioso através do Catolicismo Popular, percebido pela intensa presença dos romeiros, que com a Crença e a demonstração de Fé, indicam que o Sagrado se comunica com eles. Esta manifestação é percebida não só pela crença, como através dos símbolos religiosos, como a Fita que liga a Imagem Sagrada ao Romeiro, ou a Sala de Milagres onde o devoto deixa registrada sua presença e o sinal dos milagres alcançados. A Crença e a Fé também são percebidas nas celebrações, quando o devoto diante do altar, da Imagem Sagrada ou do Sacrário fica imóvel extasiado, sentindo-se diante do Pai Eterno. A manifestação do Fenômeno Religioso também é percebida nas diversas práticas religiosas, como na multidão de romeiros que caminham pelas estradas em longas distâncias para acorrerem ao Santuário do Divino Pai Eterno e chegarem diante da Imagem Sagrada, para beijá-la e agradecerem as graças recebidas ou fazerem seus pedidos. Além dos que vão a pé até Trindade, dos caminhantes, há Romarias de Carros de bois, assim como, de cavaleiros, e inúmeras outras formas, com que os devotos acorrem à Trindade, como em carros ônibus e motocicletas. Todos manifestam sua Fé e gratidão, sendo, portanto, que nestes momentos se constata que permanece o Fenômeno Religioso nesta Sociedade que parece secularizada.

Em meio à crise da sociedade moderna, onde há miséria, fome, violência, desemprego e corrupção, permanece o Fenômeno Religioso e a multidão presente em Trindade, na Festa do Divino, Pai Eterno, por si só o revela. Esta multidão,

conforme se viu nos resultados da pesquisa, vai à Trindade fazer suas preces, e apresentar seus inúmeros pedidos, como saúde, ajuda financeira, paz, pela família, e tantos outros que foram apresentados. Muitos vão apenas agradecer pelas graças recebidas. Assim sendo, comprova-se a hipótese, porque permanece a religião no meio social, e, conforme disse Bourdieu (1998), as pessoas buscam respostas às suas inseguranças e angústias, na Religião, e, em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, elas encontram tudo isto.

Quanto às respostas que a Igreja dá aos devotos, estas estão compreendidas nas mensagens de esperança, de confiança e conforto que a Igreja transmite, e isto se percebe na festa, com a presença dos sacerdotes que ficam diuturnamente à disposição dos romeiros e, são constantemente, por eles procurados, quer em confissões, quer em aconselhamentos, e, nas Homilias, durante as celebrações.

Com relação à afirmação de Bourdieu (1998), quando diz que é na Religião que as pessoas encontram o porquê de estarem situadas em um determinado contexto (ricos ou pobres), e que a Religião cumpre funções sociais que legitimam o arbitrário, no primeiro plano. Isto é percebido, porque a sociedade hoje se apresenta de forma desigual e excludente. As pessoas são respeitadas pelo que têm e não pelo que são. Em razão disto, como é mínimo o número de pessoas consideradas ricas no Brasil, em Goiás e em Trindade não se foge a esta realidade - a maioria das pessoas é, portanto, pobre.

Em Trindade, as pessoas são apresentadas por sua Crença, pela Igreja Católica, como sendo todas irmãs em Jesus Cristo e todas são Filhas do Divino Pai Eterno, portanto, todos são considerados iguais. Sendo uma comunidade fraterna, de pessoas iguais, lá no Santuário, diante da Imagem Sagrada não existem excluídos, e todos são bem acolhidos, porque são considerados irmãos, e, desta forma, através da Religião, todos se sentem amparados na forma em que vivem, pois ricos e pobres, todos são Filhos de Deus. Assim sendo, as pessoas se sentem justificadas e resignadas por se situarem em um determinado contexto, qualquer que seja ele, ricos ou pobres.

Em relação ao segundo plano, na ótica de Bourdieu (1998), como a Religião favorece a resignação e a paciência entre as pessoas, e não assume uma postura de libertação, diante de tantas injustiças e da crise excludente, em busca, de fato, de um mundo melhor e mais fraterno, fica esta intenção apenas no discurso, isto é, nas

homilias. Desta forma, a Igreja, conforme a história já demonstrou, também cumpre funções sociais que legitimam o arbitrário, e, em Trindade, na Devoção do Divino Pai Eterno isto, não é diferente.

Em Trindade, por seus pedidos, percebe-se que as pessoas têm problemas de desemprego, financeiros, de saúde e tantos outros e é por isto que vão até Trindade buscar segurança e conforto junto ao Divino Pai Eterno. Entretanto, conforme visto, elas acabam por ser seduzidas pelo mercado e se confundem, se acomodam, sendo exceção à regra, aquelas que se incomodam com a presença do comércio. Ocorre um misto de fé e confusão entre as propostas do Cristianismo e a ilusão do mercado. A questão da substituição de Deus pelo Mercado se torna mais nítida quando se observa que ocorre um fato novo, o surgimento do espetáculo inserido na Festa do Divino Pai Eterno.

A questão do espetáculo é percebida quando se vê a presença de um sacerdote que, através de deslumbramentos, é, espetacularmente, considerado artista, e é confundido com o Sagrado. Muitas pessoas vão para Trindade para ver Padre Robson de Oliveira Pereira (CSsR), em primeiro lugar, e o confundem com o Divino Pai Eterno, que fica situado em segundo plano. Estas pessoas querem tocar e tocam nas vestes deste sacerdote, da mesma forma com que tocam nas fitas que pendem da Imagem Sagrada. O espetáculo assim compreendido é o instrumento eficaz do Capitalismo, que se utiliza deste meio, no caso, deste sacerdote, para gerar confusão entre as pessoas, com o propósito de substituir Deus pelo dinheiro.

Nesta Tese, procurou-se refletir à luz de Bourdieu (2007), o campo onde se desenvolvem jogos de interesses e que, os agentes neste campo agem através de habitus, no qual suas ações inconscientes são orquestradas por um poder invisível que, orienta o jogo de acordo com seus interesses.

Na Festa do Divino Pai Eterno esta teoria pode ser aplicada porque se percebe na Devoção ao Divino Pai Eterno, um campo de jogos, onde se desenrolam lutas diversas voltadas a interesses distintos. Visto por este aspecto, neste campo estão compreendidos como Instituições: a Igreja Católica, por meio de suas categorias: Igreja Oficial e Catolicismo Popular, por um lado, e o Mercado, por outro. Ainda como instituição, apresenta-se o Estado devidamente organizado. A mídia é um poderoso veículo simbólico do Poder Econômico.

Os agentes, representantes da Igreja Oficial, são os sacerdotes, enquanto que os romeiros são os agentes representantes do Catolicismo Popular, havendo, também agentes que representam os voluntários que ajudam na organização e

realização da festa. Os capitais, cujos interesses por seu monopólio estão em jogo, são os Capitais: Econômico, o Religioso e o Político.

Nesta tese se comprova que no campo de devoção trava-se a luta pelo monopólio do Capital Religioso representado pela quantidade de fiéis. O Romeiro do Divino Pai Eterno, assim como os voluntários, isto porque a Igreja Católica quer continuar com a prerrogativa de ser religião de maioria. Entretanto, há um segundo aspecto, a Igreja Católica procura o monopólio do Capital Econômico, ou financeiro, quando tenta adaptar-se à situação de Mercado.

Quanto ao Estado, este procura manter a legitimação de seu Poder Político, e através de sua representação simbólica, os Políticos, com seus habitus, asseguram não apenas os interesses do Estado. Com interesses específicos aponta-se a questão do prestígio e da legitimação, e isto se alcança através da aceitação e dos votos do povo. Quanto a Igreja, lucra com a presença dos Políticos, não só pela questão de prestígio, como também econômica, pois os Políticos contribuem financeiramente para a realização da Festa do Divino Pai Eterno.

Com relação à Mídia, seu poder se configura na expressão das massas. É por isto que através dos meios de comunicação, a Mídia ajuda na divulgação da Festa, procurando atrair multidão de devotos. Isto é verificado quando se compara a divulgação da Festa em 2015 com a Festa realizada em 2016, porque, no caso da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo, houve investimentos na divulgação destes eventos e cuja propaganda, por meio de vídeos, foi ao ar por tempo considerável, durante toda a semana da Festa do Divino Pai Eterno.

Demonstra-se, assim, que há interesses por traz do comportamento midiático, em meio à luta que se trava neste campo, em prol da manutenção, e legitimação do Poder Simbólico, através do qual se produz, ou reproduz a visão do mundo social. Em Trindade, este “modus operandi” está em funcionamento em meio a este campo simbólico, que representa a Festa e Devoção ao Divino Pai Eterno.

Esta tese demonstrou que existem aspectos novos considerados como mudanças ao longo do tempo observado na Festa de Trindade. Igualmente, aponta-se como novo, o fato relativo ao interesse crescente da mídia no específico desta festa. Outro fato digno de menção é a participação dos políticos na festa, com os interesses não religiosos, ocupando o Espaço Sagrado. Finalmente, aponta-se a questão do espetáculo, visto como instrumento eficaz utilizado pelo Sistema Neoliberal.

Assim, a simples devoção que se originou em Constantino e Ana Rosa, o Divino Pai Eterno se manifestou e fez morada entre os Homens. Este mesmo Pai que enviou seu Filho, Jesus Cristo, que nasceu pobre, em Belém, em uma manjedoura, e não em meio ao palácio dos nobres ou sobre o brilho do espetáculo. Este é o comportamento percebido na visão de mundo e na representação simbólica do Catolicismo Popular presentes no culto ao Pai Eterno em Trindade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **O que é Religião**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

AZZI, Riolando. **Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil**. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, n. 1, p. 125-152, maio de 1977.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

BEOZZO, José Oscar (coord.). **História Geral da Igreja na América Latina: História da Igreja no Brasil**. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes; Edições Paulinas, 1992.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Tradução Waldemar Boff, Jaime Clasen. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

_____. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno**. Trad. Edgar Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. OSB. **Crenças, religiões, igrejas, seitas: quem são?** São Paulo: Ed. O Mensageiro de Santo Antônio, 1999

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1998.

_____. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **A Cultura na Rua**. Campinas-SP: Papiirus, 1989.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**. Revista Estudos Históricos. v. 8, n. 16, 1995. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005>. Acesso em 10 fev 2016.

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja II: Do século XV ao século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, Tomo II.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: **Constituições - Decretos - Declarações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

DURKHEIM, Emille. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERRAROTTI, *et al.* **Sociologia da Religião.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

FLORISTÁN, Cassiano *et. al.* **Conceptos Fundamentales Del Cristianismo.** Madrid: Editorial Trotta, S.A, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo: Martins fontes, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o estado moderno.** Civilização Brasileira, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Tradução em português: www. Terravista. pt/Ilha do Mel/1540. Editorações, tradução do prefácio e versão para eBook eBooks Brasil.com. Fonte Digital base. Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo brasileiro:1550-1800.** Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. (coord.). **História Geral da Igreja na América Latina: História da Igreja no Brasil.** Tomo II/1. Petrópolis: Vozes; Edições Paulinas, 1992.

HOUTART, François. **Sociologia da Religião.** São Paulo: Ática, 1994.

JACÓB, Amir Salomão. **A Santíssima Trindade do Barro Preto: História da Romaria de Trindade.** Trindade: Gráfica e Editora Redentorista, 2000.

KLOPPENBURG, Boaventura, OFM. **O Cristão Secularizado.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1971.

MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes.** Petropolis: Vozes, 1981.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião.** Lisboa: Edições 70, 1984.

MAUSS, Marcel. *In:* OLIVEIRA Roberto Cardoso de. (org.). Mauss. Trad. Regina Lúcia Moraes *et all.* **A dádiva.** São Paulo: Ed. Ática, 1979.

MARTELLI, Stefano. **Religião na Sociedade Pós Moderna.** Trad. Euclides Martins Balancim. São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.

MÍGUEZ, Néstor. **Para além do espírito do Império**: novas perspectivas em política e religião. Néstor Míguez, Joerg Rierg, Jung Mo Sung. São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção teorama)

MONDIN, Batista. **O homem**: Quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.

NERIS, Wheriston Silva Neris. **Bourdieu e a Religião**: Aportes para (re)discussão do conceito de campo religioso. Disponível em - wheristonneris@yahoo.com.br

NALINI, José Renato. **Ética Geral e Profissional**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e Dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983.

OLIVEIRA, Vicente André de. CSsR. **Conhecendo o Santuário do Divino Pai Eterno**. Goiânia: Gráfica e Editora Redentorista, 1999.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Imprensa Metodista, 1985.

PATAÍ, Raphael. **O Mito e o Homem Moderno**. São Paulo: Cultrix, 1974.

PARKER, Cristián. **Religião Popular e Modernização Capitalista**: Outra lógica na América Latina. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

PENZO, Giorgio *et al.* **Deus na Filosofia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a Questão Religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

RABELO, Cláudia Maria. **A Festa Do Divino Pai Eterno em Trindade**: Uma Expressão do Catolicismo Popular em Goiás. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás. Goiânia: 2001.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Missionários redentoristas alemães em Goiás**, Uma Participação nos Movimentos de Renovação e de Restauração Católicas – 1894 a 1944. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Trindade de Goiás – Uma Cidade Santuário**: Conjunturas de Um Fenômeno Religioso no Centro Oeste Brasileiro. Monografia para, obtenção do Título de Mestre em História. Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, em convênio com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Goiânia: UFG, 1976

SCHIAVO, Luigi. (org.). **Mística e Pós-Modernidade**: Culturas – Sociedade – Religião. Goiânia: Ed. Da UCG, 2005.

SERBIN, Keni. Padres. **Celibato e conflito social**. Uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2000.

SUESS, Paulo. **Evangelizar a Partir dos Projetos Históricos**. São Paulo: Paulus, 1995.

SUNG, Jung Mo. **Deus Numa Economia Sem Coração**. São Paulo: Paulus, 1992.

_____. **A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

_____. **Teologia e Economia: Repensando a Teologia da Libertação e Utopias**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1995.

TORRES, João Camilo O. **Ideias Religiosas no Brasil**. São Paulo: Grisolbo, 1968.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

VILLA, Mariano Moreno *et all.* (org.). **Dicionário de Pensamento Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **As Celebrações Litúrgicas no Santuário de Trindade (GO) em sua Festa Anal**. Expressão da Igreja Particular de Goiânia. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Teologia Dogmática com especialização em Liturgia como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo: 1999.

Revistas

REVISTA CONCILIUM, n. 244, Junho de 1992.

REVISTA DA ARQUIDIOCESE, Goiânia: 1958

Fontes da Internet

AGAMBEN, Giorgio, em entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por Ragusa News, Acesso em 16/08/2012

Assessoria de Imprensa do Santuário Basílica. Disponível em: <http://www.paieterno.com.br/site/romaria/2011-2/>

<http://www.opopular.com.br/editorias/vida-urbana/devoção-que-se-multiplica-1.591332>. Acesso em 29/06/2014

ANEXOS

ANEXO A: QUESTIONÁRIO

PESQUISA DE CAMPO

TÍTULO: MERCADO E DEVOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
DA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE - GOIÁS

LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (PPGCR) – PUC/GO

DOUTORANDA CLÁUDIA MARIA RABELO

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO GUSMÃO DE QUADROS

LOCAL DA PESQUISA: SANTUÁRIO DO DIVINO PAI ETERNO – TRINDADE-GO

QUESTIONÁRIO: 1º Semestre de 2015

Nome do (a) Entrevistado (a): _____

Sexo: M () F () Idade: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Local de Origem: _____

Zona Rural () Zona Urbana ()

01 – É a primeira vez que participa da Festa do Divino Pai Eterno?

Sim () Não () Se for não, quantas outras vezes?

02 – De que forma o Senhor (a) veio a esta Romaria? (Condução)

03 – Para o Senhor (a), quem é o Divino Pai Eterno?

04 - Por que o Senhor (a) é devoto do Divino Pai Eterno?

05 – Desde quando o Senhor (a) tem devoção ao Divino Pai Eterno?

06 – Em sua família, somente o Senhor (a) é devoto do Divino Pai Eterno?

07 – Além do Senhor (a) alguém mais de sua família está participando desta

Romaria? E desta devoção?

Sim () Não ()

Se for sim, quem? _____

08 – Para o Senhor (a), o que representa a romaria ao Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade?

09– Dentre as preocupações de sua vida, o senhor (a) busca ao vir ao Santuário do Divino Pai Eterno solucionar: (considerar em ordem de importância)

() Questões familiares em geral

(.....) Problemas de saúde

(.....) Desemprego

(.....) Relacionamento afetivo

Outros:

10 – Como o Senhor (a) acompanha normalmente as celebrações?

Pelo rádio () Pela TV () Na Igreja ()

Não acompanha regularmente ()

11 – O Senhor (a) notou quais mudanças recentes na realização da Festa?

12 – O Senhor (a) acha que as pessoas, hoje, em geral estão:

Mais próximas de Deus ()

Mais afastadas de Deus ()

Alheias a Deus ()

13 – Por que?

14 – Como o senhor(a) vê a presença do comércio na Festa?

15 – A presença do sacerdote na celebração é fundamental? O senhor (a) tem preferência por algum?

16 – O que o Senhor (a) experimenta quando se encontra em contato com o Divino Pai Eterno? (Qual seu sentimento?)

17 – O Senhor (a) se importa com a presença da televisão ou outra forma de transmissão das celebrações?

Sim () Não ()

Por que?

18 – O Senhor (a) trouxe consigo para esta Festa Religiosa alguma coisa seja de ordem material ou espiritual?

Sim () Não ()

Se a resposta for “sim” especificar o que trouxe.

19 – O Senhor (a) pede alguma coisa ao Divino Pai Eterno nesta Romaria?

Sim () Não ()

Se a resposta for “sim” especificar o pedido.

20 – O Senhor (a) considera que a Igreja pede alguma coisa ao devoto nesta ocasião?

Sim () Não ()

Se a resposta for “sim”, indicar o que ela pede.

AUTORIZO A PESQUISADORA PROFESSORA CLÁUDIA MARIA RABELO A UTILIZAR DAS INFORMAÇÕES CONTIDAS NESTE QUESTIONÁRIO, PARA SEUS ESTUDOS, PODENDO PUBLICAR SEU TEOR, CONSERVANDO O ANONIMATO.

TRINDADE, _____ DE _____ DE 2015.

Agradeço sua valiosa contribuição e atenção ao responder este Questionário. O Senhor (a) tem uma participação muito importante em nossa Pesquisa. Asseguro que o anonimato será preservado. Que Deus lhe abençoe.

Prof. Dda. Cláudia Maria Rabelo - Pesquisadora

ANEXO B: ENTREVISTA

PESQUISA DE CAMPO

TÍTULO: MERCADO E DEVOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
DA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE - GOIÁS

LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (PPGCR) – PUC/GO

DOUTORANDA CLÁUDIA MARIA RABELO

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO GUSMÃO DE QUADROS

LOCAL DA PESQUISA: SANTUÁRIO DO DIVINO PAI ETERNO – TRINDADE/GO

ENTREVISTAS

ENTREVISTAS FEITAS COM O CLERO E COM PESSOAS DIRETAMENTE
ENVOLVIDAS NA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO

Nome do (a) Entrevistado (a): _____

Idade: _____ Naturalidade: _____

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO

01 – Para o Senhor, o que representa a Festa de Trindade?

02 – Como o Senhor vê esta devoção na perspectiva do povo, do Romeiro?

03 – Como o Senhor percebe esta devoção na perspectiva da Igreja Católica?

04– O Senhor vê mudanças ao longo da história desta Festa, para a Igreja?

05 – O Senhor vê interferências do mercado no específico religioso desta festa? Comente.

06 - Se a resposta anterior for sim, quais as consequências para a Igreja? E para a sociedade? (para o povo fiel)

Autorizo a pesquisadora Cláudia Maria Rabelo a utilizar das informações contidas nesta entrevista, para seus estudos, podendo publicar seu inteiro teor.

Trindade, _____, de _____ de 2015.

Agradeço sua valiosa atenção e colaboração ao participar desta Entrevista. O Senhor (a) tem um papel muito importante em nossa Pesquisa. Que Deus lhe abençoe.

**CLÁUDIA MARIA RABELO
DOUTORANDA**